

Tudo Começou Naquele Verão

Adriana Trigiani



Estamos em 1978, e Ave Maria Mulligan, de trinta e cinco anos, é solteirona por vocação e vive em Big Stone Gap, um pequeno e isolado povoado das montanhas Apalaches, na Virginia. Como farmacêutica local, Ave Maria foi durante anos a depositária dos segredos de seus vizinhos, mas agora descobrirá um escândalo que sua mãe ocultou dela até sua morte e que transformará para sempre sua calma existência. Naquele verão, a vida de Ave Maria se transforma em um torvelinho de acontecimentos: deverá decidir entre duas propostas de casamento, lutar com um feroz conflito familiar, dirigir o grupo de teatro local, planejar uma transcendental viagem ao Velho Oeste e ajudar a sua melhor amiga a organizar um espetáculo em honra de Elizabeth Taylor, que acompanha seu marido durante a campanha eleitoral ao senado.

1

Esse será um bom fim de semana para a leitura. Ontem comprei uma dúzia de bolachas de chocolate do Vernie Crabtree, que estão deliciosas, no French Clube (não sei como fazem, mas são tão crocantes). As bolachas, uma cafeteira de café recém feito e um bom livro é tudo o que necessitarei para o fim de semana chuvoso que se forma. Estamos em princípios de setembro e na montanha faz calor durante o dia, mas de noite baixa uma névoa fresca que nos recorda que o outono ainda não acabou.

Para mim a caminhonete da biblioteca ambulante do condado de Wise é uma das visões mais belas do mundo. Quando a vejo subir lentamente, como um tanque, pela estrada levantada e depois dar a volta pela Avenida Shawnee ao tempo que diminui a marcha, faço-lhe um gesto como a um velho amigo. Espero nessa esquina todas as sextas-feiras desde que tenho memória. A biblioteca ambulante é só uma caminhonete do governo, mas para mim é como uma resplandecente limusine real que reparte histórias, conhecimento e a vida. Adoro até o aroma dos livros. Muitos dizem que uma de suas

lembranças infantis mais claras é o aroma das casas de suas avós. Nunca conheci minhas avós, mas sempre pude contar com a biblioteca ambulante.

As coisas mais importantes que aprendi, aprendi-as dos livros. Ensinaaram-me a avaliar às pessoas. O livro mais útil que já li me ensinou a ler os rostos, uma antiga arte chinesa chamada *siang men*, onde o tamanho dos olhos, a curva do lábio e a altura da testa são chaves importantes para conhecer o caráter da pessoa. A colocação das orelhas indica inteligência. Os queixos sobressalentes distinguem os teimosos. Os olhos fundos sugerem uma natureza reservada. As sobrancelhas muito juntas podem responder à pergunta: esse homem seria capaz de me matar com suas próprias mãos? (É obvio.) Inclusive as covinhas têm um significado. Eu as tenho, e segundo o livro, supõe-se que me acontecerá algo maravilhoso quando completar os trinta e cinco anos. (Completei-os faz quatro meses e ainda estou esperando.) Se você lesse meu rosto, descobriria que sou uma pessoa agradável, com os olhos castanhos saudáveis, lábios bonitos e um nariz que a pessoa, quando é amável, descreve como nobre. Tenho o nariz grande, mas pelo menos é reto. Minhas sobrancelhas cheias revelam uma natureza prática.

(Sou farmacêutica. Pode-se ser mais prática?)
Minhas formas correspondem ao que por aqui chamam corpo de montanhesa, as pernas musculosas e o traseiro achatado. O casaco o cobre com muita elegância.

Nessa manhã, a idéia de viver em Big Stone Gap durante o resto de minha vida me deixou inquieta. Deixo de respirar, como faço sempre quando me concentro muito em pensar. Não respirar é muito ruim, assim volto lenta e profundamente a inalar o ar com um leve cheiro de carvão. Não me importa; garante-me de que ainda temos uma economia em marcha, supunha-se que nossa cidade estava destinada a ser a «Pittsburgh do sul» e a «capital do carvão da Virginia». Isso nunca aconteceu, assim estamos sempre submetidos aos caprichos das grandes companhias carboníferas. Quando nos dizem que o carvão está acabando nas montanhas, quem somos nós para duvidar? Esse é um lugar muito bonito. Ao cair da tarde, tudo adquire uma preciosa tonalidade azul escuro. Não cheirá em nenhuma parte uma vegetação tão aromática. Está muito claro que o Gap tem suas qualidades românticas. Inclusive o assobio dos trens é musical, soa como oboés na escuridão. É um lugar cheio de nostalgia.

A caminhonete espera o semáforo abrir. A bibliotecária e condutora é uma moça afável chamada Iva Lou Wade. Ronda os quarenta anos, e exala sexualidade. Se a pintassem em um quadro, estaria sentada em uma nuvem rosa com bordados dourados, exibindo a nádega. Seu perfume é tão intenso que quando subo à caminhonete, acabo cheirando como ela o resto do dia. (É uma sorte que eu goste do seu perfume Coty's Emeraude.) Meu pai estava acostumado a dizer que assim é como devia ser uma mulher. «O homem deve saber quando há uma mulher no recinto. “Quando entra Iva Lou, não há nenhuma dúvida”. Eu não dizia nada e mostrava resignação.

Iva Lou tem problemas para estacionar. Uma caminhonete postal está estacionada diante da agência de correios, no lugar habitual da Iva Lou, assim me avisa por gestos que estacionará no posto de gasolina. Kent Vanhook, o dono do posto de gasolina, não fará nenhuma objeção. Adora Iva Lou, como ocorre com todos os homens. Ela trata aos homens como se fossem raros, exemplares perfeitos, criados por Deus para que a mimem, e ainda não encontrou a um homem que não a aprecie. Atrair a um homem exige talento, como tocar o piano de ouvido. Nem todas nasceram com esse dom, mas as

mulheres como Iva Lou o transformaram em uma arte.

As portas da caminhonete se abrem automaticamente com um som suave. Não posso acreditar como Iva Lou está vestida. O pulôver cисле azul claro é tão justo que dá a impressão de que foi feito em seu corpo. A calça com um xadrez, de quadrados amarelos, azuis e verdes, ajusta-se a suas coxas com tiras entrecruzadas. Iva Lou tem uma figura fenomenal até sentada. Mas me pergunto como é por baixo das roupas. Poderia ser que por baixo suas partes estão bem enfaixadas e sustentadas tenham transformado sua figura real na de uma Vênus? Seu rosto é infantil, com o queixo pequeno, os olhos grandes e azuis, e uma boca bem desenhada. As presas sobrepõem aos caninos, mas nela produzem um ar gracioso. Seu cabelo tem a cor do trigo amadurecido, e o penteou para trás de uma maneira que pode ver através dos cachos. Leva uma quantidade incrível de jóias desenhadas por Sarah Coventry, que ela vende para ganhar um dinheiro extra.

- Proponho uma troca. Shampoo por um best-seller. - Dou a Iva Lou uma bolsa cheia de amostras de shampoo de minha farmácia: Mulligan's Mutual.

- Ótimo. - Iva Lou segura a bolsa e começa a procurar entre as amostras. Assinala-me a prateleira com as últimas novidades. - Ave Maria, querida, tem que ler “Capitães e Reis” que acaba de sair. Sei que você não gosta das novelas históricas, mas essa tem sexo.

- Quanta relação pode agüentar Iva Lou? Tem a metade dos homens do Big Stone Gap aos seus pés.

- A metade? - imagine. - Mas aceito isso como um elogio, minha cara.

Sou meio italiana, assim Iva Lou insiste em utilizar palavras nesse idioma. Ensinei-lhe algumas frases chaves em italiano no caso de surgir algum romance internacional. Não foi muito divertido quando um dia Iva Lou as repetiu a minha mãe. Meteu-me em uma boa confusão.

Iva Lou tem uma meta. Quer deitar-se com um italiano, para decidir se são mesmo os melhores amantes do mundo. Declara: «Os italianos são meu monte Cervino, querida». É uma pena que não haja muitos por aqui. As pessoas que vivem aqui são em sua maioria irlandeses, escoceses ou inelungeon (*peças que são uma mescla de turco, francês, africano, índio e mais um monte de coisas: vivem nos vales mais altos e se mantêm a parte*). Zackie Wakin, o dono da

maior loja da cidade, é libanês. Minha mãe e eu somos as únicas italianas. Faz uns cinco anos se juntou um judeu, Lewis Eisenberg, um advogado de Woodbury, Nova Iorque.

- Porque você sempre se senta aí, é muito apertado.

- Eu gosto.

- Querida, deixa que diga uma coisa. - O olhar de Iva Lou adquire uma expressão distante e mística. Logo sua voz adota um tom rouco e sensual. - Quando sair dessa cidade, e tiver minha grande aventura, juro que não perderei o meu tempo tirando fotos do Circus Maximus. Não me interessam os escombros. A mim interessa sangue e carne. Um tipo bem europeu, um homem de ombros largos. Esqueça dos lugares interessantes e me mostre onde estão os homens. As estátuas não abraçam. - Depois inspira fundo e solta uma sonora gargalhada!

Iva Lou se serve uma taça de café Sanka e ri. É dessas pessoas que se estimulam continuamente. Sempre me oferece uma taça, e eu sempre a aceito. Sei que o outro copo de plástico limpo que tem poderia ser o primeiro passo de um encontro romântico. Por que desperdiçá-lo comigo?

- Encontrei para você o livro sobre

testamentos, e aqui tem o único que encontrei sobre aflição. - Iva Lou segura quando desaparece a aflição como se o estivesse desenhando. A coberta de querubins e nuvens rococó é bonita. Os sorrisos dos anjos me consolam. - Então, leva?

Olho ao rosto da Iva Lou. Sua expressão inocente é a mesma dos querubins. De verdade que quer saber quem sou.

Minha mãe faleceu em dois de agosto de 1978, hoje faz um mês. Foi o pior dia de minha vida. Tinha câncer de mama. Nunca pensei que o câncer acabaria com minha mãe e meu pai, mas assim foi. Mamãe tinha cinqüenta e dois anos, uma idade que de repente me pareceu terrivelmente jovem. Só tinha dezessete anos quando chegou aos Estados Unidos. Meu pai lhe ensinou inglês, mas ela sempre o falou com um acento muito forte. Uma das coisas que mais sinto falta é o som de sua voz. Às vezes a escuto quando fecho os olhos.

Mamãe não queria morrer porque não queria me deixar sozinha. Não tenho irmãs ou irmãos. As raízes da família Mulligan são fortes, mas a esta altura, os ramos estão quase mortos. Minha mãe nunca falava de sua família na Itália, assim dava por feito que tivessem morrido na guerra ou algo assim. A única parente que conheço é minha tia, Alice

Mulligan Lambert. É um osso. Seu marido, meu tio Wayne, passou a vida tentando não aborrecê-la, mas fracassou. A tia Alicia tem a cabeça pequena e os lábios finos. (É uma combinação terrível).

- Preciso de um cigarro, querida.

Iva Lou sai da caminhonete com duas taças de café e os cigarros. Em menos de quinze segundos, Kent Vanhook sai de sua oficina, limpando as mãos com um trapo. Iva Lou dá ao Kent o copinho de plástico, que parece minúsculo em suas mãos enormes. Fumam e tomam café. Kent Vanhook é um cinquentão bem apresentável, alto e tranqüilo. Enquanto ri com Iva Lou, parece vinte anos mais moço. A esposa de Kent é uma diabética que não sai de sua casa e que se queixa de tudo. Sei por que levo a insulina uma vez por mês. Mas quando Kent está com Iva Lou, não para de rir.

Eu gosto de estar sozinha na biblioteca ambulante. Dá-me a oportunidade de examinar os livros novos. Faço uma pilha e depois repasso os velhos. Agarro meu favorito de sempre, A antiga arte chinesa da leitura facial, e penso em meu pai, Fred Mulligan. Quando faleceu faz treze anos, acreditei que eu sentiria muito a sua falta, mas não foi assim. Não estávamos muito unidos, mas não foi porque eu não tentasse. Que eu recorde sempre me

olhou como quem olha através do cristal de um frasco de geléia para ver se tem algo dentro. Durante a adolescência eu passava as noites chorando por sua culpa até que um belo dia deixei de esperar que me amasse e a dor desapareceu. Apesar de tudo isso, permaneci a seu lado quando caiu doente. De repente, meu pai, que sempre se manteve afastado de outros, era igual a todo mundo. Sofria e a morte era inevitável. O sofrimento lhe deu um pouco de humildade. É triste que minhas melhores lembranças de meu pai correspondam a quando estava doente. Foi então quando pedi emprestado pela primeira vez o livro da arte chinesa de ler os rostos.

Pensava que se pudesse ler o rosto do meu pai, seria capaz de compreender por que era tão malvado. Tive que estudar muito. O rosto de papai era quadrado e anguloso: a testa retangular, as mandíbulas afiadas, o queixo bicudo. Tinha os olhos pequenos (sinal de uma natureza enganosa), o nariz bulboso (sinal de dinheiro na etapa adulta, coisa que tinha como proprietário da farmácia), e não tinha lábios. Bom, tinha-os, mas os mantinha apertados e eram como um risco cinza. Isso é o sinal de crueldade. Quando olharem as notícias na televisão, olhem bem na boca do apresentador.

Garanto-lhes que nenhum deles tem lábio superior. Não se progride na televisão sendo agradável com os outros.

Ao longo desses quatro anos meu nome é o único que aparece no cartão de empréstimo do livro da leitura de rostos. Em uma ocasião, quando fui a Charlottesville para comprar medicamentos, tentei comprar um exemplar. Estava esgotado. Não sei quantas vezes Iva Lou quis me dar de presente, ela disse que pode justificá-lo como livro extraviado. Mas não quis aceitá-lo. Eu gosto de saber que está aqui, viajando daqui para lá com minha amiga Iva Lou.

Suponho que os estou olhando através do pára-brisa, porque eles me olham. Iva Lou esmaga a bituca com seu sapato rosa e retorna à caminhonete. Kent a observa partir. A come com os olhos como se estivesse saboreando o último gole de café.

- Perdoa. Kent e eu nos empolgamos a conversar e, bom, já sabe.

- Nenhum problema.

- Outra vez com a leitura de rostos? Ainda não sabe de cor?

Iva Lou sela os cartões dos livros com o dedinho levantado.

- Vejo-a na semana que vem.

Despeço-me do Kent com um gesto amistoso, para fazê-lo compreender que não há absolutamente nada de mal em falar com a solteira, disponível e disposta Iva Lou e compartilhar um cigarro. Ele me sorri, crédulo. Acredito que a maioria das pessoas de Big Stone Gap sabe que seus segredos estão a salvo comigo. (Deus sabe que não acho nenhuma graça saber que o prefeito é aficionado por supositórios.) Tenho que fazer uma entrega. Prometi à Senhora Mac - MacChesney é o sobrenome completo - que levaria o novo medicamento para controlar sua pressão arterial. Por aqui a conhecem como «Nan maçã» porque não há ninguém que faça melhor a compota de maçã. Sua casa está muito acima, a caminho de Cracker's Neck Holler. Há um montão de curvas e curvas para chegar até ali, e vôo pelas curvas como se fosse Mario Andretti (outro grande italiano). O perigo é uma constante nas estradas da montanha; não há cercas de amparo, assim tudo depende de quão hábil seja com o volante e as marchas. Se perder a concentração, com certeza acaba caindo. Numa noite de névoa, os irmãos Brightwell perderam o controle da caminhonete e caíram pelo barranco. Por sorte, as árvores frearam a queda. Um policial encontrou os meninos na manhã seguinte,

pendurados nas árvores como meias três-quartos postas a secar. Mas perderam a caminhonete. Ao chocar, os moços foram jogados para fora e agora o veículo descansa no fundo do lago Powell Valley.

O Gap, ou «lá na cidade», é como somos chamados pelos habitantes do vale. Eles vivem em pequenas comunidades instaladas nas ladeiras das Montanhas Azuis. Não posso descrever as casas lá de cima, mas posso levá-los até ali. Não há indicadores por nenhuma parte; terá que conhecer o caminho. Quando sobe até o pico mais alto, vêem-se os limites de cinco estados: Virginia, Kentucky, Carolina do Norte, Tennessee e Virginia Ocidental. É obvio que não se podem ver as linhas divisórias; a gente sabe que está olhando a cinco estados porque há uma placa que o diz e porque nos ensinaram isso na escola. Miss Callahan, minha professora do quarto ano, ficaria muito feliz se soubesse que me lembro desta informação e que a compartilho.

Cada um dos habitantes do vale tem seu nome e uma história particular. As famílias encontraram o vale que melhor se ajustavam a suas necessidades e não saíram nunca mais. O lugar onde se assenta a pessoa diz muito de sua personalidade. Esse é o único lugar onde vivi salvo os anos que passei no colégio. Saí daqui para ir ao

South Bend, Indiana, onde estava o Saint Mary's, um pequeno colégio para mulheres. Era bastante grande para mim. Assim que me licenciiei em farmácia, retornei a casa e comecei a trabalhar na farmácia. Meu pai teve que abandoná-la porque estava doente, e mamãe não podia trabalhar sozinha. Não que fosse uma mulher incapaz; é que não sabia muito sobre farmácia.

Cheguei ao Cracker's Neck em um tempo recorde. A casa dos MacChesney se levanta em meio de uma clareira. É uma casa de pedra quadrada com quatro chaminés. As lareiras cheiram muito melhor nas casas de pedra, e a Senhora Mac sempre tem uma acesa. Estaciono e espero os cães me recepcionarem. Aqui existem centenas de cães selvagens que andam em matilhas. A maioria não está raivosa, e quando estão, matam-nos. Conto seis cães cheirando as rodas. Para fazer tempo, abro a porta trecos e pego o crachá que me identifica junto aos clientes. É um quadrado de plástico branco escrito: Farmacêutica. (Eu mesma que fiz e também desenhei uma enfermeira). Pego tudo que preciso para sair do jipe quando vejo a Senhora Mac que olha pela janela. A última coisa que desejo é me mostrar ante os clientes como uma covarde. A verdade é que agradeço que ela vigie enquanto abro

a porta e tiro as pernas fora. Como se nada me preocupasse, caminho muito ereta através do pátio até a porta principal, pareço Maureen O'hara nos filmes que fez com John Wayne. Maureen O'hara tem a cintura baixa como eu. É meu modelo em questão de vestuário e coragem. Até me penteio como ela, o cabelo em uma trança larga e singela, embora não cause a mesma impressão porque meu cabelo é castanho e o dela de um vermelho brilhante.

A galeria grafite recentemente pintada de cinza se nota de longe. Não se vê nem um só tronco fora de lugar na lenheira construída ao longo de um flanco da casa. Tento não ter favoritos, mas Mrs. Mac e seu lar sempre impecável estão na cabeça de minha lista.

- Demorou! - exclama a Senhora Mac enquanto abre a porta contra mosquitos.

- Iva Lou e eu nos entretivemos conversando.

- Imaginei. - A Senhora Mac me convida a entrar. - O que acha do meu fogo? As chamas lambem a churrasqueira com violentos estalos amarelos.

- É o melhor fogo que vi em toda minha vida - respondo, e não minto.

- Entra. Tenho tortas de milho recém feito.

Sigo à Senhora Mac até a cozinha, uma habitação ampla e ensolarada com as vigas de carvalho do teto à vista. Ouço um ruído a minhas costas. Volto-me muito devagar, enquanto rogo que não seja outro cão, e olho, primeiro para baixo, e depois à altura dos olhos. Não é um cão. É um homem. É o filho da Senhora Mac, Jack MacChesney, em roupa íntima camiseta e cueca vermelha desbotada que grudam ao corpo como uma meia-calça. Olhamo-nos um ao outro, e nossos rostos adquirem a cor dos objetos antes que se desbotaram: vermelho sangue.

- Por todos os Santos, Jack. Vá vestir alguma coisa - ordena sua mãe.

- Sim, senhora - responde Jack automaticamente. - Bom dia, Ave Maria - diz-me, e se vai.

Não posso evitar olhar enquanto ele sai. Tem um traseiro fabuloso. O invejo. Ajeito minha jaqueta para esconder meu traseiro achatado.

A Senhora Mac e eu cruzamos a cozinha para nos aproximar da mesa enorme que está junto às janelas. Serve-me uma taça de café negro muito quente que cheira a glória. Aproxima-me a jarra de leite fresco e a açúcar branco como a neve. Sirvo-me das duas coisas.

- Me diga o que acontece na cidade? - pergunta Mrs. Mac.

Tem o rosto de montanhesa: o nariz reto, brilhantes olhos verdes, lábios com a forma do arco do Cupido e as bochechas rosadas. Salta à vista que foi uma mulher muito formosa em sua juventude e ainda o é.

- O «Nan» é abreviatura de algo? - pergunto-lhe.

- O que? Refere o meu nome? - Mrs. Mac corta em triângulos as tortas de milho que estão na frigideira de ferro. - Minha mãe se chamava Nan. Meu segundo nome é Bluebell (Campânula) porque estas flores estavam sendo colhidas nos campos quando nasci. - Assinala com a espátula através da janela o campo que está atrás da casa.

- Nan Blobel. É bonito. Qual era seu sobrenome de solteira?

- Mas está curiosa esta manhã. Gilliam. Nan Bluebell Gilliam.

- Eu gosto - afirmo, e tomo um gole de café.

Jack aparece na soleira. Detém-se durante um segundo, avaliando a situação, ou possivelmente não quer interromper nosso bate-papo. Na cidade é conhecido como Jack Mac. Mede um pouco mais de um metro oitenta, mas parece mais baixo porque é

puro pescoço e torso. Tem o rosto redondo e suave, com um queixo firme, as sobrancelhas finas e retas, e os olhos cor avelã. Seus lábios são simétricos o superior e o inferior se harmonizam (algo muito pouco freqüente) - e o nariz sintoniza com seu rosto; é um nariz forte, que não se quebra onde se une entre os olhos, mas sim se projeta como uma cunha. A linha da mandíbula é firme, sinal de que sabe o que quer. Jack Mac agora se vestiu com uma camisa de flanela e jeans velhos. Tem o cabelo molhado, cinza e espaçado à luz do sol. Jack Mac e eu temos a mesma idade, mas parece muito mais velho. Não acredito que dissesse duas palavras nos quatro anos do instituto; é um desses tipos calados.

A Senhora Mac lhe serve uma taça de café.

- Sente-se, jovem - diz-lhe com muito carinho. - Perguntava à senhorita Ave, aqui presente, o que acontece na cidade.

- Jack Mac deve saber melhor que eu. Os músicos estão sempre por dentro das novidades.

- Acredita nisso mesmo? - replica Jack Mac e ri. - Você é a grande diretora, a que está a cargo do fluxo de fofocas.

Jack Mac se refere a meu «trabalho» (voluntário, é obvio) como diretora de nossa comédia musical ao ar livre: O atalho do pinheiro

solitário. Uma história de amor montanhês, ou pelo menos isso dizem os cartazes. A obra estreou a dezesseis verões. Há muita gente por aqui com um grande talento para a música e o teatro, assim que as autoridades locais decidiram tirar partido. Chegamos à conclusão de que o turismo seria um bom negócio alternativo se fecharem as minas de carvão. A representação ao ar livre atrai pessoas de nosso estado e os vizinhos.

- Não quero dizer nada - respondo com um tom de advertência, - mas há a tal Sweet Sue Tinsley que se mostra muito carinhosa com certa pessoa que toca na orquestra.

- Meu deus, Jack, ainda está saindo com essa garota? - A Senhora Mac arqueia as sobrancelhas, zangada.

- Mamãe, estou orgulhoso de dizer que sim - responde Jack e me dá uma piscada.

- Essa garota não serve para você. - A Senhora Mac me olha e me avalia; é óbvio que sou a garota que serve.

- Escute Senhora Mac, parece-me que se mostra um tanto possessiva com seu único filho. Estou segura de que você chegará a querer bem Sweet Sue - digo, para dar por concluído o assunto.

Jack Mac me olha, aliviado.

A Senhora Mac embarca em uma longa argumentação sobre problemas de esgotos nos vales que motivou um artigo no Post. Resulta-me difícil ler nosso jornal local porque está cheio de falhas de ortografia. A ortografia é uma das coisas que me dou bem, assim me incomoda que não esteja correta.

Jack Mac come tudo o que sua mãe lhe serve: ovos, sêmola de milho (a sua é caseira e tem uma cor amarela clara, muito diferente da que vendem nos supermercados), panceta defumada, mel e Deus sabe o que mais. Por ser um montanhês, tem boas maneiras. Quase delicadas, e não importa o que diga sua mãe, ele a escuta atentamente, como se tudo o que diz fosse muito importante. Que tipo de vida levam ambos no Cracker's Neck? Pergunto-me como ele escapa para ver Sweet Sue, como faz para passar a noite fora de casa, o que diz a sua mãe. Esse é um dos obstáculos aos que se enfrenta o filho adulto quando vive com seus pais. Eu passei pelo mesmo até um ano atrás, assim sei que é duro. Possivelmente desce e fica com Sweet Sue quando os filhos dela estão com o pai nos fins de semana. Talvez façam amor no carro estacionado em alguma estrada solitária, como a do Strawberry Patch, ou acima no Huff Rock, aonde vão os adolescentes. Ou

possivelmente vão a algum hotel de Kingsport, Tennessee, onde ninguém os reconheceria.

- Ave Maria, estamos perdendo você? - diz a Senhora Mac enquanto me serve outra taça de café.

Fico vermelha, e ambos se dão conta.

- Estava sonhando, mamãe - opina Jack.

- Não, não. Estava pensando na farmácia. Já sabem como fica Fleeta quando demoro muito em aparecer.

Jack Mac se levanta como um cavalheiro quando me ponho de pé.

- Vamos, sente-se - digo ao Jack, um tanto envergonhada por seu cavalheirismo. - Sua comida vai esfriar.

- Acompanha-a, Jack - diz sua mãe.

- Obrigado pelo café. Não se esqueça de me dizer se melhorou com as novas pastilhas que lhe receitou o doutor Daugherty.

- Claro querida - promete-me enquanto faz um gesto de despedida com a espátula. - Venha sempre.

Jack Mac toma muito cuidado em me deixar passar primeiro pelas portas. Quando chegamos à porta contra mosquitos se produz uma situação um tanto embaraçosa porque chegamos ao mesmo tempo, e nossas mãos se roçam quando ele a abre.

- Por ser um mineiro tem as mãos muito suaves - comento. Ele sorri. Por que diabo tive que dizer isso? Agora estou na escada, e ele permanece na soleira. Tem os ombros tão largos que enchem o marco. Levanta uma mão e abre a porta como se fosse uma corda de violão.

- Engana-se. - Jack Mac estica a mão direita e com a esquerda segura minha mão e roça os seus dedos contra os meus.

- Tenho calos.

- Do violão.

- Esta ensaiando muito?

- Tenho que fazê-lo. Pee Wee Poteet e eu mantemos uma competição secreta. Violão contra violino.

- Acredito que você ganhará.

- Como sabe?

- Ontem à noite a mulher esmagou os dedos dele com a porta do carro. Tive que levar uns calmantes.

- Pobre Pee Wee.

- Não foi um acidente. Sua mulher teve um ataque de ciúmes e foi porque ele... - Interrompo-me. Estou revelando a esse homem confidências. Nunca conto a ninguém coisas confidenciais!

- Eu gosto de seu perfume.

- Me pegou o perfume da Iva Lou -
respondo-lhe ficando totalmente corada (a maldição das garotas muito brancas).

- Seja lá de quem seja, é muito agradável.

Desço os degraus para o pátio. Os cães me cercam.

- Algum desses cães é teu?

- Não. São todos selvagens. - Jack Mac ri. -
Nesta época do ano, quando não chove e as folhas se secam, assustam-se porque não encontram água. Sabem que sou muito brando.

Olho aos cães, e por um momento quase gosto, com seus olhos de olhar tenro e as línguas rosadas.

- Não tem medo deles, verdade?

- Eu? Não. Não me assusta nada. - Suponho que não vê que sou invencível, como Maureen O'hara.

Enquanto caminho para o jipe, Jack Mac grita:

- Ave Maria! O que acha da minha caminhonete nova? Jack Mac assinala para um espaço junto ao abrigo. Sua caminhonete Ford 1978 resplandece ao sol como um ferro.

- É uma beleza - respondo alto.

- Completamente equipada.

- Fantástico. - Digo-lhe adeus com a mão e subo no meu jipe.

No trajeto de volta à cidade penso em como tudo o que têm os MacChesney se vê limpo e reluzente.

Encontro-me agora no centro da cidade. Todo mundo está trabalhando. Além disso, hoje é o último dia para pagar as faturas do gás e a eletricidade. Eu adoro ver a agitação das pessoas. Zackie Wakin, um libanês robusto que de mascate se transformou em empresário local, está colocando pedras na calçada diante de sua loja. Mede um metro cinqüenta de estatura, tem a pele cor café com leite e os lábios carnudos (sinal de generosidade). Sempre gostei do nome da loja: LOJA DE OPORTUNIDADES ZACKIE. ROUPA E TODO O RESTO PARA TODA A FAMÍLIA. E não é mentira. Tem de tudo: desde torradeiras a sapatos dourados. (Sei por que uma vez necessitei de um par de sapatos dourados para assistir a uma convenção de Farmacêuticos, e ele os tinha!).

- Senhorita Ave! - Zackie me faz um gesto para que me aproxime. (Tem a pinta de um sheik, mas fala como todos nós.) - Quer outro guia de ruas?

- Tenho que vender, vou receber mercadorias

novas. A semana que vem chega um pedido de botas Frye. Você vai comprar uma, não vai?

- Vou comprar, eu prometo.

Zackie sorri agradado. O homem é um vendedor nato.

Não há lugar para estacionar diante da farmácia, assim estaciono em fila dupla no beco e deixo as chaves postas no jipe se por acaso alguém tiver que sair. Vejo que Iva Lou segue no posto de gasolina, e que Kent está sentado com ela dentro da caminhonete. (Progredimos.) Observo a fachada de meu edifício antes de entrar. A pintura dos marcos da janela e a porta estão descascadas, faltam partes do gesso e algumas das letras do luminoso não se acendem. Descuidei da manutenção quando mamãe caiu doente. Por sorte, meus clientes não se importam com isso: sempre estou ocupada.

Fleeta Mullins, minha única empregada é a mulher mais fraca da cidade, fuma um cigarro atrás do outro atrás do mostruário. Nunca vi Fleeta sem um cigarro na mão, já tivemos varias conversas, sobre os males que o tabaco causa a saúde. Detecto o começo de enfisema na tosse, mas ela se nega a deixá-lo. Só tem cinqüenta anos, e, entretanto, seu rosto está apagado e cheio de rugas.

- Olá, Ave Maria.

- Bonito penteado, Fleeitsie - respondo, e não minto; acaba de sair da cabeleireira.

- Pedi que me penteasse como Jeanne Pruett.

- Fleeta toca suavemente os cachos esmagados. - Oxalá também pudesse cantar como ela.

- Cantar não é tudo. Estou segura de que é incapaz de recitar os nomes de todos os lutadores da federação mundial.

- Nisso tem toda a razão.

- A manhã já se foi. - Abro a caixa registradora.

- Preciso colocar um fim nesses porquinhos - protesta Fleeta.

Você tem toda razão. Nosso mostruário está repleto de frascos com uma abertura na tampa. Os meninos os trazem da escola para arrecadar dinheiro para as coisas mais incríveis. Agora mesmo a competição é para escolher o príncipe e princesa do Halloween na escola primária, e como não quero favoritismos, qualquer um pode vir com seu porquinho e deixá-la no mostruário. Teena Lee Ball, uma preciosa menina da segunda série, está junto à caixa. Teena Lee olha para Fleeta e pensa duas vezes antes de lhe pedir um favor, assim se volta para mim.

- Miss Mulligan, minha mãe pediu para você

colocar meu porquinho no balcão, ela disse que somos suas melhores clientes.

- Sua mãe é uma mulher inteligente, e tem razão. É o que se chama comércio recíproco. Deixa seu porquinho no balcão. Possivelmente conseguimos reunir um milhão de dólares para sua campanha!

Teena Lee sorri e mostra o vazio onde teriam que estar os incisivos. Deixa o frasco diante de outros e parte.

- É muito mole. Deixa que eu me ocupe dos meninos. Se não fosse por mim, as pessoas abusariam continuamente. Direi a esses malditos meninos que levem os porquinhos ao Piggly Wiggly. Nós não temos espaço; eles sim. Têm três caixas. Nós só temos uma.

Pego um dos frascos.

- O menino dos Coomer conseguiu seu mim?

- Acredito que no jornal publicaram que tinham conseguido.

Destampo o frasco do filho dos Coomer e tombo as moedas na cesta do desfile de Março.

- Lew Eisenberg quer que vá ver o seu escritório. Ah, por certo, não vou.

- Esta brincando, não é?

- Ave querida, estou farta dessa gente. Quero

me ocupar de minha casa e ver televisão. Portly recebeu a pensão. Chegou o momento de desfrutar a vida.

É óbvio que Fleeta se negou a aceitar o fato de que seu marido cobrará a pensão da companhia carbonífera porque está doente. Não é algo digno de celebrar.

- Não quero que vá. - Meu tom é lastimável, nem pareço ser sua patroa.

- Você vai superar. Ainda não conheci ninguém que seja insubstituível.

- Não será a mesma coisa sem você.

- Chegou a hora da mudança - anuncia Fleeta como um filósofo grego.

Mudança. Por que essa palavra me produz calafrios? O escritório de Lew Eisenberg está junto à farmácia, no Main Street. Inquieta-me entrar ali: o lugar está lotado. Inez, a esposa de Lew, é sua secretária. Conheceram-se quando Lew veio para ocupar-se de uns assuntos legais da Westmoreland Coal Company. Inez acabava de sair do instituto. Tiveram uma aventura e ela ficou grávida. Lew atuou corretamente e se casou com ela. (Bom, quero dizer que foi o correto para a Inez.) - Entre - diz Inez sem me olhar.

Inez ainda tem um rosto bonito, mas

engordou uns cinqüenta quilos desde que se casaram. Para ela é muito frustrante, porque era famosa por sua figura quando era animadora de torcida. Agora está sempre de dieta. Vive a base de vitaminas, bolachas e barrinhas (na farmácia tenho de todos os gostos), mas não lhe serviram para nada.

Lew está sentado detrás de sua mesa, fumando um cigarro. Sua cabeça se vê enorme sobre seu corpo esquelético. Têm os olhos pequenos, cor castanha, usa óculos com as lentes muito grossas, e tem um oco entre os incisivos (os chineses os chamam dentes da sorte). Faz tempo que não vejo o oco; Lew sorri cada vez menos.

- Quer café, chá, um refrigerante? - pergunta-me Lew.

Sempre parece ansioso, mas isso não lhe faz desagradável. Vê-se em seguida que é um encanto.

- Não, obrigado.

Lew parece aliviado porque eu não queira nada; quanto menos tenha que tratar com Inez, melhor. Fecha a porta e se senta em uma cadeira a meu lado. Nunca antes tinha feito tal coisa.

- Temos que falar. - Permanece calado durante uns segundos, que me parecem muitos mais. Levanta e fica andando pelo aposento. -

Terminei com a papelada de sua mãe. O testamento. A casa, a farmácia, o seguro de vida, tudo é seu. Nesta parte, fiz meu trabalho. Só fica uma coisa pendente. - detém-se junto à janela e separa as lâminas da cortina veneziana.

Ouçõ o rangido de uma das pranchas do chão ao outro lado da porta; parece que cem quilos andam nas pontas dos pés. Trocamos um olhar. Lew liga a rádio para que ninguém nos escute -Inez tem fama de bisbilhoteira- e volta a sentar-se a meu lado.

- Há uma carta.

Entrega um envelope grande. Esta dirigida a mim e à atenção de Lewis Eisenberg. Na parte superior esquerda está escrito: «De Fiametta Vilminore Mulligan». Sou dessas pessoas que abrem sua correspondência desesperadamente, chego até a rasgar. Vejo que é a letra de minha mãe. (A carta está escrita em inglês; dou por feito que o fez porque Lew também tinha que lê-la).

Minha querida Ave Maria: Quando ler esta carta, já não estarei contigo. Há coisas que nunca disse de mim mesma. Tentei muitas vezes. Mas depois, pensei melhor e decidi guardar silêncio. A primeira coisa que deve saber é que você é a coisa mais maravilhosa de toda minha vida.

Nesse momento, meu coração pulsa com tanta força que se movem os botões de minha camisa. Olho para Lew, que agora está sentado no chão. Fuma com o olhar fixo no teto.

- Já leu Lew?

- Sim. Não se preocupe comigo. Procuro aliviar as costas.

Era uma moça muito feliz quando tinha dezessete anos. Trabalhava como costureira na oficina de meu pai, em Bérgamo. Minha mãe era formosa e meu pai um homem muito respeitado. Havia um moço que estava acostumado a passar pela oficina. Chamava-se Mario Barbari, filho de uma boa família de Schilpario, um pequeno povoado nas montanhas. Era muito bonito e me fazia rir. Um dia, meu pai teve que ocupar-se de umas vendas em Schilpario. Roguei-lhe que me levasse com ele. Acreditava que veria o Mario, e a sorte quis que assim fosse. Depois de falar com seus clientes, papai decidiu ficar para jogar uma partida de cartas. Mario se ofereceu para me mostrar o povoado. Levou-me a igreja, ao moinho de água, à escola. Tinha a sensação de que lhe conhecia de toda a vida. Aquele dia me apaixonei.

- Posso tomar um copo de água, por favor? Estou com a boca seca.

Inez entra com a água. Lew e eu trocamos um olhar. Inez se vai.

Mario veio a Bérarno para me ver. Meu pai se inteirou de nossa amizade e me proibiu que o seguisse vendo porque eu era muito jovem para ter um noivo formal. Fiz o que nunca faria uma boa filha: desafiei sua proibição e escapava para vê-lo. Era muito feliz cada vez que nos encontrávamos. Compartilhávamos momentos cheios de alegria. Tinha muito claro que desejava passar o resto de minha vida a seu lado. Fizemos planos para fugir. Ele se encontraria comigo na estação de Bérarno e tomaríamos o primeiro trem com destino a Melam. Esperei e esperei, mas ele não apareceu. Chegou um mensageiro com uma carta do Mario em que me explicava que não podia vir. Eu ia dizer ao Mario que estava grávida e que precisávamos nos casar imediatamente. Estou segura de que ele não suspeitava do meu estado, se suspeitasse não teria faltado ao encontro.

Era consciente de que devia partir não podia deixar a desonra manchar minha casa. Recordei que tínhamos uma prima no lago Maior. Comprei um bilhete e fui em frente, acreditando que ela me acolheria. Quando cheguei, não encontrei o paradeiro de minha prima. Não tinha aonde ir.

Tinha o coração quebrado. Mas pensei em ti. Tinha que cuidar de ti. Então, aconteceu-me algo muito afortunado. Voltei para a estação. Sentei-me sozinha em um banco. Acabei dormindo. Quando despertei, havia uma senhora formosa sentada a meu lado. Nunca esquecerei seu aspecto. Era alta, magra e vestia um casaco azul. Os botões eram grandes e azuis, e na cabeça levava um precioso chapéu de veludo azul com plumas de faisão e umas diminutas estrelas douradas. Tinha a tez de pêssago; cheirava como as flores. Ofereceu-me um pão-doce. Estava faminta. Aceitei-o. Ela me disse: «O que faremos agora, querida?». «Não tenho aonde ir», respondi-lhe. «É obvio que tem. Virá comigo. Vou aos Estados Unidos. Você virá comigo. Quando “chegarmos ali, buscaremos um trabalho”. Eu tinha muito medo. Mas aquela mulher me sorriu e compreendi que seria o certo a fazer.

Começo a chorar. Lew se levanta e se desespera. Aproxima-se, apóia-me uma mão e me dá uns tapinhas como a um cão velho.

Perguntei o nome da formosa senhora. Respondeu-me: «Meu nome é Ave Maria Albricci». Eu lhe disse que era um nome muito bonito, ela sorriu. Acreditava que era muito rimbombante. Jurei-lhe que quando nascesse meu bebê eu poria

seu nome. Ela voltou a rir. Perguntou-me como sabia que teria uma menina. Respondi-lhe que sabia, eu já podia sentir. A viagem em navio foi encantadora. Ave Maria tinha um camarote precioso. Os garçons se ocupavam de nossos objetos. A comida era abundante apesar da guerra; sentia que você crescia saudável e feliz em meu ventre. Demoramos quatro semanas para chegar à Nova Iorque. Os familiares de Ave Maria nos esperavam no porto. Tomamos o trem para ir ao Hoboken, em Nova Jersey. Ave Maria comprou o jornal *Itália Oggi*. Líamos as ofertas de trabalho. Naqueles dias, os imigrantes eram mão de obra barata e trabalhavam em troca da habitação e da comida. «O que é Virginia?», perguntei aos Albricci. Eles puseram-se a rir. Respondi a um anúncio que dizia: «necessita-se costureira. Cidade mineira. Big Stone Gap. Virginia. “Bom salário”».

Mamãe tinha colado com zelo o recorte do anúncio no dorso da carta como prova da veracidade de seu relato.

Sabia que esse trabalho era uma boa oportunidade. Escrevi uma carta. O cavalheiro que tinha posto o anúncio tinha uma loja de vestidos na cidade. Contratou-me imediatamente assim que leu minha carta. Por uma dessas casualidades, um

amigo dele, outro comerciante de Big Stone Gap, encontrava-se em Nova Iorque para fazer umas compras. Chamava-se Fred Mulligan, da farmácia Mutual. Aceitaria um acompanhante na viagem a Virginia? Eu me sentia muito feliz. Fred Mulligan veio para ver-me no Hoboken. Fiquei muito surpreendida. Era jovem, como eu. Entendia o italiano porque o tinha estudado na Universidade da Virginia. Agradou-me. Mais tarde me disse que para ele tinha sido uma flechada. A verdade é que suspeitou do meu estado e sabia que tudo seria mais fácil para mim se estivesse casada. Aceitei me casar com ele. Foi um matrimônio de conveniência; eu o aceitei.

Nunca mais voltei a ver Ave Maria Albricci. Enviei muitas cartas a sua família em Hoboken ao longo dos anos, mas o correio me devolveu todas elas. Entretanto, rezei por ela todos os dias de minha vida, sem me esquecer nunca de sua bondade. Cada vez que digo seu nome, penso nela e em como me ajudou. Era um anjo.

Estou convencida de que deve saber a verdade. Espero ter tomado a decisão correta ao lhe contar isso tudo. Pedi ao senhor Eisenberg que esteja com você enquanto leia esta carta. Amo-te, minha filha.

Mamãe

Coloco o envelope de barriga para baixo e sacudo, para me assegurar de que não perdi nada. Uma pequena foto em preto e branco com as bordas recortadas cai sobre minha saia. Em letras douradas está escrito: «Ti amo, Mario». No dorso, minha mãe escreveu: «Mario de Schilpario. "Itália 1942"». A foto cabe na palma de minha mão. O homem da foto aparenta uns dezessete anos. Tem o cabelo negro e o corpo esbelto. Ele é meu pai.

Inez abre a porta.

- Ave, necessitam de você no instituto. Ocorreu um incidente. - As pranchas do assoalho rangem quando Inez se aproxima.

- Ave, tem que ir ao instituto. Chamou o diretor. - A voz de Lew me devolve à realidade. - Necessitam de você no grupo de resgate.

Além de ser a farmacêutica, sou a chefe do grupo de resgate. O doutor Daugherty me colocou no posto faz um par de anos. Somos a equipe voluntária de atenção de emergências. A equipe é formada pelo chefe dos bombeiros, Spec Broadwater, e eu. Ocupamo-nos desde acidentes de carros até tirar botões dos narizes dos meninos, e uma vez inclusive ressuscitamos o gato do Faith Cox.

- Spec esta esperando lá fora - diz Inez, um tanto impaciente.

Spec está sentado no assento do condutor da unidade de resgate número um. Não sei por que o chamam Spec; é justamente o contrário a uma mancha, é um gigante, o homem mais alto do Gap, com seu um metro e noventa e quatro de estatura. Subo ao carro. Fleeta sai correndo da farmácia e me entrega o estojo de primeiro socorros de emergência através do guichê. Spec acelera tão bruscamente que quase arranca a mão de Fleeta. Ouço como ela amaldiçoa enquanto nos afastamos. Spec tira a mão pelo guichê e coloca a sirene e o farol azul no teto do carro.

- Problemas no instituto. - Spec me oferece um cigarro. Devo ter pinta de necessitar. Tenho a cara torcida de tanto chorar.

- Não faz bem a você, Spec.

- Me automedico. Quando descobrirem uma maneira sã para acalmar meus nervos, deixarei de fumar.

O instituto secundário de Powell Valley é um bonito e flamejante edifício de tijolos construído afastado da estrada principal, em meio de um campo muito grande. É a jóia desta cidade, edificado com o dinheiro do plano contra a pobreza

dos finais dos anos sessenta. Spec desrespeita todos os regulamentos de trânsito e se mete pelo caminho de carros na contramão.

- O problema está na ala oeste - explica.

O diretor, Herron, recebe-nos na porta do instituto. Os meninos o chamam Lurch. Entendo mais ou menos a razão: tem os ombros cansados, a cabeça arremessada para frente e se bamboleia ao caminhar. Lurch nos leva até o banheiro dos meninos. No edifício reina um silêncio absoluto.

- Onde estão os alunos? -pergunto.

- No auditório - responde o diretor. - Miss Mulligan, acredito que você deve esperar aqui.

- Eu me ocuparei disto - diz Spec, e me aplaude como a um pequinês.

Os homens entram no banheiro. Passam uns minutos. Escutou o murmúrio de sua conversa. Por fim, saem os dois.

- Vamos - ordena Lurch, assinalando para o auditório que está ao outro extremo do vestíbulo.

Seguimos ao diretor, que está furioso, e entramos no auditório. Não há nem um só assento vazio. Os professores estão formados ao longo dos corredores laterais como sentinelas. Ouvem-se alguns murmúrios. No cenário está o suporte de livro e dois alunos que não deixam de mover-se em

suas cadeiras: o presidente da associação estudantil, um jovem com o cabelo comprido com um corte renascentista, e a secretária, uma garota gordinha com óculos. Lurch sobe ao palco.

- Boa tarde, alunos. A saudação é para os noventa e oito por cento de vocês, que são meninos respeitosos da lei. Já me ocuparei dos dois por cento restantes dentro de um minuto. Convoquei esta reunião de emergência para comunicar que há um psicopata entre os presentes. Há um pôster pendurado fora do auditório que diz: UNIDOS VENCEREMOS, DIVIDIDOS PERDEREMOS. As travessuras e maldades de um pequeno grupo provocarão o sofrimento de todos. Mike, Brownie, tragam a prova.

Dois alunos abandonam seus assentos na primeira fila e desaparecem entre as decorações. Reaparecem em menos de um minuto por uma das laterais do cenário. Mike é um menino baixo e loiro. Conheço-lhe. É o atacante de nossa equipe de basquete. O outro é um rapazinho: o diminutivo lhe cai bem. Vêm carregando um enorme saco.

- Despejem - ordena o diretor.

Os meninos esvaziam o conteúdo do saco. As partes de porcelana branca caem sobre o cenário com grande barulho e se forma uma nuvem de pó.

Depois cai a tampa do sanitário intacta, o que confirma minhas suspeitas.

- Isto é o que tem feito algum dos que estão sentados nesse auditório. Destruindo uma propriedade pública. Cometendo um delito com intenções malignas. Como? Pois colocando um sofisticado aparelho explosivo em um dos sanitários do lavabo dos meninos da ala oeste.

Ouvem-se algumas risadas nervosas.

- Isto não é engraçado. - Lurch olha aos estudantes com o intento de identificar aos que riram. Golpeia o suporte de livro com o punho. - Algum pobre moço poderia estar sentado naquele sanitário quando o mesmo voou em pedacinhos. Pergunto-lhes, o que teria acontecido então?

- Jesus - murmura Spec.

- Alguém ficou ferido? - pergunto-lhe em voz baixa. Spec não me faz conta.

- Estou assustado - afirma uma voz profunda detrás de mim. - Tem que estar - replico. - A sala de professores é o próximo objetivo.

- Jantamos esta noite depois do trabalho?

- Claro.

A voz profunda do cavalheiro que será meu acompanhante esta noite pertence a meu melhor amigo, o diretor da banda e do coro do instituto

Powell Valley, Theodore Tipton, natural de Scranton, Pensilvânia. De vez em quando, as empresas mineiras ou a escola contratam alguém do mundo exterior, e indevidamente quando chegam causam um tremendo alarde. Theodore ressuscitou a banda e ao mesmo tempo trouxe de volta a libido de todas as mulheres da cidade. “(É um tio bom - afirma Iva Lou lambendo-se cada vez que o vê. - O tio faz cantar aos Levi’s)”. Theodore também interpreta a Rede Fox o pregador em nossa obra ao ar livre. Somos amigos há nove anos, quando se apresentou para um ensaio e eu o aceitei no ato. Tive que fazê-lo. A leitura de seu rosto me disse que era leal sincero e terrivelmente protetor. Sabia que se lhe dava o papel passaríamos muitas horas juntos, e assim foi. Seu rosto é quadrado, com as mandíbulas bem marcadas. Tem o queixo forte, com covinha. Pode parecer forte, como um pirata irlandês, ou intelectual, como um poeta preocupado. É alto, com os olhos azuis e a barba vermelha. Embora todas as mulheres disponíveis da cidade o perseguem (e também umas quantas casadas), passa comigo a maior parte de seu tempo livre. Somos «estrangeiros» - também me consideram uma estrangeira, embora nascesse aqui, porque minha mãe o era, - mas isso não é só o que

temos em comum.

O diretor acaba seu discurso aos presentes com um par de ameaças aos estudantes. Se o culpado não aparecer, juro que tirarei as locais para fumar. A ameaça faz gemer aos alunos. A secretária da associação estudantil coloca no suporte de livro uma caixa de sapatos que põe ANÔNIMOS em um lateral. Lurch informa aos meninos que colocarão a caixa no ginásio para aqueles que possam contribuir com uma pista sobre o incidente nos lavabos. Despede-se dos alunos. Os meninos se levantam. À medida que saem ordenadamente, a maioria cumprimenta Theodore. É muito popular e o respeitam algo que diz muito em pró da reputação de um professor.

Só uma estudante se detém para me falar: Pearl Grimes, uma adolescente com problemas de peso. Muitas vezes a vejo contemplando os remédios na farmácia. Saímos caminhando juntas.

- Outra vez estou cheia de espinhas - diz-me, meneando a cabeça aflita.

- Tenho algo para isso. Vá à farmácia.

- De acordo. - encolhe os ombros.

- Não sabe que quanto mais espinhas tiverem agora, menos rugas terão depois?

A pergunta a faz sorrir. Seu rosto, com forma

de coração, e a testa limpa, diz-me que é emotiva e justa. O nariz é pequeno e um tanto arrebitado. Tem as bochechas redondas - as bochechas de um monarca, - o que indica que sabe governar.

Pearl desaparece na maré de estudantes. Theodore me agarra pelo braço.

- Acompanho-te até o carro.

- É obvio.

- O que há de novo?

- Sou uma bastarda.

Theodore ri e consegue que eu ria também.

- O que tem feito? Pegou algum ladrão na farmácia ou algo assim?

- Não. Não agi como uma bastarda. Refiro-me à definição literal.

- O que?

- Hoje acabei com os trâmites do testamento da mamãe. Deixou-me uma carta. Fred Mulligan não era meu pai.

Theodore está surpreso, mas mantém a calma para não me incomodar. Sabe tudo sobre Fred Mulligan e eu. Quando lhe contava todas aquelas histórias, sempre parecia disposto a matar a qualquer que tentasse me fazer mal. Esta nova informação me surpreende.

Acompanha-me até a porta principal, onde

está o carro com o Spec sentado ao volante.

- Sobe Ave - grunhe Spec, e acende o cigarro.

- Estamos perdendo tempo.

- Vejo você a noite - diz Theodore enquanto fecha a porta.

Toca-me a bochecha. Olhou para o segundo piso onde está o laboratório de ciências. Pearl Grimes nos olha da janela. Dali, com a luz dourada da tarde, têm todo o aspecto de uma rainha que contempla a seus súditos. Faço-lhe um gesto de despedida. Ela sorri.

2

O telhado esta cheio de goteiras. Necessita uma reparação urgente. Os irmãos Otto e Worley Olinger são os melhores do povoado. Têm uma caminhonete e se dedicam a recolher tudo o que as pessoas atiram. Um dia os vê com uma velha máquina de lavar roupa metida na caixa da caminhonete, e outro com um par de travessas de ferrovia e uma cabeça de urso dissecada. Há muitos que os conhecem como os irmãos «Você usa todo isso?», porque é assim como lhe saúdam quando querem algo de seu pátio.

Otto parece ser o maior. É robusto, com o cabelo grisalho, e só tem alguns dos dentes inferiores. Tem um nariz muito característico: a parte superiora está quebrada, uma clara indicação de que é hábil com o dinheiro. Worley é ruivo, alto e magro. Seu rosto alargado faz jogo com o corpo. Ninguém sabe a idade que têm porque não estudaram na escola local. Mas parecem estar aqui a vida toda.

Reúno-me com eles no telhado. Subo com um recipiente térmico com café e bolachas para os moços.

- É o momento de fazer uma pausa, cavalheiros - digo, enquanto avanço agachada.

- O que acontece, miss Ave? Tem medo de altura?

- Só não posso olhar para baixo.

Worley me dá uma mão.

- Não tenha medo. Não a deixaremos cair. Em qualquer caso, a terra é fofa. Outro dia caí do telhado do escritório de 37 andares enquanto arrumávamos um ar condicionado. Aterrissei de cabeça. Não me fez mal.

- Isso é mentira - intervém Otto. - Eu o segurei.

- Que tal está o telhado, meninos?

- Já vi piores - opina Otto.

- Me descuidei de tudo quando mamãe caiu doente.

- Isso acontece. - Worley se encolhe de ombros.

- Acredito que terão trabalho para todo o inverno.

- Não seria mau. Faremos um bom trabalho aqui - promete Otto.

Permanecemos em silêncio durante uns minutos. Nunca estive antes no telhado. A vista é muito ampla. O outono já está aqui. As taças das

árvores parecem laranjas com plumas vermelhas marcando os limites da cidade. Lamento não ter trazido mamãe aqui em cima. Ela ia adorar a vista. Coloco a mão no bolso para comprovar que levo sua carta. Concentro-me para levá-la a todas as partes comigo embora não é necessário. (Já li tantas vezes que já decorei.) Sinto falta de que não me deixasse instruções. Por que me contou esta história? Queria que procurasse o Mario de Schilpario? Ou só pretendia que compreendesse o comportamento de Fred Mulligan? Há tantas coisas nas quais pensar...

- Se tivesse um telhado como esse, ficaria aqui todo o dia - comenta Worley.

- Meu irmão não gosta de trabalhar.

- Não, eu não gosto. Eu gosto de comer e dormir. Trabalhar me cansa. Termino morto e não recordo o que fiz durante o dia.

- Acontece o mesmo comigo, depois de passar o dia a contar pastilhas.

- Você teria que casar-se, miss Ave. Não é bom que as mulheres trabalhem tanto.

- Otto, não estou à busca de marido, e eu gosto de meu trabalho, entende? - Digo tranqüilamente; perguntam-me todos os dias sobre esse assunto. Todos parecem dispostos a me lembrar que, estou solteira, e que estou ainda bem

ajeitada e posso assim arrumar um marido.

- Não teria que esperar muito mais para casar-se. Você vai acabar ficando com manias.

- Eu com manias?

- Nisso tem razão, Otto - assinala seu irmão.

- Alguma vez se apaixonou Worley?

- Não, senhora.

- E você, Otto? Otto não me responde.

- Otto estava apaixonado por uma garota.

Estava irmão, e não me diga que não.

- Me esconde algum segredo, Otto?

- Não, senhora.

- Então, conte logo.

- Tive um grande amor, mas foi há muitos anos atrás. Foi em um verão. Eu tinha uns quinze anos. Mamãe me tinha mandado à cidade para que comprasse uns potes de cristal. Estava fazendo umas conservas. No caminho, passei junto a uma caravana. Havia um montão de meninos brincando de correr ao redor. Percebi que eram melungeon. Tinham a pele morena e esse jeito seu tão particular. Havia uma garota. Tinha o cabelo negro brilhante, penteado em duas tranças. Lembro que as tranças me pareceram como grinaldas. Ela tinha os olhos negros como o carvão. Era miúda, pequena como uma caixa de fósforos. Fez-me recordar aquele

conto sobre a menina fada.

- Thumbelina?

- Sim. Thumbelina.

- Como se chamava sua garota?

- Destry - Otto desvia o olhar ao mencionar o nome. - É o nome mais bonito que conheço - acrescenta em voz baixa.

- O que aconteceu depois?

- Transcorreu o verão. Saíamos para passear quase todos os dias. Eu estava muito feliz, e não via a hora de estar outra vez com ela. Um dia não pôde vir, e fiquei muito magoado. Então compreendi que a queria. Fiquei sabendo que seu pai tinha saído em caravana para Stonega. Caminhei quase oito quilômetros para alcançá-los. Tinha conseguido um presente para ela. Minha mãe tinha um anel de prata com uma pedra vermelha. Eu queria tanto Destry, que roubei o anel de minha mãe para presentear minha amada.

- Você estava realmente apaixonado - exclama Worley, e ri.

- Tinha que querê-la muito para atrever-se a roubar.

- Isso foi o que fiz senhorita. Isso foi o que fiz.

- Mamãe lhe deu uma surra que o deixou bobo. Bateu nele com uma vara até que se partiu em

dois.

- Sim, e depois quando meu pai voltou para casa também me surrou.

Otto coloca a mão no bolso. Saca um punhado de papéis enrugados, pregos e um bilhete de cinco dólares. Procura entre todas estas coisas e encontra um pequeno anel de prata. Aqui está ele.

- Vamos. Prove - Sendo uma mulher grande, tem os dedos pequenos - comenta Worley.

- É um anel lindo.

- Muito obrigado, senhorita.

- Onde está Destry agora?

- Está morta. - Otto exala um suspiro.

- Essa é a parte triste da história - diz Worley.
Olhe a seu irmão com muito sentimento.

- Sim, senhorita. Morreu. Os melungeon adoecem muito fácil. Tinha dezesseis anos quando morreu. Quis me casar com ela, mas estava muito doente.

- Por que os melungeon morrem das coisas mais estranhas? - pergunta Worley.

- A teoria é que há muita endogamia. Nas montanhas, eles não se mesclam com o resto da população. Isso os prejudica. Porque quanto mais cruzado, mais forte é o sangue. Ao menos isso é o que acreditam os médicos.

- De onde procedem?

- Melungeon vem da palavra francesa *mélange*. Significa «mescla».

- Acreditava que os melungeon eram as pessoas da colônia perdida da Carolina do Norte.

- Essa é outra teoria.

- Conte-lhe senhorita Ave - diz Otto.

- Acredito que a colônia perdida é mais uma lenda que contam nas montanhas que um fato real. Mas a história diz que um grupo de colonos ingleses desembarcou na costa da Carolina do Norte perto da Virginia. Descarregaram os equipamentos e construíram uma colônia. Havia um forte, jardins, casas, uma igreja, as coisas iam bem. Mas quando os navios retornaram da Inglaterra ao cabo de um ano, a colônia era uma cidade fantasma. As camas vazias. Os livros estavam nas estantes. As roupas estavam penduradas nos armários. Mas não havia gente. As pessoas tinham desaparecido. Buscaram por toda parte, mas nunca os encontraram. Só encontraram uma pista: a palavra Croatan esculpida em uma árvore. Alguns acreditam que um colono esculpiu antes de ser seqüestrado pelos índios. Mas não há nenhuma prova de que seja verdade. Assim que um melungeon poderia ser uma pessoa que descende de uma mescla dos colonos com os índios,

que se esconderam nestas montanhas, e nunca partiram. Sua Destry possivelmente era uma descendente daquelas pessoas.

- Tudo o que sei é que nunca amei a mais ninguém - afirma Otto com tanta firmeza que sei que é verdade.

Tomamos o café em silêncio. Todos pensando na jovem Destry. Otto tinha tido o amor verdadeiro e o tinha perdido. Espero que algum dia meu coração se abra e possa ter um amor como aquele.

O anfiteatro onde apresentamos O atalho do pinheiro solitário foi construído junto à casa da única pessoa famosa nascida nesta cidade, John Fox Jr., autor do livro que inspirou nossa peça teatral. O senhor Fox era um solteirão com muito talento que vivia com sua mãe e sua irmã. O livro, publicado em 1908, foi à novela mais vendida nos Estados Unidos antes que aparecesse, o famoso O vento Levou. Isto é a primeira coisa que dizem quando visita a casa do Fox. A cidade transformou a casa em uma loja de presentes, onde vendem chaveiros, postais e bonecas feitas com espigas de milho. Imediatamente depois está o anfiteatro e a seguir a primeira escola, de uma só sala-de-aula, onde estudou o autor. Os recursos estatais para a

reabilitação ainda não chegaram, assim não se pode entrar, e tem que olhar o interior através da janela. Os ônibus de turistas entram no beco sem saída, e os visitantes se vêem metidos em um retiro, onde não podem fazer outra coisa que gastar dinheiro. Os turistas entram na loja de presentes e comem na lanchonete do clube Kiwanis durante o intervalo.

Eu adoro a arte porque durante a adolescência eu passava quase todos os verões entre os cenários. Minha mãe desenhava e costurava todo o vestuário dos atores. Sempre havia algo que remendar ou substituir, assim mamãe e nós nos aproximávamos para nos ocupar do problema. Sempre gostei dos atores, embora me assustasse um pouco com aquelas perucas, as largas pestanas postiças e as bochechas pintadas de uma cor vermelha viva. Os atores sempre eram muito bons comigo, e uma vez inclusive me permitiram subir ao cenário para agradecer os aplausos do público. Nunca esqueci a excitação das lamparinas, os focos que iluminavam a parede do fundo e os músicos no fosso com o chão coberto de serragem. Era obvio que eu crescesse e ajudasse aqui. Mazie Dinsmore, a grande diretora da primeira temporada, uma mulher com a visão, descobriu-me e me ensinou a dirigir. Comecei como apontadora (a pessoa que se

esconde entre o cenário e dita as frases aos atores quando se esquecem onde estão ou o que têm que dizer). Era um trabalho importante, porque mais de um de nossos atores principais bebia antes e durante as representações. Uma noite aponteí uma frase ao Cory Tress que estava um pouco bêbedo e ele se voltou para o cenário e me perguntou: «O que?». Todos riram muito. Mas essa classe de falhas é escassa. Somos aficionados, mas levamos muito a sério. Outra noite, quando um cenário que representava uma sala de uma mansão de Kentucky começou a bambolear-se e estava a ponto de cair, corri ao cenário e o segurei antes que esmagasse aos atores. Mazie nunca o esqueceu. Julgou que tinha a coragem necessária para dirigir. Nada me assustava. Para ela era um dos atributos mais importantes de um diretor.

Entre os cenários sempre reina um caos de meninos correndo, músicos que afinam os instrumentos, bailarinos que fazem exercícios de aquecimento e atores que repassam seus textos. Esta é noite de fechamento, a última apresentação da temporada. É grátis para familiares e amigos dos atores e o pessoal, assim está abarrotado. Todo mundo está muito nervoso quando se trata de uma apresentação para a cidade; em certo sentido, atuar

para estranhos é mais singelo.

A obra tráfico de uma montanhosa chamada June Tolliver que se apaixona por John Vai, que é inspetor de uma companhia mineira. Ele pega esta garota e a envia a sua casa em Kentucky para que sua aristocrática irmã Helen se encarregue de educá-la e convertê-la em uma dama. Quando June retorna a suas montanhas depois de passar pelas mãos de Helen, descobre que não encaixa. De fato, inclusive é muito culta para John, que não consegue acreditar que ela se transformou tanto. Mas no final admitem que sempre se quisessem loucamente. É uma história clássica, e o público sempre se emociona. Meu momento favorito da obra ocorre no primeiro ato, quando o pai de June, Devil Judd Tolliver, descobre que John está apaixonado por sua filha de quinze anos. Ele fica enlouquecido de raiva. As frases que dizem são estas:

Devil Judd: Minha June é muito jovem para ti.

John: Não terá quinze anos toda a vida, senhor. Esperarei.

A representação sempre é a mesma ano após ano, assim a única coisa que tenho que dizer é: «Você entra agora», «Você fique ali», «Faça cara de susto quando disparar a escopeta» e «Nada de

chicletes ». Limito-me a seguir as instruções do livro da Mazie. (Quando morreu, deixou estipulado no testamento que era para o museu John Fox Jr.) Todos os detalhes especiais devem a Mazie Dinsmore e sua visão teatral. Dispôs que se disparasse uma arma real na apresentação e acrescentou a atuação de um conjunto de músicos e cantores de country. Esse espetáculo prévio nos distingue de todas as outras representações teatrais ao ar livre do circuito. O público adora a música tradicional, e é obvio, não vêem o momento de contemplar nosso famoso cenário de fundo: uma pintura do tamanho da metade de um campo de futebol, que é uma réplica exata da montanha que se vê atrás. É lindo ao entardecer, quando está sentado entre o público e vê um quadro da vista real da montanha.

A parte mais difícil da direção é coordenar os horários. Como não somos profissionais, todos temos um trabalho ou dois. Tenho músicos que são mineradores e trabalham no turno da noite (da meia-noite ao meio dia), professores que estão ocupados durante o dia e a noite, granjeiros que trabalham nos fins de semana. Trata-se de fazer malabarismos, mas é a coisa mais divertida que já fiz. Eu adoro a música montanhesa: o melancólico

som celta, como Bárbara Allen e Poor Wayfaring Stranger. Sempre acreditei que aprendi a gostar da música graças ao Fred Mulligan. A música era nosso único vínculo, a única coisa em comum que nós amávamos. Agora também tive que me desprender disso.

Theodore entra pela direita do cenário, vestido para o personagem e com sua barba, atravessa o cenário e vem para minha direção com uma expressão preocupada em seu rosto. Temos uma breve discussão por causa de uma cena. Pearl Grimes é a encarregada do instrumental, assim participa da discussão.

Meu diretor cênico Blande balança uma placa diante de meu rosto. «Miss Mulligan, estamos preparados para começar a apresentação. » Grita: «Bailarinas! “A seus postos, por favor, ». As bailarinas entram no cenário. Durante o dia fazem acrobacias para a banda de música do instituto, que tem como diretor o Theodore. As meninas são as garotas mais bonitas do instituto, inclusive mais que as animadoras. Sejam sinceros: fazer acrobacias requer habilidade; a animação só exige bons pulmões. De noite, são minhas bailarinas, que relatam a história através do movimento.

Não há acrobacias na obra, embora a capitã

da banda, Tayloe Slagle, moveu céu e terra para incorporá-las. Expliquei-lhe que a fidelidade histórica é o objetivo principal da representação. Não imagino os montanheiros fazendo acrobacias em uma contradança em 1895.

Tayloe entra pela direita. Situa-se em seu posto no centro do cenário, como se fora o centro do universo. Bo Caudill, o encarregado dos focos, amplia o raio de luz do rosto perfeito até abranger o corpo esquisitamente modelado, vestido com um singelo vestido vermelho esvoaçante.

Tayloe é curta de corpo e de pernas longas, como todas as grandes estrelas de cinema. Tem a cabeça grande e bem formada, a testa alta, que ressalta as feições suaves e pequenas; o nariz proeminente e reto (como Miriam Hopkins), o cabelo loiro (como Verônica Lake) e os olhos úmidos (como Bette Davis). Sua sobrelanceira direita está sempre ligeiramente arqueada em um risco delicado, que me dá a impressão de que se mostra cética ante algo que lhe diz.

Tayloe interpreta June Tolliver, a ingênua montanhesa que se transforma em uma grande dama. Pegou o papel porque tem todas as qualidades de uma estrela. É algo que não se pode inventar. Mas certamente isso não impede que todas

as demais garotas da cidade tentem desenvolver esse algo. Temos garotas que ensaiam os bailes até o esgotamento, dedicam horas e mais horas à vocalização e fazem dieta até transformar-se em ninfas, mas o que não entendem é que essa luz é inata e não se pode aprender. Tayloe a tem. Só o deve fazer um bom diretor é explorar o óbvio, assim acrescentamos um balé no segundo ato, com o Tayloe vestida com uma meia-calça rosa claro e um tutu de cetim. As entradas esgotam rapidamente.

É nossa estrela, todas as garotas procuram sua aprovação e a imitam. Taylor é tudo que elas gostariam de ser. As outras tem suas habilidades e atributos, mas a beleza é algo evidente ao momento. Nunca conheci a uma garota (e me incluo) que não deseje ser formosa, que não reze para que seu potencial saia à luz. Quando, uma garota é formosa pode escolher, nunca tem que esperar a que alguém a escolha. Há tanto poder em ser quem escolhe! Pearl Grimes me toca o braço.

- Acredito que tenho uma idéia melhor para que emane o sangue. Colocarei um tubo com uma pêra pela perna da calça do senhor Tipton para que a pise com força quando atirarem nele.

O verão de 1978 será lembrado sempre como o verão dos problemas cênicos. Chamamos até

pessoas mais experientes de Nova Iorque para saber como faziam: nunca fomos capazes de conseguir que Theodore recebesse o tiro no momento preciso. O sangue emanava muito antes ou muito tarde. Em qualquer dos dois casos, destroçava a autenticidade do momento.

- O senhor Tipton gostou da idéia?

- Está muito impaciente.

- A maioria dos grandes artistas o é. Miguel Anjo disse: «O gênio consiste em ter uma paciência eterna».

- Acredita que o senhor Tipton é um gênio?

- Seja ele ou não, temos que conseguir que lhe acertem corretamente para que possa morrer ao final da obra. Esta é a última apresentação da temporada. Não seria bonito acabar com a morte no instante preciso?

- Sim que o seria.

Pobre Pearl; tem tudo o que não tem Tayloe. Tem um cabelo castanho que não é nada belo, os tornozelos grossos e problemas de peso. Entretanto, tem as mãos bonitas. Geralmente, as garotas bonitas têm as mãos feias. Mas, não conheço muitas pessoas que se fixem nas mãos.

- Tayloe está linda - afirma Pearl.

- Sim.

- O vestido é muito ajustado.

Quero dizer que eu nunca poria um vestido assim. Essa é a diferença entre a Pearl e eu.

- Mas é uma presunçosa.

Deixa pra lá. Não me servirá de nada tentar convencê-la que a beleza surge do interior e que a idade acabará por estragar um rosto bonito. Noto uma dor na têmpora esquerda enquanto vejo como a pobre Pearl olhe para Tayloe como procurando uma resposta. Acredita que a beleza seja a verdade. Mas esse comentário sem dúvida fez o pai de alguma filha muito formosa, não o de Pearl, e muito menos o meu. Tayloe é uma presunçosa. Mas é Tayloe, e não Pearl, que ilumina os focos. É Tayloe, e não Pearl, a que olha e valoriza como um fabuloso rubi. Quanto deseja Pearl ser a número um! É obvio, eu poderia mentir. Poderia lhe dizer que ser a moça mais bonita da cidade não é grande coisa, mas cedo ou tarde descobrirá a verdade. Quando tem quinze anos, isso é tudo, e quando tem trinta e cinco, ainda importa. A beleza é a grossa faixa amarela no meio da estrada. O melhor que pode fazer, e quanto antes melhor, é decidir de que lado está, porque se não o faz você, o mundo o fará por ti. Por que esperar o veredicto? Pearl olha o cenário e respira o ar noturno como quem traga um cigarro. Está fazendo

o impossível por entender, por que Tayloe e não ela.

- Tenho que verificar se está tudo preparado -
recordo-lhe. - Estão a ponto de levantar o pano de
fundo.

Pearl balança os ombros e vai a seu posto
entre decorações com um objetivo. Ter um objetivo
é o segredo das feias. Ter algo que fazer é sempre
muitíssimo melhor que entreter-se em olhar.

O elenco tem um aspecto magnífico no
cenário. Fizeram cinco apresentações durante todo o
verão. Ainda estão entusiasmados com o
espetáculo. Evitarei os detalhes das provas e a
seleção de intérpretes que têm lugar todos os anos
de março a junho. Digamos que são muito
competitivas. Não há nada como o teatro para
mostrar do que as pessoas são capazes de fazer por
um papel. Não importa que sejam pessoas da idade
equivocada, que não saibam cantar ou dançar.
Deixam recados no jipe, chamam em casa, enviam-
me bolos e geléias de presente, fazem o que seja
para conquistar meu favor. Não acredito que a
concorrência na Broadway seja mais brutal que
aqui. Por sorte há atores que crescem com o papel: o
pequeno Bub se transforma no Grande Bub, que
depois interpreta ao Dave Tolliver; depois, à
medida que envelhece, faz do Bad Rufe, até chegar

ao patriarca Devil Judd. Levamos fazendo esta obra a tanto tempo que os atores sabem os textos de todos outros. Nunca tivemos problemas de substituição.

Sim que temos a uma mãe chata: Betty Slagle. A mãe da Tayloe chegou a me faltar com tantas sugestões - é obvio todas em benefício do brilho de sua filha embora danifiquem a obra, - assim que a converti em membro da equipe de vestuário. Agora está tão ocupada engomando calças que não tem tempo para me atormentar.

Faço um sinal as Fox para que abram as portas. As Fox são nosso grupo auxiliar feminino; levam esse nome em memória de John Fox Jr. (é obvio). Encarregam-se de vender as entradas, de atender os quiosques e da venda de lembranças no museu Fox durante o intervalo. É um grupo de jovens sensuais divorciadas e solteiras. Há um sentimento de fraternidade em suas atividades, e mantém viva a história, como reza em suas camisetas ajustadas.

Indico-lhe à orquestra que interprete a abertura. Jack Mac me pisca os olhos, e lhe respondo da mesma maneira. Agora compartilhamos um segredo -vi-o de cueca- e resulta divertido. Levanta uma mão e os meninos

começam a tocar. Sempre me emociona o som das cordas. Uma doce melodia sai do teatro ao ar livre e se dispersa na escuridão. Ocupo meu lugar na parede do fundo. Sinto a mesma emoção, toda vez que vejo o espetáculo. Sempre me assaltam os nervos antes que levantem o pano de fundo. Olho ao público que ocupa seus assentos. Iva Lou Wade entra com um homem muito bonito que não conheço (onde o encontrou?). Leva um conjunto de calça ampla e blusa verde que lhe dá o aspecto de uma deusa grega. O largo bracelete de ouro completa o efeito. Sorri-me e a saúdo com um gesto.

Nossa última apresentação esta acabada. O artefato do tubo com uma pêra que inventou Pearl funcionou (graças a Deus). O espetáculo foi perfeito até que o pequeno Bub nos pregou uma brincadeira na noite de fechamento. Quando dispararam em Theodore, lançou uma galinha de borracha no cenário. O público se voltou louco. Theodore não achou nenhuma graça. Depois de três ovações, iluminam-me e meus atores me chamam ao cenário. Dois meninos do coro me ajudam a subir. Tayloe mete dois dedos na boca e começa a lançar uns assobios de aprovação. Resulta muito divertido, porque vai vestida com um muito elegante traje de noite. Dou um abraço a cada um dos quatro atores

principais. Depois chamou Pearl e lhe dou um grande abraço por seu golpe de gênio, e está se arrebenta de alegria. Continuando, pronuncio meu habitual discurso de «muito obrigado a todos e até o ano que vem». Sweet Sue Tinsley, presidenta das Fox, cruza o cenário e me presenteia com uma garrafa de champanha.

Sweet Sue tem minha idade, e era a Tayloe Slagle de nossos dias. Segue sendo tão bonita como uma adolescente pequena e loira, com olhos azuis preciosos. Entretanto, não nasceu com esse nome. Havia três Sue em nossa classe de primeiro grau. A professora se confundia, assim que lhe pôs um apelido a cada uma. Havia uma tal Sue Little, Bit Sue e nossa Sweet Sue.

- Ava Maria, esta champanha é um presente das meninas Fox com nossas felicitações. É a melhor das diretoras do mundo, e todas apreciamos muitíssimo seu trabalho! Aplausos para Sweet e quase tantos assobios de admiração como para uma aspirante ao título de Miss. Por um momento penso lhe corrigir Sweet Sue a pronúncia de meu nome: não é Ava Maria como Ava Gardner, e sim Ave como nas orações. Sweet Sue pronúncia meu nome errado desde primeiro grau. É Será que algum dia aprenderá? Quando olho ao público vejo suas caras

sorridentes. Esta não é ocasião de mostrar-se suscetível. Dou-me conta de que a pausa depois do discurso de Sweet Sue foi muito longa. Seus olhos me imploram que faça algo, e que faça rápido. Tem o sorriso gelado e certa impaciência característica de todas as garotas bonitas. Seu olhar parece me dizer: «É sua vez».

- Muito obrigado, Sweet Sue, e obrigada a vocês, as Fox. - Sweet Sue se tranqüiliza quando aceito a champanha.

- Bom, meninos, que tal se tocar uma canção para Sweet Sue, a garota mais bonita da cidade? - grita nosso baterista no fosso.

- Muito obrigado, meninos - diz Sweet Sue.

Depois se agacha junto ao fosso e dá um beijo apaixonado em Jack Mac. Novas aclamações do público e a seguir, todos começam a cantar o coro: «Peça-lhe Jack! Peça-lhe Jack!». Os músicos empurram Jack fora do fosso. Wanda Brickey, que interpreta à matriarca montanhesa na obra, golpeia o chão com sua bengala, e diz: Jack Mac, se não te casar com esta moça, é que não tem nem pinga de miolo.

A multidão se calma e espera a resposta de Jack.

- Amigos, todos vocês sabem que sou uma

pessoa reservada... Antes que possa terminar, Sweet Sue proclama: - A resposta é sim. Sim! - Começa a beijar Jack. Grita: - Quero esse homem!

Seus filhos, ainda vestidos com seus trajes de montanhese, sobem ao cenário. As pessoas aplaudem. De repente me parece que não me corresponde ter a garrafa de champanha gelada. Assim cruzo o cenário e a dou a Jack Mac.

- Felicitações! - digo-lhe, com minha voz mais alegre. O público se volta louco.

- Muito obrigado - responde Jack Mac, a meu ouvido e me dá um beijo na bochecha.

Sweet Sue o agarra pelo braço e o leva.

- Querida, Ava, ele é meu. Procure outro homem!

As pessoas riem; é uma dessas longas e muito sonoras gargalhadas.

Quando se é a solteirona da cidade, as brincadeiras desse tipo não têm a menor graça. Por aqui, estar casada é ser alguém. Ninguém me pediu isso, e embora não teria que me doer, dói-me.

Poderia chorar. Em troca, dou uma gargalhada. Theodore, como se tivesse esperando sua entrada, se aproxima e me agarra pela cintura. Então anuncia:

- Tem um homem, Sweet Sue.

Olho ao Theodore, o homem mais bonito que vi em toda minha vida. Apóio-me contra seu peito.

- Não pretendia... - gagueja Sweet Sue.

Jack Mac lhe faz um gesto à orquestra para que comece a tocar e tira a sua noiva do apuro. Depois me olha e se encolhe de ombros.

Theodore me agarra entre seus braços e dançamos. A música enche o teatro. Alguém canta a letra, mas o único que escuto é a voz de Theodore que diz: «Tem um homem! Tem um homem!», no cenário, em público, e bem forte para que todos o escutem. Olha-me e sorri. Sinto-me querida, reclamada e, não posso acreditar atraente. Não desvio o olhar enquanto dançamos, mas sim o olho nos olhos, e os tem tão azuis como o céu na cortina de fundo.

Então deixamos de dançar. Theodore me beija. Não é o habitual beijo de amigo ao que me acostumei todos esses anos. Assim a princípio não me entrego. Estou confusa. Seus lábios, mudos e suaves, insistem. Minha coluna vertebral passa de ser de osso a transformar-se em uma cinta de veludo que se desenrola do carretel e se empilha no chão. Abraço ele como Mirna Loy a Clark Gable quando saltam do avião de dois lugares no filme Piloto de Provas. Minha cintura se transforma em

uma dobradiça quando me joga para trás. Mas o beijo não se acaba. Um pouco mais tarde, quando se acaba, sinto como se tivesse com corpo cheio de plumas. Theodore me sujeita o rosto entre suas mãos enquanto os que dançam a nosso redor assentem com o olhar.

- Precisa retocar a pintura dos lábios - diz, com os olhos entrecerrados.

- Pois você não. - Limpo o Vermelho Autêntico que deixei em seu rosto.

Pomo-nos a rir. É um desses momentos compartilhados que só se dão entre duas pessoas que se conhecem tão bem que raia a ironia. Theodore me aperta contra seu peito. Apoio a cabeça em seu ombro. Cheira a fresco, uma mescla de hortelã e pimenta. Olho ao outro lado da pista de baile. Iva Lou levanta os polegares.

- Vamos sair daqui - propõe Theodore com uma urgência que nunca lhe tinha notado antes.

Agarra-me pela mão e me tira do cenário, com tanta pressa que quase me caio pelos degraus.

Nellie Goodloe, presidenta da associação de artes e ofícios de Lonesome Pene, nos detém.

- Senhor Tipton, preciso falar com você sobre a visita do candidato John Warner ao Gap.

- Agora? - responde Theodore, com firmeza.

Nellie se volta para mim.

- Ave Maria, lhe diga que é importante.

- Pode esperar - replica Theodore, em um tom que não admite discussões.

- Não pode esperar. Chamou-me o chefe de imprensa de John Warner, e querem a confirmação de que a cidade inteira apoiará seus atos de campanha no sudoeste da Virginia.

A boca de Nellie segue movendo-se, mas não a escuto. Tem os lábios e o cabelo laranja, e apoiou uma mão no peito de Theodore. John Warner está casado com a Elizabeth Taylor, e virão à cidade. Nellie quer que Theodore se ocupe de organizar uma comemoração. A cidade deve mostrar o melhor que tem: a banda do instituto de Powell Valley. Querem uns números do espetáculo ao ar livre. Agora mesmo não posso pensar em tudo isto, depois de esta noite minha vida mudara para sempre. Sou uma amante! Entre as montanhas de escória de carvão, alguém me encontrou. Querem-me! Isto é o que estive esperando toda a vida.

Enquanto os concorrentes passam a meu lado como uma mancha imprecisa, falando e rindo, penso que provavelmente acreditem que Theodore e eu, tão íntimos como somos, já temos uma relação completa. Mas desde que Theodore chegou à cidade

e nos fizemos amigos, minha mãe esteve doente, e não me pareceu correto não estar com ela. Assim Theodore e eu mantivemos uma amizade sem romance. Ao princípio acreditei que algo não ia bem, mas agora o compreendo. Esperava o momento. Esperava que meu coração superasse a dor, para que pudesse fazer um lugar.

Agora todos esses anos me parecem esbanjados, como toda uma vida; quero lançar a chata da Nellie Goodloe à pilha de lenha e amordaçá-la com o lenço de toupeiras que leva ao redor do pescoço como as pioneiras. Não se dá conta de que meu corpo se consome com um desejo que me dá tanta força para tombar um caminhão com minhas próprias mãos? Que sonhei me abraçando a esse homem como um polvo no primeiro dia que nos vimos? É que não vê que sou como uma fruta amadurecida a ponto de arrebentar assim que me toquem? Interrompo-os, e digo.

- Perdoa. Isso é algo que podem discutir mais tarde. Boa noite, Nellie.

Agarro ao Theodore, e nos saímos do teatro.

- Vamos a minha casa?

- Perfeito.

Theodore me ajuda a subir à caminhonete, que agora se transformou em uma majestosa

limusine que me levará desde meu sonho a um lugar real. Sobe e me põe um braço sobre os ombros enquanto dá marcha ré. Penso: «O tempo se detém quando conseguimos o que queremos».

Não cozinhei espaguete desde que mamãe morreu. Procuro seu livro de receitas. Quando descobriu que estava doente, escreveu-as todas para mim. As primeiras páginas estão escritas em um inglês correto, mas depois vão perdendo clareza. Tentou acabar o trabalho quando já estava muito doente. As últimas receitas estão escritas em italiano.

- Me passe o manjerico - digo ao Theodore. - Esta na janela. Porei a esquentar a água.

Theodore se ocupa de suas tarefas. Observo que não falamos. É isto o que ocorre às pessoas quando chegam à relação física? Os beijos substituem às palavras? Lembrança os velhos namoricos, todos tão antigos, e me parecem insignificantes, infantis e ridículos; provavelmente porque o eram. Então não era uma mulher de verdade, uma mulher que conhecia a si mesma. Uma mulher só no mundo, livre. Agora sou uma mulher sem ataduras, culpas ou pais, e não sei o que dizer. Por onde começo?

- Quanto tempo estão casados seus pais? -

pergunto com toda inocência.

- Quarenta e dois anos.

- São felizes?

- Nasceram um para o outro. Ele bebe e ela o dissimula. Por que pergunta?

- Nunca falamos disso antes.

- Me parece que sim. Acredito que sabe tudo de mim.

- Alguma vez estive apaixonado antes?

- Claro e você? - replica, evitando me responder primeiro com toda intenção.

Para mim, esta é uma pergunta perigosa. Não acredito ter estado, embora lembre que houve um tipo bastante agradável, um polonês católico de Chicago. Conheci-o em uma mesa de jogo de dados em um festival beneficente organizado pela paróquia da Santa Maria uma terça-feira de carnaval. Saímos durante quase um ano e meio. Queria casar-se comigo, mas eu não estava pronta. Quando acabou me senti triste, mas nada mais.

- Suponho que sim. Uma vez. - Pego o alho e jogo na frigideira quando o azeite está bem quente.

- Só uma vez?

- Sim.

Theodore pensa, e eu me sinto em um tamborete. Olho como coloca o manjerição.

Pergunto-me se eu gosto de vê-lo picando o manjerição na tabua de picar. Encaixa nesta casa? Encaixa em minha vida? Viveremos nesta casa quando nos casarmos, ou em sua cabana em Aviation Road? Ouço a voz de minha mãe: «Pazienza! Não corra! Pensa Ave Maria! Pensa!».

Ponho os talheres nas toalhas individuais. Eu gosto de ver duas toalhas. É como se uma vez mais aqui vivesse uma família. A mesa tem lugar para quatro. Meninos! Sou muito velha? Algumas de minhas companheiras do instituto já têm netos. Não sou muito velha. Graças a Deus tenho bons genes italianos, e não esses enrugados genes escocês-irlandês. O que estou pensando? O que estou dizendo? Vejo meu reflexo no cristal embaçado da janela da cozinha. Estou úmida. Não! Estou empapada! Tenho as Palmas e o rosto banhados em suor. Cada vez me sinto mais nervosa. Sou uma pessoa prática, mas sempre tive tendência de sonhar acordada, e agora estou me vendo casada com esse homem e por alguma razão isto parece absurdo. Nesse momento, não quero pensar no casório, só quero desfrutar do sexo. Necessito que me possuam! Deus me ajude!

- As pessoas devem estar falando sobre nós.
- Deixe que falem.

- Por que estamos cozinhando? - Tento que a pergunta seja coquete e uma insinuação de « Esqueça da comida e me beije».

- Não tem fome? - pergunta Theodore.

Tenho. Mas tenho fome de tudo: da comida, dele, e de tudo o que me oferece a vida. De repente tudo me parece possível. Como direi? Theodore continua picando. Que mãos tão formosas tem! Suas mãos grandes e dedos quadrados têm um domínio total da faca. O movimento me recorda um filme francês que vi uma vez em Charlottesville. Quando vou às compras, nunca deixo de ir ver filmes estrangeiros. Aqui nunca passam, assim é um prêmio. Os filmes franceses sempre têm cenas de amor na cozinha. Alguém está comendo algo succulento, como um caqui amadurecido, e logo há um primeiro plano de lábios e mãos, e se esfumam a luz e os objetos, e ao minuto seguinte ninguém fala. Olho a fruteiro de cerâmica que está na mesa. Um plátano enegrecido. Por favor, que não seja um mau presságio.

- Não tenho... Suponho que quero dizer... - Theodore segue picando. Eu insisto: - O que quero dizer é...

- Estou pensando, Ave.

Pode ser que leve muito tempo sem estar

com um homem, mas não é necessário ser uma deusa do sexo para dar-se conta de que pensar não é um bom sinal. Os homens não pensam no sexo. Pensam em como, onde e quando, mas não lhes importa absolutamente o porquê.

- Não me deseja - afirmo claramente, mas com a esperança de estar equivocada. Já entendi.

A água na panela ferve formando espuma. Theodore deixa a faca e remove a água com uma concha de sopa e a sopra enquanto a espuma se transborda e jorra pelos flancos da panela. Tenta evitá-lo, mas a espuma aumenta.

- Me dê uma mão.

- Você tem tudo sob controle. - Digo-o com toda naturalidade, mas a verdade é que as pernas não me obedecem. Encontro-me em um estado de choque dos tornozelos para acima. Acabo de fazer uma declaração que me assusta, e preciso ficar quieta, aqui mesmo, nesta cadeira de respaldo reto, porque não sei o que poderia fazer.

Theodore tira a panela do fogo. Desaparece a espuma. Tomba os espaguete em um coador. Sacode-o com força para que escorra a água. Deixa a panela na pia e se aproxima da cozinha. Remove o molho.

- Esse molho se chama shway. - É a minha

contribuição para o jantar.

- Em que idioma?

- É um dialeto italiano do povo de onde era natural minha mãe. Shway significa «rápido». Molho rápido. Molho instantâneo.

- Está cheiroso.

- É o manjeriço fresco.

Theodore derruba o molho sobre os espaguete. Agarra os pratos e os talheres, e põe a mesa.

- Quer me dizer por que me beijou?

- Você me beijou. - Theodore me olhe nos olhos.

- Não. Você me beijou. - meu deus, estou gritando.

- Deixei-me levar pela situação. Você me beijava, assim que correspondei. Depois do que disse Sweet Sue, considere que necessitava que o beijassem.

- Ou seja, que estava me fazendo um favor?

- Assim é.

Esse é um desses momentos em que o vapor entre um homem e uma mulher levanta um muro. É tão espesso que não consigo ver o rosto de Theodore. Não o entendo; acaso não sabe como me sinto? Desejo-lhe. Quero isto. Onde está o Theodore

amante? Onde se foi?

- Você não está apaixonada por mim, Ave.

- O que?

- Excitou-se, nada mais.

- Eu gostei do beijo! Foi bonito! Foi bem-vindo!

- Disse que não tinha estado com um homem há muito tempo temo. É compreensível. Também se agradece um copo de água no deserto.

Não posso acreditar o que estou escutando! Theodore compara o fogo entre minhas coxas com a desidratação. Esta noite não vai ser precisamente como esperava.

- O que? O que? - por que só o que digo é o que?

- Vivo sozinho. Eu gosto. Criei-me em uma família com nove filhos, e ainda me entusiasma não ter que compartilhar a cama com alguém. Não quero me atar. Eu gosto de estar contigo. É minha melhor amiga. Não quero uma relação.

- Todo mundo quer uma relação!

- Não. Você quer uma relação.

Enquanto comemos, estou segura de que ele tem razão. Sou eu. Quero ser amada, e quero colocar a culpa em alguém porque não me queiram. Assim coloco a culpa nos meus pais; um nunca me

quis e o outro me deixou em herança umas cartas horríveis. Deixem-me colocar a culpa à vida. A vida não faz outra coisa que interferir em meus planos. Primeiro adoeceu Fred Mulligan; depois tive que cuidar de minha mãe, enquanto a farmácia prosperava, assim que me tocou pensar cada vez mais em todo o resto e menos em mim. Pobrezinha. Sinto-me bem ereta e proclamo toda minha autoestima na postura. Logo, com displicência, inclino-me para Theodore.

- Não posso acreditar que pensa que eu te beijei.

- Você o fez. Toda a cidade ficou abismada.

Não me importa a cidade. Mastigo lentamente porque quero digerir tudo. Eu iniciei o beijo? Eu o beijei? O que realmente quero?

- Encontrará um bom homem.

Onde? Nas Montanhas Azuis? No atalho do Pinheiro Solitário? Junto às bordas do rio Powell? Deixa de ser panaca, emigrante de Scranton, Pensilvânia. Por aqui, os homens de minha idade estão casados desde os dezessete anos. Alguns já são avós. Não há homens! Você é o homem!

- Encontrará a alguém - assegura-me.

- Alguém! Acorda! Não sou o tipo de mulher para Alguém. Sou difícil. Demoro uma hora para

comer um sanduíche de atum porque o encho até o último de pimenta antes de lhe dar uma bocada. Sou vaidosa. Me limpo e coloco nata na cara durante vinte minutos antes de me deitar, e depois outros cinco com a cabeça para baixo para evitar a papada. Sou uma esnobe. Quero um homem. Nos últimos trinta anos não vi nem a um só homem na biblioteca ambulante, salvo Earl Spiver, mas ele não conta porque não é um leitor, a não ser um olheiro. Se o homem misterioso não for inteligente, não o quero. Como é que Theodore não entende?

- Esta bem, possivelmente não qualquer. O que parece um bom tipo, um triunfador? Esta noite quando me beijou, foi impulsiva. Ousada. As pessoas por aqui te viram com novos olhos. Espera e verá. Ocorrerá alguma coisa.

- Se você o diz... - Digo-o com uma voz tão fraca que apenas eu escuto.

Theodore coloca queijo ralado nos espaguete, enrola uma boa quantidade no garfo e os mete na boca. Mastiga com normalidade. Engole. Como se tudo estivesse normal! Está preparado para mudar de assunto, como se o tivéssemos discutido a fundo e não ficasse nada mais por dizer. Tenho a sensação de que me está dizendo: «Esta tudo bem, foi só um, beijo, foi bonito, mas isto não

irá mais à frente, assim voltemos para nossa amizade».

- Alguém terá que dizer a Sweet Sue Tinsley que já não será a rainha que volta para casa.

Esta é outra das razões pelas que quero Theodore. Quero retornar a casa e ter a alguém para analisá-lo inteiro. Por que não posso ter?

- Tem medo de que alguém roube a seu homem. - Theodore se encolhe de ombros.

Theodore e eu estivemos esta noite no mesmo lugar? A multidão estava pedindo a Jack Mac para se casar com Sue; beijaram-se apaixonadamente, e me pareceu que tudo estava preparado e acabado. Estou tão privada da intimidade física que não a vejo? É que não sou nada observadora? Vivo em algum universo paralelo, criado com minhas próprias e estranhas percepções? Olhou o pátio através da janela, e o que vejo não é o carvalho de meu vizinho Potter que cresce, a não ser um brilho de Jack MacChesney com roupas íntimas quão forte era e o aspecto de urso que tinha todo um homem, dos pés à cabeça. Sacudo a cabeça para apagar a imagem. Desaparece.

- Esta noite queria me deitar com você. - Agora já disse. Sinceramente. Com toda clareza. Sem rodeios. Bem feito.

Theodore deixa o garfo (outro mau sinal).
Depois me olha.

- É formosa e desejável. Mas, não funcionaria. Nos gostamos; não estamos apaixonados um pelo outro. Se esta noite nos deitássemos, antes ou depois deixaríamos de ser amigos. Não quero perder nossa amizade. Você quer?

Enrolei tantos espaguete no garfo que parecem uma bola de tênis.

- Não, eu tampouco - respondo.

Mas, por que não posso ter as duas coisas? O amante e o melhor amigo. Não se trata disso? Sei o que quero. Tive muitos anos para pensá-lo. A primeira vez que vi Theodore nas provas de atores, o coração me deu um salto. «Almas gêmeas» não basta para começar a descrever nossa relação.

Desarmo a bola de espaguete. Forma um quadrado no prato, como o marco de uma janela aberta. No quadrado imagino um desenho brilhante. Um camundongo furioso armado com um martelo gigante persegue um gorila com dentes de coelho. O camundongo sobe no gorila e lhe dá marteladas na cabeça. O gorila fecha os olhos, e começam a sair estrelas da cabeça. A imagem me faz sorrir, assim não chorarei.

A renúncia de Fleeta era séria. Sei por que esvaziou a prateleira atrás da caixa registradora. Seu estoque de Coca-cola e amendoins desapareceu. Os bifocais estão guardados na capa. Seus papéis estão cuidadosamente ordenados em dois montões. Em um, os programas de luta livre profissional. Fleeta e Portly vão a todos os combates de luta livre que se celebram em Kingsport e Knoxville. As fotos das grandes estrelas da luta Haystack Calhoun, Atomic Drop, Johnny Weaver e o horripilante Pilem Driver estão em suas capas de plástico transparente. Os musculosos corpos dos lutadores estão untados de azeite. Suas cabeças são menores que seus corpos descomunais; parecem maçãs no alto de um edifício. No outro, as receitas de Fleeta. Quando há pouco trabalho, Fleeta copia as receitas em umas fichas; leva cinco anos com esse projeto.

ZARIGÜEYA DO MAMAW SKEEN

Esfole a galinha. Ponha-a em uma panela grande e ferva-a até que esteja tenra. Sal e pimenta a gosto. Prepare um molho com o caldo, quatro colheradas de farinha e meia taça de leite. Reserve uma pata para

molhar no molho!

Pergunto-me que farão com as outras três patas. Passado as fichas; há muitas das especialidades de Fleeta entre as que destacam: caramelo do céu, que se faz batendo açúcar até que fica como uma nuvem (prepara-o todas no Natal), quadradinhos de limão, palitos de queijo, bolinhas de manteiga de amendoim, e meu favorito, o bolo de ruibarbo.

- Estou reunindo todas minhas receitas para minha neta, para quando se casar - diz Fleeta detrás de mim. - Alguma vez comeu minha galinhada?

- Não, que eu saiba.

- Não sabe o que perde. É a melhor, a carne mais tenra de todas.

Fleeta agarra seus cigarros e me indica com um gesto que me reúna com ela na mesa para comer. Fecha a porta da farmácia e coloca o pôster de TOQUE O TIMBRE.

Fleeta se senta na cadeira dobradiça, com um cigarro na boca. Tomba uma sacolinha de amendoins salgados na garrafa de Coca-cola, e tampa com o polegar, sacode-a, e quando faz espuma a bebe. Vou sentir falta de nossas comidas.

- Fleeta, de verdade tem que me deixar?

- Carinho, minha mãe morreu quando tinha cinqüenta e cinco anos. Tenho cinqüenta e seis. O relógio segue funcionando. Quero desfrutar da vida antes que se acabe. Embora sentirei falta do dinheiro.

- Dar-te-ei um aumento.

- É muito tarde. Ave. Tem muito a acontecer. Vai casar com esse tipo, Tipton.

- O que? - Seu carro esteve estacionado diante de sua casa até não sei que hora da madrugada do sábado e Nellie Goodloe contou a todo mundo que você e ele estiveram beijando na pista de baile do teatro. Agora é de domínio público. Não me venha com segredos, juvenzinha. Conheço-te muito bem.

- Não me quer Fleeta. Só somos amigos.

- Nem pensar. Fazem tudo junto. Estão unidos pelo destino. - Tonto um protesto e Fleeta me faz calar. - Inclusive quando coloca dois ratos em uma caixa possivelmente ao princípio se dêem alguma dentada, mas se lhes dá um pouco de tempo terá filhotinhos.

- Fleeta, estou comendo.

- É um tipo bonito, e limpo. Eu gosto dos homens limpos. Tem muito cabelo e bonito, e carinho, e tem mais de trinta, isso tem que apontá-lo

na lista dos méritos. Tem as feições e a pinta de um irlandês. O cabelo acobreado, os olhos azuis. O sorriso travesso. Que mais quer em um homem?

Não lhe respondo. Nada! Não há ninguém exceto Theodore para mim. Por que não se cala de uma vez?

- Ou você não quer um homem? - Fleeta me olhe por cima dos bifocais.

- Não quero a qualquer homem - respondo à defensiva, com a boca cheia.

- Quero que você consiga um bom homem como o meu. Sabe Portly e eu ainda temos relações íntimas. É obvio, custa-me muito mais que antes esquentar a cafeteira. Passei pela mudança. É uma boa palavra para isso porque tudo mudou para mim. Tenho que me preparar para quando a ele lhe põe o olhar dessa maneira. Mas digo uma coisa: Portly tem esses braços super musculosos e essas mãos, já sabe ao que me refiro, poderia me agarrar pela cabeça como se fora uma bola de basquete, e se não tivesse esses braços gigantescos para que me abracem durante a noite, não seria outra coisa que uma velha coroca. Assim sei o que quer dizer.

- Como se conheceram você e Portly?

Fleeta solta à fumaça e em seus olhos aparece um olhar distante. Fecha os olhos para ver melhor

os detalhes da velha imagem.

- No instituto. Quando fecharam o instituto de East Stone Gap, mandaram todos os meninos ao Powell Valley e Portly estava no grupo. Vi-o no primeiro dia de aula e soube que era meu homem. Sentia-me como uma velha, como se já não houvesse tempo para encontrar alguém.

- Quantos anos tinha?

- Dezesseis, e nunca me tinham beijado. Minha mãe estava muito orgulhosa. Mas digo uma coisa, quando conheci ao Portly, recuperei com acréscimo o tempo perdido. Lembro do primeiro beijo que me deu. Na escola, atrás da escada. Foi ao redor das cinco da tarde, depois de que Portly acabasse de treinar. Olhou-me. Olhei-o. É obvio primeiro tivemos que tirar o chiclete da boca; aos dois nós adorávamos mastigar. Cuspimos e depois nos beijamos, e o resto é história.

Estou tão metida na vida amorosa de Fleeta, que não escuto o insistente soar da campainha. Saio da mesa. São as meninas da banda. Algumas estão lendo o National Enquirer, outras folheiam People. Tayloe espera junto ao guichê de entrega de medicamentos.

- Devo recolher minha receita.

- Em seguida estou contigo, carinho.

- Ainda não está preparada? - O aborrecimento sublinha cada uma das palavras de Tayloe, e olha ao céu. Deus, que impaciente é. Lembra que não é mais que uma menina, e isso evita que lhe de uma bronca.

- Não, ainda não - respondo-lhe alegremente.

Pearl Grimes entra na farmácia e, assim que vê às meninas, se oculta atrás do exibidor das tinturas capilares.

- Olhem que gorda que está! - exclama Glenda, uma das meninas, com um tom autoritário.

Isso é tudo o que faltava para que as outras se amontoem e olhem interessadíssimas a foto de uma atriz de televisão, em outros tempos magra e que agora está como uma vaca.

- Não sei como pode alguém descuidar-se dessa maneira - diz outra.

- Porque gosta de comer - explica Tayloe.

Não tem nada de gracioso, mas todas as garotas põem-se a rir, porque em seu grupo, Tayloe é a graciosa além de ser a mais bonita.

- Não está tão gorda como Pearl Grimes. - Mais risadas.

Vejo como a cabeça de Pearl desaparece atrás de outra prateleira. Pergunto-me se as outras a viram entrar. Podem ser tão cruéis? As senhoras

Spivey, Holyfield e Edmonds entram no local e se repartem para fazer suas compras. Três excelentes mulheres batistas. Também são responsáveis por repartir mais informação que o jornal local.

- Senhorita Mulligan, poderia nos atender? Temos que ensaiar com a banda. Já sabe com o senhor Tipton.

Outro coro de risadas. Suponho que estão inteiradas de que a caminhonete do Theodore esteve estacionada toda a noite diante de minha casa. Agora lamento não me haver deitado com ele, para não ter que agüentar as brincadeiras sem nenhum motivo.

- Só demorarei um minuto, garotas-grito atrás do balcão. Mais suspiros e olhares de resignação. Continuam entretendo-se com as revistas.

Fleeta sai da mesa.

- Tomem cuidado com as revistas; custa muito vender as revistas usadas. Às pessoas não gostam de ler as revistas manuseadas, e não as culpo, porque as pagam - comenta, com tom ácido.

Inspirada pelas palavras da Fleeta aproveito a oportunidade. Tenho um microfone no despacho de medicamentos porque o local é grande, e quando estou muito ocupada, posso chamar o cliente. Sopro

no micro. Todas as cabeças se voltam em sinal de atenção.

- Tayloe Slagle, tem suas pílulas anticoncepcionais no guichê dos medicamentos. Taylor. Slagle. Vocês. Pílulas. Anticoncepcionais. Aqui no guichê.

Tayloe se aproxima correndo e agarra a bolsinha branca.

- São para as câibras.

- Sério? - Considero esta possibilidade. As três excelentes senhoras batistas se olham entre elas e depois olham a Tayloe com tanto desprezo, que dá medo.

- Coloque na conta - diz Tayloe enquanto sai disparada para a porta. As garotas a seguem.

Escuto as senhoras murmurarem na seção de higiene dental; missão cumprida.

Fleeta ri, e é obvio a risada se transforma em um ataque de tosse.

- Estou farta de que essas garotas venham aqui, leiam as revistas e nunca compreem nada. Desta vez as botei para correr.

Recolho um cesto com aparelhos de ar condicionado e me dirijo à seção de produtos capilares. Pearl está sentada no chão, entretida em ler as etiquetas dos frascos.

- Olá, Pearl.

- Vim a procurar o produto para a acne que você me disse.

- Então, pode-se saber o que faz na seção de produtos capilares?

Pearl se encolhe de ombros. Tem os olhos inchados, e agora sei que escutou às meninas.

- Quer me ajudar a repor as mercadorias?

- Sim, senhora.

- Fleeta se levanta, estou procurando alguém que queira trabalhar em tempo parcial. Interessa?

- Terei que perguntar a mamãe.

- Chama a sua mãe e lhe pergunte se pode começar hoje mesmo.

- Não temos telefone, e não sei se me deixará aceitar um trabalho. Como farei para ir e vir de casa?

- Eu a levaria depois do trabalho.

- É que vivo no Insko.

- Conduzo depressa. Quanto quer por hora? Falo de seu salário.

- Não sei.

- Venha, Pearl. Trabalhará de vendedora.

Pagam-me cinqüenta centavos a hora como baba para os meninos dos Bloomer.

- Não está mau. Acredito que terei que

melhorar a oferta da senhora Bloomer.

- O que lhe parece um dólar a hora? - Pearl desvia o olhar. Dá-lhe vergonha falar de dinheiro.

- Só um dólar? Hummm. Que tal três dólares a hora?

- Muito obrigado, senhorita Ave! - exclama Pearl, com os olhos cheios de lágrimas. - Posso começar amanhã? - A vi muito mais erguida, e juraria que cresceu um par de centímetros.

- É obvio que sim.

Fleeta espera que Pearl saia da farmácia, e acende outro cigarro.

- Por que demônio contratou a essa garota?

- Gosto dela.

- Não sabe cuidar-se.

- Já a ouviu. Vive no Insko.

- Não me importa. Não é uma desculpa.

- Surpreende-me, Fleeta. Acreditava que podia ver o potencial.

- Carinho, há potencial, e panaquices. Acredito que seu caso é o segundo, não sei se me entende.

Fleeta passa o espanador pela prateleira das vitaminas, e arruma caixas.

- O que quero dizer é que poderíamos transformar Pearl em uma magnífica empregada se

uma professora a ensinar.

- Não quero trabalhar nunca mais. - Fleeta acende um cigarro e reflete durante um momento. - Mas se estiver disposta a atirar pela amurada tudo o que tenho feito aqui, acredito que terei que reconsiderar minha posição. De acordo, trabalharei para você em tempo parcial.

Estou tão entusiasmada que abraço Fleeta, e ela fica rígida como um poste. Nunca a abracei antes; nós duas estamos surpreendidas.

- Três dias por semana e cinqüenta centavos mais a hora.

- Trato feito.

- O que?

- Você não é Haystacks Calhoun.

- Não, suponho que não. Mas dependendo das circunstâncias poderia ate ser. - Fleeta ri.

Pearl se apresenta ao trabalho no dia seguinte com suas melhores roupas: um Top e calças combinando. Leva o cabelo recolhido em um rabo-de-cavalo. Esta muito arrumada, mas isso não impede que Fleeta a olhe de cima abaixo. A vida trabalhista do Pearl na farmácia começa com o transporte das caixas vazias. Fleeta e eu temos um sistema. Fleeta examina as caixas e etiqueta os produtos, eu me encarrego de esvaziar as caixas e as

levo para o lixo. Fleeta se ocupa de colocar os produtos nas vitrines porque satisfaz seu lado criativo. Olha a Pearl com maus olhos quando a garota coloca artisticamente os frascos de xampu na vitrine. Acho que é uma boa idéia ficarem separadas enquanto Pearl aprende o ofício; Fleeta é uma gata velha com seu território bem marcado e garras para defendê-lo. Pearl se aproxima de mim com um montão de idéias para que o transporte das caixas seja um processo mais rápido. A menina é preparada, e não me dá trabalho.

- Quero lhe agradecer pelo trabalho. Será uma grande ajuda para minha mãe e para mim.

- Alegra-me ter você aqui. Não se preocupe com a velha Fleeta. Parece muito má, mas por dentro é um encanto.

- Não é como Tayloe e as outras garotas do instituto. São malotes até a medula.

- Não faça conta.

- Eu tento, mas não é fácil se ocultar quando é a garota mais gorda do instituto.

- Não é a garota mais gorda da escola.

- Claro que sim.

- Não, você é a garota com o melhor trabalho quando sai de classe. - Isto consegue que Pearl ria enquanto atiramos as caixas ao lixo. - Além disso,

essa classe de garotas fala mal de todo o mundo. Inclusive de suas companheiras.

- Sabe o que dizem de você?

- De mim? Por que foram falar de mim? - Diz que você é uma bastarda, que Fred Mulligan não era seu pai.

- Dizem isso?

Pearl assente. Sou uma ingênua. Acreditava que ninguémalaria de mim dessa maneira. Nunca fiz intrigas de ninguém, assim eu pensava que ninguém fazia sobre mim. Mas em uma cidade pequena uma boa história merece repetir-se, inclusive a minha.

- Pois para que saiba Pearl, têm razão.

- Tenho?

- Sim. Acredito que minha mãe veio grávida da Itália e que Fred Mulligan se casou com ela só porque naqueles tempos tinha que se casar se fosse ter um bebê. O único problema é que minha mãe não me disse isso: deixou-me escrito isso em uma carta que me entregaram quando faleceu.

- Não está furiosa?

Suponho que me distraí durante um bom momento, porque Pearl me repete a pergunta. Não sei o que lhe responder, porque não é meu estilo se zangar seja o que seja.

- Se eu estivesse em seu lugar, estaria furiosa.

- Sério?

- Sua mãe nunca devia ter mentido sobre seu pai.

- Mas fez e agora já não se pode fazer nada mais.

Então Pearl me formula a pergunta que mudará minha vida para sempre.

- Irá procurar a seu verdadeiro pai?

- O meu pai verdadeiro? - replico em voz baixa. A palavra «verdadeiro» me soa nova.

- Se estiver vivo, irá buscá-lo?

Quem tem tempo para pensar no Mario Schilpario? Estou ocupada. Tenho a farmácia, a partilha, a equipe de resgate, o teatro e o beijo.

- Vai se casar com o senhor Tipton?

- Não me diga que também estão falando disso. Sim, estão.

- Pearl, não acredito que seja assunto de ninguém saber com quem me caso quem era meu pai, ou qual é minha roupa interior.

- Bem dito. Agora está furiosa! - diz Pearl, muito orgulhosa. Tem razão. Estou furiosa. Mas o que ela não sabe, e eu tampouco, é que esse é só o começo.

O salão de beleza de Ethel Bartee funciona

em uma casa atrás da agência de correios. Tomo o beco atrás da farmácia e encurto o caminho através da zona de carga para chegar ao negócio de Ethel. É muito bem arrumada a casa, com suportes de vasos de gerânios vermelhos nas janelas. As pontas de minha trança parecem palha seca; necessito um corte de cabelo. Um frasco de xampu rosa segura a porta aberta. Ethel está penteando a Iva Lou.

- Pode me atender para um corte rápido? - pergunto com minha voz mais doce.

Ethel, que é uma mulher gorda com um fantástico penteado borbulha que faz jogo com sua figura, me olha por cima dos bifocais enquanto acaba de pôr o último rolo de plástico em Iva Lou.

- Suponho que sim - responde, zangada. - Deveria ter marcado.

- Sim, eu deveria ter feito isso. Mas sabe que sou dessas que nunca dizem que não. - Ethel me observa com olhar crítico. - Sobretudo a alguém que necessita com urgência que lhe cortem o cabelo. Terá que esperar porque tenho outros dois penteados antes que possa me ocupar de você. - Aponta a dois clientes que estão nos secadores.

- Esperarei.

- Vou me sentar lá fora e deixarei que se seque ao sol, carinho - intervém Iva Lou,

levantando-se. - Economizará gastos de eletricidade. - Iva Lou me faz um gesto com a cabeça cheia de cachos, para me indicar que me reúna com ela no exterior. - Ethel está uma chata. - Acende um cigarro. - Estou inteirada - acrescenta, me olhando aos olhos.

- É que todo mundo não fala de outra coisa?

- Deixe que lhe explique isso. Fiz seis paradas no Gap. Era o único tema de conversa. - Iva Lou assinala a casa com o cigarro. - Essas duas cacatuas que estão nos secadores se puseram loucas falando de você.

Por um momento me sinto afligida. Acreditava que minha paternidade era meu assunto. Apóio-me nos degraus e fecho os olhos.

- Sabe? - diz Iva Lou com um tom alegre. - Acredito que é algo fantástico.

- Você acredita?

- Siga meu raciocínio. Toda sua vida foi uma coisa. Agora pode ser outra coisa se quiser! Alguém muito diferente. Pode começar outra vez do zero. Transformar-se no que sempre quis ser!

Iva Lou continua com seu bate-papo para me elevar a moral, e eu me sento e me volto um pouco para olhar a parte de trás da farmácia. O edifício tem pior aspecto do que se acreditava visto daqui. O

morteiro entre os tijolos se desfez, e se vêem os ocos. Têm um aspecto horrível. Terei que providenciar o reparo de toda a parede. Mas me zango. Não teria que me ocupar da reparação; tinha uma garantia de toda vida.

A última apresentação ao ar livre marca o começo da temporada de futebol americano do instituto de Powell Valley. Minha vida teatral entra em um período de letargia. Theodore, que é o responsável por preparar e dirigir os espetáculos que amenizam os descansos. O público é tão exigente com os espetáculos como com as partidas. Todos os anos se perguntam se Theodore conseguirá superar-se a si mesmo, e o consegue. As lojas do centro estão enfeitadas com as cores da equipe local: azul brilhante e vermelho rubi. Zackie coloca na calçada diante de sua loja um boneco de mais de dois metros de altura, pintado de cor prata, representando um viking, para que todos os que atravessam a cidade saibam que somos «os vikings, os capitalistas, muito poderosos vikings».

Nellie Goodloe conseguiu finalmente reunir-se com Theodore para transmitir a importância da visita da Elizabeth Taylor e John Warner prevista para finais de outubro. Todos os olhares estarão postos em nós para que organizemos um fim de

semana memorável. Apalpa-se a excitação no ar, posto que estamos no outono, a melhor de nossas estações. As montanhas a nosso redor passam de um veludo escuro a um tafetá brilhante. As folhas de finais de setembro são de uma cor verde brilhante; para a primeira semana de outubro serão como pedras preciosas, granada e topázio com toda a gama de vermelhos. As montanhas parecem estar iluminadas do chão com as lamparinas. O outono é nossa grande obra sinfônica. Inclusive cheira bem nesta época do ano, um cheiro de bálsamo, nogueira e baunilha. As noites das sextas-feiras são noites de jogos de futebol americano, e os sábados de noite todos vão ao Fold da família Carter.

O Fold é famoso porque os criadores da música bluegrass ao estilo do East Tennessee são a legendária família Carter, dirigida por mamãe Maybelle Carter. Tem um montão de filhas, uma mais bonita que a outra incluída June Carter, que está casada com Johnny Cash. Sim, é sua casa e um ponto de encontro para os grandes do bluegrass (como os extraordinários Stanely Brothers do Dickenson County), e de vez em quando alguém famoso da família Carter se deixa cair pelo lugar, embora essa não seja a razão pela que vamos ali. Vamos pela música e o baile. Também se pode

comer: salsichas e batatas fritas, as melhores do mundo. Estou acostumada a ir com Theodore; desde que não nos deitamos juntos, vemo-nos mais que antes. Já passou meu arrebatamento de luxúria, assim que ele está seguro e eu voltei para a normalidade.

Entramos no Fold, um celeiro velho com os flancos de lona, que se levantam para deixar passo ao ar noturno. O Fold é como um anfiteatro cigano; dá a sensação de que o podem desmontar e levar-lhe rapidamente em qualquer momento; certamente, se passas por ali de dia, pode-o confundir com qualquer outro velho celeiro em um campo. Mas de noite volta para a vida. As pessoas se sentam em fileiras em bolas de palha ao redor da pista de cimento. O cenário está muito alto e contra uma parede, com uma instalação elétrica permanente que se utiliza quando a emissora WNVA transmite ao vivo. Uma colorida e curiosa mescla de luminárias chinesas e velhas luzes de Natal penduram por cima do cenário. Eu adoro a mescla; é algo muito caseiro, mas impressiona. Desfruto com a maravilhosa vista até que escuto a voz de minha tia Alice Lambert. Volto-me para olhá-la e descubro que está muito ocupada observando Theodore dos pés a cabeça. Aperta

tanto os lábios, que parecem dois petardos vermelhos que esperam um fósforo.

- Assim, Ava Maria - ela também pronuncia mal meu nome, - finalmente se sabe.

- O que? - pergunto, com os olhos entreabertos para me proteger do resplendor das luzes.

- A verdade. Já sabe de que estou falando, menina. - Nunca imaginei que a tia Alice pudesse me abordar para falar do tema.

Ela se dá conta de que me pegou despreparada e se aproveita.

- Isto muda tudo, não? - diz com um tom azedo. - A herança de meu irmão.

- Seu irmão morreu faz treze anos e deixou tudo a minha mãe. - O digo com um tom amável, como quem comenta o tempo.

- Não está bem. Não é sua filha. Nunca foi...

Antes que possa dizer algo mais, a olho diretamente aos olhos.

- Não penso discutir meus assuntos contigo. Nunca. Assim se me perdoa, vim aqui para estar com meus amigos e me divertir um momento. Boa noite.

Leio em seus lábios que acaba de exclamar um palavrão enquanto me afasto. Tive tempo para

pensar no que disse Pearl e o que insinuou Iva Lou. Suponho que alguns tinham muito claro que eu não era a filha do Fred Mulligan, mas para mim foi algo que nunca pus em dúvida. Parecia meu pai verdadeiro. É obvio, eu gostava mais de minha mãe, queria-a mais, mas pensava que era porque era filha única. Imaginava que todos os filhos querem mais à mãe que ao pai. Entretanto, tampouco me escapava que havia algo estranho. Lembro dos sussurros nas reuniões familiares, o fato de que meus primos irmãos nunca jogassem comigo, as brincadeiras na escola sobre meu nome (um som estrangeiro). Mas nunca liguei os fatos. Confio em averiguar por que não o fiz. Estou furiosa comigo mesma por ser tão idiota.

Otto e Worley se reúnem conosco.

- Quer ver minha cabeça de serpente? - pergunta Worley. Antes que possa lhe responder que não, saca um frasco pequeno do bolso traseiro da calça, e me mostra uma cabeça de serpente fresca, que flutua sem rumo, com um sorriso permanente e uma língua como um fio, que golpeia contra o cristal. - Tenho três mais em casa. Pequei-as todas no Roaring Branch.

- Por que esta teve que ser decapitada?

- Porque tinha a língua mais larga. - Worley

se põe a rir como um enlouquecido.

- Quer dançar comigo, miss Ave? - pergunta-me Otto, como um cavalheiro.

- Mais tarde, Otto. Agora tenho que resolver uns assuntos.

Otto e Worley se afastam ao ritmo da música. Theodore vai procurar as salsichas. Lew Eisenberg está sentado sozinho em uma bola de palha, muito ocupado em comer uma bola de sorvete de amora.

- Tenho que dar uma bronca - digo-lhe.

- Não conseguirá que me sinta pior do que já estou. Estou eu aqui em um estábulo com um montão de palha metido no meu traseiro. O que posso fazer por você? -acrescenta com um tom amável.

- Todo mundo nessa cidade sabe de meus assuntos. Acredito que é Inez quem esta contando.

Lew lambe o sorvete e olha para o mostrador das salsichas, onde Inez se encarrega de pôr as salsichas na churrasqueira. Fala a mil por hora; daqui só podemos ver como se movem seus lábios rosa brilhante. Parece furiosa, as sobrancelhas formam uma nuvem negra. Vejo o que a espantosa tia Alice está com ela, junto com outras senhoras do Clube de Admiradores da Banda. O epicentro da fofoca rasga as bolsas de pães-doces e as sacode

sobre o mostrador.

- O que aconteceu com minha vida? - replica Lew, com outra lambida ao sorvete. - Era tão feliz em Long Island! Sozinho. Absolutamente sozinho. Tinha uma clientela pequena, um apartamento pequeno, meus problemas pequenos. Eu gosto das coisas pequenas, Ave Maria. Posso-me ocultar nas coisas pequenas. Em troca, tenho isso. - Agita os braços. - Eu passo acordado a maioria das noites e me pergunto o que saiu errado.

- Não sei o que dizer Lew. - A verdade é que não sei. Normalmente, não falamos de coisas pessoais como agora, isso me faz sentir um tanto incômoda.

- Um engano. - Acredito que Lew se refere ao embaraço não desejado de Inez. - Um engano é isso. Inez era uma moça agradável e discreta. Tão adorável... Tão suave... Como um quadro. Agora é algo impossível. Quando não fala, come, mas a questão é que sua boca não para as vinte e quatro horas do dia.

- Tem que lembrar e recordar acima de tudo por que se apaixonou por Inez.

- Tinha um corpo extraordinário. - Pensa um momento. - Tinha um corpo como um desses carros esportivos ingleses: esbelto, forte, pequeno. Era o

TR-6 do Big Stone. Poderia ter saído nas revistas. - Lew me olha. - Está muito mal agora - Exala um suspiro. É óbvio que lembra muito menos à velha Inez.

- Então olhamos a Inez, que não tem nem a menor idéia de que estamos falando dela. As fofoqueiras nunca acreditam que alguém possa estar falando delas. - Acredita que ela sabe como você se sente? - Não posso dizer nem meia palavra do que passou pela cabeça dessa mulher durante os últimos cinco anos. Conheceria muitíssimo mais a qualquer estranho. - Sussurra.

- Estou segura de que ela sabe. Possivelmente seja essa a razão pela qual come tanto. - Estou zangada comigo mesma por ter deixado que Lew me leve por esse caminho; isto não é o que queria discutir com ele.

- Do que queria me falar?

Não respondo por que só o que vejo são apaixonados na pista de baile. Fleeta e Portly se beijam como se estivessem cem anos separados. Garotas que foram minhas companheiras de instituto estão na pista, dançando bem apertadas a seus maridos, com os quais estão casadas desde criança. Parecem felizes (para que depois digam aquilo de «não te case jovem»). Rick Harmon, um

tipo curtido que é mineiro, põe a mão no traseiro de sua esposa Sherry enquanto dançam. Ela a afasta sem lhe dar importância, e riem compartilhando uma brincadeira íntima. Worley dança com Nellie Goodloe, que aparta o frasco com a cabeça de serpente com um olhar de asco. Procuro por Theodore com o olhar. Quero dançar. Quero estar na pista, e me esquecer de tudo enquanto flutuo entre seus braços. Mas não o encontro entre a multidão. Acredito que possivelmente saiu a dar um passeio pelo campo e seguiu caminhando, com a intenção de não voltar nunca mais. Desaparecerá como todo o resto. Meu coração começa a pulsar de uma maneira que não recordava desde uma vez no Saint Mary que passei a noite em claro, graças a não sei quantas cafeteiras. Apoio uma mão no peito e a olho. A mão sobe e baixa contra minha blusa.

- Está bem?

- Não me sinto bem.

- Quais são os sintomas?

- O coração vai a mil. - Mantenho a mão sobre o peito, e os batimentos do coração diminuem tão rápido como vieram.

- É um ataque de angústia - opina Lew, e espanta com as mãos um mosquito que pousa nos óculos.

- Nunca tinha tido um antes.

- Bem-vinda ao clube. Assim que tem o primeiro, nunca sabe quando virá o seguinte. É algo que aparece com a idade.

- Não sou velha! - Já está aqui outra vez, a velha Ave Maria. Não sou velha! Não sou velha! Não sou velha!

- Não disse que seja velha. Disse maior.

As palpitações recuperam o ritmo normal. Pausa profundamente. Lembro as aulas de primeiros socorros. Respira oxigênio. Tudo o que possa.

- Quer dançar? - pergunta uma voz a minhas costas.

Por fim, Theodore! Não me deixou! Levanto-me. Mas não cheira a hortelã e maçãs. Esse é outro aroma: sândalo e lima. Agradável mas desconhecido.

- Quer dançar? - repete Jack Mac. Me segura a mão cortesmente.

Olho em busca de Theodore. Mas não está para me resgatar.

- Claro.

- Divirtam-se - diz Lew, e se despede me dizendo adeus com a mão como a um menino.

Jack Mac me segura a mão. Entramos na

pista e nos movemos para o centro. Aproxima-me e apóia uma mão em minha cintura. Move-se lentamente, sendo muito fácil o seguir. Parece muito mais alto que eu enquanto dançamos.

- Onde está Sweet Sue? - levou-se aos meninos para que visitem seu pai.

- Vive um pouco além do Coeburn, não?

Jack Mac assente.

- Recordo-o do instituto. Você também?

Jack Mac assente.

- Mike Tinsley era o melhor em tudo. Levava a jaqueta da universidade decorada como a de um general de quatro estrelas. Lembra-se? Campeão disto e daquilo.

- As coisas mudaram do instituto - anuncia Jack Mac, e desvia o olhar para que eu deixe de falar sobre Mike Tinsley. Acaso não sei que enganava Sue, que tem um gênio de mil demônios, e que ela tinha que ir refugiar se em casa de sua mãe a maioria dos fins de semana de sua vida de casada? Além disso, não sei que nenhum homem gosta que o comparem com o anterior? Jack Mac me aperta contra seu peito; sua bochecha descansa um pouco mais acima de minha orelha esquerda.

- Como está sua mãe? - pergunto-lhe.

Permanece calado durante uns segundos.

Aparta-se um pouco para me olhar. Olha-me nos olhos. Depois, volta a me apertar.

- A verdade é que agora mesmo não estava pensando em minha mãe.

Por todos os Santos, Ave Maria! Olhe que perguntar a um homem por sua mãe. Quem faz algo assim? É uma velha! Esqueceu de como se fala com um homem. Diga algo inteligente.

- Não poderíamos dançar e ficar calados? - acrescenta Jack Mac.

Concordo. Não fale, Ave Maria. Esse é um homem que prefere o silêncio. Está o pondo nervoso. Não se sinta obrigada a dizer nada gracioso. Não tem que entretê-lo. Se deixe levar. Escuta a música e dança. Limite-se a dançar. Nada mais.

Acaba a canção. Jack Mac me faz uma reverência muito formal como um duque.

- Muito obrigado, senhora - diz, e se vai.

Tenho a precaução de estacionar na parte de trás da casa de Theodore para não dar mais rumores. (Não basta que seja a solteirona da cidade, a bastarda da cidade e agora a puta da cidade, tudo na mesma pessoa.) depois de tudo, Theodore é um professor da escola pública do condado de Wise com uma reputação de ouro. Acendo as luzes. Seu

lar é singelo e limpo. Poderia ser a casa de qualquer outro professor do instituto, salvo pela complicada maquete instalada na mesa. A única pista de que se trata de uma mesa é a proximidade à cozinha. Theodore retirou todos os móveis. Transformou-o na oficina onde prepara as coreografias de suas obras.

Esta noite, ordenados meticulosamente em filas, há uma centena de soldadinhos de chumbo; representam a banda do instituto. Em uma mesa de centro tem um pequeno toca-discos e um par de alto-falantes. Os discos estão empilhados junto à mesa. Há discos da Sousa, clássicos, e do Green, o cantor de “rhythm and blues”. A mesa está coberta com papel parafinado. Theodore desenhou com giz o campo de futebol americano. Os figurinos se desdobram em linhas retas, em uma formação de estrela, que conduzem a três pequenas pirâmides de papel na linha das cinquenta jardas. As pirâmides são feitas de papel higiênico e a escala.

- Vai construir pirâmides?

- Os meninos da oficina é que vão construir.

Aquela garota, a Vernon, ficara encarregada dos adornos. Lembra dela? No ano passado construiu o globo gigante para o baile do instituto. «Pinta meu mundo. »

Como poderia esquecê-lo? Fui a acompanhante de Theodore. Não podia acreditar que finalmente assistisse a um baile de promoção no instituto de Powell Valley. Nunca me convidaram quando era estudante. Dançar debaixo das estrelas de papel de alumínio dezesseis anos mais tarde foi uma deliciosa retribuição.

- Quem as carregará no campo?

- As porta-bandeiras. Duas debaixo de cada pirâmide.

- As porta-bandeiras? Está de brincadeira?

- São feitas de papel. Leves como uma pluma.

- Fantástico! Algum blecaute? Há uma parte de concerto em cada um dos descansos, nos que a banda se coloca ante as tribunas dos aficionados locais e interpreta uma peça. Isto é algo tradicional, mas também pode ser aborrecido. Ocorreu a Theodore uma idéia para animar o espetáculo: no momento adequado, apagam-se as luzes do campo para que só se vejam nossas preciosas meninas malabaristas, com os bastões iluminados como tochas, que riscam rodas de fogo e desenham letras para formar palavras como «A ganhar» ou «Adiante».

- As porta-bandeiras levarão umas lanternas dentro das pirâmides. Utilizarei partes dos filmes de

Elizabeth Taylor. O primeiro será de Fogo de juventude. Enquanto a banda interpreta The Sandpiper, as luzes se apagarão pouco a pouco e se iluminarão as pirâmides. Logo, à medida que passamos à canção de amor da Cleópatra, Tayloe aparecerá por detrás da pirâmide central, vestida como Cleópatra, e fará manobras com o bastão de fogo.

Theodore move as peças por toda a mesa para me ensinar a coreografia. Depois apaga as luzes para que veja as pirâmides iluminadas. Produzem o efeito de estar ali, exatamente ali, no centro do Cairo.

- Acredito que é espetacular Theodore - afirmo de todo coração. - Deixará qualquer estrela de cinema encantada.

- Você acha? - Theodore move as madeiras com uma régua.

Compartilho por um momento o peso da enorme responsabilidade que cai sobre seus ombros.

- É provável que Elizabeth Taylor tenha recebido mais comemorações que todos os presidentes juntos. Viu-os todos, e em um milhão de países diferentes! Estou segura de que vai chorar ou algo assim quando ver o espetáculo que lhe

montaram no velho e pequeno Big Stone Gap. Será famoso!

Theodore se entusiasma ante a menção da fama. Quem de nós não o faria? Que idéia tão maravilhosa: que lhe apreciem e lhe busquem pelo talento que te deu Deus. Ser tido e consultado como um perito em seu campo. Desfrutar da admiração e o respeito que normalmente se reserva para as estrelas de cinema.

- Não quero ser famoso, Ave. Só quero ser bom, muito bom.

- Já o é! - Não me custa nada me mostrar apaixonada quando se trata de Theodore. Acredito nele com convicção.

Theodore move uma fila de soldados e transforma a estrela em um triângulo. Observo-o enquanto cria novas figuras com grande mestria e estuda a maquete como se fosse uma equação algébrica. Theodore adora seu trabalho. Está sempre pensando em coisas novas, em melhorar as coisas. Assim era minha mãe. Nunca estava satisfeita com a costura. Desfazia tanto ou mais do que fazia. Tinha um nível de exigência, um orgulho em seu trabalho que nunca tinha visto em outras pessoas. Era muito dura consigo mesma. Enquanto costurava, não deixava de falar quase sempre para si mesma,

criticando seu trabalho, para depois murmurar satisfeita e sorrir quando o fio se unia ao tecido em uns gloriosos pontos diminutos e uniforme, tão delicadas que desapareciam na trama. Aquele era o momento cúpula do trabalho de minha mãe. Para ser perfeita, a costura tinha que desaparecer. O efeito geral do objeto terminado era importante. A linha. A queda. O movimento. Seu trabalho nunca se notava, assim não era reconhecido.

Não sou uma artesã como minha mãe ou uma visionária como Theodore. Sou uma farmacêutica que conta pílulas. Só sigo as receitas dos médicos; nem sequer faço diagnóstico. Meu trabalho não se ocupa da expansão, mas sim da precisão. Possivelmente é por isso que Theodore necessita de minha contribuição, nos detalhes.

- Para levar adiante esse espetáculo, necessitará uma equipe nos laterais. Posso conseguir pessoas do teatro para que o ajudem. Encarrego-me de reunir uma equipe, e você poderá nos dar ordens.

- Faria isso por mim?

- obvio que sim. Agora, você tudo o que tem que fazer para me agradecer por isso é deitar comigo.

Theodore e eu começamos a rir com tanta

vontade que sacudimos a mesa e os soldadinhos de chumbo desabaram e rolaram sobre o papel como as vítimas de um combate. Continuamos rindo até que nos saltam as lágrimas, e me pergunto que dirão os vizinhos. Que aborrecida seria minha vida sem o Theodore. Pergunto-me se ele sabe.

Dou ao Pearl uma semana livre para que se prepare para seus exames finais, uma versão menor das provas de seletividade para ingressar no colégio. Desde que trabalha para mim, as notas de Pearl subiram muito bem. Dillard Cantrell, o conselheiro do instituto, me chamou para agradecer. Possivelmente no próximo curso chegue a figurar na lista de sobressalentes. As garotas como Pearl são as que a maioria das vezes fracassam, e me diz que seria uma grande satisfação pessoal ver que uma montanhesa supera as expectativas.

Fleeta tem o dia livre, e eu estou sozinha a cargo da farmácia. June Walker, a mulher com mais rugas de toda a cidade, está-me deixando louca com tantas perguntas sobre os cremes faciais.

- June, terá que esperar que Pearl venha do instituto. Sabe tudo sobre os cremes hidratantes.

- Mas estou com muita pressa, estou em uma situação de emergência.

A caminhonete da biblioteca ambulante se

detém diante da farmácia. Pearl desce do veículo. Iva Lou me saúda do guichê e me indica com um gesto que irá estacionar no posto de gasolina. (As coisas devem estar pegando fogo com o Kent Vanhook, porque sua praça de estacionamento habitual está vazia.) Pearl entra na farmácia. Cortou o cabelo muito curto e veste um vestido muito bonito. É possível que use um cinto largo? Sim, usa! Não a vi há pouco mais de uma semana. Muita diferença. Perdeu peso! Tanto que se nota! Estou a ponto de exigir que me conte sobre tudo agora mesmo quando June se adianta.

- Pearl Grimes, está mais magra. Como o conseguiu?

- Estou freqüentando os Vigilantes do Peso e como muita gelatina.

- Não acredito. Vou comer uma tonelada de gelatina quem sabe consigo emagrecer um pouco. Agora escuta jovem, tenho umas rugas que você poderia cair dentro. Qual de todos esses cremes acredita que devo usar durante a noite?

- Recomendo a máscara de pepino Queen Helene. É espessa, mas penetra muito bem. Além disso, embora custe um pouco mais, rende muito.

Pearl leva June Walker até o pequeno mostrador que montou por sua conta. Observo

como Pearl a perita, prova. Toda uma variedade de cremes na mão de June. Que vendedora. Possivelmente o senhor Cantrell tem razão. A garota tem futuro, e não está no Insko.

O agradável som das campainhas da porta anuncia a entrada de outro cliente.

- Boa tarde, pastor.

- Boa tarde, senhorita Mulligan.

O pastor Elmo Gaspar, reverendo de nossa Igreja de Deus no Nome do Jesus Cristo e caçador de serpentes, detêm-se diante do mostrador das receitas e começa a procurar em todos os bolsos do traje.

- Pastor, é você o homem mais desorganizado de todo o sudoeste da Virginia.

- Ave Maria, sei que sou um desastre. Mas já sabe que não há perfeição nesse mundo, só no próximo.

- Diz você a verdade, reverendo! - grita June com o rosto lubrificado de creme.

O pastor ri e se recorda a parte alegre de seu caráter. Quando era pequena, reuníamos-nos todas as sextas-feiras pela manhã na sala de atos da escola primária. O orador sempre era um ministro de alguma das igrejas locais. É obvio, à medida que nós crescíamos aquilo nos aborrecia. Mas quando

éramos pequenos, nós adorávamos todas aquelas histórias bíblicas de sangue e fogo, relatadas com paixão e zelo pelo protestante da semana. Os protestantes se alternavam até que numa semana houve um cancelamento e não encontraram a nenhum pregador disponível, assim que a substituição correspondeu por acidente ao único sacerdote católico da zona. Os meninos da escola se burlavam de minha religião, diziam que os católicos bebiam sangue em nossos serviços religiosos e adorávamos estátuas. Os meninos estavam convencidos de que o sacerdote teria chifres e a pele verde. Tiveram uma terrível decepção quando o pai Rausch, um homem amável com o cabelo talhado, trouxe umas marionetes e representou a parábola do filho pródigo; não era precisamente o que se chama um incendiário. Quase desejei que meu sacerdote tivesse um pouco de demônio, por razões teatrais. Queria que os católicos tivessem algo impressionante. Não podia ter explicado os estigmas ou as estátuas que choravam lágrimas de sangue? Mas não foi assim. Não tínhamos nada disso. Os protestantes sim.

Os protestantes sabiam que a questão era vender o produto (sempre existiu uma feroz, embora tácita, rivalidade entre as diversas seitas),

assim vinham preparados, dispostos a transformar com áudios-visuais, panfletos e canções. Quando vinha o pregador Gaspar, projetava-nos um filme sobre como era o céu. A sala de estar do palácio do céu era feita de mármore rosa e dourado, e umas pessoas jovens e belas vestidas com túnicas etéreas permaneciam reclinadas em assentos de pedra com os olhares postos em uma luz brilhante que entrava pelo teto aberto. A luz era Deus e fazia uma visita às pessoas que ocupavam uma das muitas salas que tinha preparado para nós. Depois o pregador Gaspar nos mostrava o inferno. Havia pessoas amontoadas umas em cima das outras como sardinhas, submetidas às mais terríveis tortura, com os pés de uns esmagando a cara dos outros, com as mãos estendidas, que suplicavam piedade, que os liberassem da tortura, chiando os dentes e gemendo de horror. O pregador Gaspar deixava a imagem fixa durante muito tempo enquanto pronunciava seu sermão diante da tela, em seu intento por expulsar o pecado de nossas almas. Conseguia-o, porque quando acabava o filme a maioria de nós chorávamos a lágrima viva. Depois de nos enxugar as lágrimas e de jurar que nunca mentiríamos, roubaríamos ou extorquiríamos a ninguém, cantávamos algum hino.

- Pastor, recorda aquela canção que nos ensinou quando era uma menina?

- Senhorita Mulligan, não segue sendo você uma menina? - replica com uma piscada pícara.

- Terá que responder ante Deus por mentir. - Cantarolo uma parte da música, e depois canto com minha voz mais desafinada: - «A Bíblia. Sim, é o livro para mim. Estou sozinha com a palavra de Deus! A Bíblia!».

- Muito bem. - O pastor parece muito feliz com minha serenata e aliviado de ter encontrado a receita no bolso.

Olho a receita e a prendo com um clipe no mostrador. É do doutor Daugherty: um antídoto para o veneno das serpentes de cascavel. Sempre tenho uma reserva; depois de tudo, estamos na temporada de caça, e de vez em quando algum dos homens acabava mordido.

- Vai caçar pastor? - Não, não. Temos uma reunião no Frog Level. Tenho que pregar e utilizarei as serpentes. Prometi ao doutor Daugherty que teria o antídoto à mão.

O pastor faz números com as serpentes desde que era muito jovem. Corre uma história de que uma vez trabalhou com três serpentes de uma vez e conseguiu que dormissem. Enfeitiçar às serpentes é

algo que se menciona no Antigo Testamento. É uma maneira que têm os crentes para demonstrar sua fé em Deus; se acreditarem de verdade, Deus não permitirá que os remoa. Ao pregar, Gaspar deve ser um crente muito sincero porque nunca o morderam em todos esses anos. Olha-me e sorri. Tem uma expressão beatífica, há um pouco de santo nesse homem que ronda os setenta, mas que tem o rosto sem uma ruga. Ainda conserva todos os dentes, retos e brancos. Perdeu sua cabeleira negra e indômita, mas a calva é suave e rosada, um claro sinal de sua boa saúde. Seus olhos azuis brilham com uma sabedoria e um humor que só pode provir de uma serena e íntima relação com Deus. Não há nenhuma pretensão nele; é uma pessoa legal, bondosa até a medula.

- Vá com muito cuidado, reverendo.

- Claro claro. - vira-se disposto a partir, mas depois me olha. - Senhorita Ave, recorda o resto da canção que lhe ensinei? - Reverendo, embora me dê vergonha dizê-lo, não lembro.

- A palavra de Deus nunca nos abandona, nunca nos abandona, nunca nos abandona» - canta.

Pearl, June e eu cantamos o estribilho no coro.

- «A palavra de Deus nunca nos abandona.

Não, não, não!» O reverendo Gaspar ri enquanto sai da farmácia.

- Algum dia teria que ir vê-lo pregar - diz June, do mostrador da maquiagem. - É um dos maiores, isso eu garanto.

Taylor Slagle e suas meninas acrobatas entram. Conversam e riem o bastante alto para chamar a atenção, mas não tanto como para ser insolentes.

- O que posso fazer por vocês, garotas?

Amontoam-se ao redor do exibidor das revistas e não me respondem. Se Fleeta estivesse aqui, bateria nos seus dedos com o espanador por ler as revistas e não comprar. Eu o permito porque compram outras coisas.

- Já tem a máscara a prova de água? - pergunta Taylor.

- Não sei. Já a temos, Pearl?

Pearl continua lubrificando com creme de pepinos o rosto de June como quem encera um carro.

- Sim, senhorita. Recebemos a Great Lash.

- Estão vendo? Não é necessário que o busquem em outra parte, garotas. Tudo o que necessitam encontram aqui. Possivelmente terão que pedir a Pearl que lhes mostre toda nossa nova

linha de produtos de maquiagem. - Pearl me olha como dizendo: «Por favor, não me mencione. Se não disser meu nome, não se fixarão em mim. Desaparecerei no pote de máscara de pepino Queen Helene».

- Esta bem, senhorita Mulligan, mas deixe que lhe pergunte uma coisa. - Tayloe me olhe. Inclusive depois da escola, sem um pinga de maquiagem, inclusive iluminada por minhas sinistras luzes fluorescente, está linda. Adianta seu queixo perfeito. - Por que alguém como eu tem que aceitar conselhos de beleza de alguém como ela? As meninas secundam esta opinião com grandes gargalhadas. Tayloe agarra a revista People do exibidor e a folheia. Sua despreocupada crueldade me enfurece. De repente eu não gosto que alguém como ela toque nada de meu local.

- Deixa essa revista em seu lugar - ordeno-lhe com uma voz que me surpreende. - Nunca as compra.

Tayloe se apressa a deixar a revista. Olho para Pearl, cujos olhos não estão cheios de lágrimas, que não está vermelha de vergonha, que continua lubrificando o creme no rosto de June Walker com calma e decisão. Já não é um molho de nervos.

- Vou dizer algo a todas vocês, e me

escutarão. - Duas das meninas, uma ruiva que se parece com Farrah Fawcett e outra morena com os peitos de Jacklyn Smith, retrocedem para a porta, dispostas a escapar. - Vocês duas não vão a nenhuma parte. - As garotas se detêm bruscamente e se voltam para me olhar. - Estou farta de seus comentários insidiosos. É muito orgulhosa, Tayloe. Mas eu em seu lugar teria muito cuidado. Algum dia deixará de ser tão bonita como é, e todas as outras garotas, como Pearl, que não eram populares, serão as bonitas. Por quê? Porque tiveram que ganhar e, portanto, apreciam a beleza em todas suas formas. Você só conhece a beleza como algo que lhe deram não que tenha tido que ganhar. Portanto, não compreenderá o que se passa quando sua juventude se for, comece a ganhar quilos e apareçam as rugas. Terá pânico porque terão passado seus melhores dias. Em troca, Pearl estará em seus melhores dias. Por quê? Porque teve que fazer algo consigo mesma a partir do zero. Ninguém a ajudou. O melhor que teve foi um montão de presunçosas que se burlavam dela para sentirem-se importantes. Mas me acredite, essa classe de poder é veneno puro. Voltar-se-á contra você. Quando todas vocês tiverem a minha idade, serão as que terão inveja dela. Pearl conhecerá o grande poder de aceitar-se

tal como é e da verdadeira auto-estima, que não tem nada que ver com a tola vaidade de todas vocês. Ao final do dia, Pearl Grimes será tão formosa que não lhe servirão nem como felpudo.

Na farmácia reina um silêncio absoluto salvo pelo ranger do tamborete giratório onde está sentada June Walker, que se inclina sobre o espelho para olhar o rosto coberto de creme.

- É você muito estranha Ave Maria Mulligan - diz Tayloe.

Por fim, há alguém que pronuncia meu nome corretamente. Tayloe e seu séquito partem. Pearl continua com a demonstração.

Abandono o mostrador e vou até a porta para olhar às garotas que se afastam. Não sei como expressar exatamente o que sinto, mas por alguma razão me parece que me vejo quando tinha dezesseis anos. Sei que não sou eu a que está na rua, mas estou na imagem dessas garotas, que se vão parecendo cada vez menores à medida que se afastam até desaparecer. Pela primeira vez em minha vida sinto que o novelo que sou começa a desenrolar-se. Sou uma dessas pessoas que juram conhecer muito bem a si mesmas, que em qualquer situação se comportam sempre de uma maneira determinada. Nunca lhe grito às pessoas, nem faço

discursos. Quando as coisas ficam tensas, acostumo fazer alguma brincadeira, para que todo mundo se sinta mais a vontade. Mas algo, além de defender a Pearl, além de defender o que é justo, impulsionou-me a falar. De onde veio? De quem é esta voz que já não tentará mais evitar discussões, mas sim dirá a verdade? Não é a filha do Fred Mulligan. Acredito que é a do Mario Schilpario, meu pai, o homem da foto. Por que quis deixar de lado, pensar que estava morto esqueci completamente de sua existência? Mas de repente sei, e estou tão segura disso quanto estou aqui na soleira, que meu pai está vivo, que está bem e que devo encontrá-lo. Levo uma mão ao peito, à espera que chegue outro ataque de angústia, mas não acontece nada. A prática Ave Maria deve seguir. Eu. A solteirona farmacêutica da cidade que nunca vai a nenhuma parte sem o estojo de primeiro socorros de emergência. Eu. Tão responsável que leva duas rodas de estepe no jipe em lugar de uma. Eu. Que tenho dois seguros distintos contratados para tudo o que tenho, porque tenho medo de que uma das companhias se vá à bancarrota e me deixe sem um centavo depois de uma inundação. Eu. A garota que organizou sua vida com tanto cuidado para não ter que pedir nunca nada a ninguém. Tinha-a comigo. Quem quer que fosse! Não encha o

saco, Ave Maria! Está sozinha no mundo. Abandonaram-na. Deixa que sua fúria anime o trabalho que deve fazer. Se encontre. Encontre a seu pai! Saio da farmácia. Faço uma respiração muito profunda. Encaminho-me para a caminhonete da biblioteca ambulante. Tenho um trabalho para Iva Lou.

4

Reina o silêncio em minha sala de estar, salvo o som que fazem Theodore e Iva Lou ao passar as páginas enquanto lêem. Nunca tive Iva Lou em minha casa. Não sei por que. Quando minha mãe vivia, não convidava a muitos amigos. Minha mãe fazia seu trabalho de costureira em casa, assim sempre havia alguém que passava por aqui; possivelmente nunca nos ocorreu que podíamos convidá-los. Fred Mulligan detestava receber visitas. A mamãe atendia a seu último cliente antes que ele retornasse a casa. Inclusive depois de sua morte, ela continuou com o costume. Tinha tudo recolhido e guardado quando eu retornava a casa do trabalho. Aquilo deveu ser muito duro para ela. Era uma pessoa muito sociável. Mamãe adora pessoas. Para ela não havia estranhos. Depois de seu falecimento, não sei quantas pessoas vieram para me agradecer sua bondade: garotas, que agora eram mulheres, que tinham levado vestidos de festa de fim de curso que mamãe lhes tinha costurado de graça. Noivas que tinham necessitado trajes com um pouco mais de tecido na parte dianteira porque estavam grávidas e não queriam que lhes notasse

que começavam a ter barriga. Nunca se queixava; limitava-se a fazer os acertos.

Fred Mulligan, em troca, punha limites a tudo. Nunca fez nenhum amigo entre seus clientes. Acredito que a seu julgamento não podia obter nenhum proveito de um amigo, assim simplesmente não os fez. Ou possivelmente foi que ninguém quis ser seu amigo. Seja como for, a questão é que me parece perfeito e maravilhoso ter a Iva Lou e Theodore sentados em minha sala de estar, com seus pratos de bolo de queijo, rodeados de pilhas de livros, tudo conseguido graças a um pedido especial do Clinch Valley College, uma divisão da Universidade da Virginia no Wise. Iva Lou pôde tirar todos esses livros porque conhece os chefes da biblioteca universitária (compartilham o Sanka).

Põe-me um livro ante os olhos e me mostra uma foto panorâmica.

- Olhe, aqui está Bérghamo. É mais ou menos do tamanho de Big Stone Gap.

Olho atentamente a panorâmica da cidade natal de mamãe. Há uma fonte com anjos que dançam no centro da praça. Carros atirados por burros que levam gente. Piso pavimentado. Figueiras. Pequenas casas de pedra. Meninos.

Imagino a minha mãe ali quando era uma menina. Encaixa.

Theodore e Iva Lou partem ao redor da meia-noite. Recolho os pratos, apago as luzes e subo as escadas. Depois faço algo que não tenho feito desde que morreu minha mãe. Entro em seu quarto.

O quarto de minha mãe é singelo. Há uma cama de casal com uma colcha de algodão branco; na cabeceira pendura um pequeno crucifixo de madeira. Há uma cadeira de respaldo reto e uma cômoda na parede oposta à janela. A máquina de costurar está metida em um pequeno oco junto à janela. O armário é pequeno e o conteúdo está em ordem. Sento-me no bordo da cama e observo o quarto como se nunca tivesse estado. Estava acostumado a me deitar aqui com ela quando estava morrendo. Ocupava a seu lado o lugar que me correspondia legitimamente, porque eu era a única coisa que ela tinha. Quando era pequena e estava doente, ia procurar a mamãe, mas ela nunca me deitava na cama com meu pai. Sempre vinha a meu quarto no segundo piso e ficava comigo. Dizia-me que não queria incomodar, mas agora sei que não podia incomodá-lo. Sabia que não era dela, e embora pudesse me haver reclamado amorosamente, nunca o fez, e ela me mantinha

calada. Aquilo era algo que tinham combinado, e foi um pacto que durou enquanto viveram.

Minha mãe era uma leitora apaixonada. De vez em quando, comprava livros, mas geralmente os pedia emprestado na biblioteca ambulante, como eu faço. Adorava as novelas românticas. Histórias que tinham lugar em lugares remotos e em outras épocas. Historia com vestidos. Quando mamãe desenhava o vestuário para uma obra, estudava a época, desenhava os esboços e se ocupava de tudo. Também se ocupava de outras tarefas menos relacionadas com o teatro. Mamãe se encarregou de costurar todos os uniformes das animadoras. Costurou as saias para os bailes tradicionais, e os vestidos de festas de graduação, é obvio. Quando uma cliente queria um pouco complicado, minha mãe lhe dizia com seu acento italiano: «quanto mais singelo melhor. Singelo. “Singelo»”. Algumas vezes o conseguia, mas freqüentemente a escutava resmungar enquanto costurava lentejoulas e encaixes em vestidos que não necessitam tantas fanfarras. Muitas vezes, quando lhe traziam algum objeto para reformar ou arrumar, convencia a cliente da necessidade de pôr um forro de cetim vermelho a uma jaqueta, ou um forro de seda a uma saia. «Ninguém o verá, mas você saberá que está ali

e terá uma sensação maravilhosa», dizia-lhe. Minha mãe tinha gosto para as coisas mais finas, mas nunca teve uma vida para desfrutá-la. Vejo um livro no criado mudo. Na capa aparece a preciosa Gene Tierney. É um livro sobre o vestuário dos filmes da idade de ouro de Hollywood.

Mamãe sempre me levava para ver os filmes que punham no Trail Theater, ao lado mesmo do Zackie'S. Naquele tempo eu não sabia, mas Jim Roy Honeycutt, o proprietário do cinema, projetava filmes que tinham uma antigüidade de dez ou quinze anos. Nunca me preocupei de perguntar a minha mãe por que as pessoas que apareciam na tela usavam chapéus e penteados tão divertidos; eu aceitava e ficava quieta. Vários anos mais tarde descobri que o senhor Honeycutt economizava um montão de dinheiro alugando filmes velhos. Por isso me apaixonei pelos grandes atores dos anos trinta e quarenta: Clark Gable, William Powell, Spencer Tracy, Robert Taylor e especialmente do Joel McCrea. A mamãe adorava as atrizes, vestidas pelos grandes desenhistas: Edith Head, Adrian e Travis Banton. Lembro dos nomes porque mamãe sempre me mostrava isso nos créditos. Víamos os mesmos filmes uma e outra vez para que mamãe pudesse observar bem os vestidos. Depois os

discutíamos entre as duas para não passar por cima nenhum detalhe. Os filmes eram em branco e preto, mas mamãe sabia quando tinham usado fio de ouro de verdade nos babados de odalisca de Hedy Lamarr, ou visom autêntico no casaco da Rosalind Russell.

Minha mãe era uma grande beleza. Tinha o cabelo negro tão brilhante que parecia laqueado; o penteava de uma maneira muito singela, tudo jogado para trás e sujeito em um coque. Tinha a tez dourada; morreu sem que lhe fizesse uma ruga ou um pé de galinha. Seus olhos eram castanhos e as pálpebras grossas, como em uma pintura de Modigliani. Tinha o pescoço comprido igual aos dedos. Seus lábios eram carnudos e os dentes impecáveis; nunca se esquecia de ir ao dentista para a revisão anual e de me levar também. Seu nariz era régio, aquilino. A testa limpa insinuava nobreza; para mim era uma rainha. Mas sempre havia um olhar de profunda tristeza nos olhos de minha mãe, a saudade de estar em outra parte. Eu estava acostumada a lhe perguntar: «por que, mamãe, por que veio aqui?». Como se esse lugar fosse pior que um pântano, um lugar sem ar. Mas lhe encantavam as montanhas. As montanhas eram tudo para ela.

Supliquei-lhe que viajássemos a Itália depois

de falecer meu pai. Tínhamos algum tempo, e o mais importante, ele já não estava mais vivo. Estávamos livres, mas não conseguimos levar esta idéia adiante. Depois da morte de Fred, podíamos escutar Sergio Franchi a todo volume, mas seguíamos escutando-o baixinho para ouvir o ruído do carro quando entrava na garagem. Não queria nada italiano nesta casa, exceto a comida. Desfrutava muitíssimo com tudo o que mamãe cozinhava; de fato, era o único momento em que lhe víamos sorrir. Minha mãe utilizava só produtos frescos; as verduras as recolhia do horta; o azeite de oliva vinha de Nova Iorque. Meu pai inclusive tomava o café expresso. Comer o que lhe preparava era a única concessão as origens de minha mãe. Embora tinha estudado italiano no colégio, negava-se a falá-lo. Preferia que minha mãe falasse em inglês. Ela me ensinou o italiano, o dialeto de sua região; usávamos como uma linguagem secreta.

Ao verão seguinte a minha graduação no instituto, fomos a Monticello, a casa do Thomas Jefferson nos subúrbios do Charlottesville, Virginia. Incomodou-me muito que meu pai pronunciasse mal Monticello; transformou o «c» em uma «s» como se fora «Montisello». Corrigi-o, e ele se zangou tanto que me deu uma bofetada. Mas aquela

foi a última vez que me esbofeteou. A partir daquele momento me mantive longe de seu caminho. Renunciei. Depois também o fez mamãe. Durante anos tinha tentado me dar bem com ele, mas foi em vão. Quando o recordo, dou-me conta de que ela me tinha protegido de sua raiva. Construímos nosso mundo enquanto procurávamos mantê-lo o mais cômodo possível e sem alterá-lo. Nunca expressei o menor aborrecimento, frustração ou entusiasmo quando ele estava presente. Engolia tudo isso, e muito em breve se transformou em parte de meu caráter. Estava ali para entreter e divertir, nunca para desafiar ou aporrinhar. Quando estava a sós com minha mãe, podia manifestar meus sentimentos, mas então me sentia culpada. Por que incomodá-la? Minha mãe era católica. Podia ir a missa e me levar com ela, mas depois tínhamos que assistir ao serviço na igreja metodista em companhia de meu pai. A igreja católica local está a cargo de uma pequena ordem de pobres sacerdotes carpinteiros chamada Glenmary. Nem sequer tivemos uma igreja de verdade até há cinco anos; os sacerdotes estavam tão ocupados construindo igrejas nas zonas mais pobres, que sempre foram deixando a nosso para o final. Acabamos por construí-la, e nada fez mais feliz a minha mãe que

lhes dar um cheque por uma quantidade considerável quando morreu meu pai. Deu-lhes tanto dinheiro que acabaram de construir a igreja! Quando os metodistas, que tinham uma igreja muito grande, vieram buscar sua parte, minha mãe lhes fez uma doação pequena, com a desculpa de que tinham uma congregação muito numerosa e uma longa lista de doadores. Não partiram contentes com uma contribuição tão exígua, mas como eram bons cristãos, deixaram-no passar.

Mamãe e eu tentamos ser boas italianas depois da morte do Fred Mulligan. Queríamos recuperar essa parte de nós que tínhamos mantido oculta. Decidimos ir a Itália. Divertimo-nos muitíssimo com os preparativos. Informamo-nos, fizemos todos os acertos, compramos as passagens, e então, quando se aproximava a data, a mamãe entrou em pânico e disse que tinha medo de enjoar-se. Desesperou-se tanto que cancelei a viagem. Ao cabo de uns poucos dias, voltou a ser a de sempre. O episódio a tinha alterado tanto que nunca mais voltei a mencionar a possibilidade de fazer uma viagem. Em qualquer caso, já não teria podido ir. Diagnosticaram-lhe um câncer, e aquilo mudou nossas vidas para sempre.

Dou uma olhada em seu quarto e vejo que

tinha uma unidade de cada objeto: um abajur, uma cômoda, uma cadeira. Inclusive tinha um único casaco. Um bom par de sapatos. Um broche muito bonito. Uma filha. Uma de cada, mas só uma, como se quisesse evitar complicações. Vivia de acordo com sua própria filosofia. Se passas inadvertida possivelmente ele nos deixará ficar. Como se fosse só o que merecia! Minha mãe merecia muito mais! O melhor de tudo! Não há no mundo diamantes, rubis e ouro suficientes para minha mãe! Era uma mulher de muito caráter. Produz-me uma pena enorme saber que viveu uma vida em que não foi tratada bem.

Qualquer um acreditaria que depois de sua morte vim aqui para bisbilhotar entre suas coisas, mas não pude. Agora, em troca, estou atribuindo muita importância a esse quarto. Quero encontrar pistas. Descobrir o que ela queria de verdade. O que desejava. Tudo aquilo que a interessava em segredo. Olho todos os livros, ponho-os sobre a cama e começo a repassá-los. Um sobre o câncer de mama. Outro de cozinha regional italiana. A vida do Ingrid Bergman (nós duas adoramos biografias) e finalmente o Grande Lago e seus arredores.

Recolho o livro, apago a luz e saio do quarto. Nunca tenho medo nessa casa, mas nessa noite sinto

calafrios. Sinto uma necessidade premente. Levei uma vida de calado desespero (como o descreve meu autor favorito, Henry David Thoreau, no Walden), assim como minha mãe, e agora quero mudar. Enquanto passo pela sala de estar a caminho de meu dormitório, recolho um livrinho da pilha que deixou Iva Lou. Intitula-se Schilpario: uma vida nas montanhas. O cartão de empréstimos enganchado na contracapa diz: «Biblioteca de Arquitetura da Universidade da Virginia. NÃO “ARRANCAR»“. É óbvio que Iva Lou teve trabalho para me conseguir esses livros. Possivelmente terei que ser mais generosa e me decidir a comprar algumas das jóias do Sarah Coventry.

Deito-me, acendo o abajur da mesinha de noite e começo a olhar as fotos que ilustram o livro sobre o Schilpario. Os Alpes italianos são abruptos e com as cúpulas nevadas. Parece o triplo da altura das Montanhas Azuis, e muito mais perigosos, não têm nada de suave e maternal. As estradas são novas, mas estreitas. Há uma foto de um carro que passa por uma curva muito fechada. A um lado da estrada a ladeira é imensa. As casas se vêm apinhadas e estão pintadas de cores ocre. A rua principal conduz a uma noria. Na página seguinte, há uma foto da noria, um ponto de atração turística.

Em outros tempos, antes da eletricidade, a noria subministrava água potável e energia ao povo. Agora é uma peça de museu.

Virando a página encontro com a foto de algumas das autoridades. Estão formadas em fila. São todos homens, muito compostos e orgulhosos de seu pequeno povo. Dou uma olhada aos nomes no rodapé. Enquanto leio, olho a fila e me foco em um homem em particular que me chama a atenção. É a expressão de seu rosto. Vi-a em alguma parte, em meu espelho. Meu coração começa a pulsar como aquela noite no Fold. Abaixo a cabeça. Os botões do pijama se movem, mas dessa vez noto o ataque e escuto o bombeamento do sangue que passa por meu coração apertado pelo medo. Tento respirar profundamente, mas não consigo, assim pauso até onde posso sem forçar. Penso no Lew e em seu conselho de não me preocupar, que isto não é nada. Apoio as mãos no livro. Suam-me e caem umas manchas pequenas na cobertura. Limpo-as com o cobertor. Depois aproximo o abajur como se fosse um microscópio e apoio o livro aberto sobre os joelhos para que não se mova. Conto quatro nomes; o quarto homem é o que acredito conhecer. Passo o dedo pelos rostos e o desço em linha reta para encontrar o nome correspondente: Mario Barbari,

prefeito. Schilpario, 1961. -... Volto para a primeira página e comprovo a data de edição: 1962. Passaram muitos anos. Pego a foto de meu pai que levo comigo a todas as horas e comparo os rostos. Mario Barbari se vê muito pequeno na foto, mas verifico a forma do rosto, os olhos, as sobrancelhas. Tudo se parece muito ao jovem da foto que me deixou mamãe. É ele meu pai? Apenas posso esperar que chegue sexta-feira porque é o dia que vem Iva Lou com a biblioteca ambulante. Ia ligar a sua casa, mas não o fiz porque quero lhe falar pessoalmente da foto do Mario Schilpario. Não vejo a hora que chegue à cidade. Estou tão nervosa e excitada que pego o jipe e vou a sua primeira parada na zona do Cadet, ao sul da cidade, onde encontro a caminhonete estacionada a um lado da estrada. Iva Lou está sentada ao volante; entretém-se comendo uma bolacha. Grito-lhe do guichê:

- Está sozinha?

- Ainda não apareceu ninguém. Nem que estivéssemos no Natal.

Estaciono o carro junto à caminhonete e me sento com a Iva Lou.

- Acredito que o encontrei. Ao Mario.

- Deus bendito! - grita ela, e começa a dar saltos. A caminhonete se balança como um veleiro

em meio de uma tempestade.

- Cuidado, Iva. Acabaremos por cair.

- Carinho, não se preocupe. Esse carro não durará muito mais.

- Por que não? Acaso o condado está disposto a comprar uma caminhonete nova?

- Não. Mas Liz Taylor oferecerá um jantar de frango frito no Coach House quando vier aqui para arrecadar recursos para nossa própria biblioteca. Esta vez sim que poderia ser Ave. A grande ocasião.

Sinto. Por que me intranqüiliza tanto? É que tenho afeto a esta caminhonete cheia de livros?

- Sei que quer a esse traste, mas imagine uma biblioteca! Pensa em todos os livros que poderemos ter se ocupamos um edifício inteiro.

- Tem toda a razão. Sou uma egoísta.

- O estado diz que contribuirá com a mesma quantidade que ela arrecade. Posso contar com um par de reservas para o jantar?

- É obvio. Faltaria mais.

- Será divertido. Conseguiremos o Theodore e eu procurarei um acompanhante. Faz tempo que Lyle Makin anda detrás de mim, e possivelmente eu deixe que me alcance. É um bom tipo e tem um traje elegante. Mas, Deus, esqueça de tudo isto. Fale-me desse homem que poderia ser seu papai.

Abro o livro e lhe mostro a foto; Iva Lou toma algumas notas.

- Sanka?

Essa vez aceito o convite. Agarra uma bolsa de uma prateleira e me oferece uma bolacha de coco. Aceito-a e como sem pressa, enquanto falo com a Iva Lou da noite que encontrei a meu pai no livro. Escuta-me com muita atenção, sem perder nenhuma de minhas palavras.

Big Stone Gap não teve nunca um revôo como esse. Theodore não deixava de ensaiar o espetáculo do descanso; Nellie Goodloe encarregou-se da organização do jantar para arrecadar recursos para a biblioteca; eu escrevia várias cartas a diferentes escritórios governamentais na Itália, para solicitar informação sobre o Mario Barbari. É como se tivessem retirado as montanhas que nos rodeiam e nos descobrissem os habitantes de um universo muito maior. Isto é algo que nos emociona, mas que também nos preocupa. Há algo muito cômodo na vida que levamos até agora. Quem sou eu para alterá-la? Tenho que seguir atendendo as responsabilidades da farmácia, por muito que minha vida privada esteja passando por uma revolução. Estou repassando um envio do Dow, Fleeta se ocupa da caixa registradora e Pearl está

fazendo o inventário dos medicamentos quando soa o apito. Acaba-se a jornada nas minas; muito em breve a cidade se encherá com os homens que retornam a casa para jantar. Olho a meu pessoal enquanto atendo as receitas, e me sinto muito segura. Então o apito soa três vezes seguidas. Não é o apito que marca o final da jornada; é a chamada de emergência. Algo de ruim acaba de ocorrer na mina. Movemo-nos automaticamente. Fleeta me ajuda a tirar a bata branca e a pôr o colete da equipe de resgate. Pego o estojo de primeiros socorros. Ouço uma buzina - é Spec - e subo de um salto na ambulância. O apito volta a soar três vezes. Spec pisa fundo no acelerador.

Subimos pela ladeira em direção à mina. A estrada não está pavimentada; é puro cascalho; levantamos uma espessa nuvem de pó e a ambulância vai dando botes sobre as rodadas feitas pelos enormes caminhões que transportam o carvão. A fumaça que se vê no caminho de entrada é cinza e espesso, o que confirma minhas suspeitas de que se produziu um acidente.

O primeiro que fazemos é nos deter na casinha de controle, que está muito perto da boca da mina. É aqui onde cada mineiro, antes de começar o turno, deixa a placa com o nome. Leva outra

idêntica no cinturão, de forma que a companhia sabe onde está em cada momento. Há três placas penduradas no tabuleiro; só eles permanecem no interior: A.Johnson, R.Harmon e J.MacChesney. Contenho a respiração.

- Venha Ave, não temos todo o dia - diz Spec enquanto nos reunimos com as outras equipes de resgate.

Há quatro «buracos», ou entradas perfuradas na ladeira. Uma entrada leva os mineiros até seu lugar de trabalho; outra é para a cinta transportadora, que saca o carvão; as outras duas são das galerias de ventilação. Nas profundidades há uma grande concentração de gás metano e qualquer faísca pode provocar um incêndio. Não se permite fumar no interior, mas as bolsas de gás letal podem se acender sem prévio aviso. Os inspetores controlam os níveis de metano durante as vinte e quatro horas, mas os mineiros entram até oito quilômetros no interior da montanha: o perigo sempre está presente. À medida que nos aproximamos a fumaça é mais negra, ou seja, que a explosão ocorreu muito abaixo. As equipes de resgate das cidades mais próximas se reúnem conosco. Vejo veículos da Appalachia, Stonega, Norton, Coerbun e Wise.

Spec e eu esperamos ordens do supervisor da mina, que se comunica por radio com os sobreviventes. As macas se enchem rapidamente. A maioria é afetada por inalação de fumaça. Por sorte, a situação no interior não é muito preocupante. Há algo a nosso favor: essa é uma mina nova, e, portanto, a construção é moderna.

Dizem ao Spec e a mim que nos unamos à equipe da Stonega. Não vejo nada por culpa da fumaça, mas tampouco serviria de muito. O supervisor nos assinala em um plano o lugar da explosão; foi no terceiro nível, a uns oito quilômetros no interior da montanha.

Quando fiz o curso de preparação para a equipe de resgate junto com outros voluntários de todo o condado, percorremos o interior de uma mina de carvão. Lembro que me entusiasmei convencida de que seria como passar um dia no campo. Vestimo-nos como os mineiros: um macacão, botas de borracha até os joelhos, capacete e lanterna, cinturão onde se engancha a pilha da lanterna, placa de identificação e uma máscara que transforma o monóxido de carbono em dióxido em caso de explosão. Os mineiros têm que levar óculos protetores; todos os levam. Também se recomenda que levem uma máscara de tecido para reduzir a

inalação do polvilho de carvão, mas à maioria acha difícil comunicar-se e trabalhar com a máscara posta, e como quase todos não acreditam que a máscara lhes proteja os pulmões então eles não usam.

Eu tinha feito uma idéia romântica do interior, convencida de que seria como uma cripta dotada de uma beleza um tanto horripilante. Em troca, tudo resultou sinistro no momento em que entramos nos carrinhos. São uns veículos metálicos com aspecto de bandejas, com capacidade para umas dez pessoas. O teto da entrada é baixo, assim tem que ir deitado a maior parte da viagem; quando se trata de uma viagem até o mais profundo é incômodo e destroçam os nervos. A única pessoa que viaja sentada é o condutor; conduz a vagoneta com uma vara de madeira conectada ao teto. Não se conversa muito durante a viagem, mas sim se lançam muitos palavrões e se masca tabaco. Os homens mascam tabaco para manter a boca úmida, porque o ar é muito seco no interior da mina. A temperatura é de uns doze graus todo o ano.

Acreditava que o interior da mina seria negro, como a terra, e bem iluminado. Em troca, a principal fonte de luz são as lanternas dos capacetes, e as paredes são brancas. Depois de

extrair o carvão, os mineiros orvalham as paredes com pó de rocha branca que não é inflamável, e evita que em caso de incêndio a mina se converta em um forno alimentado por seu próprio carvão.

O guia nos explicou que cada vagoneta transporta a uma equipe de trabalho até uma zona determinada. Os avanços tecnológicos trouxeram a introdução de uma máquina chamada “o mineiro contínuo” que é a encarregada de tirar o carvão da parede. O grupo de trabalho está ali para carregar o carvão na cinta transportadora, uma vez extraído pela máquina. Depois de perfurar uma zona, uma equipe se encarrega de instalar vigas e tabiques de contenção que formam galerias e impedem que se desmoronem as paredes; continuando, aparece o colocador de pregos e sua equipe, que se ocupam de instalar uns pregos gigantesco no teto para permitir que os homens sigam cavando cada vez mais fundo e tirem mais carvão. O instalador de pregos tem um dos trabalhos mais perigosos; a maioria dos mineiros não morre como consequência das explosões, mas sim dos deslizamentos de rocha. O guia comentou que esses homens têm um ouvido muito fino, e que o mais leve rangido é um sinal para retirar aos homens imediatamente. Se houver um deslizamento grave, não se pode fazer grande

coisa salvo tentar desenterrar aos homens. Em uma explosão sempre fica a esperança de que possam arrastar-se pelas galerias até um lugar seguro, sempre e quando puderem ver o caminho entre a fumaça. A outra ameaça dos mineiros são as inundações. Um homem a quem chamam o bombeiro se ocupa de percorrer as galerias durante os turnos e bombear a água, já que não há maneira de antecipar onde brotará.

Lembro da sensação de sufoco enquanto a vagoneta entrava na mina, e o medo ao ver que o túnel se convertia em um rio negro interminável atrás de nós. As dimensões das galerias mudam constantemente. Algumas vezes parecem muito grandes, quase como cavernas, e depois a vagoneta avança por um túnel tão pequeno que alcanço a tocar as paredes com a mão. Em nenhum momento me pareceu que podia levantar a cabeça sem receber um golpe contra uma viga.

Por toda parte havia sinais do perigo que nos espreitava: medidores de níveis de gás que soam se houver uma emanção; máquinas programadas para entrar em funcionamento automaticamente que podiam acionar-se sem prévio aviso e ferir quem estivesse perto; e, é obvio pó. Nota-se na boca, e quando se respira é como se fumasse seu primeiro

cigarro. Ao princípio, é algo estranho e tenta resistir, mas acaba por esquecê-lo. O pó de carvão penetra nos poros da pele, invade os pulmões e acaba produzindo toda classe de enfermidades; o câncer é a mais importante, mas todas são enfermidades muito dolorosas e que provocam uma morte lenta. O que mais me chamou a atenção foi à ausência de ruídos. Reinava um silêncio sepulcral. É como estar enterrado vivo. Pergunto-me como resistem os homens que descem cada dia. Eu não poderia fazê-lo.

Os mineiros em geral são homens práticos. Conheço muitos que já não trabalham nas minas e que vivem das pensões de invalidez. Vêm à farmácia em busca de medicamentos, e acreditem, necessitam muitíssimos. Se não tiveram os pulmões destroçados, são as articulações esmigalhadas de tanto recolher, carregar, transportar e levantar carvão. Nós despojamos às montanhas do carvão, mas elas cobram o espólio em vidas humanas.

A mineração é uma tradição familiar; geralmente os filhos seguem a seus pais, e seus filhos seguirão a eles. Há algumas histórias de valentia incrível, e as lembro enquanto espero as instruções. Lá pelos anos trinta, Wesley Abingdon se transformou em um herói local quando em um

acidente montou em uma vagoneta, entrou na mina, carregou-a com as vítimas, levou-as a exterior e voltou a entrar em busca de mais. Naquele dia salvou a uns trinta; aqueles trinta contaram a história a trinta famílias, e estas a outras tantas. Ao Wesley o tiveram como um santo durante o resto de sua vida.

Faz um par de anos ocorreu um acidente que de tanto repeti-lo parece uma lenda local, mas fui testemunha presente, e juro que é absolutamente certa. Foi no final da primavera, e as montanhas estavam cobertas de um manto verde. Soaram os três assobios, e nos reunimos, como hoje, para ajudar no resgate. O supervisor tinha contado a todos menos a um: falta um mineiro jovem, Basil Tate. O problema com as explosões é que resulta muito difícil saber sua causa até depois que ocorrem, por isso é virtualmente impossível preveni-las. O fogo e a fumaça também são caprichosas, e um bom mineiro os leva em conta e sabe que tem que trabalhar com eles. A equipe de resgate estava analisando o procedimento para encontrar ao Basil, quando se ouviu um estrondo nas profundidades da mina, Começou suavemente, mas parecia aproximar-se da saída. Nunca esquecerei o que ocorreu depois. O estrondo se

transformou em um estalo. Rocha, carvão e fumaça saíram pela boca, e logo ouvimos um som como se desarmassem uma garrafa. Olhamos para o alto, e ali estava Basil Tate, voando pelo ar como uma bala humana. A explosão tinha criado uma borbulha ao redor do Basil. A seguir o fogo impulsionou a fumaça, a borbulha e ao Basil como um canhão. A multidão boquiaberta contemplou o espetáculo. Estava vivo? Seguimos ao corpo por uma colina e descemos pelo outro lado. Basil tinha aterrissado na borda de um arroio, em meio de um charco de lama. Tínhamos a certeza de que estava morto. Quando chegamos a seu lado, estava inconsciente, o corpo contorcido. Pela posição, era óbvio que tinha o pescoço quebrado e as pernas. Mas ainda tinha pulso, assim que o envolvemos em uma manta com muito cuidado e pedimos um helicóptero à Universidade da Virginia para que o levassem ao hospital. Basil esteve engessado durante dois anos, e agora atende a bilheteria do teatro. Todos o conhecem como o homem milagre.

O supervisor da mina, um tipo de cidade, que não é dessa região, me olha como dizendo: «O que faz aqui?». Spec se dá conta e lhe informa: «Está comigo».. Faço uma pergunta inteligente sobre a explosão. O tipo relaxa e decide que posso ficar e

dar uma mão. Ele também é um estrangeiro, mas aí se acaba qualquer semelhança entre nós. Seu porte e sua condescendência são um exemplo perfeito de por que os aldeãos não gostam dos homens da companhia. Aparecem por aqui se achando melhores.

Esta explosão não parece ser das piores. Ainda não se vê o fogo; a fumaça procede de uma greta perto da entrada da mina. O capataz tenta explicar a localização do nível três ao homem da companhia quando vejo o Jack Mac que sai engatinhando por um dos buracos de ventilação com Amos Johnson. Ouço um grito quando a mulher do Johnson corre para reunir-se com ele. Seguram-na enquanto a equipe de resgate do Coeburn atende a seu marido. Corro para o Jack Mac quando ele se volta disposto a entrar outra vez na mina. O capataz me grita que o detenha. Jack Mac me olha. «Rick ainda está dentro, eu digo. Dois engenheiros da companhia tentam detê-lo, mas ele os afasta e desaparece pela entrada. O capataz me joga uma bronca fenomenal por ter dado informação e me diz que vá para trás da linha e espere aos feridos.

A pior parte desses acidentes é o tempo que passa entre a entrada e a saída das equipes. Os

períodos de espera transcorrem em silêncio, com alguns soluços afogados. Geralmente, as pessoas não choram; os acidentes são partes do risco trabalhista, e não tem sentido preocupar-se até que ocorre algo de verdade.

Spec se zangou comigo porque não pode fazer nada por culpa da minha língua comprida. Spec gosta de estar metido no baile, e agora o afastaram. Passam vinte minutos. Não há rastros do Jack Mac. Sinto-me terrivelmente culpada. Por que tive que lhe falar do Rick? Por que não deixei que os homens da companhia se ocupassem de encontrar a maneira de resgatá-lo? Acaso não sabia que Jack Mac não é dos que ficam sentados e esperam a que outros façam algo? Alguém põe uma mão em meu ombro. Volto-me e me encontro com Sweet Sue, com uma expressão de absoluto terror.

- Está dentro, Ava?

- Tenta tirar o Rick. Não se preocupe.

Consolo Sweet Sue o melhor que posso, e ela volta a reunir-se com o resto das mulheres atrás da corda. Olho-as. Suas expressões vão do mais total desespero ao medo e à fúria. Estão cansadas disso e têm todo o direito a estar furiosas. Têm o olhar agudo, não lhes escapa nenhum detalhe, mas também há um cansaço que é produto da desilusão.

Spec me grita que o siga porque a maioria das outras equipes de resgate partiram com os feridos. O capataz segue furioso comigo por haver falado do Rick ao Jack Mac. Seu trabalho é salvar a todos os homens que possa, e agora tudo indica que perderá a dois. Spec começa a atuar como mediador em nossa disputa quando ouvimos os gritos de uma mulher: «Ajudem-nos! Ajudem-nos!».

A multidão guarda o mais absoluto silêncio enquanto a fumaça sai da mina. Então, quase como se fosse um sonho, Jack MacChesney aparece na boca da mina com um homem às costas. Ouço que alguém grita: «Jack Mac tem ao Rick! Tem ao Rick!». O corpo do Rick Harmon está inerte. Entramos em ação.

Spec é fantástico com o ressuscitador e o oxigênio, assim que ele assume o comando e eu o ajudo. Jack Mac desaba e um médico corre imediatamente em seu auxílio. Eu olho e vejo que está inconsciente. Sherry, a esposa do Rick, corre para nós com seus filhos. Querem tocar em Rick, convencidos de que podem devolvê-lo à vida com beijos e carícias. Mas o supervisor os afasta e nós continuamos com o bombeamento. Spec me olha.

- Já o temos.

O médico se reúne conosco e assume o

comando. Diz-nos que afastemos ao Rick da fumaça residual, então o levantamos com muito cuidado na maca e o levamos uns metros mais à frente até um espaço aberto. Rick abre os olhos e grita: «Meu pé, Deus onde esta? “Meu pé”. Sorrio com um olhar que diz: «Não acredito que esse seja o melhor momento para amaldiçoar a Deus», e ele me devolve o olhar com uma expressão de desculpa.

- Deixe-me dar uma olhada.

Não tinha olhado seu pé. É uma massa sanguinolenta. Volto a sorrir e lhe digo que não se preocupe. Mas estou preocupada; tem um corte muito profundo muito perto da ponta, e não se vêem os dedos. Temo que tenham que amputar.

- Que tal está Ave? - pergunta, suspeitando o pior.

- Não tem tão má aparência. - Rick parece encontrar um alívio em minha opinião e fecha os olhos. Perde o conhecimento. Enfaixo-lhe o pé e coloco uma bolsa de gelo.

A equipe de resgate do Norton lhe coloca uma máscara de oxigênio e o carregam na ambulância. Fecham a porta e partem a toda velocidade. Volto-me para procurar o Jack Mac, mas desapareceu. A unidade da Appalachia o levou ao hospital.

O supervisor diz algo quando Spec e eu passamos por seu lado. Paro e lhe pergunto se está seguro que não ficou ninguém na mina. Assegura-me que estão todos fora. Sorri, mas não é um sorriso de alegria pelos homens que sobreviveram, é um sorriso egoísta. Para ele salvar vidas não é mais que uma questão de números; hoje teve um bom dia, e sabe que seu trabalho está seguro.

As mulheres saem correndo a procurar seus carros. Arrancam e seguem às ambulâncias até o hospital. A esposa do Rick se aproxima de mim e lhe dou um abraço. Só penso no quanto o ama, no quanto ela e Rick estavam felizes enquanto dançavam no Fold.

Spec me deixa na farmácia, e digo às garotas que vou ao hospital para ver como estão os homens. Fleeta e Pearl não necessitam mais detalhes; seguiram os acontecimentos pela emissora da polícia. Fleeta me detém um instante para me tirar a imundície do rosto com um lenço de papel.

O hospital Saint Agnes foi dirigido por monjas irlandesas católicas que chegaram aqui nos anos trinta. Por aqui o dito comum é: «Se estiver doente, vê e deixa que o cuidem as monjas». Embora aos aldeãos não caiam muito bem os católicos, fazem uma exceção quando se trata de

cuidar da saúde. As monjas construíram seu hospital no Norton, a cidade mais próxima, localizado a uma distância pequena das conchas carboníferas. Eu adoro o hospital porque há estátuas de Santos e anjos em todos os rincões disponíveis. Eulala Clarkston, que esteve internada aqui por um coágulo, jura que viu que a Virgem Maria a saudava. A irmã Julia me disse que, embora adorassem que a Virgem fizesse uma aparição no Norton, estavam muito seguras de que Eulala não a tinha visto. Naquela época lhe davam remédios e via coisas.

Já deram alta à maioria dos mineiros. Pergunto a uma das enfermeiras se sabem sobre Rick Harmon, e me informa que o estão operando no hospital universitário de Charlottesville e que assim que tenha mais notícias me comunicará. Vejo o Spec no vestíbulo e o felicito pelo trabalho com o ressuscitador; ele agradece minha ajuda. Quando dou a volta em uma esquina, a caminho da saída, dou de cara com Jack MacChesney. Dou-lhe um abraço rápido que o pega de surpresa.

- Está bem?

- Sim, senhorita.

Jack Mac me olha com uma expressão estranha, assim dou conta do obvio, que Fleeta não

acabou de me tirar toda a sujeira. Limpo o rosto com a manga. Então, diz-me em voz baixa:

- Muito obrigado por me avisar sobre o Rick.

- O supervisor me deu uma bronca. Esse tipo é um verdadeiro imbecil. -por que falo tão alto? É algo detestável. Então o solto: - Quer que o leve a sua casa?

Jack Mac dá toda a impressão de estar encantado com a idéia e está a ponto de me responder quando ouvimos uma voz conhecida.

- Jack! - grita sua mãe. - Deixa que o veja!

A Senhora Mac se apóia no braço de Sweet Sue. Jack me olha, desconcertado por um momento. Então Sweet Sue se joga em cima e começa a beijá-lo. Depois é a vez da mãe, que lhe acaricia a bochecha como se tivesse cinco anos. De repente sinto todas aquelas coisas tristes que sentia quando era uma menina: sou uma estranha. Sweet Sue e a Senhora Mac abraçam ao Jack, e é justo, porque agora mesmo é o herói local. Não salvou a trinta, mas salvou a um; aos olhos das pessoas por aqui, isso tem a mesma importância.

Sinto-me feliz ao ver como sua mãe e Sweet Sue o mimam com tanto carinho. Ele merece. Que o queiram desta maneira! Ter a alguém que se preocupe com você. Que sua mãe segure o rosto

com as mãos como se fosse da mais fina porcelana! Presencio algo perfeito e formoso, e não sou parte disso. É uma família. Sigo meu caminho e saio pela porta que dá ao estacionamento.

Só o que desejo é um banho quente, uma taça de vinho e um largo bate-papo telefônico com o Theodore, mas quando entro com o Jipe pelo caminho da garagem, vejo que tenho companhia. O Oldsmobile Cutlass Supreme de minha tia Alice e meu tio Wayne está estacionado perto de meu alpendre traseiro. Os dois passeiam pelo jardim; inspecionam a saúde de minhas árvores.

- Teria que chamar o serviço florestal para que inspecionem as tulipas. Tem o mal da raiz.

Quero dizer «Como está você, tia Alice?», mas em troca encolho os ombros.

- Queremos falar contigo, Ava - intervém meu tio.

Convido-os a passar e lhes ofereço chá gelado, que não aceitam. Enquanto passamos pela cozinha para ir à sala, a tia Alice toma nota de cada móvel, prato e taça. É como se tivesse a cabeça de uma marionete que se inclina e se volta para direita e esquerda, para arquivar em sua memória cada artigo e sua localização.

Não imagino a razão de sua presença. Nunca

me visitam, chamam ou convidam a sua casa. Depois da morte de meu pai, mamãe e eu os chamávamos por uma questão de respeito, mas sempre eram tão bruscos que deixamos de tentá-lo. A tia Alice envelheceu mal. Ronda os sessenta, mas parece muito mais velha. Leva o cabelo curto e o tingi de uma cor azul. Seu rosto pequeno, enrugado como consequência de toda uma vida de gestos sérios e de franzir o cenho, mostra uma expressão avinagrada permanente. Não faria mal utilizar um pouco do Queen Helene. Leva uns óculos que são muito grandes para seu rosto, e agora tem dentes postiços. Sei por que ouço como assobia o ar entre eles quando fala. É óbvio que a vida se enfureceu com ela, e os resultados não são nada agradáveis.

- O que posso fazer por vocês? - pergunto enquanto me sento. A tia Alice também se senta, mas o tio Wayne permanece de pé. Está incômodo, como se o incomodasse estar perto de sua esposa. É alto e magro, com a cara de um boneco; tem umas rugas tremendas.

- Viemos aqui porque não estou disposta a correr até o inferno para falar com você - responde a tia Alice. - Assim fica sentada onde está e me escute porque há algo que tenho que dizer. Sei que sua mãe se justificou. - Diz com um tom como se as

revelações de minha mãe fossem algo repugnante.

- Inez Eisenberg teria que procurar no dicionário o significado da palavra «confidencial».

- Venha Ava, me escute - manifesta o tio Wayne. - Não queremos problemas.

- Que classe de problemas? - Olho à tia Alice.

- Do que querem falar? -Escuta jovem - grita minha tia, incapaz de conter-se. - Mantive-me afastada toda minha vida, e vi como meu irmão, ao que tanto queria dar isso tudo a você e à ingrata de sua mãe. Não disse nenhuma palavra porque ele não queria que eu dissesse, mas agora, agora com a verdade, tem que saber que precisa restituir-me seus bens porque sou o único familiar direto de meu defunto irmão. Falo de sangue. Já sabe o que quero dizer.

Concordo.

- Você não é de nosso sangue, nem nunca o será. Minha mãe quase morreu do susto quando Fred se apresentou em casa com uma italiana, e para cúmulo grávida. Deus! Apareceu por aqui, nesse mesmo alpendre com uma estrangeira manchada. Sua mãe viveu nesta casa dando-se ares de senhora, nos olhando a todos por cima do ombro, e se aproveitou de meu irmão. Educou-a, vestiu-a. Deu-lhe de comer e viveu como uma princesa. Viajou aqui e lá, esteve no Montisello e

não sei onde mais, enquanto que eu nunca fui além de Roanoke. Aproveitou-se de tudo o que era meu, e falo muito a sério, jovem.

Permaneço calada e olho as minhas mãos. Tenho três cortes pequenos no dedo indicador da mão direita. Não recordo como fiz isso, mas agora pulsam um pouco e doem. Devo ter feito isso quando ajudava a equipe com o Rick antes que as pessoas do Norton o carregassem na ambulância. Há um pouco de sangue seco ao redor do primeiro corte. Esfrego o dedo contra a calça. A tia Alice continua falando.

- Depois de tudo, foi o negócio dele que a fez rica. Era o local de meu pai, esse era o lar da família Mulligan e não tirei nada de tudo isso. Sabe o dano que me causa não poder viver na casa onde cresci? Que uma estranha ocupa o lugar que me corresponde na casa de meu pai e minha mãe? Trata-me como a uma qualquer quando sou o único familiar direto.

- Do mesmo sangue - assinalo, em voz baixa.

- Isso mesmo! E aqui nos tem! Atirando! Cobramos a pensão, mas não é o bastante. Enquanto isso, você está aqui, com dinheiro aos montes, e nunca moveu um dedo para nos ajudar.

Alice se volta para olhar ao tio Wayne, que

move a boca, mas sem que lhe saiam as palavras, igual ao boneco mecânico de Santa Claus que ponho na cristaleira da farmácia todos os Natais. Ordena-lhe com o olhar que fale, mas não pode. As veias no pescoço de minha tia avultam como serpentes azuis. Move a cabeça de um lado a outro como um ave de rapina furiosa. Olha-me diretamente, algo que nunca tinha feito antes. Vejo seus olhos. Atrás dos bifocais, aparecem de uma cor castanha clara, saltados, desfocados e rodeados de branco. (Na leitura do rosto, as íris que flutuam rodeadas de branco, correspondem às pessoas com uma patologia criminal. Eu diria que agora mesmo está tão furiosa que seria capaz de matar).

- Desejaria que alguém tivesse pensado em mim, que se preocupasse comigo. Nunca ninguém se preocupou por mim!

É certo. Salvo umas poucas vezes depois do falecimento do Fred Mulligan, nunca me interessei por saber como estavam, nem levei um presente ou fui até sua casa. Mas não o fiz porque são as pessoas mais desagradáveis que conheci. Fofoqueiras, malvadas e mesquinhas, não merecem o amor de uma sobrinha. Além disso, para mim cometeram o mais terrível dos pecados: odiavam a minha mãe. A tia Alice nunca me demonstrou o menor afeto. Não

recordo que tenha dado nunca um presente de aniversário, tenha me enviado um cartão ou um ovo de Páscoa. A verdade é que não tenho por eles o menor afeto. Por isso me parece muito singelo perguntar:

- Quanto quer?

Minha pergunta os pegou completamente despreparados. Olham-se um ao outro. A meu tio Wayne quase lhe cai a baba, como se acreditasse que estenderei um cheque agora mesmo. À tia Alice a domina a avareza, olha ao redor, quer tudo o que há dentro dessa casa singela, incluindo a própria casa. Meu tio muda de postura.

- Sua tia e eu ainda não entramos nos detalhes - responde muito ereto.

- Pois acredito que teriam que fazê-lo.

A tia Alice me olha. Desconfia de mim. Entrecerra as pálpebras.

- Consultamos um advogado de Pennington, sobre esse assunto.

- Peçam para ele me procurar.

Olham-me desconcertados. Não esperavam que lhes respondesse desta maneira.

- Não quero ser descortês, mas acabo de fazer um trabalho com a equipe de resgate e estou muita cansada. Não sei se sabem. Tivemos uma explosão

no Wence, assim se não se importam... - Levanto-me e lhes indico a saída. A tia Alice sai sem me olhar. O tio Wayne, muito mais contente agora que cheirou o dinheiro, esboça um sorriso.

- Só queremos o que nós merecemos.

- Confio em que recebam o que merecem.

Fecho a porta com chave e vou diretamente ao banho. Vomito. Assusta-me a violência de meus vômitos. Dou descarga com a mão esquerda e depois abro a torneira do lavabo com a mão direita. Assim que molho o rosto com água fria, volto a vomitar. Isto se repete uma e outra vez, até que não vomito mais que água clara. Escovo os dentes. Quando vou deixar a escova no copo, descubro que não consigo segurar a escova. É como se a escova fosse feita de cimento. Ponho-me a chorar. Quero a minha mãe. Seguro-me ao lavabo. Vejo como minhas lágrimas caem sobre a louça branca e desaparecem pelo ralo. «Deveria matá-la pelo que disse de você, mamãe. » Mas no mais profundo de meu ser, sei que há uma maneira melhor de acabar com a tia Alice. Acabo de descobrir.

O sábio ditado de que todo mundo necessita um bom advogado é uma verdade como um templo. Tenho ao Lew. É consciencioso e competente. Só gostaria que Inez não repetisse tudo o que escuta no escritório. Não quero que ninguém discuta meus assuntos pessoais na caixa do supermercado. Fleeta esteve a ponto de meter-se em uma briga a murros quando alguém começou a contar umas histórias muito pouco agradáveis sobre minha pessoa um sábado que havia umas ofertas especiais. Entretanto, a maioria se mostra mais fascinada que crítica com o fato de que seja uma bastarda. Não acreditam na intriga de todo esse assunto, ou que uma pessoa normal como eu seja o centro da história. A verdade é que a maioria das pessoas daqui é bastante conservadora, e seguem aos ensinamentos da Bíblia. Quase todos com os quais cruzei me olham com piedade e assombro. Sei muito bem quais de meus clientes vão repetindo as histórias porque não podem me olhar nos olhos. Surpreendo-me comigo mesma, porque penso que algo como isso teria que me provocar certa vergonha. Não obstante, sinto mais alívio que

vergonha. O alívio ainda não me deu a tranqüilidade de consciência, mas confio em que o faça.

Preciso falar com o Lew, e não quero que Inez escute o que tenho que lhe dizer, assim espero até que saia de seu escritório para ir recolher a correspondência. Ponho a jaqueta e o sigo à agência de correios.

Lew tira a chave e abre a caixa de correios. Está cheia. Enquanto tira as cartas lhe cai uma revista e a recolho. Falo-lhe da visita da tia Alice e do tio Wayne. A seguir explico meu plano, Passei a noite em branco, e tomei tanto café, que agora tenho expressão de louca, mas tenho a mente bem clara.

- Pensa como um advogado. Isso me aterra - comenta Lew, que faz um cilindro com toda a correspondência e a prende com uma borracha.

Espero que Lew saia da agência de correios. Compro meia dúzia de selos e espero outros dois minutos antes de sair. No caminho para a farmácia, vejo Inez que fuma um cigarro nos degraus da entrada do escritório. A saúdo com um gesto e sorrio. Qualquer gesto amável a desconcerta e assim me olha como se eu fosse a louca da cidade, e me sorri sem muito ânimo.

Entro na farmácia. Despacho as receitas,

repasso o inventário e faço o depósito no banco. Não como. Não faço nenhuma chamada. Não digo grande coisa a Fleeta ou a Pearl. Faço meu trabalho. Espero. Passam umas horas e Pearl me chama.

- Lew Eisenberg quer que vá a seu escritório.

Abraço a Pearl, que me olha surpresa.

- Têm que ser boas notícias.

- Ainda não.

Pearl encolhe os ombros e volta para seu trabalho. Está retirando as barras de lábios usadas do mostruário. Fleeta está sentada em uma caixa de xampu, fumando um cigarro, assim não me vê quando saio. Assim que dou a volta na esquina, noto o primeiro sopro gelado do outono. Parece como se as estações tivessem mudado no curso de um só dia. O ar fresco me dá novos bríos.

- Seu amado está? - pergunto a Inez.

Parece-lhe algo muito engraçado e ri.

- Entra.

Lew está sentado atrás de sua mesa. Aponta-me uma cadeira. Liga o rádio e sobe o volume ao máximo para que Inez não possa nos escutar. Diz algo que me concerne: Buddy Lambert, o primo irmão de Wayne Lambert, é nosso juiz de distrito. Ele pode ser comprado, e Lew acredita que Wayne já tem feito um trato. Há uma parte de mim que está

de acordo com a tia Alice; o dinheiro e as propriedades de Fred Mulligan não me pertencem por legítimo direito. Possivelmente eu seja a causadora de tudo isto. Talvez minha ambivalência respeito de meu pai, a farmácia, o dinheiro e a casa me trouxeram todos esses problemas. Possivelmente a tia Alice se deu conta de que estou em falso e se aproveita para me fazer mal onde mais dói. Seu irmão sim que o fazia; esses atritos não são comuns a todos os membros da família? Não acredito que renuncie até que consiga me fazer sofrer.

Fred Mulligan era o homem mais obstinado que conheci. Seu empenho, não o afeto por minha mãe, foi o que fez com que o matrimônio durasse. Quando eu estava no instituto, insistiu em que um limoeiro podia crescer em Big Stone Gap. Por muitas discussões que tivemos, não podia aceitar que os limoeiros necessitam sol e calor para crescer, todo o oposto aos céus encapotados e o frio da montanha. Quando a árvore não deu frutos, jogou a culpa à companhia que lhe tinha vendido o limoeiro. A árvore continua no pátio traseiro. Os ramos cinza e retorcidos se sujeitam nos tubos de deságüe junto aos degraus do alpendre. Nunca quis arrancá-lo; recorda-me que não devo me

transformar em uma pessoa amargurada.

Lew se dá conta de minhas dúvidas.

- Está fazendo o correto, Ave Maria -
assegura-me.

Tenho que defender meus direitos. Aqui não há ninguém que o faça por mim. Pela primeira vez em minha vida, compreendo que estou sozinha. Minha mãe já não está. Não tenho um irmão ou irmã que me dê uma mão, nem um marido que esteja a meu lado.

Não quero que os Lambert recebam nem um só centavo. Lembro as palavras de desprezo que a tia Alice dedicou a minha mãe, e esse é todo o estímulo que necessito. Lew me dá uns papéis para que os assine. Os guarda na maleta que levará ao tribunal. Depois me aperta a mão. Segura a minha entre as suas como uma amostra de apoio e para me dar ânimos. Quero abraçá-lo, mas não posso.

Passo junto a Inez, que agora ocupa seu escritório, e me volto para o Lew com um último pensamento.

- Lew, muito obrigado por me ajudar. A tia Alice e o tio Wayne merecem de verdade tudo o que receberão. É o que Fred Mulligan teria querido.

- Estamos muito contentes de ser úteis -
declara Lew da soleira, e me faz um gesto de

despedida.

Não acabo de pôr um pé na rua quando escuto Inez que já está ao telefone.

Insko é uma parte de terra livre entre o Big Stone Gap e Appalachia que em um tempo foi uma mina a céu aberto. Em lugar de ficar com as terras, o Departamento de Moradia Pública decidiu construir casas de amparo oficial. Quando o vale se alaga, levam-se aos habitantes montanha acima até que possam reconstruir as casas no vale. Às vezes demoram tanto que as pessoas decidem ficar ali alojados.

As pessoas aqui dependem e desconfiam do governo. Quando eu ia à escola, beneficiávamos-nos de numerosos programas. Todas as vacinas eram grátis. As bandejas da comida incluíam uma bolsa de batatas, outra de amendoins salgados, um tablete de chocolate ou meu favorito: uma porção de queijo cheddar estampada com um selo que dizia: QUEIJO GOVERNAMENTAL. Também enviavam de vez em quando a alguma companhia de espetáculos. Lembro que quando estava no instituto, veio uma companhia de Nova Iorque que representava Harvey. Não fui a única estudante que se deu conta de que o ator principal estava bêbado e que caiu adormecido no cenário no segundo ato. Mas não

nos importava. Qualquer desculpa era boa para ser uma parte do mundo exterior, para ver como eram as pessoas, como falava e vestia. Por quinze centavos, podia ver uma obra e imaginar a excitante vida dos atores que tinha no cenário. Nunca tivemos uma desilusão. Pearl e sua mãe vivem em uma das casas mais velhas, no extremo da urbanização. Levei Pearl a sua casa várias vezes, assim conheço o caminho. Estaciono diante da casa. Não chamei antes porque não podia; ainda não têm telefone, e não pensam instalar um porque Pearl está economizando para pagar os estudos. Algumas das pranchas de alumínio das paredes necessitam de troca, e o alpendre cambaleia e está virtualmente separado da casa. As janelas corrediças são muito finas e não têm isolamento. O governo não se preocupa muito com a manutenção. Vejo uma luz acesa. Uns meninos jogam na rua. Param e me olham. Procuro na bolsa algum pacote de goma de mascar. Encontro um par e os dou. Agradecem e partem correndo.

Chamo várias vezes. Finalmente, a porta contra mosquitos se abre um par de centímetros.

- Senhora Grinies?

- Sim.

- Sou Ave Maria Mulligan, da cidade.

Leah Grimes aparece.

- Pearl foi a procurar umas folhas ou algo assim para seu trabalho de ciências.

- Posso entrar e esperá-la?

- Suponho que sim.

Leah Grimes abre a porta e entro em uma casa muito limpa, mas pobremente mobiliada. Há um banco velho, uma mesa pequena e um abajur. No dormitório há duas camas com mantas de cores. A cozinha está impecável. Em um dos fogos ferve uma panela de sopa. Pearl entra correndo.

- Tudo bem, senhorita Ave?

- Perfeitamente.

- Mamãe, esta é minha chefe, a senhorita Ave.

- Eu sei. - Leah me olha com uma expressão curiosa.

- Pearl é muito trabalhadora. Não saberia o que fazer sem ela.

- Sei. É uma boa garota.

- Trouxe-lhe alguma amostra da milagrosa máscara Queen Helene?

- Sim, senhora. - Leah sorri e tampa a boca.

- Desculpo-me se a utilizamos como cobaia para nossos novos produtos, mas necessitávamos de uma mulher com beleza natural para pô-los a prova.

- Era bonita, antes de perder os dentes.

- Já sabe que podem lhe pôr uns dentes novos na cidade.

- Algum dia. Não é assim, mamãe? - diz Pearl, e segura a mão de sua mãe.

- Quer uma taça de chá? - pergunta-me Leah, muito mais animada.

- Se não se importa, tenho que discutir um assunto de negócios com Pearl.

Minha jovem empregada levanta a cabeça e se comporta como uma pessoa maior ao escutar a palavra negócios.

Pearl me leva a dar uma volta pelo local. A uns quatrocentos metros de sua casa está uma de nossas maravilhas naturais: as cataratas do Roaring Branch. É um lugar mágico, degraus de pedra sobre os quais se derruba uma corrente de água cristalina. As pessoas vêm aqui para sentar-se, pensar e contemplar tanta beleza.

- Não sabia que somos tão pobres, verdade?

- Faço muitas visitas por esta zona.

Pearl e eu nos sentamos a desfrutar do espetáculo. Permanecemos em silêncio durante um bom momento.

- Veio até aqui para ver-me? Estou despedida ou algo assim?

- Não. Está fazendo um grande trabalho.

- Obrigado. Sei que algumas vezes aporrinho a Fleeta - desculpa-se Pearl. Olha-me especulando, enquanto se pergunta por que estou aqui.

- Pearl, tem um dólar?

- Acaba de me pagar. Tenho quarenta e seis dólares.

- Só necessito um.

Pearl abre o moedeiro de contas e saca os bilhetes cuidadosamente dobrados. Entrega-me um dólar.

- Necessita mais? Tome. Agarre tudo o que queira.

- Não, obrigado. Já basta.

Pearl não entende nada, mas me segura a mão.

- Felicitações, Pearl. Acaba de comprar a farmácia Mutual.

- Sim? Mas por quê?

No caminho de volta a sua casa, explico a Pearl que para proteger o negócio das garras dos Lambert, tenho que vender, e vender em seguida. Tive que tomar algumas decisões. Decidi vender meu negócio para que não me possam tirar isso. Quando chegamos à casa, Pearl me olha.

- Posso dizer a mamãe?

- É obvio. Só lhe recomende que mantenha no mais absoluto sigilo até que eu lhe diga.

- Senhorita Ave, está você segura disto?

- Claro que sim. Por certo, só pelo fato de que seja a proprietária, não tem obrigação de se transformar em farmacêutica. Vá ao colegial e estuda o que você gosta e sei que o fará. Fleeta e eu defenderemos o forte enquanto você não esteja. O mais provável é que Fleeta não vacile em pedir um aumento imediatamente. Eu não sou tão abusada. Mas tenho muita experiência. Sei tratar aos clientes.

- Por que me escolheu entre tanta gente?

- Sabe Pearl, para mim é a melhor pessoa que conheci.

Pearl sorri. Na luz azulada do crepúsculo, seu rosto é puro, viçoso e cheio de alegria. Por fim aconteceu algo bom a Pearl. Depois de tanto tempo há alguém que acredita nela. Esta noite com a troca conseguiu as ferramentas para construir sua auto-estima; foi escolhida, e tem segurança. Possivelmente isso seja tudo o que necessita uma pessoa para triunfar. Pearl foi escolhida, e isto começou a defini-la.

Prometi a Iva Lou que me reuniria com ela no Sub Sandwich Carry-Out para tomar um bocado. O local é sobretudo um lugar de encontro de

adolescentes, mas outros vão porque a comida é boa. Tem uma decoração bonita; os candelabros de plástico modelo Tiffany e os reservados de fórmica laranja criam um ambiente cômodo e depravado.

Conto a Iva Lou a visita da tia Alice e a venda do negócio a Pearl.

- Carinho, teria que dar graças a Deus por ter encontrado um plano tão bom. Se essa miserável de sua tia tivesse metido as garras na Mutual, nunca mais ninguém teria entrado ali. Teria que fechar. Não há ninguém que queira ter entendimentos com essa bruxa.

- Lew é um lince.

- Já sabe o que sempre digo. Encontrar um bom advogado é mais difícil que encontrar um bom marido. Terei que dar uma volta por seu escritório e dar as graças ao bom do Lew a minha maneira. - Iva Lou me guia um olho.

- Por favor, já tenho muitos problemas.

- Ora, só estava brincando contigo. Mas, o que será de você? O que fará?

É obvio, já tenho tudo pensado. Nunca tomei uma decisão impulsiva em toda minha vida.

- Tenho um montão de dinheiro economizado, Iva Lou.

- Me alegre por ti.

- Trabalharei para Pearl durante um tempo, e depois veremos o que acontece.

Dickie e Arlan Baker, dois meninos Mórmons, se reúnem conosco no reservado. Iva Lou se encarrega das apresentações, já que foi ela quem organizou o encontro. Os irmãos Baker parecem rondar os vinte. Estão bem arrumados, o cabelo curto, a pele suave e rosada (mamãe sempre insistia em que as bebidas refrigerantes são prejudiciais para a pele. Os Mórmons têm por norma não beber refrigerantes; sua pele é um anúncio perfeito para não provar nenhuma gota). Vestem seus objetos de rigor: calça negra e camisa branca. Em todos os anos que os Mórmons estão aqui, os jovens foram de porta em porta vestidos da mesma maneira, repartindo os mesmos livros e pregando como os bons missionários que são. Os irmãos visitaram a farmácia em um par de ocasiões, mas sempre tive muito trabalho para falar com eles.

- Meninos, necessitamos da ajuda de Salt Lake City. Queremos descobrir a árvore genealógica de Ave Maria. - Iva Lou abre a caderneta de espiral e pega a caneta. - Há um homem na Itália, e precisamos encontrá-lo logo. Isso significa «rápido» em italiano.

Dou risada porque é uma das primeiras

palavras que lhe ensinei.

- Como podemos ajudar? - pergunta Dickie, ou é Arlan?

- Essa é toda a informação que temos de Mario Barbari até o momento. -Iva Lou lhes entrega o livro com a foto do Mario como prefeito de Schilpario. - Não o percam, porque o pessoal da biblioteca me matará se não o devolvo.

Dickie olha a foto do Mario.

- Acredito que poderemos dar uma mão. A maioria das pessoas não tem fotos.

Iva Lou escuta enquanto os irmãos Baker explicam como os mórmons se transformaram em peritos em genealogia. Deus abençoe sua paciência. É muito boa amiga, mas estou preocupada. Empenhamo-nos tanto em averiguar como encontrar ao Mario que não tive tempo para pensar no que poderia acontecer se o encontramos. E se me recusar? Como encararei o tema? Estou me desprendendo de minha velha vida como quem tira a roupa molhada. Não é fácil, mas tenho que fazê-lo. Como será minha nova vida? Desprender-me da farmácia, algo que não tinha acreditado que faria, não foi triste. Ao contrário, foi algo encantador. Senti-me mais solta. Encontrar ao Mario Schilpario será o que me trará a felicidade? Liberar-me-ei de

todo meu passado como Mulligan quando Alice Lambert receber finalmente seu justo castigo? Iva Lou arranca as páginas da caderneta.

- Já podem começar. Aqui têm meu número. Liguem-me quando tiverem a informação.

Dickie e Arlan agradecem pela comida. Agarram suas malas negras e partem.

- Iva Lou, o que faria sem você?

- Carinho, alguém tem que pôr um foguete no traseiro. Sei como age. Envolve-se nas histórias de todos os outros em lugar de se ocupar de seus assuntos. Tem que ser sua própria equipe de resgate, querida. Deixa de se abandonar.

- Não o faço.

- Sim que o faz. Ave, e esse é um grande problema.

- Como sabe?

- Sei e ponto.

Iva Lou chupa com força o canudo para beber o resto da bebida. Remove os cubos de gelo no copo e segue com o tema.

- Não é saudável ficar sem sexo. - Não cabe dúvida de que pus uma expressão de horror porque levanta o dedo indicador para recalcar a importância do que diz. - Conheci a muitíssimos homens, e aprendi que são todos diferentes. Cada

vez que tenho uma nova experiência, aprendo algo novo que levo comigo enquanto sigo adiante com minha vida. O sexo é a coisa mais importante que há nesta terra.

- O que? - sussurro.

Então Iva Lou me repete o que disse, mas dessa vez mais alto. Golpeia na mesa com os nódulos quando termina.

- Por quê?

- Porque é o único mistério.

Não sei se Iva Lou está sendo muito profunda, se é uma idiota, ou se tem analisado a fundo o significado de todas as suas aventuras. O sexo é um mistério? Para quem? Para ela não, certamente. Não entendo por que me diz tudo isto.

- A vida é um mistério que se deve viver não um problema a resolver - acrescenta. - Faz muito, um amigo me deu de presente um jarro com essa frase impressa, e após a converti em minha filosofia pessoal. Além disso, tem que encontrar a seu pai antes de poder se apaixonar por um homem.

- Não acredito nisso e nem você, e faço um gesto como se quisesse afastar a Iva Lou.

- Pois teria que acreditar nisso É a pura verdade. Por que acredita que estou ajudando a buscá-lo? Sei qual é seu problema e como arrumá-

lo. Durante toda sua vida lhe contaram algo que era mentira. Mas é algo que terá que resolver por sua conta quando tudo isto se acabe. Quando a gente vive uma mentira, deixa de comunicar-se. Quando deixa de comunicar-se, morre a confiança. Carinho, você não pode estar com um homem porque não confia em nenhum. Não pode se despir, e não o digo em sentido literal. Segue-me? Se encontrar a seu pai, será uma revelação para você. Poderá encontrar seu lugar nesse mundo. Poderá saber finalmente aonde pertence. Você não é uma de nós, Ave Maria, e não o digo por que sua mãe foi estrangeira. Manteve-se além das pessoas daqui. Não pretendo ser cruel. Viveu aqui toda sua vida, mas ninguém a conhece de verdade. A primeira vez que vislumbrei algo que a faz funcionar foi na noite que estive em sua casa para olhar todos aqueles livros. Olhava os livros como o velho Kent Vanhook me olha o traseiro. Havia ânsia, desejo.

Uns meninos do instituto escutam pela terceira vez uma canção intitulada «Paradise by the Dashboard Light». Iva Lou pede que escolham alguma outra, como «One Hell of a Woman» do MacDavis (que é sua favorita), ou a última do Conway Twitty.

Então soam as campainhas da entrada. São

idênticas às que tenho na porta da farmácia. Todos os comerciantes da cidade compraram um jogo na loja de oportunidades do Zackie, e a mesma doce chamada se escuta quando entra em qualquer loja de Gap. Sweet Sue entra com o Jack Mac. Ele nos vê e se aproxima. Sweet Sue nos saúda de longe e vai diretamente ao balcão onde servem as comidas para levar.

- Os meninos da Sue estão com seu pai esse fim de semana? - pergunta-lhe Iva Lou.

- Sim, senhorita - responde Jack Mac.

- Como está sua mãe? - pergunto. Por que sempre pergunto por sua mãe?

- Está bem.

- Diga-lhe que perguntei por ela. - O que sou? Uma velha das que fazem ponto de tricô na igreja metodista? Iva Lou me dirige um olhar desses que matam.

- Eu o farei senhorita. - Jack Mac olha a mesa e vê a caderneta. - Estão trabalhando em algo? Iva Lou me olha para que responda.

- É uma história muito longa.

Jack Mac olha para o balcão de comidas para levar. Sweet Sue conversa com Delphine Moisés, a proprietária do local, que joga molho de tomate na massa de pizza.

- Tenho uns minutos. - Jack Mac se senta junto à Iva Lou, de cara para mim.

- Estou procurando a meu pai. - por que o digo? Não poderia inventar algo sem maior importância, como que Iva Lou está preparando uma lista de livros? Por que tenho que falar de meus assuntos privados?

- Escutou a história que corre por aí sobre a nossa Ave Maria? - pergunta Iva Lou como se eu não estivesse presente.

- Ouvi alguma coisa.

- Estamos tentando encontrar a um cavalheiro italiano, que é o verdadeiro pai de Ave.

- Sim, senhor, sou uma bastarda - brinco.

- Não, não o é. Essa é uma etiqueta que os adultos põem aos bebês. - No meu modo de ver, não nasce ninguém que não deva estar aqui - proclama Jack Mac como se fora a coisa mais singela do mundo. Iva Lou e eu nos olhamos.

- Como vai a busca? - Jack Mac agarra a caderneta da Iva Lou e dá uma olhada.

- Iva Lou pediu ajuda aos mórmons. São especialistas em encontrar às pessoas.

- Sim que sabem. Vão até a casa e tocam o timbre. - Iva Lou e eu rimos. Jack Mac não ri de sua piada, e o respeito. Sweet Sue se detém junto a

nossa mesa com a bolsa de comida.

- Vamos, Jack.

Jack se levanta, mas por um momento me parece que não quer partir. Acredito que quer ficar sentado aqui e conversar conosco.

- Que tenham sorte - diz, e parte com Sweet Sue.

Iva Lou se levanta um palmo do assento para olhar Jack Mac enquanto vai para a porta.

- Tem um bumbum precioso. Muito bonito. Não há nada como um homem trabalhador.

- A que se refere?

- Eu adoro os carpinteiros, os encanadores, os operários da construção e os mineiros. Os que têm o tipo do Jack Mac.

- Tem um tipo?

- Quando conhecer a tantos homens como eu, começa a fazer listas. O homem trabalhador é um homem no qual se pode confiar. Arrumam as coisas quando quebram. São práticos. Eu gosto. E você?

- Nunca o considere. - Na realidade não quero falar do assunto.

- Não me cabe a menor duvida. - Iva Lou me olha e meneia a cabeça. - Deixa que eu diga uma coisa. Mantenha-se afastada de todos esses homens que passam os dias sentados atrás de uma mesa, os

tipos de escritório. São todos uns anormais. Não saem a tomar o ar, nem fazem exercício todos os dias, assim que o sangue lhes amontoa na cabeça, e lhe ocorrem todas essas idéias sexuais tão estranhas, me acredite. São uns pervertidos, e o digo a sério.

Tento que Iva Lou abandone o assunto e voltemos outra vez aos mórmons. Mas fala de seu assunto favorito, e, portanto, insiste.

- Uma vez tentei me deitar com ele - anuncia Iva Lou.

- Com quem? - Com o Jack Mac.

- Sério? - Não o consegui.

- Por que não? É bonita e divertida, o que aconteceu? - por que o pergunto quando não quero sabê-lo? É o que faço. Quando alguém faz me sentir incômoda, em lugar de me esquecer do assunto, intento que essa pessoa se sinta cômoda.

- Uma noite, antes que começasse a sair com Sweet Sue, estava no Fold. Tomamos um par de cervejas e dançamos um momento; eu estava brincalhona e ele também, assim propus um encontro no Huff Rock. Em um lugar que me inspira. A cúpula da montanha, o céu, as grandes pedras plainas para se deitar. Suponho que já faz idéia.

- Concordo.

- Bom, demos uns quantos beijos. Sabe beijar. Depois, quando já era hora de que as coisas se esquentassem, deteve-se.

- Deteve-se? - Perguntei-lhe por que se deteve, é obvio.

- Não quero presumir, mas é algo que nunca tinha me acontecido antes. Disse-lhe: «Por todos os Santos, Jack MacChesney, a que vem isso de não seguir adiante? Não se diverte?».

- O que ele respondeu?

- Pois me olhou com esses olhos, e me disse com toda sinceridade: «Iva Lou é preciosa. “Mas não estou apaixonado por você, e sou desses homens que têm que estar apaixonados para seguir adiante nessas coisas”.

- Não! - grito.

- Sim. Isso foi exatamente o que disse, e foi curioso. Não me senti ofendida; não me deu vergonha nem nada disso. Mas direi uma coisa: não podia acreditar que houvesse um homem assim nesse mundo. Insisti um pouco, e ele, muito cavalheiro, recusou meus avanços, assim voltei a me recompor e me disse que já estava bem. Não sei, suponho que o admirava por seus princípios. Não queria incomodá-lo. Pareceu-me muito respeitável.

Iva Lou encolhe os ombros, e pesca com o

reverso da colher os últimos miolos de bolo.

- Não parece incrível? Quero dizer, viu algo parecido alguma vez?

- Não, é toda uma história. - Que outra coisa posso dizer? Permanecemos em silêncio durante uns minutos. Olho a Iva Lou. Repassa as notas, e tem todo o aspecto de uma menina. Vejo exatamente como era na infância. Uma menina curiosa com um apetite enorme. O que aconteceu a menina que eu era? Onde partiu? Quando tinha sete anos, a senhora White, a professora de segundo grau, levou-nos ao Clinch Haven Farms. Está muito acima nas montanhas. Lembro do medo que passei no ônibus. Mas quando chegamos acima era muito bonito. Havia prados de uma cor verde brilhante que se estendiam como dobras da cobertura de um bolo, cheios de flores e salpicado de vacas, como na ilustração das garrafas de leite. Primeiro a senhora White nos mostrou um arroio que serpenteava entre as rochas para acabar em um lago. A professora nos reuniu na borda e nos explicou o ciclo da água; como a chuva corria entre as rochas para ir formando os arroios e os lagos que a sua vez alimentam aos rios. Permitiu-nos beber no arroio. A senhora White ensinou a nos ajoelhar e, sem tocar o sedimento do fundo, fazer uma terrina com as mãos

para beber a água limpa da superfície. Ajoelhada na borda, olhei as pedras através da água clara. Havia pedras pardas e negras tão polidas que pareciam os botões velhos que minha mãe guardava em uma lata em seu armário de costura. A seguir seguimos o curso do arroio até o Busker Farm e nos disse que os exploradores sempre seguiam os cursos de água. Inclusive agora, se me perder quando estou fazendo alguma partilha nos terrenos baixos, não me esqueço nunca de seguir a água, e assim sempre encontro o caminho de volta à cidade. Não sei a razão, mas esta regra tão singela não me abandonou nunca em todos esses anos e foi de muito proveito.

Buskers Farm era enorme. Havia um grande campo aberto, um celeiro e uma casa principal. Também uma latrina; todos nos rimos muito ao vê-la, embora alguns de meus companheiros também tinham latrinas em suas casas.

Eu estava com a Nina Kaye Coughlin, minha melhor amiga. Era ruiva e tinha o nariz arrebitado coberto de sardas. Quando sorria, mostrava os dentes torcidos para trás; entretanto, não era nada mal. Os dentes torcidos para trás indicam uma pessoa que tem muito que dizer. Em um momento, sussurrei a Nina Kaye que deveríamos ir dar uma olhada ao celeiro. Separamo-nos do grupo e demos

uma volta pela parte de atrás do celeiro para encontrar a porta. Ali, em um canto, havia um porco pendurado pela cabeça. Estava aberto da garganta até as virilhas. Dois peões colocavam as mãos pela barriga; suponho que estavam lhe tirando os órgãos. Tiravam as vísceras vermelhas e azuis com muito cuidado e as colocavam sobre um tecido limpo estendido sobre a boca de um tonel. O porco tinha os olhos muito abertos, como se rezasse com o olhar posto no céu. Havia um charco vermelho rubi debaixo do animal; tinha tanto sangue que tinha transbordado o buraco cavado na terra. Ficamos imóveis. Nina Kaye me apertava a mão com tanta força, que me deixou as marcas das unhas na palma. Os peões notaram nossa presença. Por um momento pareceram zangar-se, mas quando viram quão assustadas estávamos, mostraram-se amáveis.

- Garotas, sangramos ao porco - explicou-nos um deles.

Nina Kaye parecia estar a ponto de vomitar. As duas vivíamos na cidade; os únicos animais domésticos que víamos era nas excursões pelo campo e nas feiras boiadeiras. Afastamo-nos do espetáculo e voltamos a dar a volta ao celeiro, aterradas. Nina Kaye pôs-se a chorar e a consolei. «Não tem medo?», perguntou-me. «Não podemos

estar assustadas as duas ao mesmo tempo», respondi-lhe.

- Já está outra vez - diz Iva Lou. - Sonhando acordada.

- Sinto muito, Iva.

- No que estava pensando?

- Como era valente antes.

Bullitt Park, o campo de esportes de nosso instituto e parque da cidade, aparece coberto de névoa. Há noites em que se cobre com um espesso manto cinza, sobretudo a princípios de outono quando a mãe natureza faz com que baixe as temperaturas. Resulta um pouco triste, mas esta noite não há tempo para lamentações. Depois de dois meses de contínuos ensaios, a banda do instituto Powell Valley fará o ensaio final de saudação a Elizabeth Taylor que terá lugar no descanso da partida. Dessa vez não haverá interrupções. Theodore está na linha das cinquenta jardas dando alguns conselhos de última hora às porta-bandeiras. Vestidas com calças curtas de lamé dourado, ninguém diria que estão no último curso do bacharelado; poderiam passar por mulheres do harém da Cleópatra.

A coordenadora toca o apito, e a banda ocupa sua posição ao fundo do campo, em uma

linha reta que vai de uma cerca à outra. A banda tem um aspecto soberbo com os uniformes azul brilhante e vermelho rubi. Os grupos encarregados das pirâmides avançam dos degraus dos visitantes e colocam as pirâmides. A coordenadora ordena: «Trompetistas acima!». A banda começa a tocar.

O espetáculo é uma maravilha, mas não escapa a ninguém que o estamos fazendo com muita vontade. Estamos compensando, sobra-nos preparação, mas não sabemos o que outra coisa se pode fazer, com a energia nervosa que corre por nossos corpos. Não estamos habituados que as pessoas famosas passem por aqui, embora o grande jogador de beisebol Willie Horton, dos Tigres de Detroit, nasceu aqui. A única estrela que apareceu por aqui foi Peggie Castle do The Lawman, e francamente, sem a maquiagem não se parecia em nada com aquela da televisão. Claro que George C. Scott (o general Patton) nasceu na capital do condado: Wise, Virginia. Até agora, eles eram os grandes nomes. Mas estamos a ponto de superá-los com a maior de todas as estrelas. Todo mundo em Big Stone Gap se tomou como um assunto pessoal conseguir que a visita da Elizabeth Taylor seja um êxito. O senhor Honneycutt organizou um ciclo de filmes de «La Liz» no Trail, e isto só serviu para

aumentar ainda mais a febril excitação. Nellie Goodloe não deixa de nos recordar que estamos em ano de eleições e que a visita tem um claro objetivo político. Mas ninguém parece se importar muito. John Warner é republicano e a maioria dos eleitores aqui são democratas, assim não acredito que vir aqui os beneficie muito em sua campanha. Esse território é de Jimmy Carter de um extremo a outro. Mas se houver alguém que possa conseguir contribuir alguns votos para o senhor Warner, será sua esposa, a estrela.

Inclusive Tayloe Slagle parece um molho de nervos. Vomita atrás dos degraus antes de seu grande número em solitário, e estremece a toda a banda. Por sorte, levo um pacote do Tums no bolso levo desde que começaram os ataques de pânico. Ela fica envergonhada de ter vomitado e me agradece pelas pastilhas que aliviam o estômago. Sentada no chão nos braços de sua mãe, Tayloe parece uma menina pequena. É uma menina pequena. Esquecemo-lo porque aqui meninos e garotas se casam muito jovens. Desde minha perspectiva, com a idade que tenho, parece-me muito pequena.

Theodore se assegura de que Tayloe se recuperou e volta correndo ao campo para animar

seus meninos a que se concentrem nos movimentos que repetiram até a indigestão. Entretanto, vê-se o medo refletido nos rostos. Se a garota mais perfeita da cidade parece um molho de nervos, bastaria qualquer tolice para que toda a banda sofra um ataque de pânico coletivo. Por sorte, Tayloe se recupera rapidamente e volta para campo. Agora pode acrescentar «vulnerável» e «indomável» a sua larga lista de atributos.

Reúno-me com o Spec nos degraus. Acaba de retornar de um serviço da equipe de emergência no Wallens Ridge, e morro por conhecer os detalhes.

- O que aconteceu? - pergunto-lhe enquanto sento a seu lado.

- Larry Bumgarner atirou na sua irmã.

- Não! Ela está bem?

- Muito bem. Ele falhou o disparo. Fez-lhe um buraco na manga da camisa, nada mais. - Spec acende um cigarro.

- Por que atirou? - Demorava muito ao telefone. Ele queria ligar a uma garota, possivelmente a conhece, é uma das meninas acrobatas. Bree Clendenin? -Sim. - Larry estava louco por Bree e lhe pediu que a acompanhasse a não sei que festa, e sua irmã tinha a linha ocupada. Farto, foi ao dormitório, agarrou a arma de seu pai e

ameaçou à irmã. Diz que disparou acidentalmente. - Spec solta uma baforada.

Olho as montanhas cobertas com um véu cinza e digo que renuncio à equipe de resgate de uma vez para sempre. Spec me lê o pensamento.

- Poderia ter me dado uma mão lá em cima. Tem muito boa mão nisso de conseguir que as pessoas sejam razoáveis. - Spec acredita que um elogio me manterá no trabalho. Sabe, tive que perguntar uma coisa ao menino, Larry. Queria saber o que tinha Bree Clendenin de especial para que atirasse na sua irmã. Sabe o que respondeu?

- Nem imagino.

- Respondeu-me: «O cabelo». Está loucamente apaixonado por seu cabelo. Pode-lhe acreditar isso? Parece incrível.

Mas o que acreditava Spec que lhe diria Larry? Que queria a Bree por seu caráter, sua inteligência e seu senso de humor? Seu cabelo cor cobre escuro não é bastante para voltar louco a qualquer menino? Todo mundo conhece o velho dito montanhês: as mulheres amam com as orelhas e os homens com os olhos.

Olho ao Spec com muita atenção. Passo muito tempo com ele, mas na realidade nunca estudei seu rosto. Seu perfil se destaca contra a

parede de cimento dos degraus como água-forte. Spec tem um rosto contraditório. Tem a testa limpa de um líder, o nariz arrebitado de um tipo lento e não tem queixo. Pelo “siang men”, tem grandes idéias, mas é incapaz das levar a prática.

- Spec? É feliz? Spec exala uma baforada de fumaça. A pergunta o faz sorrir, e a risada se transforma em um ataque de tosse. O ataque dura uns segundos. Cospe e limpa a garganta.

- O que vê de tão divertido?

- Que classe de pergunta é essa?

- É feliz? Essa é a pergunta.

- Nunca penso nisso.

- Não? - É difícil de acreditar.

- Diabos, não. -Spec atira a bituca. - A felicidade é um mito.

- Por que é um mito?

- Casei-me quando tinha quinze anos. Tenho cinco filhos. Um pior que o outro. É obvio, não é o modo como foram criados. É o mundo. Foi-se ao inferno, e não há ninguém que possa fazer nada para evitá-lo.

- Se pudesse viver sua vida outra vez, mudaria alguma coisa?

Spec clareia a garganta. Depois sua maneira de apertar os lábios me diz que é uma pergunta que

se fez muitas vezes.

- Teria casado com a Twyla Johnson em lugar de fazê-lo com a esposa que tenho agora. Twyla é a que deixei escapar. Todo mundo tem uma. É a pessoa com quem sabe que deveria estar, mas as circunstâncias o levam por outro lado e acaba perdendo a oportunidade. Ao final, acaba aceitando a situação. Acredito que é muito duro para um homem uma vez que começa a ter relações íntimas e regulares com uma mulher e sobre tudo quando é muito jovem, como aconteceu comigo e com minha mulher. É muito difícil cortar. Deixar-se levar é cômodo e não conhece nada mais, assim não pode deixá-lo. Melhor, não quer deixá-lo. Tinha quinze anos e, sejamos sinceros, provei o mel e queria todo o frasco. Minha esposa tampouco conheceu outra coisa. Só queria casar-se e ter a nossos filhos. Casei-me, é obvio, assim que isso tem algo que ver com o processo de tomada de decisões. Cometi um grande engano quando era muito jovem, e nem há volta atrás nem posso seguir adiante. Simples e sinceramente, parei. Tentei dizer a meus filhos, que não se acomodem, mas nem sequer têm o valor de levantar do maldito sofá. Nasceram acomodados como sua mãe. Não há nada a fazer. A vida dá o que tem, e tem que agüentar.

- Onde está Twyla agora?

- Trabalha em um banco em Pennington.

Um sorriso aparece fugazmente no rosto de Spec; por um momento tem queixo.

- Vê-a de vez em quando?

- Às vezes comemos juntos.

- Só comem? - Essa é uma pergunta um tanto pessoal. - Spec me sorri para me fazer saber que não tenho feito nada mal perguntando, mas que deu por fechado o tema. Os homens são assim. Quando decidem não falar mais de um assunto, acabou-se.

Spec oferece me levar para casa. Theodore tem que ocupar-se de guardar as equipes e eu estou cansada, assim aceito. Deixa-me em minha casa e depois se vai a toda velocidade em direção sul, para o Pennington Gap. No interior, Olho a correspondência. Não há nada interessante: só alguns folhetos do Piggly Wiggly e do Collinsworth, uma loja de antiguidades. Comecei a ter medo do correio, embora não nego que me sinto mais tranqüila quando vejo que não há nenhuma carta dos mórmons. Nesse momento não necessito más notícias. Theodore me chama para saber minha opinião sobre o espetáculo. Enche-me de perguntas sobre todas e cada uma das partes; é um perfeccionista! Batem na porta. Suponho que será

Spec. Provavelmente já estava na estrada quando recebeu uma chamada e deu meia volta para me recolher. A verdade é que devo falar com ele do tema da renúncia. Estou farta de atender chamadas as vinte e quatro horas do dia. Olho através da janela. Não é Spec. É Jack MacChesney, carregado com dois frascos. Sem soltar o telefone, abro-lhe a porta.

- Minha mãe fez a primeira compota de maçã do outono e me pediu que lhe trouxesse um par de frascos.

- Obrigado. Quer entrar?

- Está ao telefone - comenta, enquanto entra.

- Sim, mas agora mesmo acabo. Quer um café, um chá, ou alguma outra coisa?

- Tem uma cerveja?

Digo sim e vou à cozinha procurar uma lata. Levo o telefone.

- Quem está aí? - pergunta Theodore.

- É Jack MacChesney.

- O que quer?

- Sua mãe me enviou um par de frascos de compota de maçã.

- Isso é tudo? - Theodore pergunta com um tom de inveja que me faz sorrir.

- Não. Acredito que está loucamente

apaixonado por mim, e que esta noite faremos um filho.

Theodore põe-se a rir, e depois o faço eu também.

- Escuta, é uma descortesia de minha parte segurá-la ao telefone quando tem visita. Chamarei mais tarde.

- Sim, não se esqueça.

Theodore desliga. Nunca se tinha mostrado ciumento. É interessante. Noto o efeito de uma pequena descarga de adrenalina; provavelmente é algo hormonal, mas tenho a sensação de ser uma gata que ronda em busca do gato.

Digo ao Jack que demorarei um segundo. Ele se encontra junto à chaminé. Contempla a estatueta de porcelana da Virgem Maria que há no suporte. Em vida de minha mãe, sempre havia um buquê de flores frescas junto à imagem. Desde que ela morreu, acendo uma vela quase todas as noites. Não sei por que. Simplesmente faço.

- Esta é a Virgem Maria. Eu levo seu nome.

- Ah sim?

- Ave Maria significa «Hail Mary».

- Não sabia.

- Que tal está a Budweiser? - Na seção de cervejas só tenho aquilo que traz Theodore.

Enquanto estou na cozinha, no reflexo do cristal da janela, vejo Jack Mac que tira a jaqueta, dobra-a com muito cuidado e a deixa sobre a cadeira de balanço. Não se senta. Permanece de pé e olha em redor. Sirvo-me um copo de água. Pego da despensa a lata de biscoitos de minha mãe e ponho uns quantos em um prato.

- A Virgem é minha Santa protetora - grito.

- Os Batistas não têm Santos - explica Jack. - Só temos é Jesus.

- Terá que falar em favor de manter as coisas simples - digo enquanto entro na sala de estar.

Jack Mac está sentado no sofá, com o corpo jogado para frente. Coloca a cerveja, o copo e o guardanapo na mesa de centro. Sento-me na poltrona de Fred Mulligan, e lhe dou uma olhada. Leva a calça azul marinho engomada; a camisa verde erva parece nova. Calça botas jeans. Parece que se vestiu para ir a alguma parte.

- Você vai a algum lugar? Está tão arrumado.

- Não. Só me troquei depois do trabalho.

Oculto os pés com meias três-quartos debaixo das nádegas. Acredito que a meia três-quartos esquerda tem um buraco enorme. Tenho o cabelo que parece um ninho de pássaros. Pareço um desastre.

- Não esperava visitas - explico, para me desculpar por meu aspecto.

- Não está mau - assegura-me. Assinala o rosário de contas brancas que está em uma bandeja de cristal sobre a mesa. - É dele? Concordo com um gesto.

- Usa-o?

- Não o suficiente.

- Como funciona?

- Bem, o rosário é uma oração a Virgem.

- Maria? A que lhe deu o nome?

- Assim é. Cada uma destas contas é uma Ave Maria que diz. Aborrece-te?

- Não, absolutamente.

- Cada grupo de dez contas representa um momento da vida de Jesus. Os mistérios gloriosos, os mistérios dolorosos, e assim por diante.

- Os cherokee têm contas de meditação. Parece-se com essas. Mamãe as tem. Ela tem uma parte de sangue cherokee. Vem de muito, muito tempo. Tinha o cabelo negro azeviche quando era jovem.

- Não lembro dela com o cabelo negro.

- Isso é porque ficou branco quando eu era um pirralho.

Um longo silêncio segue a essas palavras.

Olho a imagem da Virgem no suporte. Com a capa azul e a coroa de estrelas, recorda-me à dama na carta de minha mãe, a Ave Maria que me deu nome. Lembro a prece: «Formosa senhora vestida de azul, me faça magra como você». Como um biscoito. Parte-se com um ruído seco e sonoro, e uma chuva de miolos cai sobre meu decote. Por sorte, a maior parte vai parar dentro do bolso. Limpo o resto com o dorso da mão.

- Rick Harmon abandonou a mina - diz Jack.

- Verdade?

- Sim, perdeu dois dedos do pé, e o doutor lhe disse que devia buscar outro trabalho. Assim que se colocou no Legg's Auto World.

- Fez bem. Aquela ferida tinha aparência ruim. Como ocorreu?

- Quando voltei a entrar na mina, demorei um pouco em encontrá-lo. Havia tanta fumaça que ele não podia ver, assim tentou sair arrastando-se. Uma rocha caiu em cima do pé. Quando consegui tirar o pé, viu que a ferida era feia.

- Eu... Todos estavam muito nervosos quando voltou a entrar na mina para resgatá-lo - comento, em representação de toda a comunidade.

- Você ou todos? - diz Jack, tentando não sorrir.

- Todos, incluindo a mim. - Não acredito que fale a mesma linguagem desse homem. Com tantos cortes estranhos.

Outra vez permanecemos em silêncio até que ele volta a falar.

- Meu pai e eu estivemos uma vez aqui para reparar a chaminé.

- É?

- Recorda aquele verão que foi às colônias do FGA?

Como poderia esquecer as colônias dos Futuros Granjeiros da América? Tive que viver com um grupo de garotas mal-humoradas em uma cabana de uma granja no leste do Tennessee, rodeada de animais que tínhamos que alimentar escovar e ordenhar. Fred Mulligan considerou que me faria bem. Pareceu-me horrível.

- Aquilo foi quando eu estava no sexto ano, não?

- Sim. Depois de reparar a chaminé, sua mãe nos preparou uns sanduíches. Meu pai ficou muito impressionado. Suponho que seriam uma especialidade italiana ou algo assim.

- Certamente eram sanduíches de pimenta assada. Colocava pimentas vermelhas e as assava até que a pele ficava negra. Logo tirava a parte

queimada, e a parte carnuda a punha em azeite de oliva. Depois a cortava em pedacinhos, eu sou incapaz das fazer como ela, e as punha sobre o pão com uma pitada de sal.

- Foram os melhores sanduíches que comi em minha vida.

Quero lhe agradecer pelo comentário sobre minha mãe, mas não me saem as palavras. De repente, tenho um nó na garganta. Assim concordo e sorrio. Não chorei muito na morte de mamãe, mas pensar em seus sanduíches, vê-la na cozinha, e saber que se foi para sempre faz que me encham os olhos de lágrimas.

- Sinto muito - diz Jack Mac. Deixa a cerveja na mesa. - Não queria incomodar.

- Não, não. Não me incomoda. Só é que não falo muito dela.

- A ferida é muito fresca.

Por um momento, não entendo o que quer dizer. Só aconteceram uns meses do falecimento, mas tinha começado a me despedir dela quando ficou doente de verdade, e isso já faz quatro anos. A perda não me parece recente; senti-a muito antes de sua morte.

- Ninguém me advertiu que sentiria tanto a sua falta.

- Era uma grande senhora - afirma Jack, simples e sinceramente.

- À manhã seguinte de sua morte, entrei em seu quarto. Tinha que ir ali para pegar o vestido que levaria no ataúde. Assim abri o armário e me encontrei com... - Resulta-me tão violento. Se me quebra a voz, algo que nunca me ocorre. Por que choro diante desse homem? Recupero o controle. - O caso é que me encontrei com oito blusas novas. Eram preciosas, muito bem engomadas e todas penduradas em seus cabides. Quatro de algodão branco e outras em vermelho, azul, amarela e listrada de preto e branco. Tinha-as feito para mim. Fazia-me toda a roupa. Mas não recordo quando as fez. Acreditava que tinha abandonado completamente a costura quando caiu doente. Havia uma nota em um dos cabides. Dizia: «Blusas novas. “Beijos, mamãe”». - Ponho-me a rir e Jack sorri. - Ela confeccionava tudo para mim. Inclusive os casacos. Nunca tive que comprar nada, salvo os jeans. Agora que tenho as blusas, não precisarei comprar nada mais por muito tempo.

- Uma boa mãe é algo precioso. Teve muita sorte.

Suponho que sim. Mas sei que nunca me vi como uma pessoa afortunada. Vejo minha vida

como uma sucessão de pequenas lutas e agradáveis momentos de paz. Mas tudo o que sou devo a minha mãe. Ela me ensinou a adorar a gentileza. Fez aflorar o melhor de mim com o exemplo. Ensinou-me a ler e amar os livros, embora todas as viagens que fiz enquanto lia, todas as aventuras que tive, nunca foram além dos livros. A verdade é que nunca fiz nada por minha conta. Nunca me aventurei muito longe de meu potencial. Nunca me pus a prova nem tive intenção. Não é que tivesse medo, é que não sou atrevida. Parece-me fascinante que alguém me olhe e acredite que sou afortunada. Não tenho talentos naturais. Sou tão lerda! Tenho que estudar as coisas, as ruminar, antes de decidir. Não tenho grandes pensamentos que possam mudar nada. Sou o suficientemente preparada, e suficiente é a palavra que me define. Sou regulável. Trabalhadora. Tenho senso de humor, mas isso se deve a meu prisma, a meu modo de ver as coisas, e não posso adjudicar o mérito. Muito freqüentemente, quase ninguém entende meu particular senso de humor. Não sei o que se imagina Jack que vê quando me olha. Não sou nada especial, e para mim ser uma pessoa afortunada é especial. Tem superioridade, certa elegância. Eu não sou assim. Sou algo fixo sólido. Não sou algo etéreo.

- Quer ir dar um passeio? - Jack Mac me olhou com uma expressão estranha; pelo visto, não pensava ir dar um passeio. - Não é nenhuma obrigação.

- Vamos.

Espera que me levante. Procuro os sapatos; estão debaixo da mesa da cozinha. Olho os pés. Por sorte, o buraco da meia três-quartos esquerda está na planta do pé. Vou até a cozinha e calço os sapatos.

- Espera que vou procurar a jaqueta.

- Não. Use a minha.

- Não passará frio?

- Não, absolutamente.

Jack Mac me ajuda a pôr sua jaqueta. É de um tecido suave, e as ombreiras me caem quase até o cotovelo. Acreditei que tinha mais ou menos sua altura, mas não é assim; sou menor.

- Bonito forro. - É um forro de cetim verde oliva. Os pontos são perfeitos.

- Sua mãe o pôs.

- Claro.

Jack Mac abre a porta e me deixa sair primeiro. Faz mais ar fresco do que acreditava. Levanto o pescoço da jaqueta para me abrigar a garganta. Cheira a sândalo e lima.

Passeamos por meu bairro, uma zona chamada Poplar Hill, na parte mais velha da cidade; alguns dirão que é também a melhor parte. Vivo na casa menor; é uma casa de madeira construída nos anos vinte. É preciosa: grafite de branco, e com uma ampla galeria. Está separada da rua, assim tem um aspecto pitoresco. Há um balanço no alpendre, e as janelas da frente têm vidros chumbados de cor rosa. Volto a cabeça para olhá-la enquanto caminho com Jack, e pela primeira vez me digo que não é a casa de meu pai, mas sim é minha.

- Que tal Sweet Sue?

- Pois estamos separados.

Fico de parada na metade da rua. Estou pasmada e não sei por que. Possivelmente porque quando os vi juntos no cenário a noite da despedida, dava-os por casados. Lembro o terror dela quando Jack Mac entrou na mina, e como o reclamou no momento de sair. Sweet Sue é perfeita para Jack Mac! Seus filhos. Seu entusiasmo. Sua participação nas obras comunitárias; tudo parecia encaixar à perfeição com a tranqüila dignidade dos MacChesney do Cracker's Neck Holler.

- É uma pessoa maravilhosa, muito carinhosa e preocupada com todos - afirma Jack, e dá um chute a uma pedra.

- Mas não para casar.

- Não exatamente, senhora.

Por que tem que me chamar senhora? Por todos os Santos, temos a mesma idade. Dito imediatamente que agarrarei uma caixa de tintura castanho Loving Care da farmácia e colocarei a cabeça dentro. Acreditava que só tinha um par de cabelos brancos, mas é óbvio que me equivooco.

- O que aconteceu? - pergunto consciente de que não é meu assunto. Mas tenho a necessidade de saber. Sinto curiosidade. Não acredito ser descortês ou atrevida. Além disso, ao ler seu rosto, vejo que as linhas que vão do nariz à boca têm uma expressão mais marcada. São de culpa.

- Comecei a sentir algo por outra pessoa.

- Santo Deus! - grito. Sou uma bruxa, mas geralmente dissimulo muito bem. - Quem é? - pergunto, sabendo uma vez mais de que não me incumbe.

- Sabe senhora...

- Jack Mac, por favor, não volte a me chamar senhora. Não sou sua tia solteirona.

- A verdade é que apenas se tiver mudado do instituto - opina Jack Mac, e soa como se acreditasse.

- Obrigado. Agora, do que estávamos falando?

- De você.

-Não, falávamos de você. Você e...?

- Você.

- Eu? - Do que está falando? De mim? De mim como o que?

- Senhorita Ave? Jack, por favor, nada de senhorita. Ainda é pior que senhora.

- Ave Maria? - Excelente pronúncia. - Os dois temos trinta anos e um bom aspecto. Está sozinha. Na realidade, é uma órfã. Tenho um bom trabalho, e quando minha mãe não estiver a casa será minha. Tampouco estou mau. Sei que como muito, e que às vezes ultrapasso com a cerveja, mas tenho o coração bom e sou forte. Tenho algum dinheiro economizado. Acabo de comprar uma caminhonete nova. Uma Ford 78, com todo o equipamento. Ocorreu-me que eu gostaria de ter uma casa e uma família. Uma boa esposa, e quando se trata de encontrá-la, na nossa idade, já não sobraram muitas. Falo dos que nunca se casaram. O campo se reduz, o poço se seca, e só ficam as pessoas que já estiveram casadas, e isso sempre significa complicações. Eu gosto das coisas singelas e acredito que você também. Portanto, perguntava-me se você gostaria de se casar.

- Me casar?

- Sim, senhora. Quero dizer sim. - corrige-se.
Bem. Aprende rápido.

- Está me fazendo uma proposta?

- Assim é.

- Acontece algo?

- Perdoa?

- Sabe algo das mulheres?

- Eu gostaria de acreditar que sim.

- Em primeiro lugar, não o conheço muito bem. Refiro-me a que fomos juntos à escola, mas nada mais. Tem uma mãe encantadora que sofre de hipertensão. Toca muito bem o violão. - por que me sinto impulsionada a confeccionar uma lista? Por que tenho que ser metódica? Por que preciso fazer com que se sinta confortável? Por que não posso responder simplesmente como uma mulher que nesse momento se sente como se lhe tivessem dado um golpe na cabeça?

- Disse que dançava bem - lembra ele diretamente.

- Sim, assim é - respondo com calma, sem me exaltar, como se estivesse falando com um pirralho que deixou muitos cofres em meu balcão. Dou-lhe as costas para pensar um momento. Mas me dou conta de que não preciso me voltar, que não preciso pensar; de repente o tenho tudo muito claro, e é

como uma descarga elétrica que me sacode o corpo da cabeça aos pés.

- Não quero uma resposta agora mesmo - diz-me em voz baixa.

- Darei a resposta agora mesmo, senhor MacChesney. Tenho consciência de que estou acabada, sou velha e não tenho possibilidades, ocasiões ou sonhos próprios, é algo que me resulta inaudito. Pareço uma farmacêutica que não vê além de seu nariz, vale; possivelmente tenha as meias três-quartos furadas, mas há um rio dentro de mim. Não estou sozinha, nem me sinto desesperada, nem triste. Não necessito que me salvem!

- Não o compreende - afirma com a mesma força.

- Claro que o compreendo! Faltaria mais! Se for sincero com esta estranha proposta, a resposta é não. Não o quero. Sou um desses insetos estranhos convencidos de que deve amar à pessoa com a qual se casa.

- Espera um momento.

- Se não foi sincero, acredito que é mesquinho. Não tem nada de divertido rir-se da situação de uma mulher na vida. Como se fosse a responsável por estar casada ou sozinha! Algumas vezes ocorrem coisas na vida, as peças se movem de

uma maneira que o jogo não vai como você quer que vá. Coisas como o câncer, a crueldade mental e o medo. Assim não acredite que é divertido propor alguma coisa alegre, como se o alegria se pudesse inventar em um segundo. Não se pode! Sou feliz sozinha. Não necessito de você nem de ninguém! Sei cuidar de mim mesma! Pode parecer aborrecido, ou lamentável, mas o que você acredita não mudará minha vida em nenhum sentido.

- Não o compreende.

- Me deixe que explique isso. Posso perder tudo o que tenho, e possivelmente eu perca. Mas se acredita que minha definição da segurança é um companheiro com um trabalho e uma caminhonete, é que não sabe nada de mim. Se eu estivesse em seu lugar, pensaria duas vezes antes de fazer uma proposta a alguém que não conheça muito bem.

Volto-me e me afasto. Segue-me. Estou suando. Cheiro um perfume a sândalo e lima que vem de meu pescoço e lembro que uso sua jaqueta. Tiro a jaqueta.

- Sua jaqueta.

Ele a agarra.

- Uma coisa mais. No futuro, se quer conquistar a uma mulher, não lhe diga que tem uma caminhonete nova. À maioria das mulheres se

importa mais com rabanetes que com as caminhonetes novas. Isso não vende. Boa noite.

A umas três quadras de minha casa, dou-me conta de que caminhei um bom trecho com Jack Mac, e isto faz que me sinta ainda mais furiosa. Por que fui caminhar com ele, abrigada com sua jaqueta e falei tanto? Nem sequer gosto dele. Não diz mais que sim e não, e é muito calado. É algo que detesto! Seus longos silêncios que me obrigam a falar, a encher os espaços com histórias pessoais e observações que não quero compartilhar. A cara do tipo! Temos trinta! Você é o que está a ponto de ser um ancião, com essa calva que tem! A mim ainda ficam alguns brilhos de juventude; os teus se esfumaram, Jack MacChesney! Não pense que me encerrará contigo e sua mãe em uma casa de pedra em meio de um terreno baixo! Ponho-me a correr para chegar a casa antes, e os pregos do teto caem de meu bolso e se esparramam pelo pavimento. Sei que teria que me deter e recolhê-los porque poderiam destroçar os pneus de qualquer carro que passe, mas até a idéia de um estouro e o conseguinte choque múltiplo não me faz parar. Quero ir a minha casa. Quero fechar a porta e estar a sós com a única pessoa no mundo em que confio: eu. Ao dobrar na esquina de minha casa, vejo o carro de Theodore

estacionado diante de minha casa. Theodore está sentado nos degraus da entrada. O arrumado Theodore que me compreende! Cruzo o jardim correndo e me joga em seus braços. Ele me abraça com força.

- O que aconteceu?

- Odeio-o, Theodore. Odeio-o!

Pareço como uma menina de doze anos. Recupero o domínio de mim mesma e me sento.

- Alguém fez algo? - Theodore o pergunta com um tom como se estivesse disposto a matar a qualquer que me faça mal. Tira a jaqueta e me joga sobre os ombros. Olha-me nos olhos. O rosto de Theodore, iluminado pela luz do alpendre, tem um resplendor dourado: sépia e pedra. Feições fortes! Quanto amo seu rosto! Esta cara irlandesa. O nariz forte. A mandíbula esculpida é anúncio de sua determinação em tudo o que faz. Nesse momento não há ninguém mais forte que Theodore Tipton. Com ele posso ser sincera, sempre.

- Pediu-me que me casasse com ele.

Passam uns segundos. Theodore me abraça.

- O que respondeu? - Seu tom me diz que espera uma negativa.

- Disse que não! É óbvio. Está louco? Que outra coisa podia lhe responder?

- Não sei.

- Não o quero!

- É engraçado...

- Isso não tem nada de engraçado!

- Faz coisa de um mês, Jack Mac me deteve no posto de gasolina - começa a explicar Theodore.

- Para que?

- Queria saber se nós dois estamos apaixonados.

- Por que não me disse isso?

- Não voltei a pensar no tema. Tenho que agüentar tantas brincadeiras sobre nós, que não dei importância.

Brincadeiras? É que sou o bobo da cidade? Estou tão furiosa que quase não me dá vergonha.

- Jack MacChesney é um farsante! O senhor Respeito. O senhor Cavalheiro, sempre tão discreto e cortês. A quem quer enganar? É pura farsa! Como tem cara para incomodar às pessoas?

- Fala de você. Incomodou-a.

- Sim, falo de mim! - Estou preocupada comigo. Pareço uma confusão e tenho medo. A fúria não me deixa chorar, assim dou ordens como um sargento. - Theodore Tipton, esta noite fica dormindo aqui. - Não me importa se não quer. Necessito-o. Necessito que me abracem. Necessito

que me tranqüilizem, quero a tranqüilidade que só pode encontrar entre os braços de um homem forte.

- Acredito que ficarei.

- Tem que ficar - ordeno-lhe, tão furiosa como antes.

- Tenho?

- Sim. Eu o quero. Não quero a ninguém mais. Estou cansada de tantas histórias. Você necessita de mim, tanto como eu necessito de você. Necessito de meu amigo.

Não vejo o rosto do Theodore, assim não posso lê-lo. Limita-se a exalar um sonoro suspiro e entramos na casa.

Theodore se senta na poltrona de Fred Mulligan enquanto me ocupo de pôr em ordem a casa. A luz de uns faróis percorrem as paredes. «foi-se», comunica-me Theodore, sem desviar o olhar do jornal. Lavar pratos e secá-los, varrer e arrumar são meus entretenimentos favoritos quando estou alterada. Vou e venho da cozinha à sala de estar como uma bola do ping pong. Tenho muita energia nervosa. Theodore quer um café, assim preparo uma cafeteira: esta noite teremos muito de que falar. Quando olho na despensa vejo que tem apenas um pouco de café. Assim pego um banquinho e olho as outras prateleiras. Há uma lata de café ao fundo da

prateleira mais alta que, se bem me recordo, veio em uma cesta de natal. Tranqüilizo-me. Preciso tomar um café agora mesmo. Pego o pote. Theodore entra na cozinha e se senta.

A tampa esta lacrada. Pego uma faca para separar o selo e levantar a tampa. Não há café no pote. Só um pacote de cartas. A princípio não dou muita importância: mamãe era um rato que guardava tudo. É obvio que guardava cartas em um pote. Mas, de quem? Esse pensamento me faz soltar o pote. As cartas se esparramam por todo o chão da cozinha.

- O que é tudo isto? - pergunta Theodore.

- Não sei. - dá-se conta por meu tom de que estou assustada, assim ele me ajuda a descer do banquinho e me acompanha até uma cadeira. Ajoelha-se e recolhe as cartas. Olho para meu peito. Voltaram às palpitações, Pausa lenta e profundamente.

Theodore se senta a meu lado e me entrega uma das cartas. Está dirigida a minha mãe, Departamento de Correios 233, Big Stone Gap, Virginia 24219. No canto inferior direito, escrita à mão, «USA». O selo é italiano. O carimbo é de 23 de abril de 1952, mais ou menos quando fiz nove anos. O remetente é Via Davide, Bérgamo BG, Itália.

- Posso ler? - pergunta Theodore.

- Adiante.

Theodore abre o selo e dá uma olhada à carta.

- Ave, carinho, está escrita em italiano.

Entrega-me a carta e começo a ler. Vai dirigida a: «Querida irmã», e conclui com «Sua irmã que te quer Meoli». A carta fala das coisas que passam no Schilpario e Bérghamo. A tia Meoli fala de sua irmã gêmea, Antonietta, que está bem de saúde e é feliz. Há detalhes sobre as primas Andrea, Federica e Mafalda. Comentários sobre os pais de mamãe! Meus avôs! Um tio que morreu. Depois escreve que não viu ao Mario. Isto é só o que diz. Pergunta por mim. Poderia minha mãe lhe enviar fotos? Não vou completar anos logo?

- O que diz carinho, o que diz?

- Minha mãe tem duas irmãs. Gêmeas. - Sento-me no chão. As cartas estão dispersas a meu redor, cheias de mais surpresas. Pergunto-me quantas mais poderei agüentar.

O jornal local publicou um suplemento especial (em papel cor lavanda) com uma lista de todos os atos preparados para a visita da estrela do cinema Elizabeth Taylor. Chegará na sexta-feira, 23 de outubro de 1978, ao redor das três da tarde. Ficará hospedada na suíte de luxo do Trail Motel. As seis, ela e seu marido irão ao Railroad Avenue, esquina com o Shawmee Avenue (a rua maior), e subirão em um conversível facilitado pela cadeia de supermercados Cs Walker. Ao redor das seis e quinze, o carro seguirá a banda até o campo. O conversível dará duas voltas completas no campo pela pista de atletismo, para que Elizabeth e seu marido saúdem a multidão. As sete começarão a partida: Powell Valley contra Rye Cove. Elizabeth seguirá ao encontro de um camarote construído para a ocasião pelo imobiliário Dom Wax, junto às tribunas locais. (O camarote é o mesmo que usam os jurados nos concursos de bandas; Nellie o decorou especialmente para o ato.) Continuando, o espetáculo do meio tempo.

No sábado pela manhã, os republicanos terão um café da manhã; pularemos essa parte. Depois,

com os aperitivos que se servirão às cinco e meia, começará a festa para arrecadar os recursos destinados à biblioteca. Iva Lou se assegurou de que nossa mesa esteja junto à da Elizabeth! O fantástico de Nellie Goodloe é que quer fazer dar tudo certo. A organização de um fim de semana com a Elizabeth Taylor como estrela principal ficou em suas mãos, e ela está planejando como uma boda real. O jantar substitui a recepção (estou segura de que as bodas de Nellie foi menos detalhada). Ela escolheu o tema «Cores» para a decoração: violeta em honra aos olhos da atriz, e branco porque é um bom contraste. O Dogwood Garden Clube está fazendo os centros de mesa; o Green Thumb Garden Clube se encarrega do fundo floral; Holding Funeral Home cuida do carpete para a entrada e a lona que usam nos enterros em caso de mau tempo. Eu douro as velas; Zackie Wakin providencia os guardanapos com as iniciais E.T. e a data, em letras douradas; e a Coach House Inn preparará a comida favorita da Elizabeth Taylor (e sua especialidade): frango frito com purê de batatas e couve frisada.

Produziram-se alguns momentos de tensão entre Nellie e Iva Lou pelo tema do jantar. Iva Lou se impôs nos planos do jantar porque já se vê convertida na diretora da nova biblioteca. É obvio

Iva Lou não é Nellie Goodloe; não poderiam lhe importar menos os centros de mesa; não distinguiria entre um círio e um candelabro, nem saberia em que lugar vão as colheres. Nellie, em troca, é a rainha da etiqueta. Foi ao Sweet Briar College e tem um título em economia doméstica, dando a Gap um vasto conhecimento sobre a vida elegante. Iva Lou queria montar um andaime. Quando propôs, a Nellie quase teve um ataque; depois de tudo, seria um tanto violento pedir à rainha de Hollywood que use um babador no Miner's Park e roa as costelas. Nellie teve que inventar algo para manter Iva Lou ocupada, assim encarregou-a da venda dos convites para o jantar. Iva Lou só demorou algumas horas para vendê-los todos. Conhece muitos comerciantes e empresários, e é óbvio que lhe devem favores.

Todos os detalhes do desfile prévio à partida - no qual o candidato Warner e a atriz percorrerão a cidade no conversível - têm que passar por Theodore. Ele está a cargo de tudo: dos sócios do clube Kiwanis que encabeçarão o desfile até a seção de tambores da banda que o fechará. As animadoras viajam sempre no caminhão de bombeiros. Ante a possibilidade de que surja algum problema, Theodore se assegura de que Spec tenha lavado o caminhão, e procurou outro de reserva para casos

de emergência. Spec só tem um caminhão em seu parque. Se acontecer algum incêndio na cidade entre as seis e às seis e meia, acabou-se o desfile. Faz alguns anos, começou um incêndio em uma casa durante o desfile. As animadoras saíram desesperadas quando o condutor pisou fundo no acelerador para atender à chamada.

Com a noite da Elizabeth - como se conhece agora o acontecimento - dentro de uns poucos dias, fico até tarde na farmácia para por em dia o meu trabalho. Pearl passa o aspirador e tira o pó. Estou preocupada, mas procuro ocultar. Suponho que deverei esperar que passem os grandes acontecimentos para me ocupar de meus próprios problemas.

Pearl enrola o cordão do aspirador, e depois limpa a máquina com um trapo.

- Tem um acompanhante para o jantar da Elizabeth Taylor, senhorita Ave?

- Sim, o senhor Tipton.

- Ele será o centro das atenções depois de deixá-los estarecidos com o espetáculo; isso está mais claro que a água.

Concordo e continuo com meu trabalho. Pearl me olha.

- Necessita alguma coisa, Pearl?

- Senhorita, está segura de que quer me dar a farmácia?

- Sim, é obvio. Só estamos esperando uns documentos e será sua. Por quê? Está arrependida?

- Não quer ficar com tudo isto? O que acontecerá algum dia se casar? Estou segura de que isto tem algum valor.

Sorriso-lhe. Esperava ter a papelada pronta antes de compartilhar o alcance de nossa transação. Ficará surpresa quando souber que formamos parte de uma cadeia de farmácias. Não só será a proprietária de um edifício e seu conteúdo, mas também disporá de uma valiosa franquia para vendê-la.

- Pearl, não me casarei.

- Perdoe senhorita, mas como sabe?

- Eu sei.

- Não teria que renunciar.

Pobre Pearl. É uma romântica. Não compreende o que acontece realmente entre os adultos. Aos quinze anos, não está preparada para entender a profundidade da relação que tenho com o Theodore. Os sinos, os assobios, as alianças de ouro e os vestidos de noivas não me dizem nada. Não preciso me casar para me sentir inteira.

- De verdade que alguma vez tentou casar-

se?

- Não, jovem. - Sem dúvida escutou o rumor de que o carro do Theodore esteve estacionado diante de minha casa toda a noite. Tenta me enganar. Minha vida pessoal está mais à frente da fofoca, e o que agora precisa acontecer é o nível seguinte: o matrimônio. Nesta cidade duas pessoas adultas não podem viver um romance sem uma licença matrimonial.

- Acreditava que todo mundo desejava casar-se. - Pearl encolhe os ombros.

- O que a faz pensá-lo? - desfez-se de todas as tralhas. - De que fala?

- De que você limpou a dispensa. Quando entrei para trabalhar, era um caos. Agora está vazia. Otto e Worley arrumaram o telhado. Agora está pagando para que renovem e pintem o edifício. Trabalha menos. Contratou-me para que trabalhe aqui, embora Fleeta pode fazê-lo sozinha.

- Aonde quer chegar?

- Até me deu o negócio. Não entende? As pessoas aliviam suas vidas quando estão a ponto de fazer uma mudança.

- Possivelmente me cansei de ter tralhas por todo o local.

- Não acredito. Parece-me que está abrindo

lugar em sua vida para colocar um homem.

Pearl me olha. Não lhe respondo, e ela interpreta como um sinal de que mantenha a boca fechada. Leva o aspirador para guardar no armário.

- Precisaremos trocar as escovas dentro de pouco - comenta enquanto se vai.

Algumas vezes acredito que Pearl Grimes é uma moça muito estranha.

Em 23 de outubro amanhece sem uma nuvem no céu. As montanhas estão na última etapa do outono e as folhas têm uma cor dourada opaca; a cortina de fundo perfeita para a mulher que interpretou a rainha do Egito. Como eu gostaria que minha mãe tivesse vivido para ver uma estrela de cinema em pessoa! A minha mãe adorava Elizabeth Taylor. Era capaz de falar durante horas de suas feições perfeitas: os olhos, o nariz reto, os lábios carnudos, o queixo forte. Elizabeth Taylor é a mais pura porcelana, a mais fina porcelana branca ressaltada pelo cabelo negro azeviche.

Todo mundo está alterado, e os nervos fazem que alguns de nossos cidadãos se comportem de uma maneira estranha, sobretudo os homens. Ballard Littrell, o bêbado local, está sóbrio. Só tem uma orelha - ninguém sabe como perdeu a outra -

assim nunca corta o cabelo no lado esquerdo. Mas ele foi à barbearia se arrumar para a noite, e pediu que cortassem seu cabelo pelos dois lados. Otto e Worley passaram pela loja do Zackie para comprar camisas novas. Nunca comprou nada novo, então é algo muito importante para eles. As mulheres que têm mais ou menos a mesma idade que Elizabeth, de quarenta e cinco para acima, tomaram a visita como um ponto de partida para melhorar sua aparência. Pearl me informa que esgotamos as estoque de tintura cor negra e a sombra de olhos azul.

Considerei a possibilidade de fechar a farmácia, mas não posso. Preciso manter a mente ocupada. Estou nervosa por Theodore; quero que esta noite saia tudo perfeito. Trabalhou muito. Confio em que os meninos não desanimem pela pressão. Nada poderia ser mais horrível que ver a apresentação de fogo voar pelos ares e aterrissar no camarote dos visitantes em lugar de fazê-lo nas mãos de Tayloe Slagle. Não posso acreditar que isso possa acontecer, mas nunca se sabe.

Vou cedo. Pearl conta com isso; trouxe um vestido novo pensando trocar-se em nosso lavabo, e depois ir diretamente ao parque para ajudar ao Theodore na colocação das pirâmides. Recrutei-a

para que trabalhe na equipe do Theodore. Se houver uma pessoa capaz de resistir a pressão, é Pearl. Tê-la perto é tranquilizador.

As campainhas da porta soam alegremente. Olho através da cristaleira e vejo que já há alguns no Main Street que procuram o melhor lugar para presenciar o desfile. Há dois meninos pequenos diante da caixa. Discutem sobre como gastar o dinheiro que lhes deram para guloseimas entre o Good in Plenty ou Hot Tamales. Um olhar nas suas cabeças loiras diz que só podem ser os filhos de Sweet Sue.

- São os meninos Tinsley?

- Eu sou Jared e ele é Chris - responde o maior.

- Quanto dinheiro tem?

- Duas moedas de dez centavos, uma de cinco e outra de um.

- Estão com sorte! Hoje é o dia de dois por uma. Podem comprar duas caixas por vinte e seis centavos. - Os meninos começam a dar saltos de alegria. Voltam a soar os sinos da porta. Levanto o olhar e me encontro com Jack MacChesney.

- Por que demoram tanto?

- Jared acabava de decidir-se - responde Chris.

- Venha, vamos. Subam à caminhonete.
- Não sujaremos o assento com os caramelos,
tio Jack - promete-lhe Jared.
- Como é que têm dois pacotes?
- Deu-nos isso a senhora. - Jared me aponta.
- Agradeceu?
- Obrigado, senhora - fazem coro, e partem correndo.

Outra vez a palavra senhora. A verdade é que me incomoda. Mas devo recordar que são uns pirralhos; para eles, todo mundo é velho, inclusive sua mãe de trinta e cinco anos.

Pearl sai do lavabo com seu vestido novo de duas peças. Parece ter perdido quase dez quilos. Detém-se um momento para comprovar a maquiagem no espelho de seu mostrador, mas pensa melhor ao ver Jack MacChesney.

- É muito amável de sua parte, Ave Maria - diz Jack.

- São uns meninos preciosos.

- Sim senhora, eles são.

Aliso os papéis presos na tabuleta das receitas, e guardo as moedas que me deu Jared. Não posso olhar ao Jack, não porque me dê vergonha, mas sim porque não tenho nada a dizer. O que posso dizer a um homem depois de recusar sua

proposta de matrimônio? Espremo o cérebro, mas não me ocorre nada. Jack Mac fica tão tranqüilo, com as mãos nos bolsos, e faz soar a caldeirinha e as chaves. Saca um punhado de moedas e começa a contar. Alegra-me que o faça porque me dá uma oportunidade para arrumar o cabelo. Sinto o perfume. Como é que sempre cheira tão bem?

- Oh não, os Hot Tamales são convite da casa. Não acabavam de decidir-se entre os Hot Tamales e os Good in Plenty. - Jack Mac me olha, desconcertado.

- Os meninos só tinham... - quieta Ave Maria. A ele não importa saber qual é a guloseima favorita; não é o pai, sua idiota. É o tio Jack, o homem que os leva a passear na caminhonete e brinca com eles. O tio Jack, que qualquer dia desses se transformará em seu padrasto.

- Irá ao jantar de amanhã?

- Sim. - É idiota ou o que? Perguntar-me se vou ao jantar. Teria que me odiar. Fui tão descortês. Agora está aqui colocando moedas em todos os cofres que tenho no mostrador. As moedas caem nos cofres: um, dois, três; é uma boa coisa porque preenchem o silêncio.

- Bom, já é hora de partir - diz. Volta-se e sai do local.

- Você gosta - anuncia Pearl enquanto retoca os lábios com um lápis de lábios Bonne Bell de cor rosa.

Se ela soubesse, mas não posso dizer.

- Ele a olha como se fosse a mulher mais formosa do mundo inteiro. Abandonaria a Sweet Sue por você sem pensar nem um segundo.

- Seria um imbecil se o fizesse.

- Não, não seria. - Pearl pode ser muito teimosa. - Sabe o que, senhorita Ave? Se eu fosse ele, e tivesse que escolher entre Sweet Sue ou qualquer outra mulher da cidade e você, escolheria você.

- É muito amável. - Pelo meu bem, rogo que se cale.

- Você seria a escolhida porque tem algo. Você é borbulhante. Sim, isso. Borbulhante. - Pearl recolhe a bolsa e se dirige à porta. - Nos veremos no campo.

Levo meu melhor casaco - um de veludo vermelho - para que Theodore me distinga da cabine de transmissão. Quando dou uma olhada à multidão que ocupa os degraus, dou-me conta de que todo mundo teve a mesma idéia. Parecemos uma convenção de caçadores, as tribunas estão cobertas de uma marca vermelha e laranja brilhante.

Todos vestem seus objetos mais chamativos; possivelmente em nosso subconsciente confiamos em que Elizabeth Taylor nos veja entre a multidão e nos distinga com um sorriso ou uma piscada. Fleeta me saúda do mais alto da tribuna com uma haste de luz vermelha que conseguiu na Universidade do Tennessee. Dá uma cotovelada ao Portly para que me saúde; ele obedece.

Os degraus dos partidários da equipe visitante se enchem com os que não cabem nas nossas. Rye Cove é um povoado pequeno, muito menor que Big Stone Gap. Quando jogamos contra eles, resulta patético inclusive aclamar aos nossos porque não têm bastante gente para fazer-se escutar. Esta noite lhes daremos uma surra, e é o que se espera; depois de tudo, somos a equipe que tem à estrela de cinema de seu lado.

As equipes ainda não saíram ao campo. Estão formados ao longo da pista de atletismo para saudar a Elizabeth Taylor. Dou uma olhada, e todo mundo está de pé. Ouvi-se um murmúrio, mas é de reverência. A banda forma uma longa fila que vai do estacionamento até a pista, uma serpente muito longa de cor azul. Então aparece ela! O conversível! Com ela! O carro dá um bote quando passa por cima da medianeira de cimento que separa o

estacionamento da pista; por um momento temo que Elizabeth e seu marido caiam porque vão sentados no respaldo do assento. Mas se seguram mutuamente e riem. Estou no lugar perfeito para vê-la com toda clareza.

Não escutei tantas palmas desde que ganhamos o campeonato estatal em 1972. A multidão está de pé. O estádio se enche com um som que reverbera nas montanhas escuras que estão atrás. Cantam: «Liz! Liz! Liz!». De vez em quando um «Te adoro!» destaca no meio do estrondo. Todos gritamos, aplaudimos e assobiamos emocionados demais! Olhe-me, Elizabeth! Há anos a admiramos na tela! Olhe-nos! O conversível balança pela pista a passo de tartaruga. No capô leva um pôster do distribuidor do Nabisco que diz: “NÃO VÁ POR AÍ FAMINTO”. “COME SEUS NABS”. Nabs é a palavra que a gente utiliza por aqui para referir-se às bolachas Nabisco. É óbvio que Cs Walker chegou a um acordo com os distribuidores. Espero que alguém explique a Elizabeth o que são os Nabs.

O carro se aproxima centímetro a centímetro à linha das cinquenta jardas, onde estou. Spec vai ao volante. Vê-me e como sabe que eu adoro os filmes antigos, reduz ainda mais a velocidade para que olhe.

Elizabeth Taylor é algo divino. Usa uma ampla túnica de seda verde esmeralda e calças. O decote em V está deslocado, o que resulta muito atraente. Leva o cabelo negro recolhido em um coque, e uma flor amarela em uma orelha. Estou bastante perto, o que me permite ver o interior do carro. Tirou os preciosos sapatos de salto alto verdes. Está descalça e leva as unhas pintadas de uma cor rosa forte. Mas é sua expressão, a doçura do sorriso, que não é forçada, mas sincera, o que me rouba o coração. Está tão feliz de nos ver! Seus olhos são violetas! Olho ao Nellie Goodloe, que parece mais calmo. A gama de cores é agora uma autêntica comemoração. Há algo peculiar em Nellie; agora vejo o que é. Tingiu o cabelo cor negra azeviche. Pobre Nellie; dá vontade de lhe dizer: seja uma líder, não uma seguidora.

Elizabeth é miúda, com as mãos e os pés delicados, como os de uma menina. É um pouco gordinha, mas nela suaviza sua figura, não há nem um só ângulo. Três das damas do círculo de costura na igreja metodista estão a minhas costas. Seus comentários não são generosos. Joella Resaor, que sempre teve problemas com o peso, diz a suas amigas: «Toda minha vida quis ter sua mesma figura, e agora a tenho».

Vejo o Theodore na cabine de transmissão, que sobressai sobre os degraus dos locais. Observa o campo de cima. Levanto o polegar, e me responde agitando a mão. Então olho outra vez o carro. O candidato levanta o polegar; suponho que acredita que meu sinal era para ele. Sinto-me um pouco culpada. Nunca votaria nele, porque sou democrata. Mas sabem? Não me incomoda em nada deixá-lo acreditar que eu votaria. Sorri-me com um sorriso de «Vota em mim», e levanto o polegar.

Um grupo ajuda a Elizabeth e ao candidato no percurso até seus assentos. Os jogadores vão a suas posições no campo, mas ninguém se fixa na partida. Luster Camp, um espírito cômico com um leve atraso mental, é a mascote não oficial da equipe do instituto. Vai a sua posição de costume, diante dos degraus dos aficionados locais; esta noite está diante mesmo do camarote da Elizabeth. Luster quer a nossa equipe com loucura, mas não é precisamente o embaixador que queremos exibir diante de uma estrela de cinema. Entretanto, Luster não se assusta. Para ele esse é outro jogo mais, e tem um trabalho que fazer. A multidão o olha como olharia uma mãe ao filho que está a ponto de provocar uma vergonha terrível em público. «Por favor, não o faça», parecem lhe suplicar todas as

olhadas.

- Atenção, atenção! - grita Luster. - É hora de aclamar! Os meninos das tribunas sempre o aplaudem, mas essa noite seu silêncio envia uma enérgica mensagem: “Luster, sente-se”. “Por favor, não nos humilhe diante da Virginia Woolf”.

- “Feijões e grãos-de-bico se juntam! Feijões derrubaram os grãos-de-bico de um só murro, e Powell Valley fará o mesmo com esses pobres”! Elizabeth Taylor ri e aplaude como se nunca tivesse escutado algo tão divertido.

- Um mais! - vocifera Luster. - Dois centavos, vinte e cinco, cinquenta, um dólar. Os que estão com os Vikings que se levantem gritando! Elizabeth aplaude uma vez mais. - O público segue seu exemplo. Todos se levantam para fazer coro à estrofe. Luster agradece os aplausos com uma reverência teatral, e depois desaparece entre a multidão. Duvido que saiba que Elizabeth estava entre a multidão.

Vigio atentamente como correm os segundos do segundo tempo, desejando que acabe e com medo que termine. Com demônios, como Theodore suporta a pressão? Quero que seu espetáculo seja magnífico. Não podemos permitir nenhum engano. A banda se coloca na pista em silêncio enquanto

transcorrem os segundos finais do segundo tempo. As equipes abandonam o campo rapidamente. Os integrantes da banda passam em frente das tribunas locais e cruzam a linha de gol, um a um.

O locutor na cabine, que transmite a partida para a rádio local, sopra no microfone e todos o olhamos.

- Damas e cavalheiros. Essa noite ofereceremos a vocês um espetáculo. Temos conosco à garota mais bonita de Hollywood, e esse espetáculo está cheio de coisas de seus filmes. Assim sentem-se e fiquem cômodos, tirem o tabaco e sejam felizes. Lá vamos, conosco a banda dos Vikings do Powell Valley.

A multidão fica de pé e aplaude. As pirâmides estão preparadas para entrar em campo. Vejo brilhar do traje da Cleópatra que vestiu Tayloe, que permanece oculta debaixo dos degraus dos visitantes. Está onde deve estar. Então ocorre algo muito estranho. Uma das meninas toca seu apito. Não uma, nem duas, a não ser quatro vezes. Depois espera e volta a tocar. Não banda não toca; os músicos permanecem imóveis dispostos a começar. Os olhares de todos refletem o espanto que sentem. Ali, na linha dos vinte passos, a uns passos do lugar onde a banda tem que fazer a primeira formação,

estão King e Cora, os dois cães abandonados da cidade, alimentados por todos e adotados por ninguém. King está montando a Cora. A cadela é consciente da presença da multidão ou cortou suas relações com o King, porque é óbvio que não tem nenhum interesse em fazer isto agora. Penso, por muito que não queira fazê-lo, que os cães se transformaram nos receptores de toda a energia nervosa da cidade e agora precisam descarregá-la. A cópula é rítmica e parece dizer: «Por favor, que isto se acabe. Que se acabe o espetáculo. “Que se acabe nesse mesmo momento”».

A multidão guarda silêncio, e todos os olhares se dirigem à rainha em busca de uma resposta. Elizabeth não faz caso dos cães e conversa com seu ajudante. Theodore está abatido na cabine. Olho a Pearl, que dá de ombros e me pergunta sem palavras: «O que supõe que devemos fazer?». Um dos árbitros, incapaz de suportar nem um segundo mais, entra no campo disposto a separar aos cães. Spec persegue o árbitro, e grita tão forte que todos o escutam: «Não tente separá-los, morderão, estúpido filho da puta!». Portanto, fazemos a única coisa que se pode fazer nesta terrível situação. Deixamos que sigam e esperamos que acabem. Essa foi a cena sexual mais longa da história, Por fim, King ejacula.

Separa-se de Cora e corre para o fundo do campo com um galope digno. Cora se esconde na sombra dos degraus. A menina toca o apito. Por fim, por fim, o espetáculo.

Do primeiro giro da formação, os meninos raiam a perfeição. A interpretação é impecável, e que acertos! Sem solução de continuidade, com a qualidade de uma sinfônica, interpretam cada um dos temas principais dos melhores filmes da Elizabeth Taylor. Ela levanta, põe as mãos no corrimão do camarote e se inclina sobre a beirada como se quisesse aproximar-se o mais possível da majestosa e carinhosa saudação. Então as porta-bandeiras giram na linha dos cinqüenta metros, em fila, e desaparecem como por arte de magia no interior das pirâmides. A seguir as três pirâmides avançavam até suas posições e logo BUM! Apagam-se todas as luzes do estádio, a multidão aclama; e ali no centro do campo, rodeada por hastes de fogo, está Tayloe Slagle, vestida de Cleópatra, incluindo a peruca negra, em uma pose egípcia. Tem uma figura extraordinária; com curvas, mas magra, como era Elizabeth Taylor quando interpretou a rainha do Egito. Tayloe agarra duas hastes e os faz girar com a habilidade de uma profissional. Inclina-se, lança, recolhe e sorri sem o menor esforço, suavemente, e

com muita graça. O efeito no estádio às escuras é sensacional. Pearl, que cruzou todo o campo em meio a escuridão, se reúne comigo. Ofega. Contemplamos o espetáculo com um assombro respeitoso. Apesar de ter ajudado, não podemos acreditar que o resultado foi tão formoso.

- Tem tanto talento... - afirma Pearl enquanto olha Tayloe.

- Sim, mas fazer malabarismos com uma haste não é algo que vá servir de muito na vida. - Não entendo por que me sinto obrigada a lhe dar lições. Depois de tudo, não sou o oráculo de Big Stone Gap.

As luzes reacendem; todo mundo aplaude. A banda termina sua atuação e se retira do campo. Desfila por diante do camarote da estrela, que chora e lhes atira beijos. Então ocorre uma coisa incrível; volta-se para a cabine de transmissão e atira um beijo ao Theodore, e logo faz uma reverência. Sim, inclina-se de verdade! Não esquecerei esse momento enquanto viva.

The Coach House Inn é o único restaurante de verdade em Big Stone Gap. Temos o Ônibus Terminal Café e o Sub Sandwich Carry-Out, mas são estritamente informais. Também temos o Jackson's Fish & Fry, que aos domingos serve um

brunch. As festas de bodas se celebram nas salas do porão da igreja. Por conseguinte, todos os outros acontecimentos sociais: reuniões dos Lions e Kiwanis, festas familiares, jantares, têm lugar aqui, no Coach House.

O edifício é de estilo colonial com as paredes de tijolo e o telhado pintado de branco. Um pôster está colocado na entrada: a silhueta negra de um chofer do século XIX que fustiga os cavalos de uma limusine. O artista que pintou o pôster é o mesmo que pintou o meu, no qual aparece uma enfermeira correndo. Os pratos que servem são fabulosos. Toda a comida é fresca e deliciosa: frango frito picante e salgado (aos domingos o chamam Aves do Paraíso), acompanhado com pães doces tão leves e macios que qualquer um poderia comer uma dúzia. Nellie se encarregou que embelezar a entrada. Conseguiu que o banco emprestasse os fícus em suportes de vasos de latão, assim quando entra no Coach House se vê totalmente rodeado de vegetação. Edna e Ledna Tuckett, as gêmeas da cidade, que agora rondam os setenta, vão vestidas iguais com vestidos de sarja azul, e se encarregam de entregar os programas da festa.

Os programas são bonitos; a verdade é que Nellie tem estilo. É a decana de nossa aristocracia

local. As capas do programa são feitas de papel vegetal cor lavanda, com uma diminuta violeta africana de seda lilás pregada, e emoldurada com um cordão negro. No interior, o programa da noite está escrito em itálico.

*Bem vindos candidato e senhora John Warner
Jantar para arrecadar recursos para a biblioteca
24 de outubro de 1978. 6.30 da tarde.*

Coach House Inn Bênção: Reverendo Elmo Gaspar.

*Jantar: Frango com guarnição em honra da grande carreira de uma lenda do cinema: Elizabeth Taylor
Entrada: Caranguejos e ponche.*

Primeiro prato: Salada de batatas «Castelos na areia».

Segundo prato: Frango frito «Cleópatra» Com pão-doce «Uma mulher marcada».

Sobremesa: Bolo «Fogo de juventude» e sorvete.

Café e chá.

Apresentação: Senhora Nellie Goodfoe.

Comentários: Candidato John Warner.

Na porta há um anúncio que diz: «Saudações dos Armazéns Dólar», e logo entre duas notas musicais a letra do estribilho que empregam na

publicidade: *Quem diz que compra pouco com um dólar? Cada dia é um dia dólar! Nos armazéns Dólar!* (Suponho que eles pagaram os programas.) Theodore está muito elegante com a calça cinza, a jaqueta listrada azul marinho e a gravata azul claro que destaca a cor dos olhos (todo um clássico). Eu levo um vestido de coquetel negro com um broche de cristais austríacos. Arrumei meu cabelo preso. Através das janelas da fachada do restaurante vejo centenas de pessoas bem vestidas. Não se servem bebidas alcoólicas porque esse é um condado onde rege a lei seca (não é obrigatório cumprir), mas Nellie Goodloe se assegurou de que sirvam um ponche de champanha com sorvete de lima. Os nervos se acalmaram, mas um pouquinho de álcool ajudará a sedar as pessoas ainda mais.

Liz e seu marido não chegaram ainda. Uma multidão se reúne ao redor de Theodore, e todos o felicitam pelo fantástico espetáculo. Sinto-me muito feliz por ele. Ele está radiante, como estaria qualquer artista, por conseguir uma audiência maciça. As mulheres se vestiram com seus melhores vestidos; é curioso, mas a maioria delas leva uma flor brilhante no cabelo. Para não ser a única, pego um cravo branco de um dos arranjos do centro de mesa e ponho na orelha.

Iva Lou me vê e corre a meu encontro. Seu vestido é uma obra de arte: um vestido longo de poliéster pêssego. A saia é larga e tem um pouco de cauda. O corpete é muito ajustado, como uma série de argolas de borracha. Parece muito tradicional, salvo pelo ajustado. O pequeno toque moderno é um detalhe no peito: uma figura com três livros em uma prateleira desenhada com pedras e lantejoulas.

- Ave, escuta! Esta noite arrecadamos dois mil setecentos e cinqüenta dólares! Não é fantástico?

- Felicitações! - Estou encantada com a Iva Lou. Por fim, todas as suas relações responderam quando esperava.

- O que parece, garota? - pergunta Iva Lou dando uma volta completa para que admire seu vestido.

- Está espetacular.

Dedica-me um amplo sorriso; depois me mostra Lyle.

- Lyle me disse que esse vestido pode convertê-lo em um ávido leitor. Depois de jantar deixarei que consulte o catálogo completo. Você o que acha?

- Acredito que Lyle é o homem com mais sorte no condado de Wise.

- Parece-me que tem razão. Bom, se não o for

agora, asseguro de que o seja esta noite. - Iva Lou se afasta para ir se reunir com Lyle, que baba literalmente, e seguir sondando o terreno.

Lew e Inez Eisenberg já se encontram em sua mesa. Inez não está mal com seu vestido turquesa. Leva o cabelo preso com palitos chineses que lhe dão um ar exótico. Suas expressões são agradáveis, mas não se falam; olham em direções opostas. Sinto por eles. Spec agarra um prato de caranguejos quando os servem. Dá um a sua esposa, que está sentada junto a Inez. Eles tampouco têm muito que dizer-se.

Percorro o salão, e as pessoas se mostram amáveis; por um lado é a conseqüência do álcool, e pela outra a presença de uma equipe de televisão WCYB. Enviaram Johnny Wood, apresentador, repórter e homem do tempo, para cobrir esta informação. Na televisão parece mais baixo e forte que na vida real. Entretanto, na vida real soa tanto como na televisão. Mostra-se cordial, mas está aqui a trabalho, assim não tem tempo para conversar. As pessoas o respeitam e não o incomodam. Nunca aparecemos antes na televisão, assim nos comportamos.

- Um vestido novo? - pergunta tia Alice a minhas costas.

- Essa coisa velha?

- Não me parece velho.

- Essa noite está muito elegante, tia Alice. -
surpreende-se, e fecha os olhos com uma expressão
de receio.

- Já basta de frescuras. Como vai nosso
acordo econômico?

- O senhor Eisenberg se ocupa do assunto. Já
sabe que os advogados sempre usam seu tempo
para fazer algo.

- Só quero que se faça.

Afasto-me antes que a tia Alice se irrite e me
altere ainda mais. Theodore está rodeado por um
novo grupo de admiradores.

Deixo minha bolsa de noite em nossa mesa.
Iva Lou não brincava; estamos sentados do mesmo
lado da mesa de Elizabeth Taylor.

- Está preciosa - sussurra uma voz.

Levanto o olhar e vejo que se trata de Jack
Mac, que me dá uma olhada como se fosse uma
flamejante caminhonete Ford 1978, totalmente
equipada.

- Obrigado. - É minha vez de olhá-lo, e minha
expressão de surpresa me delata. Está muito
elegante e clássico com um traje azul marinho com
riscas cinza. Sua camisa é branca neve, embora me

pareça que o pescoço está um pouco apertado. A gravata vermelha é da melhor seda da China.

- Roupas novas - comenta, destacando o traje.

- São preciosos. - preciosos? Não utilizei esta palavra em toda minha vida. Era uma palavra de mamãe, das costureiras, uma palavra de velhas. Além disso, não tem pinta de precioso, o que está é muito bonito.

- A gravata de meu pai.

- É de uma seda muito boa, sabia? - Não resisto a tentação de tocá-la; eu adoro a seda. Minha mãe estava acostumada a colocar em minhas mãos o tecido que estava costurando.

- Papai a comprou em algum lugar da França durante a Segunda guerra mundial.

- Está bem cuidada. - Por que eu disse isso? Acaso é meu assunto me ocupar de seu guarda-roupa? A mim o que importa se usa a gravata para limpar sapatos?

- Queria falar com você na outra noite.

Por um momento não sei a que se refere; passou algum tempo da noite da compota de maçã, e não tive nem um momento para pensar no assunto. Dá-se conta e está a ponto de esquecer o assunto, mas não pode porque foi ele quem lembrou colocando-se em um aperto. Eu não o

ajudo com minha atitude.

- Nunca pretendi insultar você ou aborrecer em nenhum sentido. Sinto muito.

- Não sei o que responder. Não atirou em mim nem nada do estilo. Pediu-me em casamento. Seu olhar de preocupação me inquieta.

- Tudo o que começa bem acaba bem. Vejo que está outra vez com Sweet Sue. - Sweet Sue se move entre o público como uma cantora de cabaré. Leva um vestido de suspensórios prateado, e seu cabelo é como uma cascata de ouro. Maquiou os olhos com pó cor lavanda. Tem os dentes muito brancos e brilhantes. Parece como saída das páginas de moda do Knoxville News Sentinel.

- Não exatamente. - Jack diz com um sorriso.

Olha a Sweet Sue e depois me olha outra vez. Sua atitude arrogante me zanga de verdade. Imagina que está jogando com os afetos da mulher mais formosa e da solteirona da cidade? Acaso me vê como uma mulher desesperada por um homem? Por uma fração de segundo Jack MacChesney é o inimigo. Mas me recordo que não estou envolvida com esse homem. Sua estúpida duplicidade não é meu problema. Não sou a outra mulher. Tentou me enganar, mas comigo não conseguiu.

- Sabe uma coisa? Só sou uma farmacêutica

que conta pastilhas. Não sei muito, mas tal como vejo as mulheres não são uma bagatela. Aí tem a uma moça preciosa. Teria que se concentrar nela, e em ninguém mais.

Jack me olha um tanto desconcertado.

- Acredita que estamos juntos?

- Trouxe-a para o jantar.

- A verdade é que comprei os convites quando estávamos juntos, mas depois surgiram algumas circunstâncias...

- Cuida de seus filhos. - pensa que sou idiota?

- Não posso abandonar a esses meninos. Estava vendo sua mãe há mais de um ano. Acostumaram-se com minha presença e confiam em mim. Não posso desaparecer de um dia para outro.

- Está bem. De acordo. - Olho sem ver e logo desvio o olhar. Confio em que capte a indireta e se vá, mas ele fica.

- Você está aqui com o Theodore. Explique-me a diferença.

- Espera um momento. Posso ver e estar com quem me agrada. Certo? Eu não sou a que vai por aí propondo matrimônio às pessoas para depois me colocar na cama de meu ex-amante.

- Esta sim que é boa - protesto sem um pinga

de bondade.

- Tenho meus princípios! - Tenho os braços na cintura, e estico o pescoço para encarar o Jack. Ele não retrocede. Eu tampouco. Estamos frente a frente. Seu fôlego é doce; seus olhos jogam faíscas.

- É uma amargurada e está sozinha. Está disposta a seguir dessa maneira. Dane-se você. Não tenho por que agüentar seus disparates e não os agüentarei. Senhora... - Dá meia volta e se vai.

- O que foi tudo isso? - pergunta-me Theodore..., que escutou as últimas palavras.

- Cara imbecil! - Theodore e eu olhamos Jack Mac, que abre passo entre a multidão para chegar a sua mesa.

- Assim mesmo, um bonito traje. - Theodore dá de ombros.

Elizabeth Taylor acaba de chegar. Vimos imediatamente porque os faróis do carro iluminam diretamente o restaurante através das janelas. Todo o local se inunda com uma luz brilhante. A excitação cresce por momentos. Uma coisa era vê-la em um conversível; como algo longínquo, como se estivesse na tela. Mas essa noite estará sentada compartilhando a mesma sala. Jantará conosco! Estaremos muito perto! É emocionante.

Johnny Wood dá ordens à equipe de

televisão, e todos começam a falar com um tom mais alto. Theodore e eu nos ajoelhamos sobre as cadeiras para ver sua entrada por entre as cabeças da multidão.

Vários ajudantes a precedem na entrada, para recepcionar ela e ao candidato. Elizabeth entra, vestida com um vestido comprido vermelho com mangas largas três quarto. Leva o cabelo solto até os ombros. O que parecem ser grandes contas indianas cor ouro, púrpura e ocre penduram ao redor de seu pescoço como as jóias da coroa. Está tão formosa que tira o fôlego. Nellie Goodloe dá um beijo em sua bochecha. A estrela aponta a rosa enganchada sobre a orelha de Nellie; ela se ruboriza.

John Warner, antigo subsecretário da Marinha, parece um presidente com seu traje azul marinho, camisa branca e gravata vermelha, branca e azul. Tem a atitude de um fazendeiro do norte da Virginia. É uma pessoa impaciente. Afasta continuamente a mecha de cabelo branco que cai sobre sua fronte; recorda-me ao presidente Kennedy. As pessoas dizem que foi coisa da sorte que seja candidato a senador. Foi segundo do Dick Obenshain nas primárias do ano passado. Então, em uma tragédia inesperada, o senhor Obenshain morreu em um acidente de avião. Os republicanos

tiveram que chamar o Warner para que substituísse ao Obenshain. Ele aceitou cortesmente. Os jornais dizem que o senhor Warner é um político esperto. Vê-se claramente que está incomodado com a atenção que sua esposa recebe, mas não pode mandá-la ficar no carro. Ela é quem atrai aos votantes e isso é exatamente o que necessita para ganhar esse escuro candidato republicano. Pergunto-me o que deve sentir sendo sempre o segundo, primeiro do Obenshain e agora de sua esposa. Possivelmente não se importe, se isso permite estar na corrida. Parece muito tranquilo apesar de só faltar dez dias para as eleições. Talvez só seja produto de uma boa educação. A calma aparente é o crédito de um cavalheiro da Virginia.

Zackie Wakin abre caminho entre os ajudantes. Aproxima-se da Taylor e estende a mão. Elizabeth dá a sua, e ele a beija como um príncipe. A multidão se benze. Zackie, o lojista libanês, encanta à estrela de cinema. Zackie é baixo, mas ela também é. Enquanto se olham nos olhos, Elizabeth e ele parecem estar envolvidos nessa auréola romântica que ocorre nas cenas de amor quando o homem olha não à mulher, mas em sua alma. Elizabeth, sempre disposta ao jogo, leva a cabeça para trás e ri várias vezes. Escutamos partes da conversa. Conhece

muitas coisas da cultura libanesa. Acompanhou Richard Burton em uma viagem ao Oriente Próximo quando ele rodava um filme, nos finais dos anos sessenta. Assim que os ajudantes a ouvem falar de um antigo marido, a levam para que acompanhe a seu atual marido em uma visita à cozinha para saudar o pessoal. Elizabeth volta a cabeça para olhar ao Zackie e dá de ombros como lhe dizendo: «Lamento que nos tenham interrompido», e lhe diz adeus com a mão.

Abre-se a porta da cozinha, e escutamos ao candidato que diz: «Sou John Warner, candidato a senador dos Estados Unidos. “Eu gostaria de contar com o voto de todos vocês em quatro de novembro”. Li no jornal que isto é algo que faz habitualmente. Por muito que goste da animação da sala, as pessoas que trabalham na cozinha são os que vão votar em massa.

Theodore e eu estamos perto da porta e vemos através das janelas circulares Elizabeth e Warner enquanto fazem o percurso. As enormes bandejas de alumínio estão carregadas com o frango frito. Em uma só há asas; têm um aspecto tão suculento, que morro de vontade de entrar na cozinha e me servir delas. Elizabeth teve a mesma idéia, e enquanto Warner conversa com o

cozinheiro, agarra um peito. Sustenta-a com as pontas dos dedos, com os mindinhos levantados, e remói a carne perto do osso com muito cuidado, para não danificar a pintura de lábios cor pêssego. Warner diz algo e ela concorda enquanto mastiga. Seu marido olha furioso quando vê que ela provou o frango. Elizabeth engole um bocado a toda pressa para acabar quanto antes e voltar para a campanha. Tosse, mas há algo que não vai bem. Tem um osso. Advirto imediatamente que está se afogando, assim entro na cozinha correndo. Ela coloca a mão na garganta, enquanto olha indefesa. Não pode falar. Vejo a cicatriz de uma operação a que se submeteu faz anos na pele do pescoço. Ainda está rosada.

- Miss Taylor. Permita que a ajude.

Ouçó que os ajudantes perguntam: «Quem é?» e o pessoal lhes informa que pertenço à equipe de resgate. Theodore chama o Spec, o que provoca um rumor no restaurante. Spec cruza as portas como se fosse John Wayne, dá uma olhada à cozinha, vê a Elizabeth e corre para ela. Theodore o segue.

- Afogou-se com um osso de frango, Spec.

- Céus! Vá correndo buscar a ambulância. -

Spec me joga as chaves.

Theodore e eu cruzamos o restaurante a toda

velocidade, saímos do local e subimos na ambulância. Damos a volta ao edifício, abrimos a porta traseira, tiramos a maca e a levamos rodando até a cozinha. Warner grita com Spec e seus ajudantes, mas, sobretudo parece muito preocupado com Elizabeth por afogar-se.

Spec trabalha como um profissional na hora de colocar Elizabeth na maca. A prende com as correias e comprova os freios das rodas. Há muitas pessoas que se queixam de que Spec utiliza a ambulância para seu uso pessoal, mas estou segura de que esta noite não se queixarão absolutamente. Possivelmente ele tenha salvado a vida de Taylor.

Spec e eu carregamos Elizabeth na ambulância. Agora sim Warner parece muito preocupado; sustenta a mão de sua esposa e lhe acaricia o rosto. Por sorte, a doutora Gladys Baronagan, a médica Filipina do hospital Lonesome Pene, veio ao jantar com seu marido e solicitamos sua ajuda na emergência. Diz ao Spec que talvez tenha que operar.

Inclusive na tragédia, Elizabeth não pode estar mais formosa. Jaz na maca como uma flor. Agüenta a dor como um soldado, e acreditem, vi toda classe de sofrimentos e algumas vezes as pessoas se comportam de uma maneira muito

estranha. Mas ela parece quase santificada, como se soubesse que sempre pode ocorrer uma desgraça, e se surge a sua frente não deixa que a mate. Seu olhar diz com toda clareza: “Não morrerei”. “Só tirem de uma vez o maldito osso de minha garganta”.

Theodore e eu nos metemos no carro e seguimos à ambulância até o hospital. Quando chegamos, levam Elizabeth diretamente à sala de urgências. Reuniu-se uma pequena multidão, mas ninguém diz nada. É um assunto difícil. Spec passeia nervoso diante da sala. Rogamos para que tudo acabe bem.

Estamos mortos de fome, assim Theodore e eu comemos tudo o que encontramos nas máquinas e tomamos café instantâneo. O candidato espera em uma sala à parte, assim não o vemos. Há vários ajudantes que não param nem um momento, todos com caras fúnebres.

Por fim, após uma hora, aparece uma enfermeira. A doutora Baronagan colocou uma sonda pela garganta de Elizabeth, para empurrar o osso para o estômago, onde os sucos gástricos o dissolverão. Não foi necessária a intervenção cirúrgica. A paciente descansa e darão alta dentro de uns dias. Aparecem Johnny Wood e sua equipe,

e abordam à enfermeira; Johnny quer uma exclusiva para o informativo das onze. A enfermeira levanta as mãos e manda-os embora. «Aqui é um hospital, não um circo. » O repórter dá de ombros e sai. Grava a reportagem na calçada.

- O que se passa? - pergunta-me Theodore.

- Estou bem - respondo, com a cabeça entre as mãos.

- Me deixe ver.

Afasta minhas mãos e me olha com muita atenção.

- Está pálida - afirma.

- Comi muitas guloseimas. Nada mais.

- Venha, vamos.

Mas não acredito que sejam as guloseimas. Revivi tantas vezes o momento que Jack Mac me diz que sou uma pessoa solitária e amargurada que agora me dói o estômago. Não é algo que deva compartilhar obrigatoriamente com o Theodore. Tampouco tenho que contar tudo a meu melhor amigo.

Nunca mais voltamos a ver Elizabeth Taylor. Depois de tirar o osso, descansou várias horas; durante a madrugada, a levaram de Big Stone Gap em um helicóptero para um grande hospital de Richmond, no outro extremo do estado, onde permaneceu os dias que restavam de campanha. John Warner ganhou as eleições pela mínima; muitos pensaram que tinha conseguido muitos votos como uma amostra de solidariedade pelo acidente sofrido por sua esposa enquanto faziam a campanha. É uma verdadeira vergonha que Big Stone Gap passe à história não pela extraordinária festa que brindamos a Elizabeth Taylor, mas sim por ser o lugar onde se engasgou com um osso de frango. As pessoas por aqui têm uma teoria a respeito: opina que possivelmente pesa sobre nós uma velha maldição escocês-irlandesa. Depois de tudo, o carvão não nos transformou na Pittsburg do sul e agora quase acabamos com a vida de uma estrela internacional de cinema; talvez não estejamos destinados a fazer parte do grande mundo.

Depois de toda essa animação (que me deu a

oportunidade de deixar em suspenso meus assuntos pessoais) volto a enfrentar a minha vida. Por fim tenho um momento para me sentar e escrever uma carta a minha tia Meoli. É um ato catártico. Calculo que agora deve rondar os sessenta anos, assim começo a carta pedindo que procure a alguém para que esteja com ela antes de continuar com a leitura, no caso dela passar mal. É muito difícil escrever sobre a morte de minha mãe, mas consciente de que é a irmã de minha mãe, dou-lhe todos os detalhes que lembro. Mamãe sempre esperava que dissesse toda a verdade - que ironia - e, portanto assumo que sua irmã quererá o mesmo. Não sei por que mamãe não falou de sua família, sobretudo quando vivemos treze anos sem ter ao Fred Mulligan por perto. Ainda o temia? Por que não viu nossa viagem como uma oportunidade para aliviar sua consciência e compartilhar a verdade comigo? Teve muitas ocasiões para me contar toda a história. Por exemplo, poderia ter contado tudo quando recebemos nossos passaportes. Poderia ter contado quando íamos a Itália. Poderia ter escolhido qualquer dia, qualquer momento, quando só estávamos as duas nessa casa, em particular, sem a ameaça de nenhum estranho. Que imenso presente seria a verdade! Poderíamos ter ido a Itália e nos

reunir com as pessoas de quem venho. Poderia ter apresentado a sua família. Poderíamos ficar com eles, aprender sobre eles, recuperando o tempo perdido. Poderia ter tios, primos que me quisessem. Descobrir tudo aquilo que tinha perdido na bruma da mentira.

Estou a ponto de morder uma porção do meio bolo de chocolate que me trouxeram as irmãs Tuckett (a outra metade levaram ao Theodore). Estou recebendo uma multidão de pratos desde que tomei parte da equipe que salvou a vida de Taylor. Bato um pouco de nata fresca. Preparei um café. Estou vestida com meu pijama de flanela mais suave, com os pés sobre a mesa, quando toca o telefone.

É Spec (quem mais poderia ser?). Necessita que o acompanhe à igreja de Deus. Rogo-lhe que vá sozinho, porque estou cansada (e por certo, tinha esquecido de dizer a Spec que me demiti). Mas insiste e assim aceito. Passam uns cinco minutos antes que Spec faça soar a buzina e eu saia correndo. Pego a maleta de emergência ao passar pelo vestíbulo.

Enquanto cruzamos a cidade para ir à igreja que se encontra na beira do rio, Spec me informa da situação, O reverendo Gaspar estava na metade de

um sermão quando tirou duas serpentes de cascavel de uma jaula e começou às manipular. Uma o picou.

- Tranqüilo. O reverendo Gaspar tem uma garrafa de antídoto. O doutor Daugherty deu uma receita.

Spec não me responde. Dá uma tragada ao cigarro. Esta é outra das viagens inúteis que me embarca Spec. Uma mordida de serpente é trabalho de uma só pessoa. Só terá que lavar e enfaixar a ferida, e se acabou. Penso na deliciosa parte de bolo que está sobre a mesa de centro na sala de minha casa, e fico zangada.

A igreja de Deus é um edifício de um só cômodo. No telhado tem uma cruz. A porta principal está pintada de uma cor vermelha brilhante para manter afastado ao diabo. Spec e eu ouvimos os lamentos da congregação, mas isto é algo típico nesses atos. As pessoas vêm aqui para limpar-se dos pecados e conseguir a redenção. Às vezes é muito escandaloso.

Entramos pela parte de trás da igreja. Dicie Sturgill, uma ruiva baixa e robusta, recebe-nos no último banco. Leva-nos pelo corredor central até o reverendo Gaspar, que está estendido no chão diante do altar com o casaco de alguém colocado sob a cabeça como um travesseiro. Uma dúzia de

fiéis o tocam enquanto rezam fervorosamente. Reconheço um dos rostos de um serviço da equipe de resgate feita no ano passado: Snodgrass, um vândalo de quinze anos. Uma manhã, durante uma reunião das garotas no instituto, saiu dos vestiários com uma bola de basquete, completamente nu. As garotas, ao vê-lo, começaram a gritar e saíram correndo pelos corredores, provocando uma correria. Ele foi suspenso, mas nunca mais voltou para o instituto. Em troca, foi trabalhar nas minas.

O reverendo Gaspar geme suavemente. Tem a mão envolta com um montão de toalhas de papel manchadas de sangue. Olho a ferida enquanto Spec pergunta a ele se tomou o antídoto. O pregador é incapaz de concentrar-se; sua reação me indica que não tomou, mas não estou segura. Peço a sua esposa, que chora e reza aos pés do Gaspar, que se sente. Ela implora a Jesus que o salve. Digo ao Spec, que acabo de enfaixar a ferida: «Possivelmente consiga me fazer entender».

Peço aos fiéis que voltem para seus assentos porque o paciente necessita ar. Obedecem-me. Um deles abraça à senhora Gaspar e a acompanha até o primeiro banco. Spec prepara uma seringa de injeção com soro para administrar no pregador. Se já tomou o antídoto, não fará nenhum mal, e se não

tomou, rogo que sirva para salvá-lo.

- Reverendo, escuta-me? Sou eu, Ave Maria. Tem uma mordida muito feia. - Sorri como se me compreendesse.

Então Snodgrass se levanta de um salto, saca uma pistola que leva escondida entre as roupas, e dispara contra as serpentes que se retorcem na jaula sobre o altar. O sangue e partes de carne envolta em pele de serpente cor ocre e verde salpicam por toda parte. Os fiéis ficam horrorizados.

- Malditas cascavéis! - grita Snodgrass.

Dois homens o seguram, pegam a arma e o tiram da igreja. Spec e eu mantemos a calma e continuamos com nosso trabalho, embora tenha a sensação de que vomitarei a qualquer momento. Acaba de me ocorrer que ninguém muda de verdade nunca; Snodgrass era um perdido antes de escolher a Deus e agora é outra vez um perdido.

- Reverendo, tornou o antídoto?

Não me responde.

- Teremos que levá-lo ao hospital.

- Não! - nega com toda a clareza.

- Temos que levá-lo. Foi picado por uma serpente.

- Não!

Spec me olha: «Levaremos de qualquer

maneira. Chega de bate-papo. “Vamos tirá-lo daqui”. O reverendo tem o rosto cada vez mais inchado. Enquanto o colocamos na maca, cai um frasquinho do bolso. É o antídoto que eu vendi. Guardo em um bolso e rogo que sua esposa não o veja.

Spec ordena às pessoas que saiam do corredor. Tiramos o reverendo ao exterior e o carregamos na ambulância. Spec conduz e eu fico atrás com o paciente.

Sustento sua mão. Ele ainda tem força para apertar a minha, e peço que continue apertando. Pede água e eu dou. Há algo que quer me dizer. Primeiro, bebe outro gole.

- Por que não tomou o antídoto, pregador?

- Fé - responde-me. Sua expressão é de felicidade.

Não entendo. Sofre. Por que não grita de dor? Os homens parecem muito pequenos quando agonizam. Seguro sua mão e aperto suavemente; espero uma resposta. Não chega. Ainda tem pulso, mas entrou em coma.

Spec me leva para casa. Quase não nos falamos no trajeto do hospital. O reverendo Gaspar faleceu às 3.33 da manhã; há quem recorde que Jesus Cristo morreu aos trinta e três anos, e talvez

exista alguma relação. Nunca perdemos a um paciente, assim nunca passamos juntos por esta experiência. Chegamos e subo os degraus da entrada de minha velha casa, mas já não a vejo como meu lar. Deixei todas as luzes acesas; o bolo e o café estão onde os deixei; o creme batido se tornou líquido outra vez. Recolho os pratos, levo-os a cozinha e atiro tudo no lixo. Lavo o prato, o garfo e o copo. Não choro, mas não consigo apagar o rosto do reverendo Gaspar de minha memória.

É um desses dias preciosos de finais de novembro, perfeitos para ir apanhar maçãs ou a um funeral. O reverendo Gaspar, vestido de branco, jaz em um singelo ataúde de pinheiro. Há ramos de flores silvestres atados com cintas aos pés do féretro. A igreja de Deus nunca esteve tão cheia. Quase todos os pregadores locais das outras congregações estão junto ao altar, incluído meu sacerdote católico, um amável e velho irlandês de Búffalo, Nova Iorque.

Os irmãos mórmons observam a multidão e me saúdam assim que me vêem. Sorrio, agradecida; enviaram-me a árvore genealógica de minha família que os mórmons fizeram. O único problema é que se equivocaram ao escrever o nome de Mario. Portanto, investigaram à família Bonboni. Embora

os Bonboni são famosos produtores de azeite de oliva, não têm o menor parentesco comigo. Mas não tive coragem para dizer que se equivocaram, e em consequência escutei com muita atenção tudo o que me contaram e me mostrei entusiasmada com seus descobrimentos.

Há muitos cantos e orações. As pessoas falam do pregador Gaspar, de como os ajudou a encontrar a Jesus; como rezou com eles e por eles; como era um autêntico pregador, um verdadeiro apóstolo que sabia contar uma história e que acreditava nisso. Lembro as histórias que nos contava na escola. Tínhamos um pouco de medo além de um profundo respeito. A palavra «fé» aparece uma e outra vez em meus pensamentos, e lembro seu tom quando a disse na noite que faleceu. Dá-me calafrios. Quando termina o funeral, e depois de escutar ao Pee Wee Poteet interpretar em seu violino «In the Sweet By and By», Dicie Sturgill se levanta para ler uma carta que o reverendo escreveu para sua congregação para ser lida depois de sua morte. Só a menção da carta provoca outra quebra de onda de gemidos. Ao ver que se prolonga muito, Dicie lhes dirige um olhar que diz: «O que querem fazer? Seguir chorando, ou que eu leia esta carta de uma vez por todas?». Os gemidos se apagam. Agora se escuta

um ou outro pranto sufocado. Então começa a ler:

Meus queridos amigos em Jesus Cristo Nosso Senhor: Em minha vida sempre encontrei a Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador, em todas as coisas, no trabalho e na diversão. Jesus não era alguém para quem me voltava quando estava doente ou causasse pena. Também me divertia com ele. Estava sempre comigo em qualquer lugar, pregando na escola ou indo pescar no lago ao sábado pela manhã. Sempre estava comigo e eu confiava em conhecê-lo muito bem. Em lugar da recepção com ponche e bolachas no Fellowship Hall, arrumei tudo para irem à bolera do Shug e passem a tarde jogando boliche. Quero que também se divirtam um pouco com Jesus. Escutem uns aos outros, vejam a grande glória de Deus em cada um de vocês. Ele estará ali, amigos, acreditem. Algumas vezes simplesmente não temos olhos para Vê-lo. Aproveitem.

Seu devoto amigo reverendo Elmo Gaspar.

Uma coisa que sabemos fazer muito bem em Gap é seguir as instruções. Portanto, depois de enterrar ao reverendo, o cortejo fúnebre vai diretamente à bolera do Shug no Shawnee Avenue. Midge e Shug Hall têm as pistas preparadas, as bolas lustradas, as bolachas nas mesas, os

refrigerantes servidos e os cartões vazios.

Formamos equipes de quatro, ou de dois. Ninguém se mostra impaciente ou competitivo. Esperamos nosso turno e desfrutamos olhando o jogo dos outros. Inclusive as anciãs se unem à diversão. Há uma ou outra lágrima, mas preponderam as risadas e as histórias enquanto comemos e jogamos.

Iva Lou e eu nos desculpamos para ir ao lavabo. Tem que passar na frente de todas as pistas para chegar aos lavabos. Lembro a vergonha que me dava ir ao lavabo durante a adolescência. Um dia era uma menina que fazia bolas com a goma de mascar, e não parava de ir daqui para lá, e após dois meses, quando entrei na adolescência, dava-me pânico chamar a atenção e que me vissem ir aos lavabos. Hoje, enquanto Iva Lou e eu vamos aos lavabos sem o menor incômodo, só nos preocupa que não nos alcance alguma bola que sai da pista. A bolera está abarrotada de péssimos jogadores e as bolas vão para qualquer parte.

Quando chegamos, paramos um momento, porque em lugar dos clássicos pôsteres de Damas e Cavalheiros, há duas figuras para escolher: POINTERS e SETTERS. A porta dos POINTERS tem a figura de um cão caçador à espreita; a porta dos

SETTERS tem um cão sentado junto à chaminé.

- Nós somos setters - anuncia Iva Lou enquanto abre a porta.

June Walker está lavando as mãos.

- Não é terrível o pregador Gaspar? - Nós concordamos com expressão triste. June acrescenta:

- Já sabem que as mortes vêm de três em três, assim suponho que faltam dois mais.

- Não acredito que deva preocupar-se por essa velha superstição. Já ocorreram três mortes - aponto à imagem de June no espelho.

- Quais são?

- Morreu o reverendo Gaspar e as duas serpentes. Somam três.

Enquanto nos maquiemos diante do espelho, escutamos o rodar das bolas pelas pistas. Quando as bolas se chocam contra a parede ao final das pistas para cair no sulco de retorno, soa como se fossem entrar no lavabo de senhoras. June dá um coice com cada choque. Iva Lou e eu rimos. A última vez que estive nesse banheiro era uma menina pequena. Tinha me esquecido como as bolas se chocam contra a parede.

Não sei por que não me causar pena o falecimento do reverendo Gaspar. Suponho que é em parte porque aconteceu à morte de minha mãe,

algo que ainda não superei, ou seja, que qualquer acréscimo me parece surrealista. Quando retorno a casa depois do funeral, encontro-me com o Otto e Worley que estão instalando as portinhas nas janelas da planta baixa de minha casa. Falo da festa na bolera e riem. Não sei que mais trabalhos encarregar, e começo a pensar no futuro. Não sei quando começou, mas Otto e Worley passaram de sucateiros da cidade e transformaram-se nos encarregados da manutenção de minha casa e meu negócio. Otto deixa um montão de correspondência na mesa da cozinha. Recolho-a e subo escada acima. Olho minhas correspondências corriqueiras. Levo o restante das correspondências, saio pela janela e me sento no telhado. Não estive aqui desde que reparamos o telhado. Aonde vai o tempo? Faz tempo que quero vir aqui, contemplar a cidade e pôr em ordem meus pensamentos. Suponho que estive ocupada, ou possivelmente não precisava estar muito acima, por cima de tudo, até agora.

Há três avisos de renovação de assinaturas de revistas. Em lugar de abrir e pôr na pilha de coisas por pagar, rasgo-as. Já tenho muitas revistas na farmácia; a partir de agora as lerei ali. O último envelope é de um papel fino como um tecido de cebola. O remetente é Meoli Vilminore. Céus. Por

fim! Rasgo o envelope com muito cuidado para não romper o conteúdo. É uma carta de três páginas escritas em italiano. Devo admitir que depois da morte de mamãe me preocupa perder meus conhecimentos de italiano; cada dia que passo sem ela, custa-me mais.

Tia Meoli me diz o quão triste foi receber a notícia da morte de minha mãe. Confiava em que algum dia voltariam a reunir-se. Acrescenta que minha mãe ficaria feliz ao saber que ela e eu nos encontramos. Também comenta quão feliz é ao saber que estou bem e pergunta se poderia enviar uma foto. A visão das mulheres italianas reunidas com minha foto, brigando por mim como possível esposa de seus filhos desdentados, produz-me calafrios, assim resolvo não enviar nenhuma foto de momento. Zia Meoli me fala de sua vida na Itália. Sua irmã gêmea, Antonietta, encarregou-se de criar seus filhos, porque Meoli era professora em tempo integral. Vejo o nome do Mario nos últimos parágrafos, então salto o bate-papo intermediário para ir à verdadeira razão desse intercâmbio. Meoli me diz que não conhece muito bem a meu pai; ele vive em Schilpario, que fica nas montanhas. Tem notícias suas de vez em quando porque ainda é o prefeito. Não sabe se está casado, mas supõe que

não, porque tem fama de ser um Dom Juan. Promete-me que tentará averiguar tudo o possível.

Deito-me no telhado. Não se ouve nenhum ruído salvo o som das portinhas quando os fazem correr nas guias para comprovar se fecharam bem. Teria que me alegrar saber que meu pai está vivo e com saúde. Em troca, a notícia me faz chorar. Não sei o que sentir. Tampe meu rosto com a manga para que Otto e Worley não me ouçam.

Tenho tantos livros para devolver à biblioteca que sugiro a Iva Lou na brincadeira que deveria estacionar a caminhonete diante de minha casa. Coloco-os em duas bolsas e vou à cidade. Pearl e Fleeta estão a cargo da farmácia. Decidi tomar uns dias livres. Não acredito que faça diferença. Fleeta adora fazer o caixa, levar a bolsa de dinheiro ao banco e colocá-la no cofre. Diz que dá a sensação de ter acabado definitivamente a jornada.

A porta lateral da caminhonete está aberta, o que resulta estranho. Ouço risadas no interior; penso em chamar, mas não o faço. Iva Lou está junto ao Jack MacChesney, que folheia um dos três jornais nacionais que leva. O jornal preso a uma varinha de bambu, é intratável, e ver Jack Mac sustentá-lo faz que Iva Lou morra de rir. Não vi ao Jack desde a noite do engasgo da Taylor. Não

parece muito contente.

- Olá. - Entrego as duas bolsas de lona e me viro disposta a partir.

- Por que tem tanta pressa? - pergunta Iva Lou com um olhar que diz: «Fique ». Respondo-lhe com outra que diz: «Não fico».

- Tenho que ver como estão Pearl e Fleeta. Além disso, Otto e Worley estão em minha casa. - Por que tenho que me justificar? Por que não posso deixar os livros e partir?

- Me ligue em algum momento - pede-me Iva Lou com um tom triste.

A verdade é que desejava passar um momento com ela. Tivesse sido divertido, mas ele está aqui, assim esquece-o. Só bastou que Jack Mac franzisse o sobrecenho para me fazer mudar de idéia. Agora que disse a Iva Lou que iria ver a Fleeta e Pearl, tenho que passar pelo local; verão para onde vou através do pára-brisa, e não quero que me tomem por uma mentirosa. Portanto, estaciono o jipe diante da agência de correios e entro na farmácia. Pearl e Fleeta estão outra vez na seção de maquiagens. Pearl está depilando as sobrancelhas de Fleeta. Ela me olha.

- Não venho espiar. Obrigaram-me as circunstâncias.

- De quem foge? Do Spec?

- Não.

- Anda procurando você. Recebeu sua carta de demissão da equipe. Não quer ir a sua casa, assim passa por aqui a cada meia hora.

- Tanto a assustou ver uma serpente morder ao pregador?

- Não me assustei. Só que aquilo foi a última gota. Sabe o que quero dizer?

- Só o que sei é que eu não gosto dos desertores - afirma Fleeta enquanto inala a fumaça de seu Marlboro até o mais profundo dos pulmões.

- Estou há anos trabalhando como voluntária na equipe de resgate! Não sou uma desertora.

- À defensiva - opina Fleeta.

Não estou de humor para discutir com a Fleeta. Saio e vou à agência de correios para ver o que tenho no compartimento. Ofertas de mantas, viagem ao Knoxville para assistir aos jogos de futebol americano da Universidade do Tennessee e algumas faturas.

Há uma caminhonete estacionada junto a meu jipe, assim tenho que deslizar entre os dois veículos para subir ao meu. Detesto às pessoas que estacionam tão perto. Há espaço de sobra para todos estacionarem no ângulo correto. Abro minha

porta e estou a ponto de subir quando me chama a atenção algo que está no assento do passageiro da caminhonete. A palavra Schilpario é como uma luz vermelha. O sol brilha com força, assim que me resguardo os olhos e espio no interior da caminhonete pela janela. É muito estranho. O livro que acabo de devolver à biblioteca: Schilpario: uma vida nas montanhas está no assento do veículo. Quem o pediu em empréstimo? Por quê? Tratava-se de um empréstimo especial, e, portanto, a pessoa que o pediu sem dúvida teve que convencer a Iva Lou para que se ignorassem as normas. Enquanto ligo o motor, procuro a caminhonete da Iva Lou, mas já não está. A caminhonete é nova e me parece conhecida. Então recordo: pertence ao Jack Mac. Não tenho boa memória para os carros, mas sim recordo que me mostrou faz tempo quando fui levar um medicamento a sua mãe.

Não espero para perguntar a Jack Mac por que pediu meu livro. Arranco e vou para o semáforo. Pelo retrovisor o vejo sair do Zackie's carregado com uma bolsa e subir à caminhonete. Enquanto ele arranca, tenho luz verde, assim giro à esquerda e desapareço.

Theodore e eu fazemos algo muito especial de vez em quando. Chamamos de nossa excursão

campestre. Vamos às covas do Cudjo, perto do Jonesville, um grupo de covas escavadas na ladeira de uma das montanhas. Está cheia de estalagmites e estalactites, os majestosos depósitos naturais de minerais e rochas. O pôster da entrada diz: «O joalheiro de Deus».

Na entrada há um espaço plano onde esperamos que chegue o guia, um velho chamado Ray. Tem um sexto sentido que o avisa quando há visitantes; escutamos suas pegadas no atalho. «Ah, são vocês. “Faz tempo que não vinham por aqui”. Ri. Depois nos guia por um atalho que abre espaço entre as cavernas esculpidas e as catacumbas dos índios. As formações de rocha que penduram do teto parecem de cera resplandecente de todas as formas e tamanhos, incluídas algumas que são enormes. As que surgem parecem dedos esfumados.

Theodore e eu estávamos acostumados a tomar apontamentos com descrições das pedras. Após algum tempo, aborrecemo-nos e deixamos de fazê-lo. Entretanto, estamos aqui com relativa frequência, o guia nos conhece e nos leva a algumas zonas reservadas. Nossa favorita é um lago, que parece de cristal, muito dentro, no coração da montanha. Ray não leva a qualquer um até ali

porque era um lugar sagrado onde oravam os índios. Também é muito perigoso; a borda do lago só tem uns trinta centímetros de largura, e ainda por cima há uma saliência onde podem subir e sentar-se duas pessoas. O lago tem uma profundidade de vários metros. Ray tem medo que algum visitante caia na água. Deixa-nos porque sabe que teremos muito cuidado e não tocaremos em nada.

A superfície do lago é bastante pequena, não terá mais de três metros de diâmetro. Ray disse que imaginássemos um cilindro de pedra cheio de água, como um copo alto e magro. Compreendo por que os índios rezavam aqui; é tão tranqüilo e silencioso; o único ruído que escuto é o da água que goteja das paredes. O lago me recorda a piscina batismal da igreja do reverendo Gaspar. Só há lugar suficiente para inundar um corpo ou dois de uma vez. (Desejaria tê-lo trazido alguma vez aqui para mostrar como era o culto dos índios.) Theodore assinala a parede mais longínqua com o raio de luz da lanterna. A água reflete as estalactites e projeta raios de varias cores sobre as paredes. É como ver uma pintura em movimento de cores azuis e prateadas.

Theodore, sempre tão pormenorizado, sabe que preciso desfrutar de algo agradável. Acredita

que do susto que nos deu Elizabeth Taylor quando se engasgou com o osso de frango e a morte do pregador Gaspar em consequência da mordida de uma serpente, fez-me passar mal. Tem toda a razão. Sinto que o último ano de minha vida foi uma sucessão de episódios desagradáveis, depois de esperar com tanta ilusão que me ocorresse algo excitante enquanto tenho trinta e cinco anos. (Possivelmente está saindo um raio ou algo em alguma parte de meu rosto que anuncia o desastre em lugar de alegria.) Ainda me faltam cinco meses para completar os trinta e seis; possivelmente as coisas mudem para melhor; se não for assim, muito me temo que perca minha fé na velha arte chinesa da leitura do rosto. Ficamos junto ao lago durante não sei quanto tempo, sem nos cansar do jogo de cores que nos oferece a natureza.

No caminho de volta a casa paramos no Dip & Cone Barn, uma lanchonete na estrada entre o Jonesville e Pennington Gap. Theodore pede um montão de comida. Nós nos sentamos em uma mesa ao ar livre embora esse último dia de novembro seja muito fresco.

- Quero falar com você de um assunto.

- Adiante. - Começo a abrir os envelopes de ketchup. Eu gosto de ter uma boa quantidade antes

de começar a comer as batatas fritas. Eu não gosto de comer um par de batatas e abrir um envelope, comer outras duas e de novo abrir outro. Eu gosto do ter tudo preparado.

- Foram tempos difíceis - comenta Theodore, sempre tão diplomático.

- Sim.

- Acredito que não estive pensando nas coisas corretamente. - Ele olha para suas mãos.

- De que falas?

- De nós.

Olho ao Theodore e a sinceridade que se reflete em seus olhos me assusta. Nunca disse «nós» como acaba de fazê-lo. Sempre fomos amigos, salvo por aquela noite que me joguei em seus braços e fui recusada (uma noite que prefiro esquecer).

- Recorda o espetáculo que fizemos para Elizabeth Taylor? - Se recordo? Esta tirando sarro? Foi a noite de minha vida.

- Quando aqueles dois cães começaram a copular na metade de minha obra, só pensei em desaparecer. Mas então a olhei da cabine de transmissão. Você levava aquele casaco de veludo vermelho. Sorriu-me e depois fez o gesto tão gracioso de olhar seu relógio como se quisesse dizer «Até quando? E senti como se me tirassem um peso

enorme dos ombros. Aquela noite me salvou a vida. Nunca o esquecerei.

- Obrigado, Theodore.

- Digo-o de verdade. Sempre está quando necessito. Não sei o que faria sem você.

A única outra pessoa em toda minha vida que me disse que não sabia o que faria sem mim foi minha mãe, quando estava morrendo. Tomo boa nota disto, no caso de surgir o tema mais adiante.

- Acredito que deveríamos nos casar.

É como se uma cortina, daquelas antigas que se desenrolavam, começasse a baixar lentamente para tampar meu rosto, o pescoço, o peito e as pernas até chegar a meus pés. Quero ficar para sempre atrás da cortina.

- O que pensa? - pergunta ao ver que se prolonga o silêncio.

- Oh, Theodore.

- É isso o que quer, não?

O que quero? Não posso dizer o que quero? Não sei o que quero. Passei toda a vida tentando dar aos outros o que eles querem. Não me queixo. Eu gosto de ser útil. Considero muito importante, e ninguém se surpreende mais que eu quando comprovo que os velhos hábitos já não funcionam. Em algum lugar do caminho fiquei seca e comecei a

me sentir como a mãe montanhesa com dezesseis filhos que acorda uma manhã e descobre que é só um recipiente, um ponto de passagem por onde transcorreu a vida antes de deixá-la atrás. Quando o reverendo Gaspar agonizava, e me agarrava a mão quando disse «Fé», não sabia do que falava, possivelmente se referisse à história de toda a vida de Jesus, de ter fé, mas não acredito. Parece-me que falava de um conceito mais profundo. Um conceito que não compreendo. Eu gostaria, mas ainda não consegui. A que se referia? Fé em Deus? Fé em mim mesma? Fé em outros? Fé no desconhecido? Não sei. Também estou confusa no que faz às coisas desse mundo. Não sei o que me faz feliz; esta bem, possivelmente o bolo de coco da Ledna e Edna, uma carta da Itália e o forro de qualquer um de meus casacos de inverno, costurados a mão por minha mãe. Essas coisas me fazem feliz. Mas, me casar? É essa a felicidade? Ou é só um recipiente para guardar a felicidade? Não sei. Theodore se dá conta de que estou confusa.

- Parece-me que fui precipitado - desculpa-se.

-Não, não foi. Penso em me casar com você desde dia que nos conhecemos.

Theodore parece mais tranquilo ao ver que as coisas avançam. Se houver algo que sei dos homens,

é que temem a recusa.

- Sabe, acredito que você e Jack MacChesney me pediram em casamento, por que sabiam que eu diria não.

- Jack não tem nada que ver com isto.

- Não, mas dá a impressão. Sou a solteirona da cidade, e recebi duas propostas de matrimônio nos últimos seis meses. Acontece algo.

Como minha batata frita, bebo um gole de suco e olho meu amigo.

- Quero me casar com você.

- Quer mesmo, Theodore?

- É obvio que sim.

- Muito obrigado.

- Então, o que? Aceita, ou não?

Meneio a cabeça lentamente. Não posso me casar com o Theodore Augustus Tipton. Mudei que opinião. Minhas orações foram atendidas, mas estava rezando pela coisa equivocada.

- Por que, Ave Maria? Acreditava que queria casar comigo.

- Tentarei explicar e espero que me perdoe se minhas palavras não são as adequadas, ou se não sei me explicar.

Theodore faz um gesto para que eu fale. Eu adoro quando o faz; significa que escuta de

verdade.

- Não faz muito, Iva Lou me disse que nunca poderia confiar em um homem até que compreendesse a relação com meu pai. Pode escolher entre o Fred Mulligan ou o misterioso Mario Schilpario. Desde que me disse isso, preocupei-me em observar o comportamento de pais e filhas. Vi algumas coisas incríveis, todas muito formosas. Como a pequena que não é bonita, tem os dentes torcidos, o cabelo não cresce direito e leva uns óculos com cristais que parecem fundos de garrafa, mas seu pai a leva pela mão e caminha com ela como se fosse um anjo diminuto que ninguém mais pode tocar. Dá-lhe o melhor presente que uma mulher pode receber nesse mundo: amparo. A pequena aprende a confiar no homem de sua vida. Todas as coisas que o mundo espera das mulheres: que elas sejam formosas, serenem os espíritos preocupados, curem aos doentes, cuidem dos moribundos, enviem um postal, preparem o bolo, todas estas coisas é a maneira que temos nós mulheres de dar graças a nossos pais por nos proteger. É uma troca justa. Mas eu nunca tive isso. Assim não sei como me comportar com você. Suponho que poderia fingir, ir caminhando e confiar em que mais tarde acabarei por me

esclarecer. Isso não seria justo. Você merece uma mulher que possa oferecer tudo o que tem. Acredito que deveria esperar que ela aparecesse.

Theodore dobrou uma e outra vez o papel de alumínio do hambúrguer até convertê-lo em um quadrado do tamanho de um botão de camisa. Olha durante um momento muito longo.

- Vamos para casa - diz.

Recolho os restos do jantar, limpo a mesa e tiro o lixo. Theodore espera junto ao carro sem olhar nada em especial. Superará sem problemas. Tenho certeza.

Pearl recebeu as notas da seletividade, e está entre as melhores do curso. Mostra-me a folha com as notas, mas tenho que pegá-las no ar, porque não deixa de dar saltos de alegria. Fleeta está entusiasmada, embora não tem idéia do que se trata: adora ver que alguém que conhece tenha ganhado alguma coisa.

- Pearl, felicitações! É um gênio! - grito.

- Soube desde dia que não misturou os analgésicos com os laxantes - brinca Fleeta.

- O senhor Cantrell diz que posso ir a uma boa escola. Possivelmente Virginia Tech, ou a William e Mary.

- Vá a Tech. Têm um bom programa de luta

livre - recomenda Fleeta.

Betty, a mãe do Tayloe, entra com uma receita na mão. Fleeta e Pearl voltam a ocupar-se do seu trabalho.

- Como está, Betty?

- Estive melhor.

- Sente-se mal?

Betty me responde que não e me entrega a receita. Vou ao outro lado do mostrador.

- Tayloe interpretou uma Cleópatra extraordinária. Todos estiveram muito orgulhosos dela.

- Alguns dizem que estava muito mais bonita que a própria Elizabeth Taylor.

- Compartilho a opinião.

Olho a receita do doutor Daugherty. São vitaminas para gestantes.

- Felicitações, Betty! Outro bebê?

- Não é meu. É de Tayloe. Está grávida.

- Céus. - Olho outra vez a receita. Põe T. Slagle. Não sei que mais posso dizer. Isto é uma tragédia. Ela é só uma menina!

- Pode acreditar nisso? Além disso, estava tomando a pílula. Bom, agora é tarde para lamentar-se. Terá que se responsabilizar e seguir adiante.

- Como se sente? - superou o choque, mas já

sabe, o mesmo aconteceu comigo quando tinha dezesseis anos, e tive a minha preciosa Tayloe. Assim tentamos ver o lado bom das coisas.

Dou-lhe a caixa de vitaminas. Pega-a e a guarda na bolsa.

- Meninas - exclama. Dispõe-se a partir, mas então recorda que tem que me dizer algo mais. - Ave Maria...

- Sim, Betty?

- Tayloe terá o bebê em abril. Pode guardar seu papel na peça até que se recupere? Interpretar June Tolliver faz uma ilusão tremenda.

- Pode dizer a Tayloe que voltará a trabalhar na peça assim que esteja preparada.

Betty se anima grandemente.

- MUITÍSSIMO obrigado.

Betty parte. Ambas sabemos que a carreira artística de Tayloe chegou a seu fim. Mas Betty ainda não se resignou a renunciar aos sonhos que tinha para sua filha. Não me custa nada imaginar o que acontecerá, porque o resultado desta situação sempre é o mesmo. Tayloe se casará, receberá uma caravana, terá filhos e será uma esposa. Não terá tempo para atuar em seis representações na semana.

Fleeta, que escutou a conversa, comenta:

- Esse condenado menino dos Lassiter. O

meio zagueiro da equipe. Já sabe esse com os olhos sonhadores. Grande sacanagem. Malditos meninos.

Fleeta volta para seu trabalho. Escuto como Pearl passa as folhas do inventário. Reúno-me com ela no mostrador das maquiagens.

- Atrapalhou a sua vida, verdade? - pergunta-me.

- É obvio que não. Será duro, mas é uma garota muito decidida. Além disso, sua mãe lhe dará uma mão.

- Não quero nem pensar em viver em uma caravana - afirma Pearl.

- Então, se afaste dos Lassiter.

Pearl assente e continua com o inventário. Olho-me no espelho. Tenho umas olheiras tremendas. Fecham-me as pálpebras de cansaço. Perdi todo o ânimo.

O ruído das campainhas nos avisa de que temos um cliente, mas há um som de fundo, como se tivessem dado uma portada. Alguém está muito zangado e se desforra com minha porta. Olho pelo corredor. Não me equivoquei. É a tia Alice.

- Onde está a maldita cobra?

Olho para Pearl.

- Refere-se a você ou a mim?

- Acredito que se refere a você - responde

Pearl, assustada.

Levanto-me da cadeira lentamente e percorro o longo corredor de estantes com os medicamentos antiinflamatórios para ir ao encontro de minha tia, que parece disposta a me matar.

- No que posso ajudar?

Agita uma carta com tanta violência que quase bate em meu rosto.

- Me arruinou. É isso o que acredita, não?

- Não arruinei a ninguém. - Digo em sentido literal e figurado, é obvio.

- Acredita que ficarei tranqüila e aceitarei? Se o fizer, é que não me conhece.

- Tia Alice, se tiver algum problema com minha maneira de fazer negócios, terá que ir falar com o Lew Eisenberg.

- Não tenho intenção de falar com nenhum estrangeiro! Estou falando com você! - diga a seu advogado que chame o senhor Eisenberg.

- Se não puder ter a farmácia, então recuperarei minha casa. Você verá!

- Nunca terá minha casa! Nunca! - Meu tom de voz me surpreende. Fleeta leva a Pearl para fora. É então quando a tia Alice descarrega toda sua fúria.

- É uma puta como a sua mãe antes de você.

É uma aproveitadora, uma putinha. É malvada. Acredita que poderá tirar o que é meu, mas asseguro que lutarei contra você até o último suspiro.

- Vá. Se não for, terei que chamar à polícia.

- Isso é meu! Tudo isso é meu! Tudo! Você me roubou! - Tem a mesma expressão que uma menina de seis anos que não consegue a boneca que quer. Seus olhos estão nublados. - Nunca tive nada do que desejei em toda minha vida! - lamenta-se.

- Tem ao tio Wayne. - Isso é tudo o que posso dizer?

Onde está minha fúria? Por que não defendo a honra de minha mãe? Onde está a mulher que planejou tudo para proteger o que é seu das garras dessa miserável? Não é preciso que me diga nenhum doutor. Há algo em mim que não vai bem.

Faz tempo que me sinto esgotada, mas o atribuo ao frio e a meu ritmo de trabalho na farmácia. Comecei a fazer provisão de ornamentos, luzes e decorações (por encargo), algo que anima ainda mais as vendas. Eu não gosto de carregar a Fleeta e Pearl com mais horas de trabalho durante os dias de férias, assim que me multiplico para cobrir essas horas extraordinárias. Além disso, esta é época de gripes e resfriados, assim não paro nem

um momento de despachar e ter pedidos. Theodore e Iva Lou vêm para ver-me com frequência; estão preocupados, mas sempre digo que é o normal quando chegam às festas. Possivelmente me sinta mais cansada porque esse será o primeiro Natal sem mamãe, e ainda não me vejo animada para comemorar. Se pudesse descansar me sentiria muitíssimo melhor. Cheguei a um ponto em que não consigo pregar o olho durante a noite. Não disse a ninguém, mas estou pensando em ir ver o doutor Daugherty Só que não tive tempo.

Decidi dar de presente várias caixas de luzes intermitentes ao Dogwood Garden Clube para a exposição floral de Natal que terá lugar no Southwest Virginia Museum. Chego tarde com a partilha; tive alguns clientes de última hora na farmácia. Dirijo o jipe pela grama e estaciono bem diante da porta; não me vejo com forças para caminhar os poucos metros que há da calçada. Poderia ter pedido ao Theodore que as entregasse, mas ele foi passar as férias com sua família no Scranton. Convidou-me, mas só a idéia de enfrentar a uma longa viagem de carro e estar com uma família numerosa me pareceu exaustivo, assim recusei o convite cortesmente. Não estou com ânimos para celebrar o Natal.

A entrada do museu é na realidade o vestíbulo da única mansão de Big Stone Gap. O edifício foi o lar da família Slemple durante muitos anos, até que a doaram ao estado nos anos quarenta. Agora é um encantador museu que relata as histórias dos mineiros, dos colcheros, dos cherokees, dos melungeons, e das famílias da região. Sem dúvida eu estive aqui muito tempo porque dois dos membros do Garden Clube decidem entre sussurros chamar Nellie Goodloe. Ela desce as escadas e me saúda. Parece preocupada. Olha-me nos olhos.

- Ave Maria, carinho, está bem?

- Trouxe as luzes. - Dou a Nellie o montão de caixas, mas não acerto colocar em suas mãos e caem ao chão com grande estrépito.

Acordo em minha cama, vestida com meu pijama. Pearl, sua mãe Leah, Fleeta e Theodore estão aos pés da cama.

- O que aconteceu? - pergunto.

- Perdeu os sentidos.

- Tinha ido entregar umas luzes. - Tento levantar, mas minhas pernas parecem estar cheias de areia. O grupo se aproxima. - O que eu tenho? - Estou muito assustada. - Theodore, você não tinha que estar no Scranton?

- Faz dias que retornei.

- Dias? - Estamos a trinta de dezembro, Ave - informa Fleeta, algo que me confunde ainda mais. - Já aconteceu o Natal.

- Mas se estava no museu dois dias antes do Natal. O que me aconteceu?

- O doutor Daugherty não está seguro - responde Pearl.

- Como não está seguro?

- Desmaiou no vestíbulo do museu, e como está perto de sua casa, trouxeram-na aqui. Depois Nellie Goodloe veio à farmácia para nos avisar. Chamamos o doutor, que acudiu imediatamente. Disse que seus sinais vitais estavam bem e que a deixássemos dormir. Isso é o que tem feito. Durante sete dias.

- O doutor disse que não podia fumar perto de você, assim que deixei o cigarro - anuncia Fleeta, com um tom de orgulho.

- Que bom. - Me alegro ao ver que Fleeta conseguiu algo positivo desta emergência.

- Lembra de alguma coisa, Ave? - pergunta Theodore.

Não. Sinto-me descansada, como se tivesse dormido a sesta. Uma vez mais tento mover as pernas por cima da beira da cama e me sentar, mas desabo sobre o colchão.

- Está assim após tanto tempo deitada. Não se preocupe, não é nada grave. Recuperará as forças assim que se mova um pouco - explica-me Fleeta, para me dar ânimo.

- Vamos preparar algo de comer - diz Leah, e faz um gesto a Fleeta e Pearl para indicar que necessitará sua ajuda na cozinha. Saem e Theodore se senta a meu lado na cama.

- Estou morrendo ou algo assim?

- Não. O doutor opina que tive uma crise nervosa.

- O que?

- Diz que já viu de todos os tipos ao longo de sua vida. Algumas pessoas continuam ativas, outras têm episódios de perda de cor e algumas dormem, como um urso que hiberna na caverna. Você escolheu a caverna. - Theodore me abraça.

- Me ajude a caminhar. - Tento levantar e Theodore ajuda a me manter de pé. Caminhamos lentamente. Vamos até o banheiro, e digo que espere fora.

O banheiro, com os azulejos brancos e negros, parece-me enorme. Há neve depositada na clarabóia. Foi um Natal branco. Faz frio no banheiro; as toalhas que pus faz uma semana estão sem tocar. O sabão segue sem uso. Isso é muito

estranho. Acendo a luz e me olho no espelho.

Meu rosto tem o mesmo aspecto de quando era uma menina. Suponho que perdi um pouco de peso durante a sesta; o nariz está um pouco mais afinado e o queixo sobressai ligeiramente. As pestanas estão embaraçadas, mas não sofreram mais danos. Não tenho nenhuma só ruga na pele, e acreditem se eu disser que tinha muitíssimas antes do Natal.

Não recordo ter sonhado. É que fiquei dormindo como se em minha cabeça tivessem apertado um interruptor? Por que não recordo nada? Para onde foi minha mente?

- Está bem? - pergunta Theodore do outro lado da porta, com um tom inquieto.

- Estou bem. Agora mesmo saio.

Lavo o rosto e os dentes. Apóio-me no lavabo, na parede e na porta. Abro-a pouco a pouco. Theodore me ajuda.

- Tem fome?

- Nunca em minha vida tive tanta fome. - Acompanha-me escada abaixo para ir à cozinha.

Não sei quem disse: «Nunca tome uma decisão importante quando estiver cansado», mas não há dúvida de que era uma pessoa muito inteligente. Somente passei os meses de janeiro e fevereiro de 1979 sem fazer grande coisa, salvo o imprescindível. Todo mundo na cidade me pergunta pelo «sono profundo», como o batizaram, mas não posso lhes dizer grande coisa. Continuo sem recordar nada. Vou ver o doutor Daugherty todas as semanas, e não encontra nenhum efeito secundário permanente no aspecto físico, e também está seguro de que tampouco há algum tipo de seqüela mental. Pearl e Fleeta se ocuparam do negócio enquanto eu me repunha, e Clayton Phipps, um farmacêutico de Norton, veio todas as segundas e terças para aviar as receitas. Os clientes agradeceram a substituição durante a emergência.

Quando finalmente volto para trabalho em março, Pearl se vale de meu rosto rejuvenescido como um exemplo da importância do sono para ajudar à beleza feminina. Não há nada como dormir para que o rosto recupere seu viço. Parece-me que é uma publicidade um tanto enganosa. Acredito que

estou tão bem porque não morri. Superei algo, e o alívio rejuvenesceu meu rosto. A questão é que Pearl esteve vendendo Queen Helen a todos, e disse às senhoras que o empregou em meu rosto duas vezes ao dia todos os dias, durante o sono profundo.

Pearl levou um livro onde aparecem todas as pessoas que se passaram por minha casa. Nellie deu a idéia quando lhe explicou que em todas as casas elegantes havia um livro de visitas. Por fim tenho a oportunidade de dar uma olhada. Meus visitantes deixaram mensagens muito curiosas: Iva Lou desenhou rostos sorridentes; as gêmeas Tuckett escreveram versículos da Bíblia; o doutor Daugherts frases em latim. O livro está cheio e é bem grosso. A graça das mensagens me faz rir. Nan MacChesney veio duas vezes. Procuro o nome do Jack Mac. Não o encontro.

Otto e Worley se ocuparam de limpar os encanamentos da farmácia e de minha casa enquanto eu dormia. Pearl me contou que tinham muito medo de que não despertasse nunca mais. Otto chegou a chorar. Dou a cada um uma boa gorjeta por sua iniciativa e lealdade.

Aprendi três coisas de mim mesma depois do sono profundo. Descobri quem eram meus

verdadeiros amigos; que tinha enterrado meus problemas até que me superaram para transformar-se em uma crise em toda regra; e o mais importante de tudo: aprendi que não era feliz. É terrível admitilo. Põe a todos os que o rodeiam em um estado de paralisia, porque acreditam em parte serem responsáveis por sua tristeza e que poderiam solucioná-la. É obvio que não podem. Sei que a felicidade existe em alguma parte; se soubesse onde é, iria ali e a reclamaria. Dou-me conta de que passei a vida reagindo ante as coisas em lugar de iniciar. Deixei-me ficar em algum ponto do caminho, e não senti falta (isto não soa um pouco disparatado?). Tem dia que me pergunto se algo cresceu dentro de meu coração enquanto dormia. Quero uma mudança.

Março traz a primavera mais formosa á vista em Big Stone Gap. O açafrão surge por toda parte, florescem as madressilvas e o ar se enche de aroma; as montanhas se cobrem de verde, depois de mostrarem-se cinzas e ásperas durante todo o inverno.

Por fim volto a ser eu mesma. Iva Lou se surpreende quando me vê subir à biblioteca ambulante. Passou muito tempo e é como voltar para casa.

- Olá, neném! - Abraça-me, feliz de vida sentada outra vez no tamborete.

- Ainda não havia agradecido por todas as suas visitas quando me encontrava mal.

- Esquece-o. Toda a cidade estava preocupada. - Logo o rosto de Iva Lou se enche de alegria. - Pensava passar por sua casa mais tarde. Queria contar uma coisa. Lyle Makin me pediu em casamento e eu disse sim!

Nós duas começamos a gritar como duas adolescentes.

- Casaremos na igreja metodista unificada. O reverendo Manning diz que ficará encantado em officiar a cerimônia. Queria perguntar se estaria disposta a ser minha dama de honra. Por favor, quer ser minha dama de honra?

- É obvio. Sinto-me muito honrada. Mas não acredito que possa me chamar «dama de honra». Teria que dizer uma velha de má reputação.

- Esse título é meu. Claro que não terei nenhum inconveniente em ceder a você quando me transformar em uma esposa gorda e brincalhona.

Iva Lou e eu não queremos esperar muito, assim fixamos a data para 11 de março. Compro um vestido novo, cor rosa e um chapéu de palha. Iva Lou me pediu que levasse algo colorido, porque o

Lyle gosta das cores brilhantes.

O 11 de março acabou sendo um dia perfeito para as bodas. O ar estava temperado e sol brilhando. Alegro-me de que o vestido tenha uma estola que posso tirar se fizer calor no salão de festas mais tarde.

Chega o correio e como já estou vestida, sento-me e organizo as cartas. Quase todas são impressos comerciais. A do Dollar General Store pesa mais do que o habitual, assim que sacudo. Uma carta cai no chão. Vejo que vem da Itália. A tia Meoli me deve uma carta há um mês, mas não reconheço a letra. Não há remetente. Pego um dos alfinetes do chapéu de palha e o uso para rasgar o envelope.

A carta começa: «Minha querida filha». Sento-me em uma cadeira, um tanto aniquilada. Embora ainda não admitisse, tinha renunciado a qualquer esperança de receber notícias de meu pai. Possivelmente isso tenha algo que ver com o sono profundo; precisava abandonar toda esperança para seguir adiante. Mas sinto uma alegria enorme ao ver a carta.

O texto é breve, mas está bem escrito, em um inglês muito singelo. Conta-me que o marido do Meoli foi vê-lo em Schilpario. Meu tio contou tudo

sobre mim, ou ao menos o que sabia pelas cartas. Acrescenta que não tem mais esposa nem filhos. Vive com sua mãe no centro da cidade. (Sua mãe? Tenho uma avó! Não posso acreditar em minha boa sorte.) Mario é prefeito de Schilpario desde 1958. Gostaria de receber minha carta e escreveu seu endereço no verso. Guardo-a em minha bolsa. É uma carta bonita e amistosa. Não há revelações. Por que meu pai não tentou entrar em contato com minha mãe depois de romper a relação? Significava tão pouco para ele que a esqueceu em seguida e para sempre? Soa uma buzina. Theodore sai do carro e dá a volta para abrir a porta. Dedicame um assobio.

- Está preciosa.

- Pareço o daiquiri de morango de Big Stone Gap.

Theodore ri e eu subo ao carro e saímos.

- O que há de novo? - pergunta com toda inocência.

- Acabo de receber uma carta do Mario Schilpario.

Quase freia em seco.

Abro minha bolsa de lantejoulas (meu presente de dama de honra dado por Iva Lou) e retiro a carta. A leio enquanto Theodore nos leva a

igreja.

Há uma grande multidão congregada em frente às portas do templo. Iva Lou não enviou convites pessoais, mas publicou o anúncio das bodas junto com sua foto no Post. Isso é o que se chama um casamento aberto, e, portanto todo mundo é bem-vindo. Todos apreciam a Iva Lou, assim a igreja está cheia.

Não estive na igreja metodista desde o funeral de Fred Mulligan. Estou bastante engajada na minha igreja católica, Entretanto, conheço todas as dependências desse edifício, incluindo a sacristia, onde as noivas esperam antes de percorrer o corredor.

Iva Lou está de tirar o fôlego com seu traje azul pavão. Decidiu não ir vestida de branco porque a faz parecer muito pálida. Ela também leva um chapéu de palha. Bebe vodka de uma garrafinha. Oferece-me um gole. Bebo um gole - não porque esteja nervosa por ter que percorrer o corredor até o altar, mas sim porque a carta do Mario me inquietou - e devolvo a garrafinha. Iva Lou acaba de tomar e guarda a garrafinha em sua caixa de pinturas.

- Está linda, Iva Lou.

- Você acha? - Se olha no espelho com

expressão crítica.

- Parece ter vindo do paraíso.

- Obrigado, carinho.

- Como está Lyle?

- Ontem à noite se embebedou no Esserville.

Graças a Deus seus companheiros o trouxeram de volta para casa afim de que dormisse um pouco.

- Os nervos.

- Com certeza - concorda Iva Lou, enquanto coloca um pouco mais de ruge. Treme-lhe um pouco a mão, mas se controla.

- Não tenha medo. Está fazendo o certo.

- Sei. Só que eu detesto as multidões, e os párocos me produzem calafrios.

- O reverendo Manning é muito agradável.

- Sei. Mas preciso me centrar em algo além da gravidade de tudo isso. Parece triste para uma garota como eu.

Uma garota como Iva Lou. Grande garota. Sempre ditou suas próprias regras. Aqui está, a seus quarenta e tantos anos, disposta a casar-se pela primeira vez depois de ter provado a todos os homens do condado. Fez bem. Sabia o que necessitava e conseguiu. Conduz a caminhonete da biblioteca ambulante embora todos digam que uma mulher não podia fazê-lo. Vende jóias para ganhar

um dinheiro e para dar às mulheres algo pequeno e brilhante que as faça sentir-se satisfeitas com elas mesmas. Sempre foi independente, e é a proprietária de sua casa. É muito forte e também muito feminina. Iva Lou deve amar muito ao Lyle, porque entre todas as mulheres que conheço, é a que mais tem a perder.

Através da porta entreaberta da sacristia se escuta a música do órgão. Fred Mulligan o comprou para a igreja.

- Iva Lou, acredito que é a hora.

- Pelos pregos de Cristo! Esqueci do buquê. Está ali, naquela caixa.

Vou até a caixa e pego um precioso ramo de rosas cor de chá com alguns tons de rosa. Iva Lou agarra seu ramo de rosas.

- Preparou-os Nellie. Sabe como fazer. - Iva Lou modela seu ramo. - Algum dia, quando se casar, terá que pedir a ela que se encarregue das flores.

- Vamos.

Iva Lou e eu esperamos no vestíbulo da igreja. Nellie é a encarregada de dirigir as bodas, assim ela nos indicará quando devemos entrar pelo corredor. Tenho que recordar como faziam estas coisas nos filmes; não ensaiamos. Lyle disse que só

o veriam na igreja em três ocasiões: para seu batismo, suas bodas e seu funeral.

“Começo a caminhar com o passo das noivas: um passo, dois passos, ao ritmo de uma versão de “Say Forever You’ll Be Mine” interpretada pelo Dolly Parton e Porter Wagoner”. Os bancos estão cheios, e recebo um montão de olhares de aprovação e muitas piscadas de ambos os lados do corredor. Joella Reasor coloca a cabeça no corredor e me sussurra: «Bem-vinda». Agora sei como se sentem os habitantes das montanhas quando finalmente conseguem descer à cidade depois do longo inverno.

Quando chego ao altar, sorrio para Lyle, que parece muito feliz e extremamente nervoso. Volta-se um pouco para olhar a Iva Lou que começa a andar pelo corredor. Fico branca quando vejo seu padrinho. Jack MacChesney que me pisca os olhos.

Iva Lou me paga. Por que não me avisou que Jack Mac seria o padrinho? Possivelmente se deu conta de que ele não tinha vindo me visitar quando estava doente. Possivelmente pensou que não seria sua dama de honra se soubesse que ele participaria da cerimônia. É curioso. Não o odeio quando olho. Só me alegro de estar bonita com meu vestido.

Os metodistas gostam das cerimônias

bonitas, mas breves. Essa se acaba quase antes de começar. Estou segura de que foram os oito minutos mais longos da vida de Lyle; está vermelho como um tomate. Quando o reverendo apresenta pela primeira vez ao senhor e à senhora Makin, Iva Lou põe-se a chorar. Não tem pais, e sei que desejaria que estivessem aqui para ver sua felicidade.

Começa a soar a música, e embora sem ensaio, sei que o correto é agarrar o braço do Jack Mac e sair atrás dos recém casados. Olho aos presentes e espero que Jack Mac se reúna comigo.

- Bonito chapéu - diz e sorri. Depois me oferece o braço, aceito e saímos.

Nellie decorou a sala com um tema vitoriano. Nas paredes há leques pintados à mão, e do teto pendura um dossel de rendas. As toalhas são de linho branco. O bolo é de vários andares, com as figuras dos noivos em uma limusine no último. As bandejas de prata estão cheias com os sinos de açúcar azul e rosa que Nellie faz em sua casa.

Lyle está muito mais depravado. Iva Lou volta a ser ela. Ri, fala e faz que todo mundo se sinta como em sua casa. Theodore conversa com um par de professores do instituto. Coloco a taça na vasilha de ponche de champanha.

- A rosa é sua cor - opina Jack MacChesney.

- Obrigado. A cor favorita do Lyle é o azul pavão, assim que eu sou o contraste.

- Como está?

- Totalmente recuperada. Obrigado por perguntar. Você como está?

- Estou bem. - Jack Mac desvia o olhar. Voto-me para ver quem está olhando. É Sweet Sue Tinsley, escoltada pelo Mike, seu ex-marido.

- Estão outra vez juntos? - pergunto diretamente.

- Sim, senhora - responde-me. Em voz baixa.

- Sabe uma coisa, Jack? Comprarei para você um fuzil de caça novo se prometer não me chamar senhora nunca mais.

- Sinto muito. É um costume da infância.

Theodore vem reunir-se conosco junto à poncheira.

- Todos irão mais tarde à casa de Iva Lou para tomar alguma coisa. Espero que possa ir, Jack.

- Ali estarei.

- Vou procurar o carro - diz-me Theodore, enquanto deixa sua taça na bandeja.

Theodore parte. Eu acabo o ponche e mordisco uma bolachinha de açúcar.

- Irá a casa da Iva Lou?

Vou sim.

- Usará o vestido rosa?

Olho ao Jack Mac com um meio sorriso que diz: «Sim, ficar vestida com esta bandagem de seda que me afoga e o espartilho que não me deixa respirar todo o dia». Não sabe que não vejo a hora de chegar a casa e tirar isso.

- Até mais tarde. - Recolho o chapéu de palha da prateleira e vou reunir-me com o Theodore.

Nunca estive na casa da Iva Lou no Danberry Heights, mas é uma beleza. Todo o exterior está revestido com painéis de madeira clara com portinhas negras. Na entrada há um assoalho de madeira de sequóia que serve de terraço, iluminada por um abajur preso a uma coluna que imita uma velha luz. Chego sozinha. Theodore virá em seu carro; pela manhã tem uma reunião da junta escolar e possivelmente tenha que partir cedo.

A decoração interior de cor bege é moderna, a cortina de fundo perfeita para uma loira como Iva Lou. O tapete grosso é preto e branco. Todos os seus melhores amigos estão presentes. Prepararam macarrão com queijo, salada e couve. Há guloseimas e uma montanha de bolo de casamento; há comida de sobra. Comprou pratos e guardanapos de papel com o desenho de uns recém casados. Lyle brinda com os amigos com uma

garrafa de cerveja. Agora tem toda a pinta do senhor da fazenda; encaixa à perfeição. Dá a Iva Lou uma bolacha e depois limpa os restos com um beijo. Estou morta de fome, assim ataco ao macarrão com queijo. Mamãe nunca preparava esse prato, mas eu adoro. A massa banhada em manteiga e queijo cheddar se funde em minha boca. A batata frita lhe dá um delicioso sabor salgado. Possivelmente repita. Sweet Sue se aproxima com um prato de bolo.

- Como vai, Ava Maria?

- Bem. Como está você?

- Estou outra vez com o Mike. - Mike Tinsley ri de uma das piadas do Lyle. Parece feliz de formar parte uma vez mais da vida social do Gap. - Sim, os meninos sentiam sua falta. - Há uma pequena ruga entre as sobrancelhas de Sweet Sue. - Eu também, é obvio.

Sorrio e mastigo; enquanto mastigo não tenho que falar. Olho o rosto de Sweet Sue. É realmente linda. Seus olhos azul mar são limpos. Aparecem as primeiras rugas, mas lhe dão um ar de pessoa experiente que assenta muito bem. Pergunto-me se Jack Mac chegou a lhe dizer que tinha me proposto matrimônio. Não acredito porque não parece estar chateada comigo. Está

muito claro que não me considera uma rival.

- Bom, nos veremos mais tarde. - Sweet Sue me sorri e abre caminho entre a multidão para reunir-se com o Mike.

- O que aconteceu com o vestido rosa? - pergunta-me uma voz da entrada. Agora compreendo por que Sweet Sue saiu correndo como uma ema. É Jack Mac, que está junto à porta da cozinha com os braços cruzados.

- Cortava-me a circulação. Não podia suportar nem um minuto mais.

- O que se fez do chapéu de palha?

Sorri e se aproxima, e devo dizer que tudo o que diz esse homem me soa a flerte. Há algo em sua maneira de falar lenta e em suas pausas que me fazem sentir como se estivesse nua. Fecho minha jaqueta.

- Tem frio?

- Depois do sono profundo tenho calafrios. - Espero que acredite na mentira, mas não creio.

- Assusto você?

Solto uma gargalhada.

- Não, claro que não.

- Não sei. Fica inquieta cada vez que estou perto de você.

- Sinceramente? - Não tinha percebido, mas

mesmo se o fizer, não quero que esse homem lembre-me de minhas inseguranças.

- O que sonhou durante o sono profundo? - pergunta-se em voz alta.

Já entendo. Está bêbado. Está bêbado e pretende flertar comigo. É provável que estivesse flertando com as irmãs Tuckett e como não teve sorte, passou à cozinha, e agora é meu turno em seu caminho para a sala de estar, onde tentará flertar com as primas da Iva Lou que vieram de Knoxville. A seguir se encarará com o Mike Tinsley, dar-lhe-á um murro na boca, Sweet Sue gritará e os moços os separarão. Mike, com a boca cheia de sangue, dirá ao Jack Mac que se mantenha afastado de sua mulher, e Jack responderá que é um fracasso como marido. Sweet Sue terá que escolher enquanto fazemos cruces e rogamos para que ninguém tenha uma arma.

- Sonhou durante seu sono profundo, Ave Maria? - insiste.

Dou de ombros como se não o recordasse, e continuo comendo macarrão com queijo.

- No que estava pensando? - Dessa vez me irritou. O que vou responder? Sabem algo? Responderei a verdade.

- Imagino flertando com todas as mulheres

desta festa e depois que se aproxima pouco a pouco de Sweet Sue e tenta que volte com você, mas então você e Mike Tinsley se metem em uma briga sangrenta e destroçam a casa. - Jack ri com vontade. - Agora aprenderá a não me perguntar o que penso. - Volto-me disposta a me afastar, mas ele me agarra pelo braço.

- Tenho algo na caminhonete para você.

- O que pode ser? - Alguma vez saí com ele, e esqueci algo no seu carro?. Tento afastar meu braço gentilmente, mas ele me segura ainda com mais força. Então volta a rir, só que mais forte.

-Está bêbado, Jack?

- Não provei nenhuma gota do ponche das bodas, e você sabe como é Nellie com as bebidas. - Vale. Isto não é nada bom. Assim não está bêbado. Portanto fala a sério. O que posso fazer?

- Vem comigo.

Dessa vez me segura pelo cotovelo e não quer me soltar. Guia-me entre a multidão e saímos da casa. Caminhamos através do estacionamento. Caminha depressa e tenho que correr para me manter ao mesmo passo. Está escuro, mas não tenho medo.

Jack encontra a caminhonete e busca algo no assento dianteiro. Entrega uma bolsa de papel.

Aproximo-me de uma luz para ver o que contém. É um livro. Um exemplar de Schilpario: uma vida nas montanhas, o livro que vi no assento da caminhonete faz uns meses.

- É para mim? - Claro. Nem sequer sei como se pronuncia. - Jack Mac me sorri enquanto abro o livro. - Tive que encomendá-lo no Charlottesville. Não tornaram a reeditá-lo, assim tiveram que buscá-lo. Pareceu-me que poderia ser útil, considerando que está tentando encontrar a seu pai.

Agora mesmo tenho uma sensação muito estranha dentro de meu corpo. Sinto o impulso de abraçá-lo, de agradecer por sua gentileza. Mas há muitas perguntas. Quando lhe contei que tentava encontrar meu pai, ele estava no Sub Sandwich Carryout com Sweet Sue. Não falamos muito do tema, e a que vem tanto interesse? Por que se preocupa? Olho seu rosto. Preocupa-se. Tenho a sensação de que sabe mais sobre mim do que eu disse. Seguro o livro contra meu peito; o papel cheira bem, e a capa é fria e reluzente. Então me abraça. O perfume de sândalo e lima me é tão familiar, tão doce que pausa profundamente para gozar do aroma, e também para serenar a meu coração, que necessita com urgência de oxigênio. Não tenho palpitações; isso é algo que se corrigiu

automaticamente durante o sono profundo. Esse é outro tipo de batimento do coração, de um tipo que nunca tinha tido antes.

Afundo meu rosto em seu peito; é como se tivesse um lugar feito expressamente para mim. Ouço a canção dos Statler Brothers que sai da casa da Iva Lou e se perde no bosque; as vozes e as risadas dos reunidos lhe servem de cortina de fundo. Nesse momento, sinto-me muito cômoda.

Passam uns minutos, e Jack Mac segura minha cabeça entre suas mãos e levanta meu rosto; tenho todos os músculos do corpo relaxados e parece que estou sonhando.

- Posso te beijar? - pergunta.

Penso rapidamente em busca de uma réplica engenhosa, mas não me ocorre nenhuma. Há momentos na vida nos que não há lugar para o humor. Roça-me com os lábios a testa e segue pelo nariz até que encontra meus lábios. Então me beija.

O chão debaixo de meus pés é fofo e me afundo. Sou como uma haste em um arroio seco que se afunda cada vez mais na terra, sem encontrar resistência salvo a falta de vontade.

- Acredito que deveríamos retornar à festa.

- Por que? - Volta a me beijar. Interrompo lembrando de Iva Lou, da festa e das minhas

responsabilidades.

- Obrigado pelo livro.

Olha-me, um tanto confuso.

- Voltemos - digo em voz baixa.

Voltamos para a casa em silêncio.

Misty Dawn Slagle Lassiter, três quilos e quatrocentos, nasceu às 12.03 de 17 de março de 1979, no hospital do Saint Agnes, Norton, Virginia. Sua mãe, Tayloe, está muito bem; teve um parto simples e agora pode dedicar-se a organizar suas bodas. Betty veio à farmácia para nos mostrar fotos do bebê, que promete ser uma beleza como sua mãe. Fleeta tem medo que Misty possa desenvolver a mandíbula de bulldog típica dos Lassiter, mas não parece pelo que se vê nas fotos.

Desde que vendi a farmácia a Pearl, tenho uma atitude diferente. Já não tomo os problemas do negócio tão seriamente; não me zango quando tenho que remarcar os medicamentos e fico completamente despreocupada em tirar o pó. Fleeta e Pearl cuidam do negócio, mas há algo em mim que mudou.

Estou ensinando a Pearl como deve levar o registro dos medicamentos quando Nan MacChesney entra no local. Usa bengala. Leva o

cabelo branco recolhido em uma trança muito escura. Busca-me com o olhar.

- Sei que está em alguma parte, Ave Maria. Vi seu jipe estacionado aí fora.

- Estou aqui, Senhora Mac. Na farmácia.

- Ah. - aproxima-se do balcão da farmácia.

- Como está você?

- Estou bem. Pode sair daí e falar comigo, por favor?

- Certamente. - Saio de atrás do balcão e me detenho diante da anciã.

- Há algum lugar onde possamos falar? - pergunta-me.

- Vá a dispensa - intervém Fleeta.

É que Fleeta escuta todas as conversas que tenho nesse local? Olho-a e levo a Senhora Mac a dispensa. Ofereço-lhe uma cadeira, mas ela recusa. Sento-me. Do contrário, a dominaria com minha estatura.

- Vamos lá, sei que isto não é meu assunto, mas tenho um filho de quem me ocupar. Só quero que saiba que é um cavalheiro e um bom filho. Não há ninguém melhor que meu filho. Sei que você gosta dele. Acredita que é toda uma mulher, e eu acredito, porque tomou todas as decisões corretas em sua vida. Foi leal e boa, e isso merece uma

recompensa. Sei que você não se vê como esposa ou mãe de ninguém, porque me disse mais de uma vez. Não estou aqui para repetir as fofocas. Só me guio pelo que escutaram meus ouvidos de seus lábios. Mas acredito que precisa tomar algum tempo e refletir sobre si mesma. Não estou dizendo o que deve fazer, mas se deixar que meu filho escape de suas mãos será a garota mais desgraçada do mundo. É um homem total. Assim vá em frente e faça o tem que fazer, pois eu só queria que alguém contasse a você a verdadeira história de meu filho. Não encontrará ninguém melhor.

Golpeia o chão com a bengala e me olha.

- Muito obrigado por me fazer saber seus pensamentos. Sei que é guiada pelas melhores intenções, e não pretendo ser desrespeitosa. Estou de acordo com você. Criou a um bom filho. Mas tenho outros planos. Quero viajar e ver coisas. Provar coisas novas. Sozinha. Pode compreender?

A Senhora Mac dá de ombros. Não parece muito convencida.

- Só falei o que pensava - afirma enquanto saímos da dispensa. Dizemos adeus e ela vai embora.

- Que demônios queria? - pergunta-me Fleeta, muito interessada.

- Como se não soubesse.

- Não sei. Diga você.

- Venha, Fleeta. Ambas pertencem ao mesmo clube onde costuram todas as intrigas de Big Stone Gap.

- Já que insiste, direi que alguém a viu beijando o seu filho no estacionamento da casa de Iva Lou, e correu a notícia. - Fleeta encolhe os ombros.

- Detesto essa cidade!

- O que quer que eu faça? Não posso fazer nada se as pessoas me contam tudo. - Fleeta faz um gesto com o espanador para me indicar que dá por encerrado o assunto e volta para seu trabalho.

- Não acha Jack MacChesney bonito? - pergunta Pearl, atrás do balcão.

- Pearl. Já chega. - Deus sabe o que me perguntará a seguir. Não é assunto delas se ele sabe beijar. O que acontece com essa gente? Esperam que me transforme como por arte de magia depois de um beijo? Supõe-se que devo deixar tudo pelo Jack Mac? E os meus planos? O que acontece com o que eu quero? Pearl sorri e se concentra em seu trabalho. Enquanto isso tento calcular qual é o edifício mais alto do Gap para saltar do terraço.

Iva Lou retorna da lua de mel fresca como

uma rosa. Há um cartão de felicitação pelas bodas que enviou o pessoal da biblioteca enviou do condado de Wise preso no tabuleiro da caminhonete, o único sinal de mudança desde que se casou. Escuto sua narração da impressionante beleza do Gatlinburg e Ruby Falls (uma das três maravilhas naturais do Tennessee), e depois peço que me deixe ver o The New York Times.

- Para que o quer? - Iva Lou quer saber.

- Quero ver a seção de viagens.

- Só a publicam nos domingos. Poderia ser a edição do domingo passado?

- O que tenha vai bem. - Desejo que Iva Lou vá e me traga. Nunca faz perguntas quando quero algo. Por que agora?

- Vai a alguma parte? - Parece preocupada.

- Ainda não sei.

- Por favor, não me venha com nenhuma surpresa. Agora sou uma velha senhora casada, e não suporto as emoções.

- Será primeira a conhecer meus planos assim que os faça - prometo-lhe. Parece tranquilizar-se.

- Tenho-o no depósito. Irei buscá-lo.

O que Iva Lou não sabe é que vou embora de Big Stone Gap. Passei toda a vida aqui, e chegou o momento da mudança. Quero desafiar a mim

mesma. Quero ver como são as pessoas em outros lugares e chegar a conhecê-las. Quero ter aventuras. Sim, inclusive eu gostaria de me apaixonar. Acredito que devo começar pelo princípio, pelo lugar de onde é minha família. Vou a Itália. Possivelmente eu goste tanto que fique lá para sempre. Estou nos últimos minutos de minha juventude. Não quero continuar esperando.

Olho durante um bom momento o interior da biblioteca ambulante. Talvez seja a última vez que esteja aqui, e quero recordá-la até o último detalhe. (Agora que decidi partir, não vejo o momento de fazê-lo.) Quero recordar as prateleiras de fórmica rosa com os rebordos em verde; os elásticos que as mantêm em seu lugar quando o veículo está em marcha; as dobradiças que se apóiam nos livros quando não se usam; os copos de plástico; os pacotes da Sanka; o selo de empréstimo; o espelho retrovisor que Iva Lou utiliza quando se maquia; e, sobretudo, por cima de todo o resto, o aroma.

- Aqui tem Ave. - Iva Lou entrega o suplemento de viagens em condições impecáveis. É a melhor bibliotecária que conheci em toda minha vida. Respeita o material de leitura.

- Ave, devo-te uma desculpa.

- Por que?

- Por aproximá-la do Jack Mac no dia das bodas. Nunca gostei que ninguém me forçasse a comer quando era um bebê, e estou segura de que tampouco eu gostaria agora. Queria dizer isso. Mas suponho que com toda a correria das bodas me esqueci.

- Esta bem. Não se preocupe. - por que todo mundo está tão preocupado? Não estou junto com o Jack Mac. Só por que acompanhei os noivos de braço com Jack? E o que? Beijou-me uma vez. Duas. Em uma festa. Fantástico! Todas as mulheres beijam nas festas.

Sento-me bem cômoda e começo a ler.

- Aonde irá?

- A Itália.

- A Itália? Tão longe? - Iva Lou abre muito os olhos. - Quando?

- Logo que contrate a viagem.

Aponta-me os anúncios que considera melhor. Há um que me chama a atenção. O título diz: "Olga Nuccio Tours: VOCÊ NÃO PERDERÁ O NAVIO. Viaje com Olga. Transforme cada viagem em uma festa!". Há uma foto grande de Olga, que parece ter minha idade. É uma italiana de aspecto muito teatral, com o cabelo penteado em saca-rolhas que parecem serpentes; tem os olhos grandes e

castanhos como Sofia Loren e uma cintura de vespa. Está de pé com os braços levantados em uma gôndola em um canal veneziano. Na bandeirola da gôndola estão os preços das viagens. São muito razoáveis. Acabo de encontrar a meu agente de viagens e guia turístico de primeira! Iva Lou está entusiasmada. Ela deseja poder ir, mas por ora deve esquecer seus sonhos europeus e concentrar-se em seu novo marido.

Volto para casa, acomodo-me na poltrona do Fred Mulligan e marco o número da Olga Nuccio. O telefone soa duas vezes, e depois uma voz que diz:

- Frank, maldito bode filho de puta, deixa de me chamar! - terminei contigo! Acabou-se! Basta!

- Perdão, acredito que me equivoquei com o número - sussurro.

- Quem fala? Não, não. Maldita seja. Acreditava que esta era minha linha privada. Tenho dois telefones, e de vez em quando, confundo-me.

- É você Olga Nuccio?

- Sim. Perdoe, esqueça o que eu disse. Nunca uso essa classe de linguagem, mas se houvesse conhecido esse rapaz, atenderia ao telefone disposta a matá-lo. - Olga sussurra. Escuto como dá uma longa tragada a um cigarro. Seu acento recorda a toda loira durona de Nova Iorque que aparecia nos

filmes policiais dos anos trinta.

- Está você bem? - pergunto, inquieta.

Isto a faz rir a gargalhadas.

- Homens! Você é uma mulher, não é assim?

- Sim, senhora.

- Então já sabe do que falo.

- Não diga nada mais - replico-lhe amavelmente. O que me interessa é falar de minha viagem. Começo a formular perguntas sobre suas ofertas, mas Olga precisa falar do Frank.

- Estive saindo com o Frank durante uns quatro anos. Está divorciado, e tem três filhos: uns chatos, e quase não tem tempo pra mim. O diz que é pelo trabalho e os meninos, mas eu não acredito nisso. Digamos que «Carmim no pescoço» é minha canção. Conhece-a? - Dá outra tragada no cigarro. Escuto-a exalar a fumaça.

- Claro que a conheço. É um clássico.

- Sim, mas ainda se aplica. O que posso fazer por você?

- Quero ir a Itália. Falo italiano. - Falo como se fosse uma tola. Que importa se eu falar italiano? Acaso terei que passar no exame para comprar um bilhete de avião?

- Tenho várias viagens organizadas. Também quer ir às ilhas gregas?

- Não, só a Itália. Ao norte italiano.

- Veneza, Milão, e todo o resto. Sim tenho uma viagem, com uma excursão a Santa Margarita na costa. Não querará perder. É fabulosa.

- Fantástico. Mande alguns folhetos.

- Encantada. - Olga fuma enquanto dou meu endereço e alguns detalhes mais. Surpreende-se ao saber que eu também sou italiana e que vivo nas montanhas da Virginia. Nunca tinha ouvido nada parecido. Digo que contarei toda a história durante o longo vôo a Itália. Parece muito interessada.

- Escute Ave Maria, esse poderia ser seu dia de sorte. - Outra baforada de fumaça.

- Por quê? -Tenho um lugar livre na excursão pelo norte da Itália dentro de três semanas. Acredita que poderá ter tudo arrumado e unir-se a nós?

Assusto-me. Há muitas coisas para fazer. Não é como tirar umas férias, é reconduzir a viagem do resto de minha vida. Há muitas coisas para deixar arrumado: a casa, o negócio e todo o resto. Mas possivelmente esse seja o sinal para fazer rápido e sem vacilar. Talvez se não tiver muito tempo para pensar, não me preocuparei com os detalhes. Possivelmente por uma vez em minha vida me lance de cabeça sobre a oportunidade para ver o que acontece.

- Posso fazê-lo.

- Fantástico. Já está marcada.

Ocupo-me de meus assuntos discretamente. Descubro que posso fazer muitas coisas se me levantar cedo. Organizei-me para esvaziar a casa, fazer as compras para a viagem e controlar como vai a farmácia sem que ninguém saiba nada. Não quero que ninguém opine sobre minhas decisões: é um assunto puro e exclusivamente meu. Escrevi ao Mario para perguntar se gostaria de me conhecer. Em caso afirmativo, que me diga qual é o momento mais oportuno para visitar Schilpario. Não tornei a receber notícias dele. Também escrevi à família de minha mãe, e estão encantados com o anúncio de minha visita. Ainda não enviei minha foto. As fotos que tirei no casamento da Iva Lou são horríveis, e não vou mostrar a ninguém. O chapéu de palha e o vestido foram desastrosos. Nunca mais usarei.

Ainda não disse a ninguém que vou. Possivelmente diga ao Theodore, mas só se o momento for o adequado. Meu plano é partir, conhecer minha família e considerar todas as opções. Só estou segura de que nunca retornarei ao Big Stone Gap. Esse já não é meu mundo. Minha mãe está morta. A farmácia e agora minha casa estão nas capacidades mãos de Pearl. Spec já tem um

novo capitão para a equipe de resgate. Qualquer um pode dirigir a representação teatral. Aqui não há nada que me detenha. Chegou o momento de mover-me.

O Post publica um título na primeira página: ESTRELA DE CINEMA DÁ UMA FORTUNA AO LPH. Segundo o jornal, Elizabeth Taylor ficou tão agradecida ao pessoal do Lonesome Pene Hospital por ter tirado aquele osso que fez uma doação de cinco mil dólares para seu fundo de emergência. Olhei as folhas dos anúncios classificados. Pus um esta semana; vendo o Oldsmobile Cutlass de minha mãe. É assombroso tudo o que tenho feito desde que pus mãos à obra. Fiz uma lista de meus bens e estou decidida a vender tudo o que não necessito. Só falta me ocupar do assunto com Pearl.

Convoquei uma reunião com a Iva Lou, Nellie e Pearl no escritório do Lew. Passo pelo Sub Sandwich Carry-Out e recolho alguns sanduíches e garrafas de refrigerante; teremos um lanche de trabalho. Delphine Moisés adiciona um par mais de sacos de batatas fritas (sempre o faz) e comenta estar muito impressionada com a generosidade de Elizabeth Taylor. «Tanta gratidão e interesse é algo que não se espera de uma estrela de cinema. » Inez parece mais magra. Pearl a convenceu para que se

unisse aos Vigilantes do Peso, e os resultados são impressionantes.

- Inez, está fantástica.

- Obrigado, Ave. Sabe uma coisa, faz anos que não me sentia tão bem. Eu adoro todos esses pequenos panfletos, as receitas, e os conselhos úteis que nos dão os Vigilantes do Peso. Pam Sumpter, nossa chefe de grupo, é de Norton, e emagreceu cinquenta quilos, assim sabe como é difícil. Toda a semana nos mostra sua foto de «antes». Mandou ampliar e a coloca em um suporte de livro ao início de cada reunião. Tenho-a gravada na memória, e me ajuda a seguir com o programa. Perder peso significou tudo para mim. Acredito que ele também notou. - Inez aponta ao marido.

- Me alegro por você! - Quando entro no escritório de Lew, dou-me conta de que provavelmente essa foi a conversa mais longa que mantive com o Inez. Sim que parece outra pessoa. Lew sorri. Por que não ia sorrir? Tem outra vez sua preciosa esposa.

- Como está?

- Melhor. - Lew tem a expressão de um homem que está bem servido por sua esposa. - Como está você?

- Melhor que nunca.

- Estou vendo.

Pearl entra no escritório. Esqueceu de tirar a bata da farmácia. Ouvimos uma explosão, seguida do zumbido de uma correia de ventilador, e depois silêncio; o sinal de que Iva Lou chegou com a caminhonete. Depois o escritório se inunda com o perfume de gardênia, e sabemos que Nellie Goodloe deve estar na sala de espera. Lew grita ao Nellie que entre, enquanto eu me ocupo da comida.

Iva Lou entra e beija a todo mundo, mas me dou conta de que está nervosa. As garotas não têm idéia de por que as reuni aqui, e digamos a verdade: nunca é agradável quando tem que fazer uma visita ao escritório de um advogado. Tentei fazer com que seja o mais informal possível, mas a comida só consola às pessoas até certo ponto.

- Suponho que todas se perguntam por que as reuni aqui.

Nellie e Iva Lou concordam; Pearl faz o mesmo. Eu adoro vê-la atuar de uma maneira tão amadurecida.

- Garotas, escutem.

- Não estará doente, ou algo assim, verdade?

- pergunta Iva Lou, muito preocupada.

- Não. Não estou morrendo. - tranquilizem-se. - Todas sabem que acredito na arte chinesa da

leitura do rosto. Bom, possivelmente você, Nellie, nunca ouviu mencionar. - Ela meneia a cabeça; não sabe o que me deu. - Todos os rostos são como um plano. O meu conta a história de uma mulher que muda o curso de sua vida no ano que completa os trinta e cinco. Como já sabem, ao longo dos últimos meses tive algumas dificuldades. Era o destino que punha mãos à obra. Depois de pensar muito, decidi que era o momento de tomar as rédeas de meu futuro e descobrir por que estava nesse mundo. Não quero que minha vida transcorra sem mais nada; quero escolher meu futuro.

- Eu fiz exatamente o mesmo quando tinha os trinta e cinco - intervém Iva Lou. - Foi quando tirei o título de bibliotecária no Mountain Empire Community College e comecei a trabalhar na biblioteca ambulante.

- E fez bem. Iva Lou entende do que falo. Em alguma hora precisamos descobrir quem somos. Alguns de nós não queremos a verdade, e outros analisam até o último detalhe e tentam se reinventar. É o que estou fazendo.

- Bom para você! - exclama Nellie porque acredita que é necessário dizer algo.

- Muito obrigado. Bem. Faz uns meses designei Pearl Grimes aqui presente como minha

herdeira. Transferi a Mulligan's Mutual para ela. - Olho a Pearl. - Mas o que não disse naquele momento é que no trato também incluía a minha casa.

- Deu-me sua casa?

- Sim Pearl. É sua. - Pearl olha ao Lew, que concorda e sorri. - Mas, por quê?

- Parto da cidade e pensei que você gostaria de tê-la.

Pearl está aflita. Sei o que isto significa para ela, viver na cidade. Estar perto da escola. Ter um telefone. Poder convidar seus amigos. Isso é o melhor que podia lhe acontecer, melhor que ser a proprietária da farmácia. Olho a Iva Lou e Nellie, que estão caladas.

- Pearl acaba de completar os dezesseis anos, e até que não complete os dezoito, não pode assumir a propriedade e todos os outros bens em seu nome. É onde entram vocês duas. Quero que sejam suas administradoras. Lew encontrou uma fórmula que me agrada. Vocês duas cuidarão dessa jovem e a guiarão nas decisões que tome no negócio. Ela pagará por seus serviços.

- Nunca dirigi um negócio - salienta Iva Lou.

- É bibliotecária. É uma pessoa organizada. Trabalha com um sistema. Pearl necessita um

sistema. Você pode guiá-la.

- O que acontece comigo? - pergunta Nellie. - Sou só dona-de-casa.

- Nellie, escolhi você porque tem bom gosto. Pearl precisa conhecer as coisas finas da vida. Você a ensinará como montar uma cristaleira bonita, as maneiras corretas para os jantares de negócios, a tratar com toda espécie de pessoa.

Nellie sente-se orgulhosa. Nunca pensou que esses conhecimentos tinham um valor. Agora sabe.

- O que acontecerá com minha mãe? - quer saber Pearl.

- É uma mãe de primeira. Ama você, cuidou e continuará cuidando tão bem de você como até agora. Discuti o assunto com ela, e achou muito bom que Iva Lou e Nellie se encarreguem das coisas. Quando falei com ela, repetiu-me mil vezes que só deseja que seja muito feliz. - Os olhos de Pearl se enchem de lágrimas.

- Assim é que se fala. Isso é o que deseja uma boa mãe - sentencia Nellie, para me dar seu apoio.

- Está muito entusiasmada com a idéia de viver com você na cidade. Estará mais perto das coisas que a ajudarão a se transformar em uma pessoa auto-suficiente. Está totalmente a favor de meu... - Olho ao Lew e compartilho o mérito - de

nosso plano.

- É definitivo, Ave Maria? - pergunta Iva Lou, muito triste.

- Garotas, isto não tem nada de triste. Vivi aqui toda minha vida, e foi maravilhosa. Mas é hora de ver o que há lá fora, provar meus méritos, ver de onde venho. Você me compreende.

- Quando começamos? - pergunta Nellie.

- Na segunda-feira.

- Na segunda-feira? Caramba, por que não me mata agora mesmo, Ave? -Iva Lou se joga na cadeira.

- Voltará algum dia? - interroga-me Pearl.

- Pode estar segura de que virei de visita. Não quero me transformar em um fantasma, como Liz Taylor. Voltarei aqui.

Aponto a comida colocada sobre a mesa de Lew.

- Comamos - diz Lew, enquanto fica de pé. - Assinaremos os documentos mais tarde.

Reunimo-nos ao redor da mesa. Ninguém diz grande coisa. Comemos. Delphine prepara uns sanduíches estupendos, isso está muito claro. Nellie agarra um guardanapo de papel e coloca sobre a saia. Olha a Pearl, que está segurando seu sanduíche, e passa um guardanapo. Pearl segura,

desdobra e o coloca sobre a saia como Nellie.

A parte mais difícil de esvaziar minha casa é decidir o que fazer com todas as coisas de costura de minha mãe. A única certeza é que ficarei com sua caixa de botões. Jogava com ela quando era pequena; pensava que os botões eram pedras quando brincava de ser exploradora, ou jóias quando me fazia de princesa. Tirei todos os botões de plástico e fiquei com os antigos e os de tecido. Os botões não pesam nada; sempre posso colocá-los em algum lugar da mala, e para mim têm um grande valor simbólico. Quando mamãe confeccionava algum objeto, só o que fazia era costurar os botões. Era o último detalhe, o toque final de uma criação. Não posso deixá-los assim sem mais.

Sei que isso teria que ser simples. Por que uma pessoa normal teria apego a peças de tecido e restos diversos? Mas eu tenho. Cada pedaço me recorda algo que ela fez. Há um metro escasso de cetim vermelho que utilizou para me confeccionar uma túnica de pastora para a festa de Natal no maternal. Há um resto de cor verde que usou para meu vestido de rainha da Primavera quando estava no sétimo ano. Tem uma peça de cor azul para as saias das animadoras, e outra de cor vermelha rubi que empregou nos vincados das mesmas saias. Seda

vermelha que empregou quando teve que confeccionar o uniforme da banda do Bobby Necessary. Em 1969, a mãe do Bobby veio às escondidas e rogou à minha que fizesse para o Bobby o uniforme da banda. Era tão gordo que não vendiam uniformes de seu tamanho. Mamãe pôs mãos à obra e fez um bom trabalho, e quando Bobby partiu com seu clarinete com o resto da banda durante o meio tempo, ninguém percebeu que seu uniforme não era original. Era idêntico.

Há várias peças de veludo em tons escuros de vermelho, azul e ouro. Mamãe era uma grande partidária do veludo; acreditava que era duradouro, elegante e que tinha uma queda incomparável. Estava acostumada a amassá-lo e depois o deixava cair, para mostrar como a luz incidia nas dobras, para dar pátina e volume. Costurou-me tantas coisas de veludo! Saias, calças, jaquetas, inclusive uma colchas. Sempre dormi em uma cama com os melhores lençóis. Mamãe os tinha na Itália, e quis que eu também os tivesse. Nos últimos anos, quando íamos comprar lençóis, cheirava-os. Distinguia a qualidade do algodão, o número de fileiras, pelo aroma. Para ela era melhor ter um só jogo de lençóis, mas que tivesse qualidade.

Até meu conto favorito quando ia dormir era

sobre tecidos! Mamãe me contava a história da família Fortuny que fabricava seus próprios tecidos e chegou a ser conhecida em todo mundo. Falava-me de como aquela família tinha inventado o veludo de duas faces (seu preferido na confecção) e como tinham experiência com o desenho, o bordado e as marcas de água. Inclusive o tinham queimado! Eu estava acostumada a imaginar a fábrica dos Fortuny e a seus trabalhadores. Imaginava aos homens e às mulheres junto aos casulos enquanto se fiava a seda; a seda crua estendida sobre as mesas; o processo de tingimento, estirado, engomado e talhado. Mamãe me disse que se fabricar a seda corretamente e cuidar, podia durar uma eternidade. Suponho que tinha razão. Pensem nas tapeçarias medievais e no sudário. Bom tecido, bons cuidados, a eternidade.

Conheço um par de costureiros nos terrenos baixos, mas o que quero é dar esse material a alguém que seja um perito na fabricação de colchas e que saiba apreciá-lo. Dizem que Nan Bluebell Gilliam MacChesney. É uma das melhores costureiras por aqui. Coloco os tecidos em capas. Mamãe nunca usava os pacotes de plástico porque o tecido não respirava. Ficaria orgulhosa de me lembrar. Coloco no jipe. Só posso sentar ao volante

quando acabo de carregar todas.

Não falta muito para a hora do jantar. O meu dia passou muito rápido; comecei com esse trabalho depois de tomar o café da manhã, e me parece que só se passaram uns minutos. Faço a viagem até Cracker's Nest sem problemas; tudo está verde e florido. A casa dos MacChesney parece muito maior à luz do crepúsculo; é uma agradável parada na montanha, não uma simples casa de pedra com quatro chaminés como parece durante o dia. Todas as janelas estão iluminadas, e sai fumaça pelas quatro chaminés. Parece muito acolhedora.

Estaciono o jipe. Não vejo nenhum cão selvagem pelos arredores; é obvio, é primavera e choveu muito, assim que os arroios das montanhas estão crescidos. Carrego com uma peça de veludo em cada ombro. A caminhonete do Jack Mac não está à vista. Bem. Deixarei os tecidos e partirei.

Vejo o interior da casa através da porta mosqueteira. A porta principal está aberta. Escuto que falam e riem. A Senhora Mac tem companhia. Em um primeiro instante penso em jogar as peças de novo no jipe e voltar em outro momento, mas é muito tarde. O cão está na porta da cozinha, ladrando como louco. A Senhora Mac põe a cabeça pela porta da cozinha.

- Quem está aí? Responda ou disparo! -
escuta-se um coro de risadas procedente da cozinha.

- Não dispare senhora. Só sou eu, Ave Maria.

- Há um silêncio total. - Posso voltar em outro momento. Boa noite. - O peso das peças começa a me afundar no chão como um prego, assim volto a descer os degraus do alpendre, equilibrando as peças. Quase os afundo na mosqueteira.

- Epa. Cuidado - diz Jack Mac. - Espera um minuto.

Maldito seja, está aqui. Pelo visto tem a caminhonete estacionada na parte de trás; está escuro e não se vê.

- Só vim para trazer uns tecidos para sua mãe. Eram da minha e não quis jogar fora, assim me ocorreu trazê-los aqui porque ela é muito boa costureira. -Emudeço. Zango-me comigo mesma. Por que dou tantas explicações? Só quero ir para casa. Jack Mac sai, encarrega-se das peças que levo nos ombros e as coloca com cuidado no alpendre.

- Há muitas mais no jipe.

- Darei uma mão - oferece uma voz conhecida do interior. É Theodore. Que demônios está fazendo aqui? Quero perguntar-lhe é obvio, porque é o melhor amigo que tenho no mundo inteiro, mas não posso, porque decidi me comportar

com o Jack Mac como se não fosse nada, e mudar de comportamento na metade de minha representação seria um desastre.

- Olá, Theodore - respondo como se fosse algo comum o encontrar no Cracker's Neck Holler com a família MacChesney.

- Há muito mais no jipe - informa Jack ao Theodore.

Seguem-me até o veículo.

- Carregou tudo isto sozinha? Por que não me chamou? - quer saber Theodore. Que cara de pau. Eu deveria fazer as perguntas aqui. Como: «O que está fazendo aqui?».

- Garotos, necessitam ajuda? - É uma voz de mulher, mas não é a da Senhora Mac. Não penso perguntar quem é, assim espero.

- Acredito que já acabou, Sarah - grita Jack Mac. Quem é Sarah? O que está acontecendo aqui?

- az frio - comenta outra mulher.

Olho para o alpendre; ali, na luz, está outra mulher. Na casa dos MacChesney se dedicam a receber mulheres altas, magras e formosas? Ou só se trata de um encontro coletivo? Sinto-me mortificada. Theodore tem um encontro, Jack Mac tem um encontro, a Senhora Mac está preparando costelas de porco assadas e batatas e estão todos na

cozinha. Conversam e riem enquanto fazem planos para ir de excursão às cavernas do Cudjo, ou possivelmente a Carolina do Norte para visitar a casa e os jardins Biltmore. Theodore será o guia, e Jack Mac o motorista. As garotas, com seus corpetes e calças curtas, não estão encarregadas de nada. Estão ali para desfrutar. Cara, estas garotas são muito divertidas! Simpáticas! São engenhosas e encantadoras! Por isso vejo que são maravilhosas, e o cabelo longo, sedoso e murcho sem forquilhas. Pertencem a essa classe de moças que molham o cabelo, seca em um momento e fica sempre bonito. São espontâneas. Não precisam planejar nada antecipadamente; não, sempre estão prontas para entrar de um salto no carro, maquiadas e frescas como rosas, a qualquer hora do dia ou da noite, dispostas a lançar-se à estrada e divertir-se. São garotas sem complicações, alegres, conversadoras e sensuais, e provavelmente nunca estiveram deprimidas nem sofreram a humilhação do sono profundo, ou acabaram manchadas com sangue de serpente em uma função religiosa. Não, estas garotas são o sorvete depois do almoço. Leves e doces, o excelente arremate de uma noite.

- Sim que trazia coisas - comenta Jack Mac enquanto carrega o que resta em sua terceira

viagem até a casa.

Levanto a última peça, e coloco sobre os ombros horizontalmente, como os escravos israelitas em Bem Hur. É a última peça, e não me importa se pesa cem quilos; quero levá-la até a casa para sair daqui o quanto antes. Entretanto, Jack Mac e Theodore têm suas próprias opiniões. Correm para me ajudar com a última carga.

- Deixa que eu pego isso - ordena Jack Mac.

- Claro, claro. - Os dois carregam a peça. Estou segura de que Sarah e sua magra amiga não seriam capazes de levantar um novelo de lã.

- Bem, muito obrigado a todos. Boa noite - grito alegremente. Volto-me para subir ao jipe. Agradeço que esteja escuro porque começarei a chorar assim que coloque a chave no contato.

- Não, não - ecoa o coro grego em calças curtas. - Fique.

- Não posso. Sinto muito. Tenho que ir.

Theodore cruza o pátio a passo ligeiro.

- Não seja descortês - diz-me em voz baixa e tom firme.

Isso é a kriptonita das moças formosas. Nunca queremos ser descorteses. Embora vá da cidade, quero que me vejam como a boa pessoa que fui todos esses anos, e não como uma mal educada

que não sabe despedir-se como é devido. Além disso, o jipe está vazio, e não tenho nada mais que fazer; quanto mais pode durar esta humilhação? Theodore e eu voltamos para a casa.

- Ave Maria, quero apresentar Sarah.

A moça me aperta a mão. A sua é suave e leva as unhas pintadas de uma cor rosa como a das sapatilhas de balé. São mãos que nunca levantaram um homem de cento e cinquenta quilos para pô-lo em uma maca, ou repararam um telhado. Ocultou as mãos com as unhas rotas nos bolsos da jaqueta.

- Olá, Sarah.

- Esta é Gail.

Gail diz olá. É muito mais magra que Sarah, se isso for possível. Sinto-me muito grande, como se tirasse três palmos de altura e quatro de largura de qualquer uma das duas.

- Ave Maria é um nome muito interessante - opina Sarah, gentilmente.

- Significa «Salve Maria» - replicamos Theodore, Jack Mac e eu ao mesmo tempo.

- Essa é uma oração católica, verdade? - manifesta Gail, com a esperança de que seja uma pergunta inteligente.

- Sim, senhora - replico. Confio em que se sentirá como uma velha.

- Quer ficar para jantar? - pergunta-me a Senhora Mac.

- Não posso. Pearl Grimes tem essa noite uma reunião de professores, e substituo a sua mãe, que foi ao dentista colocar uma dentadura nova. - Explicado, Ave Maria. Mas não poderia esticar um pouco mais a verdade, por favor? Falar sobre os dentes postiços... Por que não acrescenta um noivo que está esperando em casa com umas quantas garrafas de cerveja e uma pizza? Theodore e Sarah se olham, confusos. Oh, não. Theodore é professor. Sabe que não há nenhuma reunião.

- Sou a nova professora de inglês do Powell Valley - informa-me Sarah. - Não tinha idéia de que esta noite houvesse reunião.

Sarah, a nova professora de inglês. Que literário. Também usa calças curtas nas aulas?, Pergunto-me.

- O que Ave Maria quis dizer é que tem uma reunião privada com o senhor Cantrell. - Theodore vai a meu resgate. Como nos velhos tempos.

- Isso - afirmo. Olha a pobre Gail que está morta de frio. - Você o que faz Gail?

- Sou a irmã de Sarah. Vim passar o fim de semana para ajudá-la a instalar-se em sua nova casa.

- Isso é fantástico. - Sim, fantástico. As duas

irmãzinhas piranhas nadam até a cidade e em menos de um minuto lancham com os dois únicos homens bons e solteiros que há por aqui. Não poderiam esses dois mulherengos, que agora estão de pé nas escadas com as mãos nos bolsos e me olhando com olhos de cordeiros degolados, ter esperado a que eu partisse da cidade para flertar com estas garotas? No que estou pensando? Se eu recusei aos dois. Agora estou muito satisfeita de tê-lo feito.

- Tenho que partir, ou chegarei tarde. - Olho a mão. Muito bonito. Esqueci de pôr o relógio essa manhã. Possivelmente ninguém se deu conta.

- Muito obrigado pelos tecidos, carinho - diz a Senhora Mac, de todo coração.

- Que desfrute. - Depois olho às garotas. - Será melhor que entrem na casa. Está fazendo muito frio. - Venham, meninas, entrem de uma vez. Não quererão pegar uma pneumonia e ter uma morte horrível conectadas a um pulmão mecânico, verdade? Sarah e Gail sorriem e seguem à Senhora Mac que entra na casa. Jack Mac e Theodore se oferecem para me acompanhar até o Jipe. Agradeço, mas não, não necessito que ninguém me acompanhe a nenhuma parte. De fato, não necessito a ninguém. Sou Maureen O'Hara no Buffalo Bill; agüento tudo o

que me joguem.

Subo ao jipe, coloco a chave no contato e ponho o motor em marcha. Dou marcha ré sem nem sequer olhar pelo retrovisor, dou a volta e encaro a estrada. Não choro. Nem sequer uma lágrima. Essas duas queridinhas irmãs são a gota que faltava para encher o copo. A vida poderá seguir tranqüilamente sem mim em Big Stone Gap.

Há algo que resulta emocionante em uma casa virtualmente vazia. Quando anseia a comodidade das coisas, como me ocorreu durante grande parte de minha vida, se desprender delas é uma experiência muito libertadora. Sempre tive muito cuidado com a poltrona do Fred Mulligan. A preocupação constante de não derramar nada no estofado, me sentar nos braços ou colocar os pés. Queria que durasse. Portanto, quando a levam de minha casa, sinto um profundo alívio. Já não terei que me preocupar nunca mais pela maldita poltrona. Lyle Makin pode regá-la com cerveja e molho de cebolas sempre que queira. Que desfrute, use, e quando não servir para nada mais, deixe-a na rua para que Otto e Worley levem embora. Pearl e Leah comprarão móveis novos para esta casa - seu novo lar - quando eu for. Pareceu-me uma má idéia que viessem aqui para ficar com todas as minhas coisas velhas. Precisam começar de novo; não quero que se sintam mal em uma casa que é delas.

Vejo detalhes da construção que não tinha tido ocasião de ver nunca. O chão é elegante e singelo. As arcadas das portas têm uns arremates

curiosos nas bordas. As janelas são muito amplas e estão ao nível dos olhos. É uma casa romântica. É curioso, mas nunca a vi dessa maneira. Desprovida das grossas cortinas, só com as portas corrediças, recorda-me quão importante é deixar que a luz entre nos cômodos. Recordarei esta regra para onde vou.

Estou deitada no chão da sala de estar vazia, com o olhar posto no teto, uma grande superfície branca como o tecido de um pintor. Me limpa a mente enquanto a olho. Sinto uma profunda sensação de bem-estar, muito parecida com a que devem experimentar as monjas e os sacerdotes quando rezam. Estar calado é uma experiência muito relaxante.

Ouçó uma tosse áspera que se aproxima da casa; por um momento penso que pode ser Fleeta que deve formular alguma pergunta sobre a contabilidade do negócio, mas é muito profunda. Tem que tratar-se de um homem. Não me levanto, mas sim me viro de lado, e não tenho mais que torcer um pouco o pescoço para ver os degraus do alpendre através da abertura da porta. Trata-se de Spec. Bate na porta.

- Está aberto.

Spec põe um pé na casa e se detém.

Surpreende-se ao ver o interior tão vazio, mas também se surpreende vendo-me largada no chão.

- Está bem? - pergunta-me.

- Nunca estive melhor.

- Necessito que venha comigo ao hospital.

- Por quê?

- Otto teve um enfarte.

Viajei com o Spec na caminhonete da equipe de resgate. Cuida dela como se fosse sua vida. Entretanto, vejo que no interior se produziram algumas mudanças. Meu substituto pendura a tabuleta em outro lugar. Seu equipamento está sobre a tampa da transmissão, não debaixo do assento, onde eu guardava o meu. Há notas em papel auto-adesivo enganchadas no tabuleiro. Eu nunca fiz nada parecido.

Otto pediu ao Worley que o levasse ao hospital de Saint Agnes e não ao Lonesome Pene. As monjas católicas atraem sua natureza supersticiosa. Spec e eu vamos à recepção, e ali nos informam que Otto está em cuidados intensivos. O tom da enfermeira nos adverte que a situação é grave. As enfermeiras estão muito bem capacitadas, mas nunca são boas atrizes.

Worley está de joelhos junto à cama de seu irmão, segurando a mão esquerda, a que não esta

com soro. Recordo a um filme do Buster Keaton, em que Buster se balança de um edifício, pego com as duas mãos de seu salvador enquanto tenta não cair. Spec se situa ao outro lado da cama, perto do rosto de Otto. Apoio as mãos nos ombros de Worley com muita ternura. Esteve chorando.

- Worley, o que aconteceu?

- Meu irmão acabou de comer e depois saiu ao pátio e vomitou. Pedi-me que o trouxesse aqui, ao Saint Agnes. Logo desmaiou. Como não abria os olhos, carreguei-o no caminhão e o trouxe aqui.

Fez bem.

- Por favor, não deixe que mora. Por favor.

Desejaria poder prometer ao Worley que Otto não morrerá. Mas não posso mentir, e não é justo dar falsas esperanças quando não há nenhuma.

- Worley, deixa que Spec o leve para comer algo e tomar um café.

- Não quero deixá-lo! - Worley olha a seu irmão com uma expressão de profundo carinho.

- Se sair durante uns minutos, terá ocasião de falar com os médicos e averiguar algo. Só faz o que digo certo?

Spec leva Worley. A irmã Ann Christina, chefe da Unidade de Cuidados Intensivos se

aproxima.

- Como está Otto, irmã? - Ela baixa a cabeça como uma indicação de que está muito grave e é melhor não fazer mais perguntas. - Posso falar com ele? Pode me escutar? - A irmã concorda e assim me aproximo da orelha de meu amigo. - Otto, pode-se saber que demônio faz no hospital?

Sorri-me sem força. Entretanto, tem o olhar vivaz. Assinala a máscara de oxigênio. Quer que a levante. Levanto-a um pouquinho, assim pode respirar um pouco de ar e falar.

- Necessito que diga algo a Worley.

- É obvio.

Otto e eu acomodamos a uma rotina de respirar e falar. Abaixo e subo a máscara quando acaba uma frase. Recupera o fôlego e continua.

- Não sou o irmão de Worley. - Olho atônita. Há pessoas que se transtornam quando seus corpos deixam de funcionar corretamente, mas as alucinações não formam parte do quadro clínico de um enfarte, nem tampouco a perda de cor.

- Então, quem é?

- Sou seu pai.

Seguro no corrimão de aço da cama para recuperar a compostura. O aço está frio.

- Recorda que lhe falei de Destry? -

Concordo. - Destry era sua mãe. Morreu quando o teve. O estado queria levar-lo, mas minha mãe lhes disse que Worley era dela, assim não puderam.

- Ele não sabe?

Otto meneia a cabeça.

- Tem que dizer-lhe Otto. Tem que fazê-lo. -
Falo lentamente e repetindo cada palavra.

- Não posso.

- Sim que pode. Acaba de dizer para mim.
Pode fazê-lo. Melhor dizendo, tem que fazê-lo.

Otto respira profundamente e se enchem os olhos de lágrimas.

- Não posso - insiste.

- Me diga por que não pode. - Otto fecha os olhos com força. Sem dúvida confia em que quando voltar a abrir, terei mudado de opinião. Por fim abre os olhos e olha o teto.

- Terá vergonha de mim - sussurra com uma voz apenas audível.

Entendo. O mistério que não podia resolver. Minha mãe não podia suportar a idéia de que eu alguma vez chegasse a me envergonhar dela, então mentiu. Uma mentira é muito melhor que a recusa de sua própria carne e sangue quando descobre que não é perfeito.

- Otto, me escute. Worley tem que saber isto

de seus próprios lábios.

Otto me olha, sobressaltado. Acaba de ter um enfarte, sofre, enfrenta à morte, e aqui estou eu, que me nego a aceitar seu último desejo. Está muito confuso. Tenho que fazê-lo entender.

- Maldito seja, Otto. Sou uma bastarda. Não pelas circunstâncias de meu nascimento, mas sim porque mentiram. A mentira foi o pior. Teve algo com o que a maioria das pessoas só pode sonhar: um amor verdadeiro. Teve a bênção de um filho! Teu filho e de Destry! Não passou toda sua vida pensando nisto? Deixou de pensar nela um só minuto? Não teria dado tudo por abraçá-la outra vez? O que tem isso de ruim? Você a amava. Isso é uma coisa sagrada!

- Ia casar-me com ela - murmura.

- Diga a verdade a ele. Diga-lhe quais eram seus planos. Diga-lhe o que Destry queria para ele. Algo que recorde. Diga-lhe tudo. Será o melhor que fará por ele.

A respiração de Otto é espasmódica. Aproxima-se uma enfermeira e olha como dizendo: «O que faz aqui incomodando às pessoas?». Mas Otto não me solta a mão, assim que ela recebe a mensagem de que me quer a seu lado.

- Por favor, vá procurar ao Worley - peço à

enfermeira. Ela se vai. - Escuta Otto, não chore. Ele tem que escutar o de seus lábios. Certo?

Otto concorda. Worley entra a toda pressa e se aproxima da cama. Dou-lhe uma palmada nas costas de Worley e olho ao Otto. Fecho as cortinas ao redor da cama para que estejam sozinhos. Vou à sala de espera e me reúno com o Spec.

- Se me atirar ao chão, e jogar gasolina no meu corpo, você fica? - pergunta-me Iva Lou enquanto tomamos um par de cervejas no Coach House Inn.

- Lyle me mataria. - Lyle Makin não deixa de dizer a todo mundo que Iva Lou é uma esposa fantástica; ela sabe tão bem como eu. Está presa para toda a vida e se sente muito feliz.

- Sim, é verdade. Adora estar casado.

Ballard Littrell passa cambaleando junto a nós, em direção a uma mesa perto da cozinha.

- Outra vez bêbado? - pergunta-lhe Iva Lou.

- Assim é. - Sorri-nos, e se senta.

- Vê o que perde? O que tem que agüentar sua esposa. No fundo de todas as penas de uma mulher há uma garrafa. - Iva Lou bebe um gole de cerveja.

- Por certo, o que aconteceu com a orelha?

- Dizem por aí que a cortou uma amante ciumenta durante uma briga. Mas acredito que foi o mesmo Ballard quem fez circular essa história. Lyle me disse que foi uma máquina quando trabalhava na mina. Cortou-a de uma vez. Por que o pergunta?

- Era a última pergunta sem resposta que tinha sobre o Big Stone Gap e seus habitantes.

- Sabe que muitas das pessoas que atuam na peça estão desistindo porque você não a dirigirá esse ano?

- Não acredito. Não sou a diretora. Só sigo as instruções que deixou escritas Mazie Dinsmore no livro. Pode me substituir com toda facilidade.

- Não sei de nada. Só sei que Theodore Tipton renunciou esta manhã.

- O que diz? Se ele for toda a obra para!

- Sei. Entre ele que renuncia e Tayloe Slagle que tem problemas para perder o peso que ganhou durante a gravidez, esse vai ser um verão muito longo. Ofereceram-lhe um emprego magnífico.

- Sério?

- A Universidade de Tennessee quer que seja o diretor da banda.

- É fabuloso! - Entretanto, estou doída. Teria gostado de ser a primeira pessoa a saber pela boca do Theodore. Assim era sempre. Veio a minha casa

depois da noite de Sarah e Gail, mas não abri a porta. Possivelmente isso fosse o que iria me dizer.

- O curioso é que não o contrataram por seus conhecimentos cênicos. Pensaram que seu acerto musical dos temas dos filmes da Elizabeth Taylor foi genial. Pode imaginar isso.

- Foi.

- Depois, é obvio, está o tema do Jack Mac, o tipo que melhor beija de todo Big Stone Gap.

- O que aconteceu com ele?

Iva Lou encolhe os ombros.

- O que ouviu?

- Sai com essa nova professora. Fleeta o viu no Fold.

- Isso é o que faltava. Uma professora. O minerador e a professora.

- Escutem à senhorita Positiva. Tudo sai como foi pedido.

- Bom, é assim, não?

- Você gosta de Jack Mac. Vamos, admita.

Dou de ombros como se não me importasse nada absolutamente, e acabo a cerveja.

- Não, refiro-me a que você goste, da mesma maneira que eu gostei da metade dos homens do condado do Wise. Responda-me, e não minta.

- Digamos que sim. Mas, por que tenho que

admiti-lo? Do que me serviria?

- Ser amado é a única coisa boa que alguém pode fazer. Sabe qual é minha opinião sobre o sexo. Embora deva dizer que o sexo no matrimônio é um animal completamente diferente. Mas segue sendo um animal, graças a Deus.

- Alguma vez se perguntou por que somos assim?

- Quem?

- Nós. As mulheres.

- Carinho, não sei. Acredito que entendo aos homens muito melhor que às mulheres. Um homem é um animal toda sua vida. Quer comer quando tem fome. Quer dormir quando está cansado, e quer deitar-se com uma mulher quando está fegoso. Assim simples. - Iva Lou me olha.

- Assim simples?

- Animais. Os homens são criaturas primitivas, e temos as provas científicas aqui mesmo, no Gap. Qualquer um diga que os homens não descendem do macaco é que nunca saiu com Mad Dog Mabe. Todo seu corpo é uma comemoração aos tapetes peludos. O tipo tem cabelo até nos cotovelos.

Fico sentada durante muito tempo diante da

casa do Theodore antes de me decidir a ir até a porta. Sinto-me uma estúpida. Suponho que terei que me humilhar e lhe pedir perdão de joelhos da noite com Sarah e Gail. Não tornei a falar com ele após; sei que está furioso comigo. Temo esse momento. Mas sinto sua falta desesperadamente; antes falávamos todo o dia. A vida é diferente sem ele, e eu não gosto da mudança.

- Quem é?

- Ave Maria Mulligan. A farmacêutica da cidade. Theodore abre a porta.

- Antiga farmacêutica da cidade.

- Não até uma semana depois da próxima sexta-feira.

- Entra.

Theodore me deixa entrar. Nunca entrei pela porta principal. Sempre o fiz pela parte de trás, através da cozinha. Por que não fui por trás como tenho feito durante nove anos? Por que escolhi a porta principal, como se fosse uma vendedora ou uma missionária? Por que faço isto? Por que levanto um muro entre meu melhor amigo e eu?

- Ficou sabendo da oferta da Universidade?

- Parece-me fantástico. Seu trabalho aparecerá na televisão e em todos os meios. Merece toda a fama e a glória do mundo.

-Obrigado.

- Está zangado comigo? - pergunto-lhe com uma voz de menina.

- Sim, estou - responde-me com um tom muito adulto.

- Eu imaginava isso. Não posso me zangar um pouco quando faz amigos a minhas costas e vai à casa dos MacChesney com um par garotas e não me diz nada?

- Não. - Theodore detesta dramas. Por que esses jogos com o homem que me conhece melhor que ninguém?

- Por que não?

- É uma pessoa muito interessante - começa Theodore. Uma regra de ouro de minha vida é que cada vez que alguém utiliza a palavra interessante para me descrever, sempre é para algo ruim. - Não quer se comprometer com ninguém, mas tampouco quer que esse ninguém que você conhece se comprometa com outra pessoa. Por que acredita que isso é certo?

- Em primeiro lugar, não é certo. As pessoas são livres para fazer o que querem.

- As pessoas? Isso é o que sou para você? Uma pessoa em geral?

- Não, não, é obvio que não.

- Começa a partir daí. O que sou para você?

Quero lhe dizer que é meu melhor amigo. Que se ocorresse uma catástrofe universal e pudesse salvar a uma só pessoa, seria a ele. Que a só idéia de que parta e aceite um trabalho em alguma outra parte do mundo onde não possa falar com ele todos os dias me destroça. Por que é diferente quando sou eu que vou embora? Acaso espero que Theodore fique sentado aqui e me espere enquanto eu viajo e tenho aventuras, como se ele fosse um amuleto para o qual posso voltar e tocar para me recordar que não mudou de verdade? Em troca, vejo duas sombras tremendo à luz da lua no alpendre do Jack Mac. A imagem me põe furiosa. Por que me escolheram? - Escuta não me deve nada. Posso cuidar de mim mesma.

- Você não necessita de ninguém.

- Assim é. Sou uma pessoa muito forte. Não necessito a ninguém.

- Está segura de que não é a filha de Fred Mulligan?

Esse comentário me irrita, e fico cruel. contei ao Theodore todas e cada uma das coisas horríveis que Fred Mulligan fez para mim e a minha mãe, e agora joga isso em meu rosto. Mas nunca lhe darei a satisfação de saber que me feriu. Se me vissem o

rosto nesse momento, acreditariam que não tenho nenhuma só preocupação no mundo. Isto é o que faço melhor; é onde coloco minhas interpretações. Posso me fechar, me distanciar e não sentir. Assim isso é exatamente o que faço.

- Seria a primeira pessoa no mundo que não necessita de ninguém, Ave Maria. Acredita mesmo que você é um ser humano? A única garota no mundo que não necessita de ninguém? Pertence a uma categoria especial de pessoa?

- Por que me diz isto?

- Vê como funciona? Estou fazendo algo porque pergunto como se sente. O que sente. É meu assunto. Quero-a.

- Sim, estou certa que me quer. - Pareço ter cinco anos.

- Embora você não acredite deitar-se com alguém não é a única maneira de demonstrar afeto.

- Isso é o que você diz! - por que grito a esse homem? Não está de meu lado? Não está dizendo que mereço ser amada tanto como qualquer outra pessoa? Que não tem nada de mal necessitar amor? Que me permite ter medo? Mas é muito tarde. Sei que Theodore está furioso de verdade porque não me olha.

Enquanto ele passeia pela habitação, comenta

com voz serena:

- Tem problemas e muito, certo? Problemas graves em que pensar.

- Eu tenho problemas graves? O que me diz de você? Acredita que não posso me comunicar com outras pessoas? - Agora estou gritando e estou segura de que o assusto. Melhor. Grito ainda mais. - Deixa de me analisar! Basta! Quis me casar com você durante nove anos e você não me quis. Por fim, um dia vem e me propõe casamento. O que esperava que eu fizesse? Deixar tudo e me casar com você em meio da mais negra das depressões? Depois o que? Ser feliz? Possivelmente o amasse em meio da depressão, e o amava tanto para não o encarregá-lo de uma louca pelo resto de sua vida. Queria que tivesse casado comigo faz nove anos, quando era jovem e não sabia tantas coisas! Teria tido a alguém que me quisesse quando passei pelos piores momentos de minha vida! Passei por todas essas coisas e o tenho feito sozinha. Uma pessoa não pode fingir que passou por esses problemas sozinha. Fiz e não quero ficar sem meus méritos, mas entende que quando se trata de amor, não compreendo nada. Não saberia o que fazer com um homem! Cuidar? Servir? Rezar para que nunca se vá? Como fazer isso sem morrer tentando? Como?

Theodore se dirige à cozinha. Da porta me pergunta:

- Quer uma taça de café?

Sento-me no sofá do Theodore enquanto ele prepara o café. Olho os botões da blusa. Não subiu nem baixou, nem palpitações. Nada a não ser a respiração pausada que segue à descarga dos sentimentos ocultos e enterrados durante nove anos. Sinto-me bem. Vou até a cozinha.

- Você é minha melhor amiga, Ave Maria - afirma Theodore com toda naturalidade da cozinha.
- Nunca a deixarei.

Quero falar, responder, dizer que sinto o mesmo, mas não posso. Assim começo a chorar. Aqui posso fazê-lo. Estou segura.

O encarregado da agência de correios me chama; tem uma carta registrada para mim. Digo-lhe que a abra. São os bilhetes que me envia Olga Nuccio. Estou muito entusiasmada com minha viagem, e muito nervosa. Liguei para Olga quase todos os dias para refrescar o italiano e discutir detalhes da viagem. Ela também está muito contente de me ter no grupo porque falo italiano. Tornamos-nos grandes amigas por telefone. Contou-me muitas coisas de sua vida. Seu noivo,

Frank, pediu-lhe finalmente que se case com ele, mas ela não se vê no papel da Maria Von Trapp, uma madrasta que brinca de bonecas com suas enteadas. Além disso, Olga acredita que Frank tem outras mulheres. Não pode provar, mas ele tem uns horários muito estranhos e sempre liga de telefones públicos (assegura-me que esse é um sinal de que é um mentiroso, e acredito que está no certa). Nunca tive uma amiga que seja italiana como eu, e é muito divertido. Temos as mesmas opiniões sobre muitas coisas.

Theodore e eu vamos ao Tri-City Mall, para ver "Febre do Sábado" (estrearam faz dois anos mas ainda há público que quer vê-la em Kingsport). Nunca conheci pessoas que fossem como essas. Olga me assegura que o filme não mente; ela se criou na mesma espécie de vizinhança. Parece-lhe encantado que tenha acento sulino. «Simplesmente, não espera que esse som saia da boca de uma moça italiana.» Falo de tudo o que me aconteceu no último ano, e me escuta com atenção. Acredita que Theodore não é o homem para mim. Gosta de muito mais a idéia do Jack MacChesney. Respondo-lhe que é muito tarde para tudo isso; Jack e Sarah não se desgrudam. Olga não se surpreende de que Jack

Mac tenha demorado tão pouco em buscar-se outra amiga. «Os homens sempre têm que estar com alguém. Os muito filhos de puta são feitos dessa maneira.» Suas palavras ressonam em meus ouvidos muito depois de ter desligado o telefone. Acredito que também nisso tem toda a razão.

Lavo o rosto, me pinto um pouco e pego as chaves para ir à cidade. Toda a correspondência fica na agência de correios, assim minhas tarefas domésticas se reduziram a preparar a comida e embalar o que levarão.

Necessito uma espátula para tirar toda a correspondência da caixa. Há um postal da tia Meoli em que em uma linha me diz que toda a família morre de impaciência por me ver. Recebo um cartão ou uma carta de tia Meoli ao menos uma vez por semana desde que nos escrevemos pela primeira vez. Disse-lhe que não tinha tido mais notícias do Mario Schilpario desde sua primeira e única carta, apesar de que lhe tenho escrito três vezes para lhe avisar da data de minha viagem. Dei por perdido. Teria gostado de vê-lo, mas se não for o caso, se ele não quiser me ver, não penso aparecer em sua casa e enfrentá-lo. Pergunto-me se ele terá falado de mim a sua mãe. Minha avó. Desejo conhecê-la. É ridículo, sei, mas a única coisa que

sempre desejei é ter uma avó com quem pudesse conversar. Bom, quanto antes aprendermos que não podemos ter tudo o que desejamos nesta vida, melhor. Dou-me por satisfeita conhecendo minhas tias gêmeas, a meu tio e a meus primos. Será mais que suficiente; suponho que não devo ser ambiciosa.

As cristaleiras do Mulligan's Mutual nunca estiveram tão bonitas. Nellie pintou as portas do fundo de uma cor verde lima brilhante e colocou mariposas de papel nos exibidores, para transformar as cristaleiras em um alegre cenário. O velho pôster luminoso que brilhava no alto do edifício foi substituído por uma R gigante que chama muitíssimo a atenção. Otto e Worley fizeram um trabalho fantástico com a alvenaria. Assim o lugar parece novo, e isso me faz muito feliz.

Fleeta se ocupa durante as horas que Pearl está na escola da parte da farmácia que é loja, e aquele homem tão amável do Norton aceitou vir todas as segundas e terças para ocupar-se das receitas até que se encontre um novo farmacêutico. Entrevistamos a um homem do Coeburn, e possivelmente possa começar no princípio do verão. Nellie e Iva Lou já se ocupam de vigiar Pearl, embora Pearl se queixe de que Nellie é um pouco

mandona. Aconselho Pearl que diga; estou segura de que Nellie não se dá conta de que é um pouco mandona.

Fleeta está atrás do balcão. Ouço-a explicar a diferença entre uma tesoura e uma chave a um moço que sem dúvida é outro grande aficionado à luta livre profissional. Fleeta me rogou que trouxéssemos revistas da Federação Mundial de Luta Livre, então as pedimos, conseguimos atrair ao elemento jovem masculino, que também compra muitas guloseimas. Para a Fleeta a luta livre é uma religião. Voltou a fumar; disse que é muito duro renunciar ao tabaco porque todo mundo fuma no estádio durante os combates. Além disso, parece um molho de nervos quando vê que o lutador em quem apostou está a ponto de perder. Necessita dos cigarros para acalmar-se.

- O que está fazendo aqui? - pergunta-me.

- Só passava para dizer olá.

- Não teria que estar em casa, garota? - Fleeta olha ao redor, visivelmente inquieta.

- Estava em casa, mas como me mandam a correspondência à agência de correios, vim recolhê-la.

- Ah.

- Algo não vai bem?

- Não, nada. - Fleeta traga seu Marlboro como alguém que precisa inflar um globo.

- Parece preocupada com algo.

- Já disse que não acontece nada.

Conheço a Fleeta como se a tivesse parido. Há alguma coisa que não vai bem. Pode ser algo pequeno, como ter apostado pelo Haystacks Calhoun ou Pile Driver e agora deve a alguém vinte dólares; ou poderia ser algo grande como que Portly estivesse doente. Em qualquer caso, Fleeta sempre reage da mesma maneira ante qualquer provocação; para ela não há meio termo.

- Não me olhe dessa maneira. Você não tem que voltar para casa? - insiste.

- Fleeta, o que acontece?

- Por que não me deixa em paz?

Fleeta não me falou nunca desta maneira.

- Sabe o que, Fleeta? Eu não gosto de seu tom.

- Sinto muito, Ave Maria, de verdade. Mas dessa vez necessito que confie em mim. Tem que voltar para sua casa.

- Aconteceu algo com Otto?

- Deus, não. O marca-passo que puseram funciona como um relógio.

Fleeta aperta os lábios e segue com seu

trabalho de tirar o pó. Espero um momento, mas não me dá mais informação. Aqui está acontecendo algo muito estranho.

Otto e Worley estão reparando a grade do pátio quando chego a casa. Riem, compartilham as ferramentas e se consultam sobre a melhor maneira de substituir uma dobradiça oxidada. Pergunto-lhes se tudo está em ordem, e quando lhes falo da Fleeta, só encolhem os ombros. Pergunto ao Otto pelo marca-passo. Ele desabotoa a camisa e me mostra a cicatriz vermelha. (Não era necessário que me mostrasse.) O médico está satisfeito com os resultados, e Otto volta a ser o de sempre. O médico considera que a cura do Otto é um milagre. Acredito que a verdade lhe curou o coração. Assim Otto se aliviou da terrível carga que tinha suportado durante todos esses anos, desapareceu a opressão de seu peito e voltou a respirar. Já não ofega nem sopra quando sobe escadas ou carrega cargas, e deixou que mascar tabaco. Para Otto é o começo de uma nova era. Acredito que não demorará em encontrar uma noiva. Ele já está de olho em uma mulher.

Por fim averigüei a idade dos moços. Otto tem sessenta e nove, e Worley cinqüenta e cinco. Todo mundo na cidade ficou pasmado;

acreditávamos que eram muito mais jovens e que não havia tanta diferença de idade. Ao Worley custa tratar ao Otto de papai, assim seguiu lhe chamando Otto. A transição de irmãos a pai e filho não lhes foi muito difícil. Otto sempre dava a ultima palavra, assim que a revelação não afetou para nada a sua vida cotidiana. Worley parece muito feliz e aproveita qualquer oportunidade para perguntar às pessoas que vivem nos terrenos baixos se lembram da pequena Destry, a preciosa moça melungeon. Algumas a recordam, e isso lhe deu um grande consolo.

Digo-lhes que vou acima para acabar de empacotar tudo. A casa parece muito alegre; Otto e Worley pintaram todos os cômodos de uma cor bege, e estão impolutas. Todos os meus objetos estão sobre a cama. Abril é um mês bastante fresco na Itália, assim levo o básico em cor azul marinho e branco: calças de suspensórios que minha mãe fez, umas quantas blusas, uma saia para ir à igreja e meu casaco de veludo vermelho. Pearl guardou frascos de amostra de produtos para os cabelos e me deu em uma bolsinha muito bonita com minhas iniciais bordadas como um presente de despedida.

Entro no banheiro. Não há nada, salvo meu jogo de toalhas brancas. Abro as torneiras para

encher a banheira. Tenho o dia livre. Tomarei um banho, depois vou me maquiar e colocar meu vestido azul de viagem e surpreenderei ao Theodore com um convite para ir ao cinema em Kingsport.

Entro na água quente e olho a clarabóia, que durante anos foi o que mais me agradou nessa casa. Vê-se uma parte de céu. Nunca me importou se havia nuvens ou se estava chovendo; faça o tempo que faça, sempre tem seu encanto particular visto através do cristal chumbado. Vejo passar os pássaros e como as nuvens mudam do branco esponjoso ao cinza e depois, no inverno, como cai a neve. Era meu relógio privado. Estou a ponto de fazer trinta e seis anos de idade. Trinta e seis! Não posso acreditar. Há dias em que penso ter dezenove e outros oitenta e cinco.

Estou arrebatando de felicidade. Estou segura de que há algumas coisas que poderiam me zangar, como Mario Barbari não me escrever. Mas agora vejo o quadro geral de uma maneira como não tinha visto antes. Baixei minhas expectativas, e isso é bom. Não posso olhar fora de mim para conseguir a felicidade, ou permitir que me prejudique a vida caso escrevam ou não. Estou preparada para a mudança. Sei que esta viagem a

Itália mudará minha vida, e não vou desistir.

Desde que mamãe morreu, sempre rezei por ela. Não tenho a sensação de que esteja por aqui, mas sim acredito que está no céu. Iva Lou me contou que durante os seis meses seguintes à morte de sua mãe, cada vez que acendia a luz, a lâmpada queimava, embora fosse nova. Iva Lou acredita que as almas estão carregadas de energia e se colocam em nossos canais de energia para comunicar-se conosco. Uma lâmpada é o objeto ideal para a comunicação porque funciona com eletricidade, e tem a mesma frequência que a vida do além. Tudo o que sei é que não tive que mudar nenhuma só lâmpada nessa casa desde o falecimento de minha mãe.

Rezo minhas orações todos os dias. Mamãe me disse que rezasse embora seja uma repetição automática. «Possivelmente hoje não necessite suas orações, mas, me acredite, chega um momento em que todo mundo precisa rezar.» Lembro o rosto do reverendo Gaspar quando agonizava. «Fé», disse. Espero encontrá-la algum dia.

Envolvo o cabelo com uma toalha e me maquio. Faço como Pearl me ensinou, e devo dizer que minha pele parece alabastro. Também me ensinou a delinear os lábios e depois aplicar o

carmim com pincel em lugar de fazê-lo diretamente com a barra. Não fica boa em mim a maquiagem para olhos, assim dispenso a sombra e só utilizo a máscara. Pearl me disse que o melhor que tenho são as largas pestanas. Possivelmente tenha razão.

O sol que entra pela clarabóia dá uma pátina especial a meu cabelo quando tiro a toalha. Ainda é muito cedo para os dias úmidos. Tenho um prazo de três semanas em meu calendário das estações durante as quais meu cabelo se comporta como é devido. Esta é a primeira semana. Sentirei falta do resto das semanas de bom cabelo, mas não me importa: meu cabelo pode fazer o que quiser quando estiver a bordo de uma gôndola em Veneza.

Mamãe tinha um frasco do Chanel n.º5 em sua penteadeira; uso-o com conta-gotas. Sei que sempre posso comprar outro frasco, mas esse era dela assim cada gota é um tesouro. Não quero que acabe. Suponho que tenho a sensação de que quando se acabar, ela se terá ido para sempre. Fecho a tampa bem forte.

Desço as escadas e me encontro com o Otto e Worley, que estão comendo na cozinha. Assobiam-me. Eles olham por cima do ombro, e todos nos rimos.

- Nunca a vimos tão linda, senhorita Ave -

comenta Otto.

Não mintam.

- Pearl disse que passará por aqui mais tarde para trazer algumas coisas dela e de sua mãe - informa-me Worley.

- De acordo.

- Aonde vai? - pergunta Otto.

- Pensava ir ao cinema em Kingsport. Fico nervosa de estar sentada esperando que chegue a sexta-feira. Preciso fazer algo.

Otto e Worley trocam um olhar e sorriem.

- Eu disse algo engraçado?

- Não - responde Otto. - O que acontece é que sempre a vimos tão ocupada, correndo daqui para lá, que parece divertido ver como agora não tem nada que fazer.

- Está tudo embalado? - quer saber Worley.

Concordo. Soa a campainha. O mais provável é que seja Pearl. Entretanto, ela tem chaves. Então, por que toca a campainha? Abro a porta. Por um momento, parece-me que entrei em um sonho. Através da mosqueteira, vejo um rosto familiar. É o mesmo que aparece no anúncio do suplemento de viagens do The New York Times todos os domingos. O penteado é diferente e os braços não estão elevados por cima da cabeça em sinal de boas-

vindas, mas é o mesmo rosto, os mesmos olhos grandes, o mesmo sorriso de orelha a orelha que me saúda com a mesma alegria que na foto. Salvo que não está no jornal; está aqui, em minha galeria. É Olga Nuccio.

- É Ave Maria?

- Sim.

- Oh, Meu deus! Sou eu! Olga! - Empurra-me para o interior da casa e me abraça. Abraçamo-nos como duas irmãs, e é curioso porque bem poderia sê-lo. Tem minha mesma figura, mas é menor, e tem o cabelo que se frisa. É muito mais simples e menos impressionante na vida real.

- O que está fazendo aqui? - pergunto-lhe sem soltá-la.

- Antes de lhe dizer acredite que pensava ligar e lhe explicar, mas eles não me deixaram. - Estou pensando: quais são «eles» e por que Olga tem feito uma viagem de mil e seiscentos quilômetros para ver-me quando podia esperar dentro de um par de dias no terminal C do aeroporto de Newark? Minhas terminações nervosas enviam pequenas espetadas que me atravessam a pele. O medo me domina. Olga, minha irmã, dá-se conta.

- Não tenha medo - diz com a voz que teria

Moisés se houvesse se criado na Itália. Agarra-me pela cintura. Otto e Worley nos olham em silêncio da porta da cozinha. Olga aparece à porta e faz um sinal para que alguém entre.

Ali, na porta de minha casa, está o homem da foto: meu pai, Mario Schilpario. Levo uma mão ao peito e a outra à boca, como se quisesse me assegurar de que ainda estou dentro de meu corpo e nessa casa. Ele me sorri. Como aparece na foto. Tem mais ou menos minha estatura, o cabelo negro e encaracolado, com apenas umas poucas falhas. Seus olhos são grandes, castanhos e um pouco elevados, como os meus. Tem o queixo um pouco sobressalente como eu, mas tem uma covinha no queixo, algo que não tenho. Está impecavelmente vestido, com um pulôver bege jogado sobre os ombros como Jean-Paul Belmondo nos filmes franceses. Estou assombrada de ver que meu pai seja tão elegante. Então diz, em um inglês muito ensaiado: «Sou Mario Barbari. “Estou prazer em conhecê-la”. Agarra-me as mãos e me beija. Depois me abraça. Não é um abraço fingido, nem tampouco um abraço compassivo desses que diz: «Lamento muito não ter estado com você todos esses anos», a não ser um abraço sincero. Está feliz de me conhecer.

Por fim, estou nos braços de meu verdadeiro pai. Então, por que vejo o rosto de Fred Mulligan? Fred, que me ensinou a podar a fruta, a jogar gim rummy e a abrir uma conta bancária. Fred Mulligan, de quem sempre acreditava que não me queria porque não deixava de fazer perguntas. Fred Mulligan, que morreu e deixou tudo a minha mãe, sabendo que algum dia eu seria a beneficiária. Fred Mulligan que não sabia como não me ferir, porque também pediram que vivesse uma mentira.

Olga me abraça quando me ponho a chorar. Meu pai também chora, mas não são lágrimas de vergonha; são de solidariedade, como se soubesse quão importante é para mim esse momento.

Mario me olha com o mesmo assombro com o que eu olho. É muito mais imponente pessoalmente que na foto. Tomo um momento para observar os detalhes de seu rosto em pessoa como o fiz com sua foto faz uns meses. Tem a mandíbula forte (decisão), sobrancelhas abundantes (libido, surpresa, surpresa) que emolduram cada olho de uma esquina à outra (qualquer mulher mataria por ter uns arcos tão perfeitos!), e o nariz reto, mas é o sorriso, com os lábios carnudos que deixam ver uns dentes perfeitos, o que mais atrai. De acordo com a leitura de rostos, o seu é o rosto de um rei. Não é

muito alto para ser um homem, mas seu porte é tão régio que não se dá conta.

Olga me toca o ombro, e a olho como se estivesse contemplando o rosto de um anjo. Estou profundamente agradecida, mas sou incapaz de dizer obrigado. Como vou agradecer a uma pessoa que tem feito algo tão incrível? Então ela me diz:

- Você gostaria de conhecer sua avó?

Minha avó cruza a soleira. Olha-me de cima abaixo como se estivesse comprando uma berinjela. É pequena, mas larga de ombros. Leva um vestido de sarja azul muito singelo. O cabelo branco está recolhido em um coque bem apertado. Tem o nariz largo e os olhos de um azul claro. Afasta a seu filho do caminho e exclama: «Ave Maria!». Depois me abraça com força, mais ou menos pela cintura; tenho a sensação de que está a ponto de me partir a coluna. «Nonna?», pergunto-lhe quase sem poder respirar. Ela me sorri. «Fala italiano?» Concorde. Está tão contente que me dá um golpe no braço. A nonna, ou avó, fala em um dialeto montanhês difícil de seguir. Mas ela entende meu italiano. Falo muito depressa porque eu também estou muito excitada. Para mim é algo maravilhoso saber que existe. Sonhei com esse momento toda minha vida, e agora é real. A avó não pára de falar. Diz-me que sou sua

única neta e que rezou toda sua vida para ter uma. Lamenta não ter me embalado em seus braços quando era um bebê. É que os italianos dizem tudo o que sentem sem nenhum tipo de censura? Isso parece. Então me pergunta: «Dove é a cucina?». Aponto e ela se vai. A seguir ocorre algo mágico.

A tia Meoli e a tia Antonietta entram juntas. São as gêmeas, e são idênticas a minha mãe! A mesma testa limpa, a mesma pele dourada, o mesmo sorriso! Têm dez anos mais que ela, mas seu cabelo ainda é negro, e o têm penteado com a mesma trança larga. Abraço-as ao mesmo tempo, e tenho a sensação de estar outra vez nos braços de minha mãe. Cheiram ao Chanel N.º5, tal como mamãe. Segue-as um homem alto e distinto, meu tio Pietro, o marido do Meoli. Ela o apresenta, em italiano, e confirma as descrições que fez em suas cartas. Desvio o olhar um segundo e vejo meu pai que tenta comunicar-se com o Otto e Worley, por meio da linguagem dos gestos. É tão divertido que me ponho a rir; muito em breve todos nós estamos rindo. A risada me limpa a cabeça e posso pensar outra vez. Olho a Olga. «Como chegaram aqui?» Responde-me que ela organizou a viagem. Lê-me o pensamento: penso «Quem pagou os bilhetes?». Olga me informa que alguém enviou os bilhetes à

família. Quem? Encolhe os ombros e olha para a galeria.

Theodore, Fleeta, Pearl, Iva Lou e Lyle estão me esperando. Todos choram, salvo Lyle, que não deixa de morder o lábio inferior. Aproximo-me para abraçá-los, mas nenhum deles pode esperar, assim que nos fundimos em um grupo, e nos abraçamos e choramos. Pearl, a grande artista da maquiagem, limpa minha a máscara desfeita pelas lágrimas com um lenço de papel.

- Graças a todos por isso. Muitíssimo obrigado. - É óbvio que meus queridos amigos tiveram que fazer um fundo comum com seu dinheiro para poder trazer minha família. Como poderei recompensar por esse presente que não tem preço?

- Não nos agradeça - replica Iva Lou.

- O que quer dizer? - Agradeça a ele. - Iva Lou assinala ao fundo do caminho de entrada. Ali há um homem com as mãos nos bolsos, de costas para nós. Volta-se um pouco e eu fico paralisada. É Jack MacChesney.

- Ele fez isto por mim? - Meus amigos concordam solenemente e se olham uns aos outros.

- Por quê?

- Suponho que isso terá que perguntar a ele,

carinho - responde-me Iva Lou, com ternura.

Volto-me para descer os degraus que levam ao caminho que me conduzirá até ele. Tomo ar, mas não me movo. Vejo-o ali; ele ainda não me viu. As montanhas se elevam no fundo como pregas verdes que sobem até que chegam a tocar o céu. Que pequeno parece ao lado das montanhas. Singular. Solitário. Sei que devo ir a seu encontro. Olho os meus amigos no alpendre, e eles concordam. O que posso lhe dizer? Confio em que já me ocorrerá algo.

Jack Mac está sumido em seus pensamentos quando chego a seu lado. Toco-lhe o braço. Olha-me.

- Você fez isso por mim?

Concorda.

- Obrigado. - Aproximo-me para abraçá-lo. Sinto tanta gratidão; quero que saiba que ninguém no mundo fez nada por mim nem sequer remotamente parecido a isto.

Jack dá um passo atrás e olha ao longe. Fico nervosa ao ver que me recusa. Mas não me pressiono; não é a classe de homem a quem se possa abandonar.

- Por que fez isso por mim? - pergunto-lhe em voz baixa.

Olha-me, assombrado de que possa lhe fazer

esta pergunta.

- É algo que decidi faz uns meses... - Uns meses? A noite que se apresentou aqui com a compota de maçã? Muito arrumado e posto como um menino que assiste a sua primeira classe na escola dominical? A noite que veio a me propor matrimônio? É a isso ao que se refere?

- É óbvio que as coisas mudaram. Ainda desejo todo o melhor. Alegro-me de que isso tenha sido bom para você. - Sido bom para mim? Por todos os Santos, não me arrumou a chaminé nem me pintou o teto. Trouxe-me a minha família. Por que se mostra tão frio, e do que está falando?

- Se cuide.

Aperta minha mão e se volta. Afasta-se em direção à cidade. Tenho o impulso de gritar, mas caminha depressa. Em qualquer caso, o que eu diria? Isso é tão estranho. Aonde vai? Por que atua desta maneira? Não vê quão agradecida estou? O feliz pelo que fez? Por que não fica?

- Ave Maria! Andiamo! - chama-me a avó do alpendre. Faz-me um gesto para que retorne à casa. Theodore me espera junto à grade.

- O que foi tudo isso? - pergunto-lhe.

- Pode me explicar isso, por favor? Não o compreendo.

- Ave, esse homem vendeu sua caminhonete nova para trazer aqui sua família. Está apaixonado por você.

- Não o está!

- Quem faria algo assim por uma pessoa se não estivesse apaixonado por ela?

- Theodore, você não sabe nada do Jack Mac.

- O que terá que saber? Que é generoso? Que é um bom homem?

- Estou cansada de escutar que é um santo. Acredite-me, não é perfeito.

- Oh, vá, se for a perfeição o que você quer... - Theodore levanta as mãos como se rendesse.

- Basta! Se alguma vez estive apaixonado por mim, já não o está. Fui o segundo prato entre Sweet Sue Tinsley e Sarah Dunleavy. Mas não acontece nada. Foi muito amável. Agora quero ser a amável. Haverá recíproca. Fez algo muito formoso por mim e eu devolverei. Juro que o farei.

- Esta bem, - diz Theodore e olha para a casa.

- Venha. Tenho companhia. Comporte-se como uma pessoa sociável! Não estou disposta a arruinar esse dia com meus problemas pessoais. Está muito claro que Jack Mac mudou de opinião sobre mim. Acabou-se. Encontrou a outra pessoa. Ele e Sarah Dunleavy são felizes. Resolverei com ele

a questão da caminhonete em outro momento.
Tenho uma família.

Penso como Theodore e subo os degraus do alpendre. Necessitam-me, e tenho muitas perguntas.

A avó preparou uma comida deliciosa a base de risotto e pão. Iva Lou não tinha provado nunca o risotto; está surpreendida, acreditava que toda a comida italiana levava molho de tomate. A avó se vale dos serviços de Olga como tradutora para lhe explicar a cozinha do norte italiano. Pergunto à avó como conseguiu passar os ingredientes de contrabando pela alfândega. A nonna olha a Olga, que encolhe os ombros e diz: «Meu Frank trabalha na alfândega».

Iva Lou conta a meu pai seus sonhos de ter um selvagem romance internacional com um cavalheiro italiano, mas que não se puderam realizar porque Lyle Makin cruzou em seu caminho. (Ciao, Matterhorn.) Meu pai a escuta atentamente, concorda com tudo e faz que Iva Lou se sinta importante. Ouço meu pai lhe dizer que são muito poucos os homens italianos que respondem a sua reputação amorosa. Convence a Iva Lou de que não perdeu nada por haver-se casado com um bom montanhês norte-americano.

Depois de comer, Mario organiza uma partida de cartas, que atrai aos homens e à tia

Antonietta. Surpreende-me que as famílias de meu pai e minha mãe se dêem tão bem. Não parece haver nenhum rancor pelo que ocorreu. Não há ira. Tampouco parece haver nenhum sentimento de culpa. Isto me ajuda. Depois de desperdiçar tanto tempo, parece ridículo seguir desperdiçando-o em tristezas e lamentações.

Enquanto ajudo a minha avó a recolher a mesa e preparar a sobremesa, escuto Olga contando a Iva Lou a história de seu noivo, Frank DeCaesar, com todo luxo de detalhes. Iva Lou está fascinada com as voltas e revoltas da explosiva aventura romântica de Olga. Se houver alguém nesse mundo capaz de guiar a Olga através da selva do amor com sentido comum, essa é Iva Lou.

Zackie Wakin bate na porta contra moscas. Iva Lou o deixa entrar.

- Zackie, cheirou o risotto da cidade? - grito sem me mover da cozinha.

- Não, senhora. - Sorri. - Spec e eu nos inteiramos da surpresa que fosse receber hoje, e pensamos que seria bom umas camas extras, já que deu de presente as suas. Se quiser, podemos montar um hotel.

Zackie e Spec se ocupam de tudo rapidamente. Zackie esteve na Itália e conhece a

importância da sesta. A família ficará alguns dias; que maravilhoso é que os moços tenham convertido esta velha casa vazia em um hotel.

Depois de tanto falar, os parentes estão cansados e não vêem a hora de tirar uma soneca. Todos exceto Mario, que quer ir dar um passeio. Estive esperando toda à tarde para estar a sós com ele. Não deixei de olhá-lo nem um momento enquanto comíamos. Não posso acreditar que esteja aqui. É fabuloso conseguir o que mais se anseia na vida.

Mario quer conhecer a vizinhança. Saímos a dar um passeio, mas não se pode dizer que vamos muito longe. Não demos mais de cinco passos quando se detém. Olha ao redor, com muita atenção. Atrasa-se em cada casa e estuda a arquitetura. Pergunta-me coisas das árvores, por que plantamos nos jardins e como é o tempo em cada uma das estações. É como se quisesse me localizar no mundo. Como é que sua filha foi tão longe de seu lar? Como é esse lugar onde cresceu? Por bonito que seja nossa vizinhança, e o é, com todos os jardins coloridos de verde e rosa, e as cerejeiras silvestres em flor, conheço um lugar muito mais formoso onde o levar. Pergunto-lhe se quer dar uma volta de carro. Anima-se e diz que

adoraria. «Está certo que não está cansado?», pergunto-lhe em italiano. Meneia a cabeça vigorosamente. De verdade que os italianos são muito expressivos. Mario tem uns gestos tão deliberados; tem tanta vida... Não estou acostumada a isto, embora veja semelhanças entre nós. É teimoso como eu. Quando sua mãe tentou colocar um pouco mais de queijo ralado no risotto, ele passou a mão sobre o prato como quem dirige uma tocha. Eu estou acostumado a fazer o mesmo, e às pessoas por aqui sempre me chamam a atenção. Esta é a espécie de descobrimentos que farei com minha família, e me entusiasma.

Mario sobe ao jipe. Ajusta o nó do pulôver, joga o cabelo para trás e me indica com um gesto que arranque. Vamos para a Appalachia, o povo mais próximo e porta de acesso a todas as estradas que sobem às montanhas. Mario não demora para ver o curso do rio Powell e quer saber onde desemboca. Faz-me parar o jipe a um lado da estrada quando chegamos à transportadora de carvão, um largo tubo branco que resguarda a cinta transportadora que leva o carvão das minas no alto da montanha até o terminal ferroviário no plano. Olha os vagões. Pronuncia a palavra Southern, o nome da companhia ferroviária, escrito nos laterais

dos vagões, com seu forte acento italiano. Explico-lhe que todos os que vivemos aqui somos sulistas. Quando entramos pela rua principal da Appalachia, Mario quer deter-se para beber algo. Portanto, estaciono diante do Bessie's Dinner, a melhor lanchonete do sudoeste da Virginia. O local está sempre cheio.

Quando entramos, o ruído ensurdecedor das conversas se transforma em um sussurro. É que acaso se deram conta de que trouxe um estrangeiro à cidade? O que olham? Então me dou conta de que não são os homens, que levantam as cabeças, olham-nos e seguem comendo. São as mulheres. Não podem afastar os olhos do Mario. Uma mulher se acomoda com os polegares os suspensórios do prendedor; outra tira os miolos dos cantos dos lábios com o mindinho; uma que está no balcão, endireita sua postura. Olho ao Mario. Ele, por sua vez, olha às mulheres no local como se todas e cada uma delas fossem deliciosas, deliciosos bombons da melhor qualidade. Não há mulher que resista. Até uma garotinha sentada na mesa golpeia o prato com a colher para reclamar sua atenção. Recordo o que tia Meoli me contou sobre a reputação do Mario. Peço duas Cocas-colas para levar e Mario me faz mais pergunta sobre geografia. A que distância

estamos de Big Stone Gap? Subiremos à montanha? Venho a Appalachia com frequência? Voltamos a nos montar no Jipe. Já me sinto mais cômoda com o Mario, assim começo a lhe fazer perguntas.

- Está casado? - Responde-me que não, e logo olha através da janela sem dar mais explicações.

- Tem uma amiga? - Essa pergunta o faz rir por alguma razão que desconheço.

Encolhe os ombros e acende um cigarro.

- Por que não está casado? - pergunto-lhe.

- Por que não está você? - replica-me.

Ninguém disse que sou a solteirona da cidade?

- É formosa - acrescenta simplesmente. - Não compreendo.

Acredito que é muito doce de sua parte me fazer um elogio, embora em parte também se auto-elogie, porque nos parecemos. Entretanto, faz-me feliz saber que não acredita que sua única filha seja um monstro. Como vou explicar lhe por que não estou casada? Não acredito que haja uma resposta singela a essa pergunta.

- Não sei - respondo. - É algo que nunca me ocorreu.

Joga a cabeça para trás e ri.

- O que é tão divertido? - Começo a me

zangar.

- Uma mulher sempre, mas sempre, pode se casar - afirma. - Só deve querer.

Não sei como se diz «me dê um tempo» em italiano, assim que embarco em um longo discurso sobre todas as razões pelas quais não estou casada. O homem correto, o momento inadequado. O prazer de viver sozinha. A ambivalência no tema dos filhos. As muitas horas de trabalho. Outros interesses. Cuidar de pais doentes. Sigo e sigo até que ele me faz calar.

- Ridículo - proclama, e descarta tudo o que eu disse com um gesto empolado.

Esse homem é meu pai, e não posso deixá-lo na sarjeta. Mas acabo de despir minha alma, e ele descartou como quem afasta a uma mosca incômoda.

- Quando uma mulher quer casar-se, faz saber ao homem que está interessada. Isso é tudo o que digo.

Agora me sinto como uma idiota por me colocar na defensiva e dizer um montão de tolices. Ele se dá conta e muda de assunto. Fala de si mesmo.

- Sou o prefeito de Schilpario.

Eu sei.

- Quando vier ao Schilpario, verá que nós também temos montanhas. Os Alpes italianos. São muito mais altos e seus picos são afiados. As cúpulas estão cobertas de neve todo o ano. Vamos esquiar durante o inverno. Descansamos durante o verão. As amoras crescem por todas as ladeiras; dão uns frutos muito doces, deliciosos. Tudo o que fazemos é jogar um pouco de limão e comer. Nada de açúcar. Já são doces. Deliciosas. - Sorri.

Seguimos subindo em silêncio. Mario olha tudo e parece desfrutar da quietude e o panorama. Olha na lateral da estrada onde não há muros e se abre o precipício, mas não tem medo; as alturas perigosas recordam seu lar. Passamos pelo Insko e seguimos adiante. Quero lhe mostrar as clareiras do Roaring Branch.

Estaciono o jipe. Caminhamos por um atalho através do bosque. Observo a expressão de seu rosto quando vê as clareiras pela primeira vez. Sorri, fica muito quieto e as olha. Levanta as mãos, com as Palmas para cima, e fica ali como a estátua de São Francisco que tinha minha mãe no pátio traseiro.

- São formosas! - afirma. - Maravilhosas! Guio-lhe pelo atalho que leva até o flanco das cataratas e lhe mostro as covas que há atrás da cortina de água.

Mario se ajoelha junto ao arroio da mesma maneira que eu fiz quando era pequena e a senhora White nos levou ao Huff Rock e nos ensinou a beber do arroio. Meu pai faz uma concha com as mãos da mesma maneira, e sem, remover o sedimento agarra a água da superfície e bebe um gole. Indica-me com um gesto que faça o mesmo. Ajoelho a seu lado e bebo. Há um lugar mais acima das cascatas onde as pessoas se sentam e lancham. Dali se vê os arroios que alimentam o pequeno rio que dá origem ao Roaring Branch. Sentamo-nos nas rochas e permanecemos em silêncio durante muito tempo. Ensaiei várias maneiras de abordar o tema de minha mãe, mas quando as repasso não me parecem as corretas, assim não digo nada. Uma vez mais, ele se dá conta e resolve o problema.

- Me fale de sua mãe.

A verdade é que não sei por onde começar. Tampouco quero me deixar dominar pelas emoções. Agora é muito tarde para tudo isso, porque não mudaria nada. Quero conhecer sua versão das coisas, mas o nó que tenho na garganta me impede de dizer uma palavra.

- Possivelmente deva dizer o que eu recordo - diz bondosamente.

- Por favor.

- Fiametta Vihnino era uma moça muito formosa pertencente a uma muito boa família do Bérghamo. Era muito trabalhadora. Apaixonei-me por ela quando a vi na loja de seu pai.

Encolhe os ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo conhecer uma moça formosa e apaixonar-se. Pega um maço de cigarros do bolso da camisa; oferece-me um, que recuso, e acende o seu.

- Tinha muito gênio. Uma vez, quando a levei a montanha, deu-me ordens sobre como guiar aos cavalos. Ri-me dela. Acredito que gostou que o fizesse.

- Por que acabou sua relação com ela? O sorriso desaparece do rosto do Mario, que se transforma em uma máscara inexpressiva. Pensa a resposta.

- Tinha que fazê-lo. Já tinha uma esposa. - Contempla a água. Segue com o olhar como passa entre as rochas para despencar pelas cascatas.

- Acreditava que disse que não estava casado.

- Agora não estou casado, mas estava então.

- Minha mãe sabia?

- Sim. Eu disse em uma carta.

Isto explica o medo tremendo de mamãe

quando tínhamos tudo preparado para viajar a Itália. Tinha medo de voltar a vê-lo, e que ele a recusasse uma vez mais. Também havia a possibilidade de que me recusasse. Não tinha querido me fazer passar por esse transe. Queria algo mais para mim.

- O que aconteceu com sua esposa?

- Foi-se para a casa de seus pais. Não era um bom marido.

Vá. Alguém deveria ter dito a esse homem que não é certo flertar depois de casar. Mas, do que serviria agora? Basta olhar a esse homem para saber que nunca mudaria por ninguém. Mario não pretende ser um homem virtuoso; inclusive me parece que se importa muito pouco. Dá a impressão de ser um tanto vaidoso, mas quem não o seria quando se é tão bonito como ele? Está contente consigo mesmo e se aceita tal como é, incluindo o que seja que faz com as mulheres. Se não fosse meu pai, estaria fascinada por ele. Sabe, e não está disposto a que ninguém, e menos uma mulher, domine-o.

Não falamos grande coisa enquanto descemos a ladeira. Desejaria fazer responsável ao Mario por tudo o que aconteceu, mas não posso. Era um moço de dezessete anos. Minha mãe não era

mais que uma menina. Penso nela; passou toda a vida sonhando com seu primeiro amor. Foi leal ao Mario Barbari. Lembro que quando tinha uns minutos para ela, punha vários discos, sentava-se em sua cadeira, fechava os olhos e escutava. Não dormia; sonhava com alguém. Estou segura de que era Mario. Ele era muito importante para ela para esquecê-lo ou substituí-lo em seu coração. Pela primeira vez em minha vida não sinto pena por minha mãe. Tinha um formoso sonho. Um sonho de terras longínquas e um homem ousado que a tinha amado e lhe tinha dado um filho. Possivelmente sabia que ele nunca chegaria a ser tal como se imaginava que seria. Ou possivelmente quando compreendeu que ele nunca viria resgatá-la, fez o que fazem todas as mulheres fortes. Encontrou o caminho para salvar-se. Um pouco muito prático. Muito ao estilo de como era minha mãe.

Lamento que minha mãe não possa contar esta historia com suas próprias palavras. Descubro que estou furiosa com ela, não com ele, apesar de que está aqui e poderia descarregar toda minha raiva nele. Ainda não o conheço o suficiente para fazê-lo. Minha mãe e eu estávamos muito unidas, fomos inseparáveis. Dói-me que não pudesse me dizer a verdade. Inclusive os enganos se podem

retificar, sanar e perdoar uma vez que enfrentamos a eles. Que pena para todos nós que mama não pudesse livrar-se de sua vergonha.

Enquanto íamos de retorno ao Gap, imagino a nós três: mamãe, Mario e eu. O que teria acontecido se tivesse sido capaz de nos reunir como uma família depois da morte do Fred Mulligan? O que teria acontecido se houvesse me dito a verdade? O que teria acontecido se tivéssemos ido a Itália, para buscá-lo, e chamássemos a sua porta? Teríamos nos encaixado em sua vida? Mamãe sabia que não havia lugar para nós. Sabia que devia permanecer em sua memória, como era; jovem, formosa e o que os homens mais querem: pouco exigente. Em sua mente ter sido seu melhor amante; o grande amor sem complicações de sua juventude. Como sabia ela que são estas lembranças que nos reconfortam na velhice? Quando meu pai fala de minha mãe, seu rosto se ilumina de contente. Após ter muitas, muitíssimas mulheres. Pergunto-me se a tinha amado de verdade.

- Amava-a?

Não me responde.

- Não diga nada, Mario. Posso aceitar. – Bato-lhe no ombro.

- Nunca esqueci a Etta.

Nunca ninguém chamou a minha mãe Etta; sinto-me feliz ao saber que ele tinha um nome especial para mamãe.

Não posso fazer mais pergunta agora, porque compreendi, nas poucas horas que estamos juntos, que lhe custa centrar-se em alguma coisa. Faz muitas perguntas, mas não se estende muito em um mesmo tema. Vejo que já está cansado de falar de minha mãe. Mudança de tema enquanto atravessamos a cidade. Agrada-lhe.

Theodore se comporta como um verdadeiro encanto e preparou não sei quantas excursões para os parentes. Pediu emprestado o microônibus da escola para levar a minha família a passeio. À avó adorou tudo. Seu prato favorito da cozinha local é a sopa de feijões e pão de milho; comeu-o todos os dias. Mario e eu estamos nos tornando grandes amigos; ali aonde vamos, todo mundo me diz que me pareço com ele. Convencemos a Olga para que fique durante os quatro dias da visita. Apesar de ser norte-americana, Big Stone Gap é para ela como um país estrangeiro. Worley está loucamente apaixonado por ela, mas não se dá conta. Segue-a por toda parte como se nunca antes tivesse visto uma mulher.

Theodore e eu planejamos um grande final para a última noite. Os levaremos ao Fold da família Carter. Espero não ter criado muitas ilusões. Minhas tias não vêm a hora de dançar um sapateado e de provar suas primeiras salsichas.

O estacionamento do Fold está cheio como de costume. Ao descer do microônibus, meus parentes italianos se movem lentamente, como se acabassem de desembarcar de uma espaçonave. Olham os carros, as pessoas e o velho celeiro, que resplandece no campo contra o fundo das Montanhas Azuis.

Iva Lou e Lyle já estão dançando quando entramos. Coloco as bolsas em um fardo de feno. Theodore leva a Olga e a minhas tias em uma direção. Fleeta leva ao Mario, à avó e a meu tio ao balcão onde servem a comida.

Dou-me conta, enquanto estou sentada no fardo ser esta a primeira vez que estou sozinha desde que eles chegaram e que tenho uma oportunidade para pensar. Tudo foi uma loucura: sua chegada, os bate-papos todas as noites até a madrugada, as excursões. Alegro-me de viver em um lugar que se pode mostrar perfeitamente em quatro dias. O Fold é o lugar idôneo para a grande final de qualquer visita turística ao Big Stone Gap.

A avó quer que passe o verão com eles em Schilpario. Acredito que irei. Faz-me muito feliz que minha nova família tivesse a ocasião de visitar Big Stone Gap antes que eu vá daqui para sempre. Puderam estar na casa de minha mãe. Inclusive sem os móveis, o espírito de minha mãe está muito presente. Pearl e Leah cuidarão bem dela. O outono será o momento perfeito para procurar onde viver e procurar um trabalho. Acaso o outono não é o melhor momento para pôr em marcha os novos projetos? Iva Lou e Lyle abandonam a pista de baile. Beijam-se, e Lyle vai procurar algo de comer. Iva Lou me saúda e sobe até nossa fileira de fardos.

- O que tem feito com os italianos?

- Estão comendo sua primeira salsicha.

- Muito bom. Espero que gostem.

- Gostam de tudo o que comeram. Não posso acreditar nisso. Meu pai gosta do frango frito, e as minhas tias adoram a couve frisada. Imagine.

Os bailarinos formam um grande círculo, e no meio aparecem Jack MacChesney e Sarah a professora, que dançam uma valsa com muita graça. Iva Lou me surpreende olhando-os.

- Odeio a essa mulher - declara.

- Qual?

- À professora ossuda.

- Por que?

- Está aproveitando do Jack Mac. Eu não gosto nem um pingaço que uma mulher se aproveite de um homem vulnerável, a menos que seja eu, é óbvio.

- Ela gosta dele - opino com um tom neutro.

- É mais que isso. Ela está disposta a pescá-lo. Hoje esteve comigo no salão de beleza e falou sem parar de todas as coisas que fazem juntos. Até foram acampar. Põe-me doente.

- Por que? - Devo admitir que a parte do acampar também me dá um pouco de asco. Basta ver Sarah para dar-me conta de que não é das pessoas que gostam do ar livre. Jack Mac precisa fazer muitos acampamentos antes de casar-se com ela porque será a última vez que a verá fritando peixes em terras selvagens. É das que caçam com armadilha e ceva. Assim que se fecha a armadilha, acabou-se a ceva.

- Você sabe por que.

- Não, a verdade é que não sei. Ela não se mete com você. Você tem ao Lyle. O que mais quer?

- Não faça isto - diz Iva Lou, zangada.

- Fazer o que?

- Acredito que é terrível a maneira como tratou ao Jack Mac. Vendeu a caminhonete para

trazer sua família até aqui, e você nem sequer agradeceu como é devido. O que acontece com você?

- Iva, tenho a casa cheia de gente. Pensava ir a sua casa amanhã de noite. Certo?

- Parecia ter sido açoitado pela rua quando partiu de sua casa aquele dia!

- Partiu correndo.

- Nem sequer pediu para ele ficar. Ele teria voltado.

- Você não sabe o que me disse.

- Não pode ter sido tão terrível. O homem está louco por você.

Pobre Iva Lou. Acredita no amor. Quero sacudi-la e lhe dizer: «Acorda! Está falando de mim. Nenhum homem está louco por mim. Que mais prova necessita? “Estou sozinha”. Em troca, ponho-me à defensiva.

- Você não conhece toda a história, assim não imagine que toda a culpa é minha porque não é.

- Me atualize, garota.

- Faz uns meses - digo-lhe com voz baixa - sentiu pena de mim, veio para ver-me e me propôs matrimônio. Supunha-se que tinha acabado com Sweet Sue, mas quando eu respondi que não, nem passou um o fim de semana quando já estava outra

vez com ela. Assim não foi o amor nem a compota de maçã o que o levou a minha casa, foi o dó, entende?

- Dó? Que pessoa em seu são julgamento teria dó de você?

- Você não sabe como é. Parece uma confusão.

- Não me parece isso, mas aceito, se você disser que é.

- Tentei dizer obrigado. Quis lhe dar um abraço. Não podia acreditar no que tinha feito. Mas se afastou; sim, afastou-se e não quis que o tocasse.

- Não me pareceu isso do alpendre.

- Eu não minto Iva Lou.

Jack Mac escolta a Sarah até o posto de comida. A guia com a mão quase no traseiro. Ela estende a mão direita para trás e bate em sua perna. Iva Lou também vê.

- Alguém teria que lhe dizer que as garotas com os tornozelos grossos não devem usar nunca sapatos baixos.

- Digamos que ele me quis uma vez. Mas está bem claro que já não me quer. Deixa-o correr.

Iva Lou não quer deixá-lo correr.

- O que sente por ele?

Meneio a cabeça. Não quero entrar em todo

esse tema, O que sinto por ele? Tudo o que sei é que quando mais ou menos eu gostava, não gostava, e depois quando gostou não o quis. Algumas vezes penso no beijo; bom, sejamos sinceros, é a última coisa em que penso quando estou a ponto de dormir. Lembro o estacionamento de sua casa, o livro, a luz que sai das janelas, seu aroma, a maneira como encaixa meu rosto em seu peito como a peça de um quebra-cabeça, seus olhos que me olham com tanta ternura e também com um pouco de humor. Recrio toda a imagem, e então ele me beija. Suponho que é meu beijo de boa noite, e é a última coisa que recordo antes do café da manhã. Mas esse é meu pequeno ritual, e é obvio que não penso compartilhá-lo com a Iva Lou.

- Tem medo?

- Deus, não.

- Não me refiro ao que pensa dele. - Iva Lou se esforça por encontrar as palavras corretas que lhe permitam invadir minha intimidade. - Tem medo de deitar com ele?

- Iva Lou - exclamo com um tom que diz às claras: «Basta, por favor».

- Escuta, sou sua amiga. Você sabe tudo de mim. E eu não sei nada dos seus sentimentos. Nunca fala do que sente pelos homens. Como

mulher. O mais divertido para uma mulher é falar dos homens. Olhe-me. É meu tema favorito dentro e fora do dormitório.

- Eu não gosto de falar do tema.

- Tenta-o. Sou uma garota. Você é uma garota. Temos nosso próprio clube privado e os homens não têm idéia do que falamos. Seus segredos estão a salvo comigo.

Da entrada, Lyle levanta no ar uma salsicha e aponta a Iva Lou. Responde-lhe que não com um gesto. Lyle reata a conversa com seus amigos.

- Venha. Diga-me o que faz pulsar seu coração. Antes que se vá da cidade e não volte a vê-la nunca mais. - Iva Lou parece tão sincera que quase quero lhe explicar como sou.

- Acredito que é atraente. - Espero que isto seja suficiente para dar por encerrado para sempre o tema MacChesney.

- Isso já é um princípio. Agora, não me deixe curiosa. Continua. - Acredito que nunca vi a Iva Lou tão excitada.

- Quando o vi junto à grade o dia que chegou minha família, pensei que era a pessoa mais formosa que tinha visto em toda minha vida.

- Por que não se jogou em seus braços naquele mesmo momento?

- Porque ele...

- Por uma vez segue seus impulsos! Garota, quantos anos tem? Trinta e seis? Quando calcula que irá à cama com alguém? Quando tiver sessenta? Noventa? Carinho busque um companheiro e desfrute agora que ainda pode se mover. A quem está esperando? Como pode deixar que escape alguém como Jack Mac? Estou segura de que deitar-se com ele deve ser algo supremo. Sinto isso.

Desejo que Iva Lou cale de uma vez, mas não pode. Está fazendo o impossível para que eu compreenda. Nunca a vi tão empenhada.

- Privar-se-ia de comer um morango amadurecido, de usar um perfume caro, ou de um bom livro porque acredita que não merece isso? - acrescenta. - Não, não. O sexo é o mesmo. É um presente maravilhoso de Deus para nos fazer a vida prazerosa. Diga-me, o que pode ter isso de mau? Descobrirá muitíssimas mais coisas de você mesma metida na cama com um bom homem que percorrendo algum país estrangeiro com uma câmara ao ombro e uma guia turística na mão. Precisa ser sincera consigo mesma. Tem medo. Mas quer sexo. Teria que o ter.

Otto e Worley estão na pista de baile com minha avó. Ensinam-na a sapatear. Uma multidão a

anima. Iva Lou e eu nos somamos.

O corpo da avó é um barril pequeno; tem as pernas fracas, mas bem formadas. Brilham-lhe os olhos enquanto dança. Passa do sapateado dos Apalaches a um baile folclórico que não conhecemos por esses lugares; deve tratar-se de algum baile dos Alpes italianos. Otto e Worley a seguem, e muito em breve todo mundo está dançando.

Iva Lou e eu somos as primeiras a ficar sem fôlego, e nos sentamos a presenciar o espetáculo. Olho para o prado, um pouco além da porta, e vejo meu pai que fala com o Jack Mac. Meu pai move as mãos de uma maneira muito expressiva, como sempre. Jack Mac se inclina para lhe dizer algo ao ouvido. Riem e se dão a mão. Sarah se une a eles; ela não pode deixá-lo só nem cinco minutos? Jack a apresenta ao meu pai. Jack Mac e Sarah partem. Meu pai nos busca com o olhar e cruza a pista de baile para reunir-se conosco.

- Do que estavam falando? - pergunto ao Mario, referindo-me a conversa que acaba de ter com o Jack Mac.

- eu italiano é muito bom - responde.

- Ele não fala italiano.

- Pois acaba de falar. - Mario dá de ombros.

O que parece? Possivelmente Sarah Dunleavy ensinou ao Jack algumas frases que aprendeu dos filmes. Uma mulher internacional.

- Jack Mac é um bom homem, não acha? - Mario olha aos bailarinos. Sim, Jack é um bom homem, e estou muito agradecida. Mas não aceita minha gratidão, o que me transforma em uma imbecil. Eu adoraria contar a meu pai sobre Jack MacChesney e Sweet Sue, a proposta matrimonial, Sarah Dunleavy e todo o resto, mas penso duas vezes. Não faria mais que sorrir e dizer alguma tolice em italiano coloquial sobre o sal no armário, os olhos de um pescado ou alguma outra imagem que não tem o menor sentido nem vem ao caso. É que ninguém se dá conta de quão difícil é tudo isto para mim?

Olga nos reúne em grupo - por cima de todo o resto é uma diretora de viagens - e vamos ao microônibus. No trajeto de volta a casa, todos nos damos risadas enquanto a avó conta como Otto e Worley tentaram lhe ensinar a sapatear. Não tenho muita vontade de rir. Cada vez me sinto mais triste. Minha família acaba de chegar, e já parte. Não quero que se vão! Desejo que a estrada não se acabe nunca e que possamos ficar no microônibus para sempre, falando e rindo com o Theodore ao volante

e meu pai a meu lado.

Quando chegamos à casa, a avó dá a Olga condimentos que comprou no Piggly Wiggly para levar a Itália.

- Amanhã de noite romperei com o Frank de uma vez para sempre - anuncia Olga. - Depois de passar os feijões da avó pela alfândega, é obvio. Ele se aproveitou de mim. E agora eu percebo isso.

A avó me dá um beijo de boa noite e se vai à cama.

Olho a Olga, que guarda os feijões em meias três-quartos. Devolve-me o olhar.

- Está bem? - Concordo.

- Parece triste. Sentirá falta deles.

- Passou tudo muito depressa. Mas não quero me queixar, nem parecer uma ingrata.

- Acredite. Foi toda uma aventura trazê-los até aqui. Um autêntico pesadelo logístico. Será que há alguém que possa viver ainda mais acima nos Alpes? Sua família é um rebanho de cabras.

- Olga, quem te chamou para que trouxesse para minha família?

- Iva Lou.

- Iva Lou?

- Ela chamou primeiro. Mas só para inteirar-se. Só para saber se podia organizar esse tipo de

viagem. Assim dei toda a informação e ela aceitou. É obvio, eu não tinha muito claro se poderia fazer-se, mas depois pensei nisso como uma excursão ao inverso e não tive mais problemas. Mas Iva Lou não entrou para nada no tema do dinheiro. Disso se encarregou Jack MacChesney. É um encanto, não é?

- Quando ele chamou para concretizar os acertos?

Olga dá de ombros.

- Faz alguns meses. Posso olhar isso se interessar.

- Minha viagem foi planejada antes ou depois da deles? - Faço um gesto para indicar as minhas hóspedes.

- Depois. - Olga põe cara de culpado durante um momento. - Esperava sua chamada. Iva Lou me pôs de sobreaviso. Sinto muito. Menti, invente uma viagem para fazê-la acreditar que tudo estava em marcha. Mas já tínhamos tudo arrumado para que viessem seus parentes, assim não me pareceu que fosse ruim. Frank se encarregou de conseguir os bilhetes de avião falsos. Sinto muito.

Como poderia me zangar com Olga? Minha família está em minha casa, e nós passamos dias maravilhosos.

- Não se desculpe. Devo a você muito mais

do que você possa chegar a me dever algum dia. - Digo de todo coração.

Essa traidora da Iva Lou. Aquele dia na biblioteca ambulante faz muito tempo, quando Jack Mac estava ali com o jornal, foi quando encontraram a Olga. Depois, quando necessitei uma agente de viagens internacionais, Iva Lou pôs a Olga na bandeja. Jack Mac disse que tinha começado a planejar tudo isto quando me propôs matrimônio. Então, toda aquela história dos mórmons só foi algo que montou Iva Lou para conseguir um pouco mais de tempo. Será que toda a cidade está metida em meus assuntos?.

Todo mundo está na cama. Pusemos três despertadores para nos assegurar de que ninguém se levante tarde. O avião da Piedmont decola do Tri-Cities com destino ao aeroporto John E Kennedy em Nova Iorque às sete da manhã, e não há outro vôo, assim não podem perdê-lo. (Lembro que Piedmont significa piedemonte. Vá nome mais tolo para uma linha aérea!) Não posso dormir, assim rondo pela casa como um fantasma para não fazer ruído. Saio nas pontas dos pés e me sento no alpendre. Penso em quão triste estarei amanhã quando partirem todos. Claro que irei visitá-los na Itália dentro de umas semanas; Olga se ocupou de

tudo sem nenhuma sobrecarga, e me convidou a ficar com ela uma semana e visitar Nova Iorque antes de ir a ultramar. Mas depois da viagem, o que? Aonde irei? Possivelmente eu goste de Schilpario e fique ali. Considero-o durante uns momentos. Como eu gostaria que mamãe estivesse aqui. Imagino sua alegria, consciente de que nunca mais voltarei a estar sozinha no mundo. Nem sequer pude lhe dar essa satisfação. Por que a vida de minha mãe teve que ser tão dura? Pausa lenta e profundamente. Nunca poderei responder a essa pergunta.

A tia Meoli aparece na porta.

- Não posso dormir - diz.

Ponho-me a rir. Disse com o mesmo tom de minha mãe, e embora ninguém houvesse dito nunca que minha mãe era uma pessoa jocosa, algumas vezes dizia algumas frases de uma maneira que me fazia rir. Meoli sai ao alpendre.

- Queria falar com você a sós.

- Aproxima uma cadeira.

- Por favor.

- O que opina dele? - Aponta a janela do quarto onde dorme meu pai.

- Eu gosto. - Ela dá de ombros. - Você não?

A tia Meoli pensa durante uns segundos.

- É um político - afirma.

Suponho que na Itália isso não é bom.

- Tia... - começo, mas pela expressão de seu rosto, compreendo que já sabe o que vou perguntar lhe. - Recorda quando mamãe partiu de Bérghamo?

Lembro-me como se tivesse sido ontem. - Sua mãe nos deixou no meio da noite. Não nos disse aonde ia. Deixou uma carta, na qual me dizia que não me preocupasse que voltaria a me escrever.

Vejo pela expressão de minha tia que recordou todos esses episódios uma infinidade de vezes. Ainda se preocupam.

- Tentou ir atrás dela? - pergunto.

- Sim! É obvio que sim! Pensei em todos e cada um dos lugares onde podia ter ido. Nos primos. Em outras cidades.

Mas ninguém a tinha visto, e não deixou nenhuma pista que nos indicasse aonde tinha ido ou por que se foi. Eu tinha minhas suspeitas porque falava muito freqüentemente do Mario Barbari, mas me calei porque não estava segura. Minha mãe, sua avó, estava desfeita. Depois de que Fiametta partiu, não houve maneira de consolá-la.

- Como reagiu seu pai?

- Acredito que ele sim sabia o que tinha acontecido. Conhecia o Mario Barbari. Conhecia sua

família porque tinha entendimentos comerciais com ela. Quando papai chegou à conclusão de que a Fiametta gostava de Mario, decidiu que ela era muito jovem para cortejar. Assim proibiu que se vissem. Ela estava desolada. Mas meu pai era muito rigoroso. Se tivesse ocorrido algo impróprio, a teria expulsado de casa. Minha irmã sabia. Embora o que fez me partiu o coração, compreendi-a. Não tinha alternativa. Eu, no seu caso, faria o mesmo.

- Só tinha dezessete anos. Não era mais que uma menina.

- Eram muitos os italianos que se foram do país naquela época. Partiam para o Canadá, América do Sul, Austrália. A todas as partes. Muitos, é obvio, partiram para Nova Iorque. Aos Estados Unidos. Sabia que, se houvesse a mínima oportunidade, partiria da Itália para não envergonhar a sua família. Também sabia que quando ela tomava uma decisão, nunca voltava atrás.

- Sabia que estava grávida?

A tia Meoli meneia a cabeça; não sabia nada do estado de sua irmã.

- Se sabia do Mario Barbari, por que não foi atrás dele?

- Mas eu fui.

- Sabia que estava casado?

- Conhecia uma família que vivia na montanha, em um povoado a uns quinze quilômetros do Schilpario. Conheciam-no, sabiam onde podia encontrá-lo. Disseram-me que estava casado. Estava segura de que se casou com minha irmã. Mas não era Fiametta, era outra moça. Disseram-me que tinha sido uma boda arrumada, e que não tinha funcionado. A moça retornou para seus pais ao final de pouco tempo.

- Como se arruma umas bodas?

- As famílias se reúnem e decidem com quem se casarão seus filhos. É o caso do Pietro comigo. Ele tinha cinco irmãos, quatro deles varões. Seu pai e o meu, discutiram qual das filhas era a melhor para os seus. Antonietta amava a um moço do Sestri, perto de Gênova, e Fiametta se foi assim só ficava eu. Apresentaram ao Pietro. Eu gostei muito. Estivemos noivos durante um ano e depois nos casamos. - cruza os braços para dizer que os matrimônios arrumados é a maneira mais natural do mundo quando se trata de casar-se.

- O que aconteceu quando encontrou ao Mario Barbari?

- Ah, sim! - Recorda à medida que prossegue com a história.

Vi que os italianos divagam; reconheço que eu também o faço. Em metade de um relato, há um elemento que chama a atenção, e se separam do tema, para não voltar a tocar nunca mais. Isto me recorda o muito que nos parecemos, apesar de não ser influenciada por eles em minha formação. Não obstante, essas coisas, herdamos.

- Mario Barbari era muito amável. Tinha o cabelo muito negro. Os olhos escuros. Um homem que impressionava. Inventei uma história para ir à montanha sem que meu pai se inteirasse do verdadeiro motivo de minha viagem. Confiava em que Fiametta estivesse ali com ele, falar com ela e fazê-la voltar a razão para que retornasse a casa. Quando cheguei a Schilpario, encontrei ao Mario trabalhando na igreja. Sua família se dedica à fabricação de vitrais. - Outra coisa de meu pai que não sabia!. - Reconheci-o imediatamente, porque o recordava da cidade; algumas vezes vinha com o carro para carregar fornecimentos, e todas as garotas de Bérgamo ficavam admirando a ele. Pedi-lhe para falar a sós. Foi muito amável, mas não tinha idéia do paradeiro de minha irmã. Não sabia nenhuma palavra. Pedi-me que compreendesse sua posição; tinha uma esposa, e tentavam conseguir que o matrimônio funcionasse, embora

não viviam sob o mesmo teto. Acreditava que minha irmã era formosa e muito doce, mas era um romance que não podia ser. Que diria quando a encontrasse? Respondi-lhe que isso era algo que devia discutir ele com a Fiametta. Lembro que, ao escutar seu nome, seus olhos se nublaram pela dor. Acredito que a amava.

É óbvio que a tia Meoli refletiu sobre tudo isto muito a fundo. Mas também é uma mulher, e sabe o que acontece com as garotas inocentes quando se apaixonam por galanteadores da cidade. Ao princípio, aceitam que são uma entre muitas, mas confiam em poder domá-lo, conquistar seu coração e convertê-lo em um amante fiel. Minha mãe, aos dezessete anos, não sabia que nunca ganharia essa batalha. Mas estava tão apaixonada, que se entregou de corpo e alma. Não deixa de ser uma ironia que eu seja a única filha do Mario. Todas aquelas mulheres, todas aquelas aventuras românticas, e eu sou o único fruto de todas elas.

- Assim desci da montanha, sem me informar de nada mais do que já sabia - prossegue Meoli. - Reuni-me com minha mãe e minha irmã em uma sala, bem longe de meu pai, e lhes contei o que tinha averiguado. Minha mãe estava desfeita; foi-se a ilusão de que encontraria a Fiametta e a traria de

volta a casa. Aquilo quebrou a saúde de minha mãe. Chorava todas as horas; caiu de cama. Os italianos dizem que se revolveu o sangue. Adoeceu de tristeza.

- O que aconteceu com seu pai?

- Minha mãe nunca discutiu o tema com ele. Sabia qual era sua postura. Se Fiametta fazia algo mau, teria que arcar com as conseqüências. Uma vez tivemos uma discussão sobre o tema. Disse-me que minha irmã estava sã e salva. Conhecia sua vontade de ferro. Papai estava seguro de que sabia cuidar dela mesma. Pareceu-me que se comportava de uma maneira fria e indiferente, e me zanguei muito porque não tinha feito nada para encontrá-la. Mas ele e Fiametta sempre tinham tido algo entre eles. Algo que eu nunca tive com meu pai.

- Algo?

- Papai sabia o que ela pensava. Sempre. Podia dizer o que ela ia fazer antes que o fizesse. Era algo místico.

- Quando recebeu a primeira carta de mamãe? - Após um ano de sua partida. Minha mãe se sentiu muito feliz quando chegou a carta dos Estados Unidos.

- Não encontrei nenhuma carta de minha avó a minha mãe.

A tia Meoli levanta um dedo e o move da direita a esquerda.

- Nunca. Minha mãe nunca faria nada contra a vontade de meu pai! Nunca!

- O que sabia sua mãe de mim?

- Estava feliz. Mas você teria um ano ou pouco mais quando morreu. Entretanto, sabia seu nome e todos os detalhes que Fiametta me contava em suas cartas.

- Alguma vez o disse a seu pai?

Minha tia meneia a cabeça com uma expressão de pena.

- Se sabia, nunca disse nada. Não o julgue por isso, Ave Maria. Eram outros tempos. Uma moça não podia abandonar a casa familiar se não estava casada, nem tampouco podia...

-... Desonrar o sobrenome da família.

Tia Meoli volta a menear a cabeça.

- Sei que não houve nenhuma desonra. Era muito jovem, estava apaixonada. - Meoli se reclinava na cadeira. Mamãe apaixonada. Oxalá a tivesse visto.

Theodore e eu os levamos ao aeroporto, mas não é uma despedida triste. Prometemos nos ligar e nos escrever, e todos pensaram no longo verão em Schilpario.

Meu pai tenta me dar dinheiro, mas faço com que devolva ao bolso.

- Papai, não o necessito.

- Por favor, aceita-o.

- Papai, fique e cuide da avó. - Sorri-me e nos damos um abraço. Não demoraremos para voltar a nos ver, e isso nos faz muito felizes.

Theodore e eu esperamos que o avião decole e quando desaparece detrás das montanhas, vamos ao Shoney's para desfrutar de uma comida tranqüila e recordar cada momento da visita dos italianos.

Carrego o Jipe com todas as travessas das senhoras da cidade que trouxeram comida durante a visita da família. Um dos aspectos que mais gosto em Big Stone Gap é o incessante entra e sai de travessas entre casas em tempos de alegria ou tristeza. Para facilitar a devolução, as senhoras escrevem seus nomes com tinta em uma parte abaixo: N. Goodloe, E. e L. Tuckett, I. Makin, J. Hendrick e N. MacChesney. Levarei boa parte do dia para devolver todas as suas proprietárias. Pretendo começar o percurso pelo Cracker's Neck, que está no alto da montanha, e depois ir descendo para a cidade. Vejo fumaça branca da chaminé da cozinha da casa dos MacChesney. Bato na porta. Não há resposta. Volto a chamar. Nada. De repente

soa um latido feroz a minhas costas e levo um susto de morte. É o cão da casa. Ladra-me ao tempo que se dirige para a parte de trás da casa. Sigo-o.

A Senhora Mac está estendendo roupas. O branco dos lençóis é mais branco que as nuvens que desfilam pelo céu, e inclusive ao ar livre se respira o aroma da roupa limpa. Olha-me e sorri.

- Obrigado pelo bolo de amoras. A minha família adorou.

- Por que não ia gostar? É um bom bolo.

- Necessita ajuda?

- Já terminei. Entra. Tenho café.

Entro na casa pela galeria traseira, que serve de solário. Não a conhecia porque nunca tinha entrado por trás. A verdade é que não sabia que tivesse uma sala como esta na parte de trás. Não se vê da cozinha; está construída em ângulo e fica oculta.

O solário é precioso. Há móveis de cana com grandes almofadas bordadas. Reconheço o motivo tradicional do «caminho do bêbado» em uma das cadeiras. Há planta com flores rosa, azuis e amarelas penduradas por toda parte. Nunca vi um jardim interior tão precioso; dá a impressão de que está em outro lugar e não nessa singela construção de pedra de Cracker's Neck.

- Esse é meu lugar favorito da casa. Claro que as flores requerem muitos cuidados.

Imagino à Senhora Mac transformando seu solário em sua habitação especial, cheia de toques femininos. Mas é mais que isso; provoca uma sensação espiritual, como um santuário. Sigo-a através da pequena despensa que dá à cozinha que conheço tão bem.

- Partiram sem problemas? - pergunta enquanto me serve uma taça de café.

- Sim.

- Que tal você? - Foi como ver o sonho realizado.

- Bem.

- Senhora Mac, certamente você sabe que Jack vendeu a caminhonete para pagar os bilhetes, e eu...

Levanta a mão para me fazer calar.

- Isso é assunto dele.

- Sei. Mas quero que saiba que agradeço muito.

- Carinho, não é meu assunto.

- Mas...

- Não o é.

Permanecemos em um silêncio incômodo durante uns minutos.

- A Senhora criou um ótimo filho.

- Muito obrigado.

- Senhora Mac, está você zangada comigo por algum motivo?

- Eu não diria zangada.

- Você como o chamaria?

- Sei que há uma palavra; deixe-me pensar. -

Pensa durante uns instantes, levanta-se, aproxima-se da forma, levanta a tampa, corta duas porções de bolo, põe-nas em um prato, agarra dois garfos, dois pratos e dois guardanapos, volta para a mesa e se senta. - Estou perplexa.

- Perdão?

- Quer a meu filho ou não?

Não posso responder. Não só estou envergonhada, mas também me dou conta de estar na horrível situação de ter a mãe de alguém a me interrogar, uma situação incômoda para as duas.

- Importa se não respondo?

- Como quiser.

Comemos o bolo e tomamos o café. A Senhora Mac contempla o campo. Esta manhã parece mais velha. Ou possivelmente tenho medo de nunca mais vê-la depois de partir.

- Tenho um montão de tigelas no carro que devo devolver, assim será melhor que me vá.

- Ave Maria. - A Senhora Mac me olha diretamente ao rosto, sem pestanejar. - Minha irmã Cecília virá me buscar essa tarde e me levará a sua casa de visita. Estarei fora uma semana. Meu filho acaba o turno às seis em ponto; entrará em casa por aquela porta não mais tarde que as sete. Não sabe que vou ver sua tia, assim chegará convencido de que tem o jantar preparado como de costume. Se eu estivesse em seu lugar, e tivesse a décima parte do cérebro que acredito que tem, estaria sentada no alpendre o esperando. Está bem claro, jovem?

Concordo. Abraço um segundo à Senhora Mac, e quando vou sair, ela também me dá outro abraço rapidíssimo que me diz: «Faz o que eu disse, ou não me faço responsável pelo que possa acontecer».

Há alguns lances com névoa baixa enquanto desço da montanha. Penso no beijo no estacionamento. É a primeira vez que o recorde durante o dia. Quando tomo a curva para descer pelo Valley Road, um gato cruza diante do Jipe. Piso nos freios e desço de um salto. O gato desaparece na sarjeta. Tenho medo de que esteja ferido. Cruzo a estrada e desço pela ravina no mesmo instante em que o gato se esconde em uma greta escura. Aproximo-me e afasto as folhas na boca do buraco.

Encontro-me com três gatinhos, tão pequenos que ainda não têm aberto os olhos, bem abrigados com umas folhas. Retrocedo e me sento na beira da sarjeta, atenta à volta da mãe. Por fim aparece e cuida da ninhada. Lambe-os. Parecem estar bem. Ponho-me a chorar. Acabo de compreender que sou uma farsante. Disse ao Otto em termos bem claros que devia ser sincero com o Worley e esquecer-se da vergonha. Entretanto, não sou sincera com meus próprios assuntos. Escolhi não me apaixonar convencida de que apagaria a vergonha de minha mãe se era a filha perfeita, virtuosa e independente. Estive toda a vida empenhada em não necessitar de ninguém. Mas as palavras da Senhora Mac ressonam em minha cabeça e me dou conta de que não quero seguir vivendo desta maneira.

Escuto uma buzina. É Nellie Goodloe.

- Ave Maria, está bem? O que faz sentada na sarjeta?

- Estou bem, Nellie, obrigado - grito-lhe.

Encolhe os ombros e parte. Levanto-me e me sacudo as folhas da calça. Quando subo ao jipe, tenho muito claro o que farei.

Passo pela farmácia com a tigela da Fleeta. Ela está repondo as guloseimas.

- Escolheram à pessoa que dirigirá o teatro -

anuncia Fleeta.

- Ah, sim? Quem é?

- Sarah Dunleavy, a nova professora de inglês no instituto.

- Não! - Isso me tira do sério. Não me considerava a proprietária do cargo, mas ela? Se não souber nem por onde começar.

- Sarah - Fleeta pronuncia o nome como se fosse uma marca de lama - dedicou-se de corpo e alma a adular à junta de diretores. Ficou sócia do Dogwood Garden Clube, foi a anfitriã do café da manhã do pássaro madrugador, colocou-se no círculo de costura da igreja metodista, e ainda por cima conseguiu que Dom Wax Realty patrocine a viagem de sua classe de inglês para ir ao teatro Barter a ver uma obra. A garota está ficando com tudo. Você não fica enojada?

- Estou. - Não sei exatamente por que, mas estou.

- Eu também estaria depois de tudo o que tem feito pelas pessoas daqui. Ficou louca, se oferecendo para fazer tudo. Já vê como agradecem isso. Ainda não se apagou seu aroma da zona, quando já ocuparam seu posto.

- Fica algum frasco de colônia Coty's Emeraude?

- Está no armário. - Fleeta o aponta, ao tempo que saca um chaveiro com dez mil chaves do bolso traseiro.

- Como sabe qual é a chave?

- Uso o sistema Braile. Sei pelo tato das estrias.

A primeira chave que escolhe abre a fechadura.

- Hoje é seu dia de sorte. Resta um frasco.

- Coloca-o em minha conta.

Fleeta ri e sua risada se transforma em um ataque de tosse.

- Isso é muito divertido, se tivermos em conta que tudo isto é seu.

Queria me unir à diversão, mas nesses momentos não estou com ânimos. Sarah Dunleavy ocupou meu lugar no Big Stone Gap, sem esforços, sem solução de continuidade; é como se eu nunca tivesse existido, e isso porque ainda não parti da cidade. Terei que pôr um pouco mais de cuidado na hora de marcar meu território.

Dedico a maior parte da tarde a me preparar para a noite. Quero estar segura de que me encontrarei no alpendre dos MacChesney as seis, esperando tranqüilamente. Temo que se chegue tarde, e me encontre com a caminhonete do Jack

Mac, darei marcha ré e retornarei à cidade. Estou muito nervosa; minha última conversa com o Jack Mac não foi precisamente amistosa. Não sei se não se comportará comigo como um montanhês e me ordenará que me retire de sua propriedade ou o que seja. Assim preciso chegar ali primeiro e me instalar. Isso me dará coragem.

Decidi me vestir de uma maneira muito singela: uma das blusas novas que me fez mamãe e jeans. Uma saia daria a sensação de que pretendo impressioná-lo, porque quase nunca as uso. Para mim, isto é uma reunião de negócios; preciso dar a aparência de uma pessoa séria, e o consigo se usar calças.

Enquanto subo pela estrada para o Cracker's Neck, repasso cuidadosamente todas as desigualdades de minha amizade, ou como a queira chamar, com o Jack MacChesney. Na escola, era uma pessoa tímida e retraída, que só era membro de uns poucos clubes. Parece-me recordar que jogava beisebol, mas nada mais. Minhas verdadeiras lembranças começam no dia que o surpreendi de cueca quando tomava o café da manhã. Aquela foi a primeira vez que me fixei realmente nele: fresco como uma rosa, acabado de sair da ducha, e acredito que me apaixonei quando me piscou o olho

durante o ensaio final da obra.

Mas não pertenço a essa classe de mulheres que roubam o homem de outra mulher. Em primeiro lugar, não faria isso a nenhuma mulher porque, que eu caia morta, eu não gostaria que me fizessem isso , e em segundo lugar, algo que se obtém a custa de outro, nunca dura. Esses romances não estão construídos sobre bases sólidas; ao primeiro problema, derrubam-se. Possivelmente seja parte do jogo, mas para mim não há nenhum homem pelo qual valha a pena destroçar o coração de uma mulher.

Entretanto, não sou uma ingênua. Sei que há muitíssimas Sarah Dunleavy, que fixam o objetivo de encontrar ao melhor homem em um grupo e abrir espaço em seu coração comportando-se de um maneira discreta, ordenada e sem muito escândalo. Mas não há nenhuma só entre nós que possa seguir atuando toda uma vida. Não obstante, é algo que os homens não compreendem. Acreditam que sabem com quem se casam porque nunca lhes ocorreria mudar seu comportamento por ninguém. «me aceite como sou - parecem dizer enquanto se decidem, - ou segue adiante, garota. » Mas as mulheres? Adaptamo-nos. Adaptar-se produz resultados. Funcionou com mamãe, mas não é a vida que quero

para mim. Possivelmente esta seja a verdadeira razão pela qual nunca me casei. Seria incapaz de me adaptar.

Por que vou ao Cracker's Nest? O que penso que encontrarei ali? Possivelmente o prazer subconsciente do beijo do Jack MacChesney lembrado cada noite antes de ir dormir e já impresso em meu coração enviou uma mensagem a meu cérebro para que eu encare à verdade. Não sei. Parece que, abriu algo em mim. Esse velho jipe não é capaz de circular o bastante rápido como para me levar com tempo suficiente até ao alpendre dos MacChesney.

Passam-me todos os medos quando sento no alpendre. Estou maravilhada com a vista e desejo que o sol tarde um pouco mais em ocultar-se para contemplar o panorama com todo detalhe. Por fim, depois do que me parecem anos, vejo a luz dos faróis de uma caminhonete que desce pela montanha e toma a curva fechada que leva a propriedade.

A caminhonete dá saltos quando passa pelos buracos da estrada de terra e levanta uma nuvem de pó. Os faróis me iluminam quando Jack leva o veículo a um lado da casa. Protejo meus olhos da luz que me deslumbra, mas me levanto para saudá-

lo. A caminhonete tem o preço escrito no pára-brisa com pintura branca: 3.500 dólares. Suponho que é um dos veículos de segunda mão do negócio de compra e venda de carros do Rick Harmon, que o emprestou ao Jack. Não sei como consegue conduzir com os números que abrangem todo o pára-brisa. Por um momento, domina-me o pânico. O que acontecerá se Sarah Dunleavy estiver com ele na caminhonete? Lamento não ter trazido uma tigela; ao menos assim teria tido uma desculpa para justificar minha presença, e depois sumir sem passar vergonha. É muito tarde para subir ao jipe e sair buzinando, assim espero. Jack estaciona a caminhonete; os últimos raios do sol iluminam o guichê do passageiro, e vejo que não há ninguém. Fico mais tranqüila.

Demora uns momentos em descer, porque tem que recolher a marmita e as botas. Aparece por detrás da caminhonete e sobe os degraus do alpendre. Olha-me com uma expressão estranha.

- Aconteceu algo a minha mãe?

- Não, não. Foi a casa de sua tia Cecília.

- Por que não me disse isso? - Jack Mac cruza a galeria enquanto tira a chave do bolso.

- Suponho que terá sido uma decisão de última hora ou algo assim.

- Poderia ser. - Abre a porta e acende as luzes. A Senhora Mac deixou uma nota na mesa do vestíbulo onde confirma o que eu disse. Lê e a volta a deixar sobre a mesa.

É como se não estivesse aqui. Não está feliz comigo, mas tampouco está zangado. É só uma indiferença cordial. Que terrível. Ou só é uma mutreta para me fazer sofrer? Fiz mal, e agora ele me paga com a mesma moeda? Deus far-me-á pagar pelo que fiz. Terei que me pôr de joelhos e suplicar a esse homem que me perdoe. Seguro com força ao corrimão do alpendre.

- Quer entrar? - Sua voz é tão monótona que não há maneira de saber se quer que entre ou se está só sendo cortês.

- Sim, obrigado.

Detenho-me na soleira e espero novas instruções. Mas ele não diz uma palavra. Entra e sai dos cômodos, acende as luzes, deixa a marmita, guarda as botas, recolhe a correspondência que está no suporte da chaminé e a deixa na mesa do vestíbulo. É como se eu fosse invisível. Lamento não sê-lo.

- Acredita que minha mãe terá deixado preparado o jantar? - pergunta-me quando o silêncio se faz insuportável. São as primeiras

palavras amistosas que diz, mas não confio.

- Não sei.

- Vamos comprovar. - Jack Mac entra na cozinha. Não poderia me sentir mais tola do que me sinto, sem fazer nada. Aparece a cabeça pela porta da cozinha. - Venha, entra.

Entro na cozinha. É evidente que a Senhora Mac preparou o jantar. A mesa está posta para dois, e há uma vela azul em um pratinho branco em meio da mesa. A montagem me faz sentir muito incômoda: é quase tão mau como quando os pais se intrometem para animar as festas de seus filhos.

- Por que não esquento o jantar enquanto acendo o fogo? - Me olha como se fosse uma idiota, que não é capaz de entender que se fez toda a viagem até aqui e é a hora do jantar, bem poderíamos jantar. Aproximo-me da geladeira e saco uma caçarola que tem um cartão pego que diz: «macarrão com queijo». Acendo o forno.

O que estou fazendo aqui? Esta é a pior idéia de toda minha vida. Tenho que fazer algo para sair daqui quanto antes. Preferiria morrer antes que lhe conte a história do beijo antes de dormir, como adoro seu cheiro, ou que estou disposta a arrancar os olhos da Sarah Dunleavy antes que o tire de mim. Por que vim até aqui esta noite? Teria que ter

comprado uma caminhonete nova, mandar que a levassem a sua casa e me esquecer de todo esse assunto. Sou muito velha para perder o controle dessa maneira. Por que está tão tranquilo? Faz tudo isso de propósito. Estou segura de que o considera divertido. O senhor controlado. Adiante, ria da Velha Donzela Aterrorizada.

- Vou tomar uma ducha. Você prepara a salada. - sai.

Onde está o telefone? Chamarei o Theodore e lhe direi que venha me buscar agora mesmo. Não acredito que possa conduzir no estado que me encontro. Esse homem me transformou em um pudim. Noto as mãos dormentes, como se pudesse tirar como se fossem luvas de borracha. Jack Mac coloca a cabeça pela porta da cozinha. Dou um salto.

- Não ponha rabanetes. Detesto-os. - Volta a desaparecer.

Caramba aparece a cabeça aqui dentro e me assusta como se fosse o cientista louco em um filme de terror. Devo ter ficado branca, porque é a primeira vez que o vejo sorrir essa noite. Isto é uma tortura. Devo partir? Por que não vou? Não posso. Meus pés não se movem. No mais profundo de meu ser, faço provisão de forças e me centro. Pauso

profundamente, sempre ao mesmo ritmo, e isto me ajuda a serenar meus nervos e meu coração. Comprovo minha maquiagem no reflexo da torradeira. Não estou nada mal. Posso fazê-lo. Preparo a salada. Arrumo. Encontro uma saladeira e a coloco sobre a mesa. Coloco a caçarola no forno. Depois escolho uma das cadeiras, sento-me e espero.

Jack entra na cozinha após uns minutos. Acaba de tomar banho e está limpo. Vestiu-se com esmero, mas sem exagero: uma camisa e jeans velhos. Aproxima-se do forno, pega a caçarola e a deixa sobre a mesa. Logo pega uma garrafa de vinho da geladeira. Abre sem me perguntar.

- Aceita?

Levo as mãos ao rosto.

- Preferiria uma aspirina.

Vá, não sei por que parece tão divertido. Mas ri como se fosse a coisa mais divertida do mundo. Ri tanto que acabo por me ofender.

- No que acha tanta graça?

- Você.

- Alegro-me muito saber que sou tão divertida.

- É mais que isso. - Jack Mac se senta.

Do que está falando? A que se refere? Tenho

a sensação de que fala em outro idioma. É um bom ponto de partida.

- Meu pai me disse que falou em italiano com ele.

- Sei um pouco.

- Como?

- De um livro. Aprendi com o curso de italiano do Berlitz da biblioteca do condado.

- Por que?

- Queria aprendê-lo.

- Por mim?

- Você não é a única italiana no mundo, não sei se sabe.

- Não quis dizê-lo nesse sentido. Só dava por feito...

- Não o faça.

Já tive mais que suficiente e nem sequer levo nenhuma hora nesta casa feia, velha e detestável. Mas não lhe arrancarei a cabeça. Mostrarei-me muito digna com todo esse assunto.

- Por que é cruel comigo?

Pensa um momento antes de me responder.

- Possivelmente seja autoproteção.

Vale, agora o entendo. Fiz-lhe mal, assim agora precisa me rebaixar a seu nível. Que infantil. Que tolice maior de um homem.

- Não farei nenhum dano. - Não sei por que o digo, mas me parece que esta é a questão e que devo defender-me.

- Já é muito tarde.

Está zangado de verdade. Não sei como mudarei isso para chegar até ele, ou sequer se devo tentá-lo. Possivelmente quer que me vá, e suas gentis maneiras sulinas o impedem de me jogar para fora.

- Quer que vá? - pergunto-lhe com toda cortesia.

- Quer ir?

Fico nervosa quando respondem a uma pergunta com outra. «Não, não quero», digo-lhe, recalcando as palavras, mas a verdade é que não sei de onde saiu essa resposta. Não faz nem um minuto teria dado a perna direita para sair daqui imediatamente, mas de algum jeito, ouvir que lhe fiz mal me faz ficar.

- Está apaixonado por Sarah Dunleavy?

- Por que o pergunta?

- Porque se o está, aceitarei a oferta e partirei.

- E se não o estou?

- Se não estiver, acredito que poderíamos resolver esse assunto e esta noite poderia ter muita sorte, à vista de que sua mãe não está na cidade. -

De onde saiu isto? Graças a Deus que ri, porque do contrário agora mesmo lhe pediria a arma que usam contra os cães raivosos e me daria um tiro.

- Se soubesse que seria tão fácil, não teria vendido a caminhonete. -levanta-se e se serve um copo de água.

- Por que vendeu a caminhonete? - Agora eu também estou de pé. Acredito que os dois bocados de macarrão me ajudaram a recuperar as forças. Assim sigo adiante. - Estava totalmente equipada. Era a caminhonete de seus sonhos. Amava-a.

- Sim, mas quero você desde o sexto grau.

Olha-me. Não posso me mover. Ele tampouco. Fica onde está e me olha. Por fim, aponta o chão diante de seus pés, para me indicar que sou eu quem devo me aproximar; que ele não virá para mim. Assim dou aqueles doze passos e caio em seus braços. Não acreditava que esse momento significaria tanto para mim, mas uma vez que estou entre seus braços, com o rosto apoiado nesse lugar de seu peito com o que sonhei, não há nada nesse mundo capaz de me arrancar de seu lado por sempre jamais. Beija-me, como o tem feito todas as noites em meus sonhos desde o casamento da Iva Lou. Estou furiosa comigo mesma por ter desperdiçado tanto tempo.

É cedo, e ainda temos muitíssimas coisas para falar. Acabamos o jantar (ele tem fome, eu não). Depois Jack quer me mostrar sua casa. Começa pelo solário, que ainda parece mais acolhedor de noite. Mostra-me o dormitório de sua mãe da porta, uma sala singela grafite de cor azul clara. A sala de jantar. A sala de estar. A seguir me leva ao porão, que é quase tão grande como toda a casa. Os fornecimentos de tecidos da Senhora Mac estão acomodados em estantes de madeira, e há uma mesa muito longa no centro da habitação, com cadeiras a seu redor. Jack Mac me explica que é aqui onde a tia Cecília e várias amigas se reúnem para confeccionar as colchas. Leva-me até a janela, que se abre sobre o magnífico vale Powell. A visibilidade é extraordinária; apesar de que está escuro, as luzes longínquas dão às pequenas comunidades das montanhas um brilho como de estrelas.

Enquanto estamos no porão, mostra várias fotos em um álbum familiar. Há fotos de sua mãe quando era uma menina. Acredito que se parecia com a Loretta Young na chamada da selva; Jack me diz que seu pai também acreditava o mesmo. Diz-me que seus pais se queriam muitíssimo, e o triste que esteve sua mãe durante muitos anos depois da morte de seu marido.

Jack compartilha comigo algumas coisas de seu passado romântico, o suficiente para que o compreenda, mas certamente nada que possa me fazer sentir incômoda ou invejosa. Confia-me sua preocupação quando acreditou que me casaria com o Theodore e perderia sua oportunidade. Também ele tem muitas perguntas que me fazer. Quer sabe onde pensava ir quando dava tudo a Pearl. Respondo-lhe que não estava segura. Planejava fazer a viagem até a Itália e depois decidir onde me instalar. Pergunta-me se ainda quero viver no Big Stone Gap. Ainda não o deixo muito claro, mas começo a compreender que o lugar não me fez desgraçada; eu mesma me fiz desgraçada. Explico que a morte de minha mãe teve muito que ver com todo o assunto.

Jack me pergunta pelo Fred Mulligan, com quem agora estou em paz. Jack o recorda como uma boa pessoa, mas muito severo. Estou de acordo com sua opinião. Suponho que tive sorte; também aprendi muito das coisas más. Quem houvesse dito que conhecer o Mario Schilpario me ajudaria a compreender ao Fred Mulligan? Pergunto ao Jack por seu pai. Ele sorri. «o melhor que pode fazer um pai por seu filho é querer a sua mãe. “Foi o que fez”. Recordo a Iva Lou quando dizia que Jack Mac não

ia atrás de qualquer uma quando se tratava de mulheres. Possivelmente nisto fosse como seu pai. Voltamos outra vez ao solário, e levamos a vela. Sentamo-nos no sofá. Abraça-me. Depois me diz o que há em seu coração.

- Levo anos tentando chamar sua atenção no teatro. Sempre era o primeiro em me oferecer para ajudar no que fosse preciso, ou para levá-la pra casa. Recorda-o?

- Agora o recordo. Mas nunca imaginei que estivesse interessado em mim nesse sentido. Não era essa classe de garota. - Sempre se mostrava muito amável, mas na realidade nunca me dedicou nenhuma atenção.

Não o fiz. Era amável com todo mundo, sem ter nunca um favorito. Em parte era porque imitava o estilo de dirigir do Mazie Dinsmore, e em parte porque era a maneira de dissimular meu acanhamento com os homens.

- Depois ocorreu daquela noite - continua Jack, - quando Sweet Sue deu o champanhe e todo o elenco começou a rir-se e pedir em coro para que eu me casasse com ela. Aquela foi a pior noite de minha vida. Porque eu queria me voltar para você e dizer: «Você é a quem quero». Sweet Sue também sabia. Foi então quando decidi atuar abertamente,

quando fui a sua casa e pedi que se casasse comigo.

- Acreditou que eu aceitaria?

- Acreditei que pensaria a respeito. Não esperava que me dissesse que não e se zangasse comigo. Mas não sabia o que estava fazendo. Então não a compreendia. Agora sim. As coisas têm que sair de você ou não acontecem.

- Então, por quê? Por que me pediu em casamento?

- Bom, pareceu-me ter visto algo diferente em seus olhos aquele dia no hospital, depois da explosão na mina.

- Queria levá-la a sua casa! - esclarecer.

- Assim é.

- Mas Sweet Sue e sua mãe...

- Não podia lhes dizer que se fossem, e, além disso, você me olhou como se compreendesse a situação.

- Assim é - respondo-lhe, com toda sinceridade.

- Quando retornei a casa, sentei-me e dediquei toda a noite a pensar honestamente. Dava-me conta de que tinha gasto a metade de minha vida. Parece algo singelo, mas não é. Passei acordado toda a noite. Veja, quando entrei em ajudar ao Rick, e cheguei até ele, dei-me conta de

que possivelmente não tivesse a força necessária para tirá-lo dali. Estou trabalhando nas minas desde que tenho dezoito anos, ou seja, já são quase vinte. Já não sou o que era.

- É muito forte! Salvou-o!

- Com muita dificuldade.

- O que tem que ver tudo isto comigo?

Jack Mac se cala um momento.

- Não quero ficar velho sem você.

Não posso falar. Como a solteirona da cidade, não me imaginei na velhice. Estar sozinha me dava certa sensação de imortalidade. Não tenho em meu rosto as profundas rugas de preocupação que acompanham à maternidade, ou o corpo suave que abraça a um amante ou a um bebê. Tenho uma postura perfeita porque nunca me agacho nem olho para baixo. Permaneço imóvel no tempo, com a esperança de que não me apanhe. O medo de fracassar me impediu de me apaixonar por alguém.

- Está chorando? - pergunta-me.

- Tenho a sensação de que isso é só o começo

- respondo-lhe. Põe-se a rir. - Me diga, como é que decidiu trazer minha família da Itália?

- Bom Iva Lou me mantinha informado de seus esforços por encontrar a seu pai. Quando se pôs em contato com ele, me ocorreu que podia levá-

la até lá para que o conhecesse. Assim vi o anúncio de Olga no jornal e a chamei para comprar dois bilhetes de primeira classe para nós. Logo fui a sua casa e propus matrimônio.

- Na noite da compota de maçã.

- O que?

- Nada - respondo em voz baixa.

- Você disse que não, assim fiquei sem orgulho e com dois bilhetes de primeira classe para a Itália. Iva Lou insistiu que você estava apaixonada por mim. Então me propôs que enviássemos os bilhetes a Itália para trazer seu pai e a sua avó até aqui. Mas estive a ponto de por tudo a perder quando decidiu fazer sua própria viagem. Contamos a Olga toda a história e a convencemos para que inventasse uma excursão. Não teria chegado a nenhuma parte com as passagens que ela enviou. Eram falsas.

- Sei. Olga me disse isso. Mas, como é que vieram também as tias Meoli e Antonietta e o tio Pietro?

- Já viu como são as coisas com Olga, e também com a Iva Lou. Não têm limites. Mas se estava disposto a seguir adiante com o assunto, tinha que fazê-lo bem. Não podia trazer seu pai e me esquecer de toda a família de sua mãe, não

acha? Assim...

- Assim vendeu a caminhonete - interrompo.

- Vendi a caminhonete. O mistério está resolvido - manifesta Jack, com toda simplicidade.

Mais ou menos.

- Por que quis seguir adiante depois de que o...? - Não quero empregar a palavra «recusasse», assim não o faço.

- Escuta. Estava a ponto de desistir. Entretanto, já era muito tarde; os planos estavam dando certo. Além disso, sou teimoso. Não queria dar o braço a torcer. Iva Lou não deixava de me repetir que você me amava embora não soubesse. A fé ajuda, mas nem tanto. Às vezes necessita uma prova.

Nunca dava ao Jack a menor pista. Quando chegou minha família mostrei-me agradecida quando devia ser carinhosa. Nenhum homem tinha dado a mim semelhante presente. Algo que não tinha preço. Dedicou a satisfazer meu desejo. Enquanto isso, eu tinha atuado como se ele tivesse vindo só para trazer um frasco de compota de maçã. Portanto, teve que ir procurar afeto em outra parte.

- Foi então quando Sarah Dunleavy se jogou sobre você.

- Você não conhece Sarah. Não se joga sobre

ninguém. Arruinaria seu penteado.

- Como é que estavam todos juntos aqui a noite que vim trazer os tecidos?

- Minha mãe conhecia a dela da juventude e decidiu convidar às garotas para jantar. Theodore pertence ao comitê de boas-vindas da faculdade. Íamos ao Coach House, mas mamãe insistiu em cozinhar. Já sabe como é..

- Veja. Ela acabava de chegar à cidade. Chamou-me para que a levasse a conhecer lugares, mas eu nunca a chamei. Entretanto, eu gostei quando vi que estava com ciúmes. Foi o primeiro sinal de interesse que descobri em você por minha pessoa.

- Por que acredita que demorei tanto? - pergunto. - Por que acredita que levei tanto tempo para descobrir que eu também o queria?

- Oxalá soubesse. - Começamos a rir.

Demoramos muito tempo para chegar ao dormitório do Jack Mac. (Que cavalheiro.) Paramos e nos beijamos a cada passo; sonhei com esses beijos durante tanto tempo que agora não me parecem reais. Acreditava ter uma imaginação excelente, mas agora não estou tão segura. A realidade supera com acréscimo, muito mais cheia de surpresa que as histórias inventadas em minha cabeça.

O quarto do Jack é singelo, com uma velha cama com dossel coberta de colchas preciosas, uma cadeira de respaldo reto em um canto e três janelas que se abrem aos prados na ladeira da montanha. Não deixo que feche as cortinas; a vista é muito formosa.

Por alguma razão, penso na Iva Lou e começo a rir.

- O que está achando tão divertido?

- Iva Lou daria tudo o que tem e mais por saber onde estou nesse preciso momento.

- Não a quererá chamar, verdade? - brinca.

- Onde está o telefone? - Rimo-nos. Espero que, aconteça o que aconteça, sempre possamos rir desta maneira.

Estou junto a sua cama; ele está perto das janelas. Vem para mim, levanta-me em braços e me deita suavemente sobre a cama. Começa a me beijar por todo o corpo. Serei capaz de recordar durante o resto de minha vida todos e cada um desses beijos? Pausa profundamente e vejo como minha respiração vai compassada com a sua.

Durante minha infância, quando estava brincando no pátio, encontrei um pequeno ovo azul na grama. Olhei a copa da árvore; ali, fora de meu alcance, havia um ninho em um ramo. Corri a

procurar a minha mãe. Ela me pôs o ovo na mão com muito cuidado e depois me levantou bem alto, até que me encontrei à mesma altura que o ninho. Havia outros dois ovos azuis muito pequenos. Com muita suavidade, coloquei o ovo com os outros. É assim como me sinto esta noite na cama de meu amante. Sinto-me segura e em meu ninho.

Sempre acreditei que se alguma vez liberasse à mulher encerrada dentro de mim e dava rédea solta a minha natureza apaixonada, contaria a todo mundo em Big Stone Gap que viria correndo. Portanto, não fico surpresa com tudo quando me levanto a manhã seguinte e ainda não acabei de preparar o café quando Spec esmurra a porta. É provável que Iva Lou ligasse a minha casa e ao ver que não estava, chamasse o Spec, que vive no Cracker's Neck, para que viesse ver se eu estava aqui. Jack está dormindo. Eu estou vestida, assim abro a porta.

- Olá, Spec.

- O que está fazendo aqui?

- Estou preparando o café. O que faz você aqui?

- Devo buscar ao Jack Mac. Levaram a sua mãe ao hospital do Pennington. Tem que ir imediatamente. Não acredito que saia desta, Ave. Temos que nos apressar.

- Espera aqui.

Entro no quarto do Jack. Dorme profundamente, como um menino. O acordo com

um beijo e ele me abraça.

- Jack, Spec está aqui. Sua tia Cecília levou a sua mãe ao hospital. Temos que ir imediatamente. - levanta-se de um salto. Ajudo-o a vestir-se. Alcanço-lhe a camiseta, a cueca, as meias, tudo de uma vez, e os jeans. Subimos na ambulância.

Spec não faz soar a sirene; são sete da manhã do sábado, e a maioria das pessoas desfruta do descanso de fim de semana. Entretanto, vamos a mais de cento e quarenta. Vou sentada no assento traseiro; Jack ocupa o assento do passageiro. Jogo-me um pouco para frente para manter a mão direita apoiada no ombro do Jack para fazê-lo saber que pode contar comigo. De vez em quando, aperta-me a mão. Spec me olha pelo espelho retrovisor; arqueia uma sobrancelha e me faz saber que entende a situação.

Jack não diz uma palavra em toda a viagem. Sei que teve medo de fazer esta viagem toda sua vida. A idéia de que sua mãe esteja doente ou que sofra é muito terrível para ele, mas não se abate. Eu em troca vim abaixo quando aconteceu com minha mãe. Jack MacChesney não é dos que se abatem.

Spec estaciona a ambulância diante da entrada de emergência do hospital Pennington Gap. O conhece muito bem, assim que nos leva por um

corredor muito longo até a entrada posterior da unidade de cuidados intensivos. Jack é o primeiro em cruzar a porta. Vê a sua mãe em um canto da sala. Cecília está a seu lado. Jack põe-se a correr. Quando a Senhora Mac vê ao Jack, sorri e levanta um pouco a cabeça do travesseiro.

- Gastou seu tempo - comenta.

- Vim o mais rápido possível, mamãe. - Jack quase lhe toca o rosto com o seu, enquanto lhe segura as mãos.

- Caí - diz-lhe enquanto fecha os olhos.

- Perdeu o sentido - informa-nos a tia Cecília, entre soluços. - Não pude levantá-la. Encontrávamos-nos as duas sozinhas, assim chamei o hospital. Assustei-me muito.

Jack abraça a sua mãe. Não suporto ver chorar a Cecília. A rodeio suavemente com meus braços. Olha-me, e embora não saiba quem sou, aceita meu abraço.

- É a moça da qual falei - diz-lhe a Senhora Mac a sua irmã.

- Aqui a deixarão como nova Senhora Mac - prometo-lhe.

- Você acha? - replica-me, com um tom de picardia.

Dou-me conta de que Jack quer estar a sós

com sua mãe. Cecília e eu os deixamos sozinhos. Cecília é outra beleza, um pouco maior que a Senhora Mac. É mais alta e pesada. - Estávamos tão bem - comenta. - Não deixamos de conversar e de rir nem um momento. Ontem à noite se sentiu um pouco estranha, mas não demos a menor importância; acreditei que era coisa do cansaço. Mas depois me disse que tinha passado mal à noite, como se lhe tivesse feito mal o jantar, e esta manhã quando fui despertar a encontrei caída no chão, sem sentido.

- Você fez todo o possível. Estou segura de que eles poderão ajudar. -Tento animar a Cecília, mas é óbvio que a Senhora Mac está muito mal. Jack Mac me chama e uma enfermeira se encarrega de Cecília.

- Mamãe quer dizer algo - avisa-me Jack, com a voz sofrida. Nunca tinha escutado antes esse tom de voz. Parte-me o coração. Está muito triste. Sabe. Sabe que ela morre e que ele é incapaz de salvá-la. Conheço esse sentimento, e sei que é terrível.

Inclino-me sobre a anciã. A Senhora Mac procura ar.

- Alguma vez se perguntou por que sua mãe me arrumava os vestidos quando eu era uma costureira de primeira? - Sacudo a cabeça. - Meu

filho queria uma desculpa para ir a sua casa. - Sorri.
- Cuida dele, porque ele cuidou de mim muito bem.

Tento lhe dizer que o farei, mas não me saem as palavras. Dou-lhe um beijo de despedida. Permaneço junto a sua cama; por um momento, sinto-me enjoada. Isto não pode estar ocorrendo.

Jack se inclina sobre o leito e segura a sua mãe entre seus braços. Ela se parece com uma formosa boneca de porcelana, a tez de um branco sedoso, como seu cabelo. Jack abraça a sua mãe e chora. Escuto-o dizer: «Não vá, mamãe. “Não vá”». A enfermeira se aproxima disposta a ajudar, mas minha expressão lhe informa que a Senhora MacChesney morreu. Morreu nos braços de seu filho, como ela queria.

A morte de Nan Bluebell Gilliam MacChesney pegou de surpresa todas as pessoas do Gap. Exceto ao Jack. Ele sabia que sua mãe nunca teria suportado uma longa enfermidade; queria ir-se depressa, e assim foi. Minha mãe sabia que eu não queria que se fosse, então ficou até que a morte se transformou em uma bênção, o fim dos sofrimentos. As mães podem acalmar aos meninos durante esses momentos, graças a sua presença. Ninguém se preocupa conosco como nossa mãe, e quando ela não está o mundo nos parece um lugar inseguro,

onde as coisas ocorrem quando menos se espera. Já não pode lhe pedir ajuda, e isso muda sua vida para sempre. Não há ninguém nesta terra que o conheça desde o dia que nasceu; que sabia por que chorava, ou quando tinha comido suficiente; que sabia exatamente o que dizer quando sofria; que aspirava ser bom de coração. Quando a perde, o que fica de sua infância se vai com ela. As lembranças são outra coisa e não podem acalmar da mesma maneira que suas carícias. Se houver algum sentido na morte de minha mãe, é que me serve para ajudar ao Jack quando perdeu à sua. Confio em não estar equivocada.

Jack se mostrou forte durante o funeral. Chorou um pouco durante o ofício. Mas me senti muito orgulhosa; teve um momento para todas e cada uma das pessoas que assistiram; fez saber o muito que tinham significado para sua mãe. Meu amor foi aumentando enquanto o observava.

Carrego o Jipe com todas as travessas que devo devolver (outra vez!). Depois levarei ao Theodore para comer e para lhe agradecer sua ajuda durante o funeral da Senhora Mac.

No Bessie's Diner só há lugar para comer de pé, como de costume. Escuto que Theodore grita meu nome: por cima das cabeças da multidão vejo

que agita a mão de um dos reservados na parte de atrás. Abro espaço entre os clientes.

- Comprou um anel de diamantes à velha Bessie para arrumar esta mesa? - Dou-lhe um beijo na bochecha.

- Quase.

Não tivemos muitas ocasiões de falar durante a última semana e tenho muitas coisas que lhe dizer.

- Que tal vão as coisas com Jack Mac? - pergunta-me.

- Está triste, mas não está deprimido. Repete uma e outra vez que dá graças ao céu porque não sofreu. Além disso, chegou a tempo para despedir-se. Ele vai superar.

- Referia-me a como vão as coisas entre você e Jack.

- Quero-o. - Nunca disse em voz alta.

- Sério? - Theodore sorri.

- Sim.

- Por que? - pergunta com um tom bondoso.

- Não sei se posso explicar.

- Tenta. - Theodore se ajeita no assento e constrói uma pirâmide com os saquinhos de ketchup e mostarda.

- Quero ao Jack MacChesney porque ele me

quer.

- Isso é tudo?

Não acredito que Theodore compreenda a importância desta afirmação, o muito que significa para mim. Nunca quis ninguém; bom, mamãe me queria e também alguns amigos, mas ninguém me amava. Escolheram-me, e por uma vez não tive medo, deixei que acontecesse. Que ridículos me parecem agora meus temores. Por que esperei tanto tempo para me entregar? Inclusive a Senhora Mac sabia quão assustada vivia. Tinha tentado me fazer saber que estaria segura com seu filho.

- Não é suficiente? - respondo-lhe. Theodore concorda.

- Ave, vou aceitar a oferta da universidade.

- Aceitará? - A desilusão me domina, mas me alegro por ele. - Felicitações.

- Acredito que é a hora de uma mudança. Necessito um novo desafio. Preciso olhar a mim mesmo, saber aonde vou.

Theodore! Não vá! Quero que minha vida seja perfeita. Quero estar apaixonada pelo Jack MacChesney e ter a ti, meu melhor amigo, em minha vida para sempre. Não quero que nada mude!

- Pode partir, mas não se liberará de mim tão

facilmente. Seremos os melhores amigos do mundo a longa distância. De acordo?

- Isso mesmo era o que estava pensando. Knoxville tampouco está tão longe. Virá para ver-me.

- Falaremos por telefone - digo, entusiasmada.

- Todos os dias. Como agora. - Theodore me olha. - Por favor, me diga que faço o correto - implora-me.

- Está fazendo o correto. È só o que pode fazer. Às vezes nós temos que nos desfazer de tudo para saber quem somos de verdade.

- Suponho que isso foi o que fez, não? Quem ia pensar que nossas vidas mudariam até esse extremo.

- A arte chinesa da leitura do rosto.

- Sério? A leitura do rosto pode predizer o que tenho planejado para depois de comer?

- Tenho que devolver a travessa a Edria e Ledna Tuckett.

- Podem esperar. Você e eu vamos às covas do Cudjo.

Enquanto vamos no carro, penso em minha amizade com o Theodore, o consolo que foi para mim durante todos esses anos, como cresceu junto

com a gente. Sei que sempre será algo muito importante em minha vida. Como poderia ser de outra maneira? É a única pessoa que conheço que gosta das covas.

Ray nos ilumina o caminho com a lanterna.

- Podemos ir ao lago? - pergunto-lhe.

- Mostrar-lhes-ei algo muitíssimo melhor - promete-nos.

Theodore e eu trocamos um olhar e seguimos.

Theodore e eu levamos dez anos explorando estas covas, e Ray sempre tem algo novo que nos mostrar. Como é possível? Nos oculta coisas? Ou é que faz descobrimentos constantemente e os compartilha conosco quando está preparado? Acaso esta velha montanha tem tantas maravilhas que não alcança uma vida inteira, ou nem sequer dois, para vê-las todas? O atalho se estreita. Apoio as mãos nas paredes enquanto sobem para o lugar novo. Noto a correnteza fria que corre pelas rochas para formar as estalactites. A água demora gerações em modificar as pedras, mas é muito suave sobre as rochas, como uma tênue névoa cinza.

- Ali está - anuncia Ray. - Olhem.

Há um nicho pequeno, uma gruta, as rochas bicudas que saem da parede formam o que parece

uma coberta. O musgo cresce nas laterais onde jorra a água. O guia ilumina o chão com a lanterna. É areia cor lavanda, fina como o açúcar de brilho. A areia parece tremular quando o raio de luz passa sobre ela.

- Como apareceu? - Theodore está intrigado. Não podemos acreditar a beleza da areia.

- Não estou muito seguro - responde Ray. - Aqui havia um atoleiro de água negra há não sei quantos anos. Nunca me aproximei, porque não sabe o que pode encontrar. Nunca termina de saber o que há no interior da montanha. Mas começou a esvaziar-se durante o inverno, assim estive vigiando, e quando acabou de esvaziar-se toda a água, foi isto o que apareceu no fundo. Não era uma coisa feia. Era isto. - Ray mantém o raio de luz firme sobre a areia cor lavanda; a luz risca um disco brilhante que parece de fogo no centro e se vai fazendo mais suave para as bordas até desaparecer em um resplendor azul.

Ray, Theodore e eu ficamos ali durante um bom momento.

- Trabalhei aqui toda minha vida. Algumas vezes encontra com coisas que não pode explicar.

Jack Mac retorna a casa do trabalho as sete em ponto. Estou fervendo os espaguete quando

chega. O hambúrguer do Bessie's é uma lembrança longínqua e estou faminta. Saúda-me do vestíbulo e entra na cozinha. Deixa a marmita sobre a mesa e as botas no chão. Depois me olha.

- Chamei o padre.

- Tornou-se católico? - brinco.

- Não.

- Então, o que?

- Pedi que nos case.

- Não quero me casar com o padre. Não poderíamos nos casar nós dois sozinhos?

Jack Mac põe-se a rir.

- Isso é um sim?

- Não parece que é um pouco apressado? - Já está outra vez a velha Ave Maria, que discute tudo.

Jack Mac me olha como dizendo: «Está de brincadeira ou o que?», que me evita dizer mais tolices e danificar um momento precioso.

- Aprendi que o melhor é não pensar muito nas coisas - replica, e se vai à ducha.

Nunca encarreguem Iva Lou Wade Makin de organizar um casamento por mais singelo que seja. Em dois segundos me convenceu a usar um vestido que me aperta por toda parte, um chapéu com umas abas enormes e quilos de maquiagem. Discutimos pelo ruge (não o necessito; a humilhação me dá um

rubor mais que suficiente), o carmim em lugar do polidor (meus lábios brilham tanto que o noivo corre o perigo de escorregar quando me beijar) e uma quantidade de pós que me fazem parecer como se me tivessem jogado em cima um saco de farinha.

Enquanto me olho no espelho, recordo às formosas mulheres que intervêm no espetáculo de patinação sobre gelo, que necessitam muitíssima maquiagem porque têm que ser vistas a duzentos metros na pista. Não necessito tanta definição em uma capela que com muita dificuldade tem capacidade para vinte pessoas, assim volto para o banho, lavo o rosto e começo do zero. Os tons coral, azul e ocre de meu rosto de palhaço desaparecem nas borbulhas enquanto me lavo. Hoje é o dia de minhas bodas. É preferível que se desgoste uma amiga ao ver o noivo fugir espantado da igreja assim que me veja entrar.

Dou-me conta de que esse fiasco é minha culpa. Teria que ter planejado melhor. Teria que deixar claro o que desejava. Nunca pensei no dia de minhas bodas. Nunca. Nunca tive nenhuma fantasia. Nunca imaginei às damas do cortejo vestidas de cor rosa alinhadas junto ao altar, a minhas próprias damas de honra. Nunca pensei na igreja enfeitada com flores, a música de órgão ou na

cor das guloseimas que prepararia Nellie Goodloe. Nunca pensei em me casar. Mas acreditem, há muitíssimas mulheres que têm seis planejados, sete e até oito cenários diferentes, organizados até o último detalhe.

Assim que chego à igreja esqueço-me de todas as angústias pré-nupciais. Para o Jack e para mim, esta é uma cerimônia singela, onde teremos a grande honra de prometer, diante das pessoas mais queridas, sermos fiéis um ao outro. Esse pensamento me tranqüiliza. Vamos celebrar uma missa privada com a Cecília, a tia do Jack, e nossos amigos íntimos. Não haverá exclamações com o passar do corredor, nem grandes olhadas. Jack e eu entraremos juntos. As testemunhas serão Theodore, Iva Lou e Lyle, a tia Cecília, Pearl, Leah, Rick e Sherry, Fleeta e Portly, Otto e Worley, Lew e Inez Eisenberg, Zackie, e, por fim, Spec.

Jack Mac chega na caminhonete. Desce e corre a reunir-se comigo no vestíbulo.

- Está linda - diz-me. Não o diria se tivesse me visto faz uma hora com dois quilos do Max Fator me melando no rosto. Sorrio ao noivo.

É a coisa mais estranha do mundo: ninguém chora. Nesta humilde capela e em presença desse amável sacerdote, tudo é alegria e espontaneidade.

Amanhã, 29 de abril de 1979, farei trinta e seis anos. Como cheguei até aqui? Quem sabe? Depois da cerimônia, organizamos uma comida para todos no Coach House (sim, comeremos o mesmo cardápio da noite da Elizabeth Taylor: frango frito, batatas assadas e couve).

No momento que cortamos o bolo - agradeço Edna e Ledna Tuckett, por esta maravilha de côco, - Zackie sai do círculo que nos rodeia.

- Senhorita Ave Maria, quero dizer, Senhora MacChesney...

A multidão nos aclama. Olho os rostos do Rick e Sherry Harmon, Nellie Goodloe, June Walker e a senhora Gaspar. Não poderiam estar mais felizes. Sou muito afortunada.

- Queríamos fazer algo especial para você e Jack Mac - acrescenta Zackie, - assim fizemos uma pequena coleta.

Iva Lou e Lyle saem da cozinha carregados com um frasco gigante cheio de moedas e bilhetes até a borda. A multidão volta a aplaudir.

Dentro do frasco há um pôster: FELIZ LUA DE MEL.

- Queremos que vá a Itália. Esperamos que isso ajude.

Iva Lou e Lyle deixam o frasco a nossos pés.

Pearl e Leah nos obsequiam com um cartão de felicitação gigante assinada por todos os convidados à festa. Olho ao redor. A maioria está chorando. Eu também.

Jack e eu vamos passar nossa primeira noite de casados em sua casa de pedra. Abro todas as janelas: a noite é cálida e a brisa traz o aroma da madressilva e o jasmim. Meu marido vem à cama.

- Há algo que nunca disse - começa.

Meu coração se desboca; um milhão de possibilidades passa por minha cabeça, todas elas horríveis. Como que só tem três meses de vida, que tem outra família escondida no Insko, ou que esteve no cárcere por dívidas.

O que acontece? Agora me assusto com tudo, algo que não estava acostumada a acontecer. Por que me sinto agora mais vulnerável que quando estava sozinha, encarregada de tudo? Vivia por minha conta em meio da cidade. Controlava a gasolina do carro, acendia a chaminé, caçava ratos. Tinha uma rotina: ocupava-me da casa, do negócio, do teatro, da equipe de emergência. Então nunca tinha medo. Para que depois digam que a união faz a força, penso enquanto olho a meu marido, agora que somos uma família.

- No outono anterior a qual sua mãe ficou

doente de verdade, fui a sua casa fazer uns acertos. Ela se encontrava na sala de estar. Convidou-me para sentar e aceitei. Contou-me coisas dela mesma, que tinha vindo da Itália, que tinha aprendido inglês por sua conta, essa espécie de coisas. Quando chegou a hora de ir, acompanhou-me até a porta. Disse-me que se estava morrendo e que se não me importava, que passasse por sua casa de vez em quando para ver se você estava bem. Prometi-lhe que o faria.

O que posso responder? Sem dúvida sabe o que isto significa para mim. Minha mãe o escolheu primeiro, muito antes que eu estivesse preparada, quando eu tinha medo de fazê-lo. Pergunto-me se ela sabia quão feliz sou nesse momento. Embora não tenho nenhuma prova, algo me diz que sabe.

Abraçamos-nos debaixo das mantas, eu do meu lado, meu marido do dele, me abraçando. Coloca o braço ao redor de minha cintura como a barra de segurança em um vagão da montanha russa. Estou pronta para dormir. Tivemos um dia muito longo, comemos enormes quantidades de bolo e estamos muito cansados. Meu marido me diz que me ama, e eu lhe digo o mesmo. Ele me dá um beijo na nuca e dorme.

Enquanto dorme, penso no reverendo

Gaspar e o escuto dizer aquela palavra: fé. Não fui capaz até agora de compreender o que tinha querido dizer aquela noite na ambulância. Não acredito que estivesse falando da fé em Deus. Acredito que manifestava sua fé em mim, que me acreditava capaz de ajudá-lo. Acho que chegou a acreditar que o salvaria. Por isso seu olhar era tão claro e sua voz tão forte quando agonizava. Tinha tido uma revelação. Sabia que os grandes mistérios da vida só podem se resolver de pessoa para pessoa. Podemos nos ajudar mutuamente a seguir em frente. Chegou à conclusão de que sua vida se acabava; alegro-me muito de que o compartilhasse na metade da minha. Possivelmente agora eu possa ser de alguma utilidade. Possivelmente possa servir a outra pessoa. Espero que essa pessoa seja Jack MacChesney.

A viagem à Itália que ia mudar o curso de minha vida se transformou em uma lua de mel. Consigo que Jack peça uma permissão na mina para que possamos passar todo o verão na Itália. Meu marido é um grande viajante. Não é desses que querem ver tudo; não se importa em perder algum trem, e não se altera quando algum museu ou uma igreja de nosso itinerário está fechado. Fala italiano com um acento das montanhas; às vezes tenho que

me afastar porque é muito divertido. Mas não liga a mínima e insiste. Os italianos o adoram porque é esforçado.

Aterrissamos em Roma e agora percorremos o país para o norte de trem. Não sei como explicar cientificamente a luz daqui, porque sou leiga na matéria. Mas lhes juro que o sol é diferente. Há uma bruma dourada sobre a Itália. Que faz com que o verde dos campos seja mais vívido, dá-lhe profundidade os ocres da terra e banha às pessoas em uma auréola romântica. Comento com Jack, e ele me diz que estou ébria de amor por esse lugar, e que isso muda minhas percepções. Não acredito. Sim acredito que há algo diferente na luz. Quando o sol se põe, o céu ganha um vívido azul negro, as estrelas parecem mais próximas e as bordas não se apagam no horizonte. A mesma cor azul saturada borda o perfil da cidade e a lua. Não tem nada de particular que a família Fortuny fabricasse seus tecidos aqui. Tinha uma abóbada de veludo diferente de onde escolher todas as noites. Só o que deviam fazer era olhar o céu e copiar.

É obvio, não vemos a hora de chegar ao Bérgamo, a cidade natal de minha mãe, para uma visita de dois dias, e depois ao Schilpario, onde vivem Mario e a avó. Mario descera das montanhas

e nos recolherá para nos levar a sua casa. Não posso explicar a alegria tão profunda que sinto. Meu marido dorme a meu lado no beliche do trem e eu viajo pelo lugar de onde sou. Não pode haver sentimento mais grato em toda a terra.

O trem chega ao Bérghamo. Acordo Jack e começamos a tirar as malas do bagageiro. Compramos muitas quinquilharias norte-americanas para os parentes. Tiveram tempo de retornar a sua casa e decidir os objetos que mais sentiam falta e, assim vamos carregados com cigarros, grampos e grampeadores, cliques de plástico gigantes e não sei quantas coisas mais. Não questioneei seus gostos; simplesmente fui e comprei grandes quantidades de tudo, até encher um baú.

Mafalda e Andrea, duas de minhas primas, esperam-nos na estação. Seus rostos alegres se movem junto ao trem até que o comboio se detém. Apareço no guichê; vêem-me e correm a nos esperar na escada do vagão. Não acredito que ninguém tenha se sentido mais feliz ao nos ver. Ocupam-se de nossas volumosas malas, e não me deixam carregar nada salvo meu novo jornal encadernado em pele, que meu marido me comprou em Florença.

A estação se encontra nos subúrbios da cidade, e a saída dá para uma ruela. Andrea e

Mafalda carregam a bagagem em seu pequeno carro, colocamo-nos todos apertados como sardinhas e nos pomos em marcha. Andrea conduz muito rápido, e Mafalda pede que não corra tanto. Dobramos bruscamente à direita para tomar por uma rua curva que conecta com a praça da cidade. Mafalda nos assinala o edifício do jornal, a prefeitura, a igreja. Bérghamo tem o mesmo aspecto que na foto do livro que Iva Lou encontrou na biblioteca da cidade. Não mudou nada. A fonte dos Anjos, as ruas pavimentadas, as casas com forma de caixas de sapatos pintadas de uma suave cor bolo, a pequena praça, as terraços dos cafés, tudo é idêntico! Só aprecio uma mudança: o carro substituiu ao cavalo.

A família Vilminore vive em uma casa de quatro pisos na metade de um quarteirão da Via Davide. As tias Antonietta e Meoli, meu tio Pietro e minha prima Federica estão esperando diante da casa. Minhas tias choram ao nos ver. Parecem incapazes de soltar ao Jack, que não se mostra nada molesto por seus robustos e carinhosos abraços. O lar da família é limpo e modesto. Tudo está pintado de branco salvo o chão de madeira, que tem uma cor mogno escuro. Mafalda nos acompanha escada acima até nosso quarto, que é amplo e singelo, com

uma cama e uma cômoda. Na cama há não sei quantos cobertores brancos, como gostava a mamãe. Mafalda nos recomenda que descansemos, e que nos avisarão quando for a hora de um jantar ligeiro. Antes de partir, diz-me que este tinha sido o quarto de minha mãe.

Deito sobre os cobertores e contemplo o teto liso e branco enquanto Jack se ocupa de desfazer as malas. As janelas e os marcos das portas estão pintados de uma cor amêndoa. É o mesmo branco e o mesmo amêndoa do dormitório de minha mãe em Big Stone Gap. Minha mãe falava muito pouco da Itália, mas pelo visto se rodeou de detalhes que recordavam seu lar.

Deitamo-nos para descansar e despertamos por volta das sete. Ocultou-se o sol; surpreende-nos ter dormido tanto. A mesa da cozinha está disposta para dois. A tia Antonietta nos serve uma deliciosa sopa espessa com verduras e pão com a casca crocante. Há montões de manteiga cremosa e um vinho tinto delicioso. Os italianos tomam a comida principal ao meio dia; o jantar é o suficiente para nos deixar satisfeitos, mas não pesados.

Assim que acabamos de jantar, a tia Antonietta nos diz que peguemos nossos casacos, e vamos dar um passeio, a passeta, como dizem aqui.

Só são uns passos até a praça principal do Bérghamo Bassa, onde as pessoas se reúnem para conversar em pequenos grupos. Muitos tomam o café nos terraços de ambos os lados da fonte. Escutam-se as risadas, e os meninos brincam de correr alegremente. As pessoas são muito animadas; levantam a voz quando querem ressaltar algo, utilizam o corpo para dar ênfase; são tão vitais e cômicas! Não é nenhuma surpresa que a tradição da comédia da arte começasse aqui no século XIV. Todos parecem ter um senso de humor divino. A tia Antonietta nos diz que isto se repete todas as noites. «É muito relaxante rir antes de ir par a cama», explica em italiano. Jack considera que é a melhor idéia que escutou em toda sua vida. A tia nos indica umas luzes por cima da cidade; parece-nos divisar colunas e alguns edifícios em meio da penumbra.

- Alta Recuará. Aquela era a antiga cidade do Bérghamo Alta. Agora é um lugar residencial de luxo. Ali está a universidade. Mafalda os levará se quiserem vê-la.

- Por que mudaram a cidade aqui embaixo? - pergunta Jack.

- A guerra. Os deslizamentos de pedras - explica. Vê-me franzir o sobrecenho. - Mas isso faz vários séculos. Não se preocupe, Ave Maria, não se

preocupe.

Reunimo-nos com a tia Meoli e o tio Pietro. Meu tio leva ao Jack para ensinar não sei o que; Meoli e eu vamos dar um passeio as duas sozinhas. A tia Antonietta abandona o grupo e parte para casa pela rua lateral.

- Aonde vai a tia Antonietta?

- A casa. - Meoli dá de ombros.

- Não fica para se divertir um momento?

- Prefere fazer suas tarefas.

- Agora?

- Sim. Deixa preparada a mesa do café da manhã, e vai dormir.

- Por que prepara o café da manhã?

- É assim como o fazemos. Antonietta segue solteira, assim ela cuida da casa.

Assim era eu, penso enquanto seguimos caminhando. Ocupava-me de tudo. Sempre estava muito ocupada, ao extremo de que não pensar no que fazia nem no passar dos anos. Só fazia aquilo que se esperava que fizesse. Pergunto-me se a tia Antonietta é a solteirona da cidade. Meoli me lê o pensamento.

- A minha irmã gosta de cuidar de nós.

- Parece feliz.

- Faz muitos anos, esteve prometida em

matrimônio. O terceiro filho de uma família de sete no Sestri Levante, na costa. Então estourou a guerra e ele morreu em combate. Ela não quis casar-se com ninguém mais. Teve muitos pretendentes, mas tinha o coração destroçado, e aquilo marcou o final de sua vida amorosa.

Sinto-me melhor ao saber que a tia Antonietta teve um grande amor, embora ele morresse. Mas não posso evitar me perguntar o que acontece às mulheres da família Vilminore que só amam a um homem em toda sua vida, embora depois se casem com outro como é o caso de minha mãe, ou fiquem solteiras como minha tia? Têm tudo tão claro quando se trata do amor de sua vida que depois já não fica espaço para nenhum outro? O lógico seria que logo depois de abrir seus corações, mantê-los abertos às oportunidades de encontrar um novo amor. Possivelmente as moças Vilminore são mulheres de um só homem.

Jack me está esperando quando retornamos à casa. Dou um beijo de boa noite a meus familiares e vamos para nosso quarto.

Afundamos nas profundidades dos colchões de plumas. Afundamo-nos tanto que não nos vemos um ao outro. Minha mãe tentou recriar esse efeito nos Estados Unidos, mas não conseguiu. Jack,

acostumado a dormir em colchões duros, tem medo de danificar as costas. Esmago o colchão até encontrar o rosto de meu marido.

- Muito obrigado por casar comigo. - Me olha desconcertado, como se dissesse: «Outra vez, minha louca mulher». - Não, de verdade, muito obrigado.

- Não há de que.

- Eu gosto de estar casada com você.

- Bem, porque recorda que prometeu estar casada comigo para sempre.

- Sei. Mas agora me parece que o tempo voa; que não vou ter todo o tempo que quero para estar com você.

- Por que se preocupa com coisas como essas?

Não acredito que queira escutar minha resposta. Porque sempre me preocupo com tudo! Preocupo-me com a tia Antonietta, cujo amante morreu antes que pudessem casar-se. Preocupa-me que toda sua vida se reduza a esfregar pratos e varrer chãos sem nada que rompa a monotonia. Preocupa-me que a felicidade não dure. Se que isto é como o sono profundo, só é uma fase, uma etapa; depois passa e começa outra vez. Preocupa-me que a alegria em meu coração se converta em algo tão rotineiro para mim que me esqueça de quão triste

estava sem ele. Acreditarei que o tenho no bolso e começarei a brigar e a afastá-lo. Preocupa-me ser muito velha para ter filhos. Preocupa-me que o polvilho de carvão esteja filtrando como areia negra nos foles de seus pulmões provoque-lhe um enfisema e o leve a tumba antes da hora. Preocupa-me que quando chegar a hora de nossa morte, ele se vá primeiro e fique sozinha outra vez. Preocupa-me que quando morra e vá ao céu para buscá-lo, não esteja ali. Terá mudado não o reconhecerei, e passarei toda a eternidade revivendo os primeiros trinta e cinco anos de minha vida, quando não podia amar a ninguém.

- Para!

- O que?

- Deixa de pensar. Já tem essa ruga entre as sobrancelhas. A que aparece quanto se preocupa.

Isto põe ponto final ao tema. Não diga nunca a uma mulher de trinta e seis anos que tem uma ruga onde seja. É algo que não quero ouvir. Passo o dedo pela suposta ruga até apagá-la.

- É meu terceiro olho.

Jack ri tão forte que lhe tampo a cabeça com o lençol.

- Cala.

- O que é o terceiro olho?

- Aparece na leitura do rosto. É o olho da mente que tudo vê. É ali onde cria as imagens que se transformam na realidade de sua vida.

- Então cria uma imagem bonita - sugere Jack.

Vá, como se fosse tão simples. O olho com uma expressão de lástima. Quando tudo está dito e feito, segue sendo um homem, e está claro que os homens não compreendem.

Mario Barbari espera diante da casa dos Vilminore na Via Davide como se fosse o proprietário de toda a cidade. Está muito elegante com a calça azul marinho, um pulôver de gola alta, metido por dentro sem uma ruga (é obvio) e seu habitual suéter cor crua atada sobre os ombros. Fuma um cigarro, tão europeu. Esqueço-me das cerimônias, corro pela calçada e me jogo em cima dele. «Papai!» Abraça-me e me beija. Está tão contente de me ver e eu me alegro tanto de que eu goste de meu pai... É todo um personagem, de acordo, e sua colônia poderia incendiar o centro de Bérgamo, mas é único. Eu adoro tê-lo perto.

- Assim que se casou e nem sequer teve a cortesia de esperar que seu pai a desse em matrimônio.

- Não perdeu grande coisa. Levava muita maquiagem, e não podia respirar com aquele vestido.

- Deve ter sido uma linda noiva.

Esse tipo é uma estrela de cinema ou o que? Meu pai abraça o meu marido como fazem os homens, um abraço rápido e com grandes palmadas nas costas e nos braços. Logo, carregam o carro. Minha família sai à porta para nos despedir e agitam os braços até que desaparecemos na esquina seguinte. Papai conduz como um louco. Somos como a bolinha prateada na máquina do milhão nos sacudindo nas curvas da praça da cidade que rodeia a fonte dos Anjos, para depois deixar atrás o parque e seguir pela estrada que nos leva fora da cidade. Um pôster indicador verde e branco anuncia: SCHILPARIO NORTE 7 km. Estamos a caminho da casa da avó.

Jack e meu pai falam das diferenças entre as camas italianas e norte-americanas. Jack explica que está assombrado de que não doem as costas depois de dormir toda uma noite em um colchão de plumas. Papai diz que o calor corporal se reparte de maneira uniforme quando dorme sobre plumas, ou sobre palha para o caso, assim que os músculos do corpo se mantêm à mesma temperatura, o que evita

as contrações e as câibras.

- Me olhe. Sou velho, e estou bem descansado.

Jack concorda; papai tem um aspecto estupendo para sua idade. Pisca-me os olhos pelo espelho retrovisor. Tem cinqüenta e quatro anos, mas não são cinqüenta e quatro de anos do Big Stone Gap. Tem o cabelo abundante, ondulado e comprido; só o que revela sua idade são os cabelos brancos que o salpicam. Seu porte é ereto e juvenil. Além disso, tem uma cútis soberba. A verdade é que não aparenta ter mais de quarenta. Espero ter herdado seus genes.

Em plena montanha, papai entra por um atalho. Tenho a sensação de que acabaremos nos estatelando contra uma árvore, mas o atalho se amplia e vamos sair em um lugar perto das montanhas.

- É hora de estirar as pernas. - Estaciona. Desembarcamos do carro e entramos na casa.

Trata-se de um restaurante. É meio tarde e ainda cedo para a hora do jantar. Papai saúda o proprietário, que está no bar. Serve a cada um uma taça de bitter, e meu pai bebe o seu de um gole. Jack dá de ombros e o imita. Eu também. Sei, porque aprendi quando estudava farmácia, que o bitter se

faz com ervas maceradas em uma bebida refrigerante, geralmente, uma tônica. Seu uso costuma ser medicinal. Não tinha notícias de que se usasse para fins sociais.

- Limpa o sangue - informa-nos meu pai.

O proprietário traz uma bandeja com três pequenas tigelas de prata e três colherinhas. Reparte as tigelas com as amoras. Papai as molha com limão.

- Adiante, comam. - Jack e eu comemos, e nos parece incrível que sejam tão doces. Papai está contente. - Venha, vamos.

Faz um gesto ao proprietário. Não deixa dinheiro. Agradece ao homem que está atrás do balcão, e nos despede com um sorriso.

A estrada ao Schilpario é muito sinuosa, e me tampam os ouvidos enquanto subimos. Pergunto a meu pai a que altura estamos, mas não sabe com precisão. Então, com um movimento da mão, tira o carro da estrada para levá-lo a um balcão de onde pode apreciar o panorama. A cerca de amparo é velha e está rota em algumas partes, e me acelera o pulso quando papai estaciona muito perto.

- Venha - diz, e sai do carro. - Olhem.

Jack e eu nos reunimos com ele na beira da montanha. Olho pelo precipício; não há mais que capas e mais capas de rochas escavadas pelos

elementos que acabam em um clarão que visto daqui de cima não parece maior que um selo de correios. Sinto um pouco de vertigem e me afasto.

- É muito profundo, não é? - comenta meu pai.

Concordo.

- Contar-lhes-ei um conto. - Rogo aos dois que se separem do precipício. Temo que uma súbita rajada de vento os jogue por cima do corrimão, e não volte a vê-los nunca mais. - Esta é uma história que me contou meu pai, Gianluca Barbari. Seu pai, meu avô, tinha uma carruagem e dois cavalos. Levava às pessoas do povoado à cidade. Pagavam-no bem, assim tinha uma carruagem muito elegante. Uma manhã chamou-o a viúva do povoado para arrumar uma viagem ao Bérghamo para a manhã seguinte. Queria partir antes que saísse o sol, e meu avô aceitou levá-la. Aquela manhã se levantou na metade da noite, alimentou aos cavalos, os atou à carruagem e foi recolher à passageira em sua casa. Abriu-lhe a porta vestida com um precioso vestido de cetim verde pálido, e um xale bordado com umas folhas diminutas amarelas e dourada. Levava um chapéu com uma pluma verde. Meu avô recordava o formoso colar com um diamante do tamanho de um ovo. Resplandecia a luz. Meu avô a ajudou a

subir à carruagem. Recordava que cheirava como uma rosa e que sorria muito feliz. Iniciaram a viagem de descida. Esse é o lugar onde meu avô estava acostumado a fazer uma parada para que descansassem os cavalos. A mulher quis estirar as pernas e meu avô a ajudou a descer. Estava naquele lugar dando de beber aos cavalos quando ouviu um som como o que faz a roupa molhada quando a sacode antes de pendurá-la a secar. Assim que se voltou para olhar.

A velha dama acabava de saltar ao precipício. As saias ao inchar-se tinham provocado aquele som espantoso. Meu avô correu até a beirada, mas ela já tinha desaparecido. O pobre pôs-se a tremer como um louco, e por um momento pensou em saltar ele também. Mas tinha que alimentar a oito filhos, e não podia abandoná-los. Assim voltou a subir à montanha e foi diretamente a delegacia de polícia. O avô conhecia o agente e confiava em que ele acreditaria quando lhe contasse o acontecido. O policial disse que seria difícil provar sua inocência porque a viúva não tinha parentes no povoado; vivia sozinha, e, portanto, quem poderia confirmar sua história, ou ao menos dar informação sobre a saúde mental da mulher? Ninguém. Meu avô ficou preocupado com a possibilidade de que o

enviassem a prisão, acusado injustamente de ter empurrado à velha viúva.

Mas então à polícia teve uma idéia. "Vamos a sua casa e vejamos se encontrarmos alguma pista que nos ajude, ou seja, se estava louca, ou pelo menos transtornada." Quando chegaram à casa da viúva, o policial se dispôs a forçar a fechadura, mas não foi necessário. A porta principal estava aberta. O agente disse a meu pai que esperasse fora e entrou na casa. Depois comentou que naqueles minutos de espera deixou-lhe todo o cabelo branco. Ao fim, apareceu o policial com uma carta na mão. Na carta se pedia às autoridades que não acusassem a Gianluca Barbari por seu suicídio. Tinha sido por vontade própria. Estava doente, não tinha a ninguém no mundo e queria morrer. Que por favor, entregassem à igreja tudo o que havia na casa. Continuando, o policial lhe deu a importância da viagem que a viúva tinha deixado sobre a mesa. Meu avô retornou a casa e relatou a sua família toda a história. Estava tão agradecido com a viúva por ter deixado a carta que o liberava de qualquer responsabilidade que encomendou uma vidraça para a capela. Os irmãos de meu avô tinham uma pequena oficina onde trabalhavam o vidro. Eles se encarregaram de fabricar a vidraça e de instalá-la no

coro. Ainda está ali. - Meu pai promete nos levar a igreja para que a vejamos.

Estamos muito alto nos Alpes, e embora seja verão, a brisa é fria e me faz tremer. Jack e papai me acompanham até o carro. Fazemos o resto da viagem em silêncio. Não há uma grande entrada à cidade de Schilpario. Encontra-se quase por acaso. Tampouco mudou; conserva o mesmo aspecto das fotos nos livros da Iva Lou, só que é muito menor do que imaginava. Não estou desiludida, só surpreendida. A rua principal é bastante estreita e está flanqueada a um só lado pelas casas, que parecem caixas de sapatos. Mas estas casas apresentam muitos detalhes diferentes às de Bérgamo. Há toques puramente alpino; artesanatos de madeira escura, pequenos alpendres e portais pintados de cor rosa e bege. O estuque é de cores vivas. Possivelmente os habitantes de Schilpario pintem as casas de cores claras para que não se percam contra o fundo da montanha e as vejam os viajantes quando as atravessam.

A cidade se levanta na ladeira; as casas salpicam a ladeira por cima de nossas cabeças; as ruelas são como veias que levam até a rua principal. Papai nos leva através da cidade até o moinho de água, cujas paletas giram empurradas pela corrente

de água gelada. Todos os que nos vêem nos saúdam e sorriem. É óbvio que papai é uma pessoa muito respeitada. Papai faz uma volta e retorna à rua principal. Estaciona o carro diante de uma casa de uma cor grafite e verde brilhante. A avó aparece no portal, acompanhada de um nutrido grupo integrado por pessoas que suponho que são parentes. Reúnem-se ao redor do carro, mas a avó os afasta sem contemplações para abraçar a mim e depois ao Jack. Agarra-me a mão para olhar a aliança de ouro.

«Sposa bela!», diz-me, e logo me abraça com tanta força que escuto um estalo nas clavículas. Entramos na casa. A avó preparou um banquete de risotto, salada e pato assado, três pratos que ao Jack adora. Jack, papai e eu nos sentamos à mesa. Parece que há quatro pessoas para atender a mesa. Servem-nos como se fôssemos reis. Advirto que a papai o tratam com muita deferência, e também me dou conta de que não espera outra coisa. É o filho único dessa casa, e o prefeito da cidade, ou seja, que é muito bem considerado. Olho e admiro a confiança que tem em si mesmo. Leva-a com muita naturalidade.

As mulheres não me deixam que as ajude a recolher a mesa, e olham ao Jack como se fosse um

marciano que tenta ajudar com os pratos. A avó lhe dá uma palmada no traseiro tão forte, que se senta e desiste de qualquer intenção de ajuda. A avó serve biscoitos, amoras e café como final da refeição. Comemos-nos tudo e ela se mostra agradada.

Dois velhos amigos de papai, na realidade primos irmãos, apresentam-se para ver os norteamericanos. Papai e Jack os convidam a uma partida de cartas. Jack me pergunta se quero jogar, mas recuso o convite, não porque não queira jogar, mas sim porque sei que é uma partida só para homens. Meus primos me olham de cima abaixo como se fosse um eletrodoméstico novo. Devolvo-lhes o favor olhando com o mesmo interesse; rompo-lhes a concentração e deixam de me olhar. Não sabem até onde chegam meus conhecimentos de italiano, assim um sussurra ao outro: «Bonito traseiro» quando saio da habitação. Não posso resistir, assim que me volto e lhes digo: «Vocês também têm um traseiro muito bonito». Primeiro se surpreendem, mas depois se põem a rir.

A avó nos serve o café da manhã: pãezinhos que sobraram do jantar, manteiga, geléia de amoras e uma jarra cheia de café com leite bem quente. Não sabemos a razão, mas a combinação é muito agradável. Jack e eu decidimos que tomaremos o

café da manhã igual todas as manhãs quando retornarmos a casa. Como é que os italianos sabem viver tão bem? Não o compreendemos. Tudo parece melhor, inclusive os pãezinhos secos e a manteiga. O ritmo é tranqüilo. Trabalhar um pouco, dar um cochilo. Trabalhar um pouco mais, comer alguma coisa, outro cochilo, e assim, um dia sim e o outro também. Todo o tempo do mundo para jogar às cartas, conversar com os amigos e dar largos passeios. A vida nos Alpes é paradisíaca.

Papai quer nos levar a ver a capela com as vidraças que encomendou seu avô. Subimos por uma rua elevada e dobramos por uma ruela onde está a capela, que é como qualquer outra casa, salvo que os detalhes são mais singelos e que a porta está pintada de vermelho como a Igreja de Deus no Gap. Possivelmente também tenha que manter ao diabo fora da Itália. Entramos na capela. Há um sacerdote arrumando os objetos do altar.

- Ave Maria, esse é dom Andrea, nosso pároco - diz papai.

- Ave Maria, nunca conheci uma Ave Maria - replica o padre.

- Não reza você o rosário? - pergunto-lhe.

Ao princípio não capta a piada, mas depois sorri. - Apresento o meu marido, Jack. - Dom

Andrea lhe dá a mão.

-Acabam de casar-se, dom Andrea. Ela é minha filha; já lhe falei de Ave Maria.

- Ah, sim, sim. - Agora o velho padre compreende tudo.

- Vamos dar uma olhada - acrescenta meu pai.

Jack se interessa pela arquitetura. Peço a papai que me mostre a vidraça da santa virgem. Leva-me até o coro e me mostra. É muito pequena, mais ou menos do tamanho de um livro. Enquanto me aproximo para olhá-la melhor, estremeço. A mulher no cristal leva um longo vestido azul e um chapéu com estrelas douradas e plumas de pavão, o mesmo que vestia Ave Maria Albricci, a mulher que ajudou a minha mãe no navio que a levava aos Estados Unidos. Tem o semblante sereno. Está de pé sobre o que parecem ser as ondas do oceano.

- Está bem? - pergunta-me papai.

Como posso lhe explicar a história de Ave Maria Albricci? Inclusive Jack não entendeu nada quando eu contei. Não lhe deu importância, como se os anjos aparecessem às pessoas todos os dias para salvá-las. Mas isso é muito estranho. Nesse mar de coincidências, começo a entender que não controlamos nossos destinos.

- Papai, quero me casar de novo - digo-lhe.

Algumas vezes me olha como se estivesse um pouco louca, e esta é uma dessas ocasiões.

- O que dirá ao Jack? - pergunta-me com um sorriso irônico.

- Não quero me casar com outro homem. Quero me casar com o Jack. Aqui. Quero que você me entregue em matrimônio.

Meu pai dá de ombros, como se não fosse a pior idéia que escutou em muitos anos.

Assim que no domingo, 3 de junho, Jack MacChesney e eu repetimos nossos votos matrimoniais diante de dom Andrea, na capela da Santa Clara no Schilpario, Itália.

Meu pai está nervoso enquanto caminha a meu lado para o altar, mas também está muito feliz. É a testemunha do Jack, e a avó é minha dama de honra. Dá-lhe muita vergonha; acredita que é muito velha. Mas consigo que o seja, mandando da mesma maneira que ela manda nos outros.

Os homens não gostam dos casamentos na igreja nem sequer a primeira vez, assim podem imaginar minhas súplicas para que Jack aceitasse repetir os votos. Mas tudo isso me serviu para descobrir algo muito importante que não sabia de meu marido. Não importa o que lhe peça, não

importa o ridículo, difícil ou antiquado que seja, se o peço, ele o fará por mim. Quer-me tanto que é incapaz de me negar algo. Rogo para que nunca abuse desse presente. Mas me conhecendo, haverá vezes em que estarei muito perto de fazê-lo. Confio em que ele o compreenda.

O melhor verão de nossas vidas chega a seu fim. Despedimo-nos, mas não será por muito tempo, porque papai pensa vir nos visitar na próxima primavera. Jack e eu prometemos passar uma parte de todos os verões aqui no Schilpario, na casa do meu pai. Despedidas já não são para mim algo triste. Aprendi a desfrutar do que nos leva até elas e a me preocupar menos de que se acabe.

Estou ansiosa por retornar para nossa casa. Sinto falta das Montanhas Azuis. Jack ri quando me escuta.

- As montanhas são as mesmas vá aonde vá opina.

- Não. Nossas montanhas são nosso lar eu replico.

Não posso explicar-lhe, mas Big Stone Gap é o lugar onde desejo ficar. Vi meu lugar de origem, mas agora quero estar ali onde pertenço. Meu lar está com o Jack MacChesney naquela casa de pedra na montanha.

O vôo de volta é agitado. Passo enjoada a maior parte da viagem, até mesmo Jack. Mas acredito que ele se enjoa quando vê que estou enjoada. Qual é o velho ditado sobre os verdadeiros amantes? Quando um se corta, o outro sangra? Não estou triste quando aterrissamos no aeroporto do Tri-Cities. Estou impaciente por chegar ao Cracker's Nest e esperar a mudança de estação para viver nosso primeiro outono juntos.

Os enjôos em agosto não se deveram às turbulências. Quase um ano depois de nosso casamento norte-americano, em 28 de abril de 1980, nasceu Fiametta Bluebell MacChesney, para a imensa alegria de uma mãe e um pai muito felizes. Tudo isto é muito novo para mim e não tenho palavras para descrevê-lo.

Sei e o que explicarei a minha filha, que é uma menina muito afortunada. Não precisará procurar além de sua família para ter o exemplo que necessita para abrir seu caminho na vida. Chamamos a nosso bebê Etta, o nome que deu a mamãe seu fiel amante. Confio em que tenha o coração de minha mãe; é evidente para todos, nos dias que leva nesse mundo, que herdou seu cabelo. A maior parte do tempo, quando a tenho entre

meus braços, penso em mamãe. Agora a sinto muito perto de mim, disposta a me guiar. Por fim compreendo as decisões de minha mãe. Agora entendo como encontrou a coragem para deixar a sua família e começar uma nova vida comigo. Um bebê dá as forças para fazer o que for.

Etta tem os olhos de Nan MacChesney. Dizem que todos os bebês têm os olhos azuis, mas já distingo o verde, e têm uma sabedoria e um humor que só podem provir de sua avó. Causar-me pena que Etta não possa conhecer sua avó! Por que estou fazendo uma lista de todas as coisas que nossa filha não terá? Só o que sei com certeza é que me preocuparei com essa pequena até o dia que morra. Jack está de acordo; diz que levo me preocupando trinta e sete anos, assim que o faço à perfeição.

O que fará Jack MacChesney, meu marido e pai de nossa filha? Ensinar-lhe-á a tocar o violão e a assobiar? A lua não é mais que uma lasca a primeira noite em casa com o bebê. Estou cansada, assim Jack me substitui, para que possa dormir uma meia hora. Quando me acordo, a casa está em silêncio. Não encontro ao Jack e Etta nas habitações. Saio por trás e rodeio a casa. Ali estão. Pai e filha. Sentados no alpendre, contemplando a lua. Fico ali durante um bom momento. Não sei por que. A menina começa a

inquietar-se e sei que tem fome. Mas não me movo. Quero olhá-los para sempre: uma filha que aprende a confiar e um pai que faz aquilo que melhor sabe fazer: protegê-la.

FIM